UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO
Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas
Departamento de Linguística
Programa de Pós-Graduação em Semiótica e Linguística Geral

JÉSSICA CLEMENTINO DA COSTA

A estrutura argumental da língua Dâw

Versão corrigida

São Paulo
2014

UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO
Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas
Departamento de Linguística
Programa de Pós-Graduação em Semiótica e Linguística Geral

A estrutura argumental da língua Dâw

Jéssica Clementino da Costa

Dissertação de mestrado apresentada ao programa de Pós-Graduação em Semiótica e Linguística Geral da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo como requisito para obtenção do título de mestre em Letras.

Orientadora: Prof^a Dr^a Luciana Raccanello Storto

Versão corrigida

De acordo,

Prof^a Dr^a Luciana Raccanello Storto

São Paulo
2014

Folha de aprovação

Autora: COSTA, J.C. (Jéssica Clementino da Costa)

Título: A estrutura argumental da língua Dâw

Dissertação de mestrado apresentada ao programa de Pós-Graduação em Semiótica e Linguística Geral da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo como requisito para obtenção do título de mestre sob orientação da Profª Drª Luciana Raccanello Storto.

Aprovado em:

Banca Examinadora

Profª Drª Luciana Raccanello Storto
(Presidente)

Profª Drª Esmeralda Vailati Negrão
(Titular)

Profª Drª Kristine Sue Stenzel
(Titular)

Profª Drª Ana Paula Scher
(Suplente)

Profª Drª Evani Viotti
(Suplente)

Profª Drª Maria Filomena Spatti Sandalo
(Suplente)

Esta pesquisa foi apoiada pela Fundação de Amparo à pesquisa do Estado de São Paulo (FAPESP), Processo 2011/16168-2.

Os trabalhos de campo realizados foram financiados pelo(a):

- Programa de Pós-Graduação em Semiótica e Linguística Geral do Departamento de Linguística da USP – CAPES/PROEX;
- ELDP (concessão número SG0208).
- Fundação de Amparo à pesquisa do Estado de São Paulo (FAPESP).

Ao povo Dâw,
Que me ensinou outro modo de vida.

Aos meus pais, Solange e José Maria,
Que me deram a vida.

A Wallace Bernando,
Que é a minha vida.

AGRADECIMENTOS

Primeiramente, agradeço à minha família, meus pais, Solange e José Maria, aos meus pais-avós Julita e Manoel, aos meus irmãos Évelyn e Jaison, e às minhas cunhadas-irmãs Fabiana e Leli. Sem dúvida, esse trabalho não teria sido realizado se não fossem vocês em minha vida. Cada palavra, gesto e sentimento foram imprescindíveis nesses anos de pesquisa e em toda minha trajetória de vida. Devo a vocês cada batalha vencida.

Ao meu noivo Wallace Bernardo, que é a minha força e coragem. Obrigada por me fazer verdadeiramente feliz. Aos meus sogros Katia e Luís Carlos por todo amor e dedicação em todos os momentos.

À família Jaguaré Patrícia Borges e Janayna Carvalho, que de forma tão singela me proporcionaram momentos de muita alegria, força e amizade. O lar (e não república!) que construímos nesses quase dois anos de convivência foram vitais para o meu amadurecimento. Vocês são minhas amigas e minhas irmãs.

Aos amigos de todos os tempos Júlia Pontes, Julia Crudis, Stela Danna, Bruna Polachini, Renan Viani e Bianca Fraga. Vocês são peças importantes e elementos fundamentais da minha jornada (sem falar dos encontros fenomenais na casa da Ju, claro!).

À minha amiga Érica Bertolon que me incentivou a estudar línguas indígenas e me mostrou que eu era capaz.

Aos queridíssimos Natalia Marcelli, Natália Rogers, Camila Oliveira, Marcus Martins, Joana Franco, Marília Vieira, Renata Carneiro, Lucas Lopes, Fernanda Rosa, Lygia Rachel, Bárbara Macedo e Rafael Ireno.

À minha orientadora Luciana Storto, que sempre foi muito ética durante a realização dessa pesquisa. Considero-me com muita sorte de poder ter realizado meus trabalhos de campo ao seu lado. Pude aprender muito não só sobre linguística, mas também sobre a vida, o que me faz considerá-la mais do que uma orientadora, e sim uma amiga.

À professora Patience Epps, que coordenou o projeto de documentação da língua Dâw e me deu a oportunidade de pesquisar e aprender muito durante o todo o trabalho de documentação.

Ao companheiro de campo Wallace Andrade, que esteve comigo durante todos os trabalhos de campo. Sua companhia nessas viagens foi vital para a realização desse trabalho (porque amigo é aquele que foca!).

Ao povo Dâw, que me ensinou (e me deu) um novo olhar sobre a vida. Agradeço especialmente ao Roberto, Mateus, Sílvia, Tatiane, Valteir, Pedro e Jonas, colaboradores do projeto de documentação. À Auxiliadora, Francisco, Rose e Elisandro que tornaram nossa estada possível durante os três trabalhos de campo realizados.

Aos companheiros indigenistas Karin Vivanco, Ivan Rocha, Carolina Alves, Lorena Orjuela, Maurício Carvalho, Lucas Barboza, Clariana Assis, Luciana Sanches-Mendes, Lara Frutos e Talita Rodrigues.

Aos integrantes do GREMD, Vitor Nóbrega, Rafael Minussi, Paula Armelin, Aline Takahira, Julio Barbosa, Indaiá Bassani, que me acolheram durante um período dessa pesquisa nas suas reuniões semanais.

Aos professores do DL, especialmente ao Waldir Beividas e Marcos Lopes, que me incentivaram, desde os primórdios de Elementos de Linguística, a trilhar pelos caminhos dos estudos linguísticos. Às professoras Esmeralda Negrão e a Ana Scher, pelos comentários valiosíssimos no exame de qualificação deste trabalho. Aos professores Marcelo Barra e Evani Viotti, que foram meus supervisores no estágio PAE. Aos professores Ronald Beline (chefe do DL) e Olga Coelho Sansone (chefe da pós-graduação do DL).

Aos secretários do DL Robson, Larissa, Érica e Ben Hur, que fazem seu trabalho com muita dedicação e competência.

Às representantes discentes Daniela Bracchi e Talita Ewald.

À FAPESP (processo número 2011/16168-2) pela bolsa concedida durante a pesquisa de mestrado.

E por fim, e não menos importante, à força criadora de todo o universo que nomeamos Deus e ao meu mentor espiritual por simplesmente tudo que acontece nessa jornada de vida.

Abug dâw teg, bug dâw dô' pâad 'a' yêew mǎy dâw teg bug dâw yaam
Quando a gente faz dabucuri, a gente tira cunuri; isso é bom para nós, a gente dança.

Abug dâw yam rûr, aa yêew puud yêd dabukuri id nêe
Aí a gente canta; o dabucuri é bom para nós.

Aa ãr gostaal 'a' dâw teg bug dâw dôo nǎak, wiim, mǎu yêew mǎay dâw teg â'
Eu gosto quando a gente faz dabucuri; aí a gente tira açaí, bacaba; é bom fazer dabucuri de
ucuqui

Agê' id xaay nûkêd id kutura id teg id kutura rêd
Isso é nossa cultura; desde antigamente nós fazemos dabucuri

Id dâw, dâr kutura nûkwaar dâr kutura id teg 'a'
A cultura do nosso povo, a cultura dos antigos na qual nós fazemos dabucuri.

Canto dabucuri – Cantado por D. Deolinda (Comunidade Waruá, julho 2013)

RESUMO

COSTA, Jéssica Clementino da. **A estrutura argumental da língua Dâw**. 2014. 286f. Dissertação (Mestrado) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2014.

Esta dissertação descreve e analisa a estrutura argumental e as classes verbais da língua Dâw (família Nadahup, Amazonas). Estudamos os verbos dessa língua do ponto de vista semântico e sintático, identificando classes e subclasses de acordo com o comportamento morfossintático das raízes verbais. Além disso, avaliamos as hipóteses descritivas e explicativas das classes verbais identificadas por Martins (2004), primeira pesquisadora a abordar a morfossintaxe Dâw. Nosso arcabouço teórico é a teoria de estrutura argumental desenvolvida por Hale & Keyser (2002), que propõe uma análise da sintaxe e da semântica dos itens lexicais por meio da estrutura argumental – sistema de relações estruturais estabelecidas entre o núcleo e seus argumentos, dentro de estruturas sintáticas projetadas pelo próprio núcleo. Por meio de testes linguísticos variados, incluindo alternância de valência e julgamento de (a)gramaticalidade, reclassificamos as nove classes verbais identificadas por Martins (2004) em três classes de acordo com a valência do verbo: classe dos verbos intransitivos, classe dos verbos transitivos e classe dos verbos bitransitivos. Martins (2004) afirma que, na sentença, os verbos podem mudar de tom devido à presença de um morfema tonal transitivizador ou intransitivizador. Contudo, mostramos neste trabalho que o sistema tonal da língua, no nível da sentença, é previsível. Desse modo, independentemente do processo de aumento de valência envolvido, percebemos que a mudança tonal dos verbos decorre devido ao fraseamento fonológico das sentenças. Quanto ao processo de transitivização, este identificou subclasses de verbos intransitivos: verbos alternantes e verbos não-alternantes. As restrições de alternância devem-se à estrutura argumental de cada tipo verbal. No caso dos verbos intransitivos alternantes ou inacusativos, observamos que eles são formados a partir de estrutura diádica composta, que projeta um especificador interno e um complemento, o que lhe permite alternar entre uma forma intransitiva e transitiva. No caso dos verbos não-alternantes encontramos três padrões: verbos denominais e inergativos, formados a partir de uma estrutura argumental monádica (que não projeta especificador interno), o que impede a alternância; verbos inacusativos não-alternantes, formados a partir de uma estrutura monádica que toma como complemento uma estrutura diádica básica – verbos desse tipo não alternam, pois eles não são formados por uma estrutura diádica, mas contêm tal estrutura; e verbos ‘deadjetivais’, formados a partir de uma cópula que toma como complemento um adjetivo. Uma vez que raiz e núcleo verbal possuem conteúdo fonológico pleno (não vazio), não é possível fazer *conflation* entre núcleo e raiz, o que impede que o predicado verbal seja formado. Essa estrutura explica a agramaticalidade desses verbos frente ao processo de transitivização automática. Também testamos a sintaxe e a semântica da intransitivização (construções incoativas, voz passiva, reflexiva e média). De modo geral, percebemos que não há morfologia específica para a construção de sentenças médias, incoativas ou anticausativas. Não existem passivas em Dâw; no lugar desta voz, os falantes produzem sentenças incoativas ou com o sujeito subespecificado. As sentenças reflexivas são geradas por meio de pronomes reflexivos na posição de objeto da sentença. Por fim, vimos que objetos diretos de sentenças transitivas são marcados pelo morfema {-*ũny*’} analisados por nós como MDO. Sua aplicação está condicionada a restrições semânticas de definitude e animacidade.

Palavras-Chave: Dâw; classes verbais; estrutura argumental; morfossintaxe verbal

ABSTRACT

COSTA, Jéssica Clementino da. **The argument structure of the Dâw language.** 2014. 286f. Thesis (Masters) – Faculty of Philosophy, Languages and Literature, and Human Sciences, University of São Paulo, São Paulo, Brazil, 2014.

This thesis describes and analyzes the argument structure and verbal classes of the Dâw language (Nadahup family, Amazon). We studied the verbs of that language from the semantic and syntactic perspective, identifying classes and subclasses according to the morphosyntactic behavior of verbal roots. Furthermore, we evaluated the descriptive and explanatory hypotheses of verb classes identified by Martins (2004), the first researcher to address Dâw morphosyntax. Our theoretical framework is the theory of argument structure developed by Hale & Keyser (2002), which proposes an analysis of the syntax and semantics of lexical items by means of the argument structure – the pattern of structural relations between the head and its arguments within syntactical structures projected by the head itself. Through various language tests, including verbal valency alternation and judgment of (a)grammaticality, we reclassified the nine verb classes identified by Martins (2004) into three classes according to the verbal valency: the classes of intransitive verbs, transitive verbs and bitransitive verbs. Martins (2004) states that, in the sentence, the verbs may change in tone due to the presence of a transitivizing or intransitivizing tonal morpheme. However, we show in this paper that the tonal system of the language is predictable at the sentence level. Thus, regardless of the valency-increasing process involved, we realized that the tonal change of verbs arises due to the phonological phrasing of sentences. Regarding the transitivization process, subclasses of intransitive verbs were identified: alternating and non-alternating verbs. The restrictions on alternation are due to the argument structure of each verb type. In the case of unaccusative or alternating intransitive verbs, we observed that they are formed from a composite dyadic structure, projecting an internal specifier and a complement, which allows them to switch between intransitive and transitive forms. In the case of non-alternating verbs we found three patterns: denominal and unergative verbs, based on a monadic argument structure (that does not project internal specifier) that prevents alternation; non-alternating unaccusative verbs based on a monadic structure that takes a basic dyadic structure as a complement – verbs of this type do not alternate because they are not formed by a dyadic structure, but contain such a structure – and “deadjectival verbs”, formed from a copular verb that takes an adjective as a complement. Since the root and verbal head have full (non-empty) phonological content, no conflation is possible between head and root, which prevents the formation of the verbal predicate. This structure explains the agrammaticality of these verbs with regard to the automatic transitivization process. We also tested the syntax and semantics of intransitivization (inchoative constructions, passive, reflexive and middle voices). In general, we found that there is no specific morphology for constructing middle, inchoative or anticausative sentences. There are no passives in Dâw; in place of this voice, the speakers form sentences that are inchoative or have a subspecified subject. Reflexive sentences are created using reflexive pronouns in the position of the object of the sentence. Finally, we found that direct objects of transitive sentences are marked by the {-ũũy} morpheme analyzed by us as DOM. Its use is subject to semantic constraints of definiteness and animacy.

Keywords: Dâw; verb classes; argument structure; verbal morphosyntax

Glosas

1SG	1ª pessoa do singular
2SG	2ª pessoa do singular
3SG	3ª pessoa singular
1SG.OBL	1ª pessoa do singular oblíquo
1SG.POS	1ª pessoa do singular possessivo
3SG.POS	3ª pessoa do singular possessivo
ACC	Acusativo
AFET	Caso afetado
ASPC	Aspecto
AUM	Aumentador
CAUS	Causativo
COL	Coletivo
COMTI	Comitativo I
CONJ	Conjunção
cop	cópula
DECL	Declarativo
DIR	Direcional
DIST	Distributivo
DUR	Durativo
FRUST	Frustâneo
FUT	Futuro
GEN	Genitivo
HABII	Habitual I
IMP	Imperativo
IND	Indefinido
INFR2	Inferencial 2 (evidencial)
INSTR	Instrumento
Intensif.	Ser intensificado
INTRV	Intransitivizador
INTSI	Intensivo 1
INTSII	Intensivo 2

ITER	Iterativo
ITG	Intangível
MDO	Marcação Diferencial de Objeto
MSC	Morfema de ênfase para nomes masculinos
Mov	Movimentar
MV	Morfema de Valência
NEG	Negação
NP	Nome próprio
OBJ	Objeto
OBL	Oblíquo
PAS	Passado
PERFCI	Perfectivo 1
PERFCII	Perfectivo 2
PERFCIII	Perfectivo 3
PL	Plural
PLZ	Pluralizador
POSS	Possessivo
PONT	Pontual
RECIP	Recipiente
-REF	Reforço
TEL	Télico
TOT	Totalizador
TRANV	Transitivizador

Lista de mapas

<i>Seções</i>	<i>Página</i>
Mapa 1.0: Área tradicional do povo Dâw	20
Mapa 1.1: Localização das línguas Nadahup	25

Lista de figuras

<i>Seções</i>	<i>Página</i>
Figura 1.1: Família Nadahup: formação e correspondências	26
Figura 1.2: Layout do banco de dados Dâw no programa FLEEx	33
Figura 1.3: Layout do ELAN	34
Figura 3.0: Escala de dinamicidade e classes verbais	62
Figura 7.0: Exemplo de objeto humano animado	206
Figura 7.1: Exemplo de objeto animal animado	206
Figura 7.2: Exemplo de objeto inanimado	206

Lista de tabelas e quadros

<i>Seções</i>	<i>Página</i>
Quadro 1.0: Fonemas consonantais e ortografia Dâw	24
Quadro 1.1: Fonemas vocálicos e ortografia Dâw	24
Tabela 1.0: Trabalhos de campo realizados durante a pesquisa	27
Tabela 1.1: Lista com todos os verbos testados	29
Tabela 2.0: Verbos bitransitivos testados	49
Tabela 2.1: Protocolo de eliciação de construções transitivas	53
Tabela 2.2: Protocolo de eliciação de construções bitransitivas	55
Tabela 3.0: Verbos ativos intransitivos	57
Tabela 3.1: Verbos ativos transitivos	58
Tabela 3.2: Verbos ativos bitransitivos	59
Tabela 3.3: Verbos de processo	59
Tabela 3.4: Verbos de processo que expressam fenômeno da natureza	60
Tabela 3.5: Verbos equativos existenciais	60
Tabela 3.6: Verbos equativos identificacionais	60
Tabela 3.7: Verbos de verbos estativos atributivos	61
Tabela 3.8: Verbos de verbos estativos qualificativos	61
Tabela 3.9: Verbos de verbos estativos posicionais	61
Tabela 3.10: Síntese dos parâmetros que classificam as classes verbais em Dâw	62
Tabela 3.11: Classes verbais reanalisadas de acordo com o critério de valência	63
Tabela 3.12: Verbos intransitivos testados	64
Tabela 3.13: Verbos estativos testados	68
Tabela 3.14: Verbos denominais testados	72
Tabela 3.15: Lista de adjetivos testados	74
Tabela 3.16: Verbos intransitivos e transitivos testados com vários tipos de cópulas	76
Tabela 3.17: Verbos intransitivos testados nas construções reflexivas	83
Tabela 3.18: Verbos transitivos testados	86
Tabela 3.19: Verbos intransitivos e transitivos testados com os aspectos <i>xâd</i> e <i>dâr</i>	90
Tabela 3.20: Verbos bitransitivos testados	94
Tabela 4.0: Verbos intransitivos testados	103
Tabela 4.1: Protocolo de eliciação de sentenças intransitivas	105
Tabela 4.2: Protocolo de eliciação de sentenças transitivizadas e causativizadas	106
Tabela 4.3: Padrões tonais no nível da sentença (Storto, Costa e Andrade, em elaboração)	107
Tabela 5.0: Verbos intransitivos testados	131
Tabela 5.1: Verbos intransitivos alternantes	133
Tabela 5.2: Verbos intransitivos não-alternantes	134
Tabela 5.3: Verbos intransitivos com sujeito agente e denominais não-alternantes	148
Tabela 5.4: Verbos inacusativos que não alternam	151
Tabela 5.5: Verbos deadjetivais não alternantes	155
Tabela 5.6: Verbos intransitivos e transitivos testados com <i>dôo</i>	158

Tabela 6.0. Verbos transitivos testados	177
Tabela 7.0: Contextos de marcação do objeto por {dìh} em Yuhup	193
Tabela 7.1: Protocolo de elicitación com controle situacional das sentenças contexto definido (familiar)	197
Tabela 7.2: Protocolo de elicitación com controle situacional das sentenças contexto definido e não-específico	198
Tabela 7.3: Protocolo de elicitación com controle situacional das sentenças contexto indefinido	199
Tabela 7.4: Protocolo de elicitación com colocação de figuras e explanação de ações	206
Tabela 7.5: Resultados dos testes de colocação de figuras e explanação de ações	208
Tabela 7.6: Protocolo de elicitación do teste de (a)gramaticalidade do uso de {-ũuy'} com sentenças bitransitivas	210

SUMÁRIO

<i>Seções</i>	<i>Página</i>
<i>Capítulo 1: Introdução</i>	19
1.0. Objetivos do projeto de pesquisa	19
1.1. O povo, a língua e a família linguística	19
1.1.1. O povo	19
1.1.2. A língua	21
1.1.3. A ortografia	23
1.1.4. A família linguística	25
1.2. Trabalho de Campo	27
1.3. Corpus	29
1.4. Documentation of Dâw, a Nadahup language of Brazil	32
1.5. Estrutura do trabalho	35
 <i>Capítulo 2: Metodologia do trabalho de campo</i>	36
2.0. Introdução	36
2.1. Visão geral da metodologia empregada na pesquisa	37
2.2. Visão detalhada da metodologia empregada na pesquisa	39
2.2.1. Fase 1: compilação e organização dos verbos	39
2.2.2. Fase 2: realização de testes linguísticos	39
2.2.2.1. Teste de produção de sentenças em Dâw	39
Conjunto 1 – verbos monoargumentais	40
Conjunto 2 – verbos biargumentais	45
Conjunto 3 – verbos com mais de dois argumentos	48
2.2.2.2. Teste de (a)gramaticalidade	49
Conjunto 1 – verbos monoargumentais	49
Conjunto 2 – verbos biargumentais	52
Conjunto 3 – verbos com mais de dois argumentos	54
2.3. Síntese do capítulo	55
 <i>Capítulo 3: As classes verbais da língua Dâw</i>	56
3.0. Introdução	56
3.1. As classes verbais da língua Dâw segundo Martins (2004)	57
3.2. Reanalizando as classes verbais em Dâw	63
3.2.1. Classe dos verbos intransitivos	64
3.2.2. Classe dos verbos transitivos	85
3.2.3. Classe dos verbos bitransitivos	94
3.3. Síntese do capítulo	96
 <i>Capítulo 4: O sistema tonal da língua Dâw</i>	98
4.0. Introdução	98
4.1. O sistema tonal da língua Dâw segundo Martins (2004)	99
4.2. O processo de transitivização segundo Martins (2004)	100
4.3. O processo de intransitivização segundo Martins (2004)	102
4.4. O sistema tonal da língua Dâw (Storto, Costa e Andrade, <i>em elaboração</i>)	103
4.4.1. Reanalizando a transitivização em Dâw	113

4.4.2. Reanalizando o processo de intransitivização em Dâw	124
4.5. Síntese do capítulo	126
Capítulo 5: Processos de aumento de valência	128
5.0. Introdução	128
5.1. Transitivização em Dâw	129
5.1.1. A teoria de Hale & Keyser (2002)	137
5.1.1.1. Estrutura Monádica	138
5.1.1.2. Estrutura diádica composta	140
5.1.1.3. Estrutura diádica básica	142
5.1.2. Diálogo entre os dados da língua Dâw e a teoria de Hale & Keyser (2002)	145
5.1.2.1. A subclasse dos verbos alternantes ou inacusativa	145
5.1.2.2. A subclasse dos verbos não-alternantes	147
5.2. Causativização em Dâw	157
5.2.1. Causativização com verbos intransitivos	160
5.2.2. Causativização com verbos transitivos	163
5.4. Síntese do capítulo	164
Capítulo 6: Processos de redução de valência	166
6.0. Introdução	166
6.1. Os processos de redução de valência descritos por Martins (2004)	166
6.1.1. A formação de verbos intransitivos e médios em Dâw	166
6.1.2. Voz reflexiva em Dâw	168
6.1.3. Voz passiva em Dâw	169
6.2. Definindo os processos de intransitivização	170
6.3. Reanalizando o processo de intransitivização em Dâw	177
6.3.1. Construções reflexivas	178
6.3.2. Construções médias e incoativas (anticausativas)	179
6.3.2. Construção passiva	181
6.4. Síntese do capítulo	183
Capítulo 7: A marcação de objeto em Dâw	184
7.0. Introdução	184
7.1. O morfema de caso afetado {-ũuy'}	185
7.2. Definindo MDO	188
7.3. MDO nas línguas Nadahup - Yuhup e Hup	191
7.4. Estudo do uso de {-ũuy'} em Dâw	195
7.4.1. Elicitação de dados	195
7.5. Redefinindo caso afetado em Dâw	210
7.6. Síntese do capítulo	211
Considerações Finais	212
Referências Bibliográficas	215

<i>Anexo 1</i>	219
<i>Anexo 2</i>	259
<i>Anexo 3</i>	280

Capítulo 1: Introdução

1.0. Objetivos do projeto de pesquisa

Nesse trabalho, estudamos as classes verbais da língua Dâw do ponto de vista semântico e sintático, identificando classes e subclasses de acordo com o comportamento morfossintático das raízes verbais¹. Desse objetivo, decorre a avaliação das hipóteses descritivas e explicativas das classes verbais identificadas por Martins (2004), primeira pesquisadora a abordar a morfossintaxe da língua Dâw.

Neste capítulo introdutório, trazemos breves informações sobre o povo e a língua Dâw e a família linguística Nadahup, além de descrever os três trabalhos de campo realizados em fevereiro de 2013, julho de 2013 e janeiro-fevereiro de 2014; e o trabalho de documentação da língua e cultura Dâw realizado paralelamente a este trabalho.

1.1. O povo, a língua e a família linguística

1.1.1. O povo

O povo Dâw é formado por cento e vinte e sete pessoas (Auxiliadora, representante da comunidade, comunicação oral; Martins, V. 2013², comunicação oral). Esse povo habita uma região conhecida como Waruá, no município de São Gabriel da Cachoeira, na região do Alto Rio Negro, no estado do Amazonas. Nessa região, ainda convivem com os Dâw mais duas grandes famílias de povos indígenas: Aruak e Tukano Oriental, que influenciam, de forma bastante significativa, a cultura e a língua Dâw (AIKHENVALD 2012). Há, ainda, um grande número de indivíduos, de grupos étnicos diversos, que atualmente falam Nheengatú (ou Língua Geral Amazônica), de origem Tupi.

¹ Essa pesquisa teve como material de apoio os trabalhos de LIMA (2008), que aborda a estrutura argumental dos verbos na língua Juruna (Yudja); NOGUEIRA (2011), que aborda a morfossintaxe da língua Wajoro; e ROCHA (2011), que aborda a estrutura argumental dos verbos na língua Karitiana. Todas essas línguas pertencem à família Tupi.

² Informação fornecida por Martins, V. no VIII Congresso Internacional da ABRALIN, 2013.

Mapa 1.0: Área tradicional do povo Dâw (MARTINS 2004:5)

Os Dâw pertencem à mesma família linguística dos povos Nãdeb, Hup e Yuhup, conhecida, pela literatura, como família Maku. Este nome gera muita polêmica entre os povos indígenas e entre os pesquisadores dessas línguas, pois este termo, possivelmente de origem Aruak, possui um significado pejorativo como *sem fala, selvagem, primitivo, servidor* (MARTINS, 2004). Além disso, o nome Maku também é usado para denominar uma série de línguas e grupos amazônicos não relacionados com o Dâw e com suas línguas irmãs, como *Máku* ou *Makú*, falada no rio Auari, em Roraima, Brasil; *Mako* ou *Cofán-Makú*, falada na área do lago Cuyabeno, na Colômbia e no Equador; e *Makú*, *Sáliba-Maco*, ou *Maco-Piaroa*, um subgrupo que pertence à família Sáliba-Piaroa, na Venezuela (MARTINS & MARTINS 1999). Diante desses agravantes, o uso do nome Maku está sendo evitado pelos pesquisadores da língua Dâw e de suas línguas irmãs, assim como pelas próprias comunidades indígenas.

Ainda não há um consenso entre os pesquisadores e os indígenas em relação ao melhor nome a ser adotado. Algumas propostas já foram feitas, como a de Epps (2005), que propõe o nome Nadahup – termo que combina o nome das quatro línguas da família: Nãdeb, Dâw, Hup e Yuhup. Adotaremos, nessa pesquisa, o nome Nadahup para denominar a família linguística das quatro línguas supracitadas, uma vez que consideramos o nome proposto um termo neutro em relação aos já apresentados até o momento.

A discussão em torno do nome da família linguística Nadahup revela outro problema social que envolve os povos Nadahup, em especial o povo Dâw. Segundo historiadores do Rio Negro, desde o início do povoamento dessa região, os Nadahup sempre foram considerados povos de cultura simples e inferior em relação aos outros povos. Nesse panorama social, estabeleceu-se uma relação de patrão-escravo entre os povos Aruak e Tukano (como patrões) e os Nadahup (como escravos).

Segundo Assis (2001 *apud* MARTINS 2004), dentre os povos da família Nadahup, os Dâw foram os mais discriminados entre eles. Na região do Alto Rio Negro, eles também eram conhecidos como *Kamã*, termo pejorativo que designa alguém inferior e baixo em relação aos demais. É importante salientar que este tipo de situação pode ocorrer frequentemente em qualquer lugar do mundo com povos nômades³.

Segundo Martins (2004) essa discriminação advém de uma condição social que assolou os Dâw durante alguns anos. Entre as décadas de 70 e 90, os Dâw eram vistos pelo município de São Gabriel da Cachoeira em condições precárias. Sempre estavam bêbados, mendigando, roubando, sem terra para morar. Provavelmente, esse período coincide com uma intensificação do contato entre o grupo e a vida na cidade. Atualmente, eles ocupam uma região demarcada, possuem suas próprias casas, a aldeia tem escola e gerador de energia, os idosos recebem aposentadoria rural e os membros da comunidade se identificam enquanto grupo. Já não há mais problemas sérios de vícios e vários membros da comunidade trabalham nas roças, na escola ou em algum serviço na cidade.

1.1.2. A língua

A língua Dâw, que leva o mesmo nome da etnia, foi estudada pelo casal de missionários Silvana e Valteir Martins, que pesquisaram a fonologia, a morfologia, a sintaxe e a semântica da língua Dâw.

Segundo Martins (2004), o inventário fonológico Dâw é composto por vinte e cinco consoantes e quinze vogais. As consoantes são divididas em sonorantes e não-sonorantes. Aquelas podem ser glotalizadas, enquanto que estas não podem. As vogais podem ser orais e nasais, sendo que vogais médio-fechadas (/o/, /e/ e /ɤ/) não podem ser nasalizadas, já as outras vogais não possuem esse tipo de restrição.

³ Os povos da família Nadahup sempre foram nômades.

Segundo Martins (2004), a língua Dâw se apresenta, tipologicamente, como isolante-analítica com poucos processos de sufixação. Seu léxico é predominantemente monossilábico e há um baixo índice de ocorrências de afixos, sendo que, nessa língua, não há ocorrência de prefixos, apenas sufixos. Como veremos adiante, esse fator morfológico do Dâw possui um grande peso no modo como elicítamos os dados morfossintáticos da língua nesse trabalho.

Para Martins (2004), os tons possuem um papel muito importante. Segundo a autora, além da função *default* lexical, de diferenciação de significado em itens lexicais homófonos, os tons acumulariam funções morfológicas, atuando na nominalização de verbos e funções sintáticas, alterando valências verbais e criando nomes derivados. Nos próximos capítulos, discutiremos com mais detalhes essa questão, principalmente no que se refere à mudança de valência. De antemão, informamos o leitor que neste trabalho contrariamos a hipótese de Martins (2004) quanto ao papel do tom nos processos de mudança de valência dos verbos. Resultados de coleta de dados mostraram-nos que os tons não participam dos processos de mudança de valência dos verbos, mas sua ocorrência possui um padrão fonológico claro e não está condicionado a processos morfossintáticos de nenhuma natureza⁴.

Segundo a autora, não haveria em Dâw uma classe de adjetivos. A função de modificar nomes seria exercida por uma classe de verbos estativos que além de função predicativa, também teria função modificadora. No entanto, como o leitor irá ver adiante, contrariamos Martins (2004) ao apresentar dados de elicitação que mostram que na língua em estudo há adjetivos que modificam nomes. Esses adjetivos se verbalizam por meio de uma cópula, *rām*, que toma como complemento o adjetivo. Dessa forma, a função verbal é assumida pela composição ‘adjetivo + cópula’. Assim, não achamos um predicado verbal que assumas as duas funções, modificadora de NPs e predicativa, como analisado pela autora.

Os traços de plural, aspecto e tempo são indicados, preferencialmente, por morfemas livres, e não por afixos. Com relação à morfologia nominal, Martins (2004) afirma que a marcação de número nos nomes pode ser feita por meio dos conjuntivos (classe de palavras funcional) com função quantificadora, que estabelece a relação de conjunto entre entidades, por numerais e pelo morfema tonal ascendente denominado de *aumentador*, que aumenta o grau de nomes. Exemplo: [*bok*] ‘panela’, [*bók*] ‘panelaço’.

⁴ Para mais detalhes, ver capítulo 4 desta dissertação.

Para a autora, essas classes gramaticais fazem referência à pluralidade de um conjunto. Todavia, não está claro ainda para nós se essa é a melhor descrição dos fatos, pois é importante identificar testes que diferenciem os vários processos que afetam os nomes para que se possa definir a estrutura do sintagma nominal nas várias construções da língua.

Segundo Martins (2004), a ordem dos constituintes marcaria duas classes de orações em Dâw: assertivas e não-assertivas. Nas orações assertivas, a ordem é SVO. Nas orações não-assertivas, a ordem pode ser de dois tipos: VOS, em sentenças interrogativas e VSO, em orações imperativas.

Com relação ao sistema de caso, a literatura analisa a língua Dâw, assim como as outras línguas Nadahup (com exceção do Nadëb), como uma língua nominativo-acusativa (CAMPBELL & GRONDONA, 2012:276; AIKHENVALD, 2012:204; MARTINS & MARTINS, 1999:263). No entanto, Martins (2004) não apresenta em seu trabalho uma análise quanto a este aspecto especificamente. Todavia, percebemos que a língua apresenta morfologia de caso associada somente aos objetos, indiretos e diretos. Nesse trabalho, analisamos essa marcação como Marcação Diferencial de Objeto (MDO)⁵. Sujeitos, tanto de sentenças transitivas quanto intransitivas, não apresentam morfologia de caso aparente.

1.1.3. A ortografia

A língua Dâw possui ortografia própria, que nos foi ensinada pelo professor Roberto da escola indígena Dâw. Segundo o professor, essa ortografia é ensinada na escola e foi desenvolvida pelos professores da comunidade em conjunto com Valteir Martins. A seguir, apresentamos as convenções ortográficas da língua, que serão usadas por nós na elicitação dos dados em toda a dissertação.

(1) Sistema fonológico e ortográfico da língua Dâw

⁵ Essa marca é empregada de acordo com traços semânticos do objeto marcado. Esses traços estão relacionados a distinções de referencialidade baseadas em escalas de definitude e animacidade. Para mais detalhes, ver capítulo 7.

Consoantes

Fonemas (IPA)					Ortografia				
p	t	c	k	ʔ	p	t	ç	k	'
b	d	ɟ	g		b	d	j	g	
		ʃ	x	h			s	x	r
m	n	ɲ	ŋ		m	n	nh	gn	
mʔ	nʔ	ɲʔ			m'	n'	nh'	gn'	
	l					l			
	lʔ					l'			
w	j				w	y			
wʔ	jʔ				w'	y'			

Quadro 1.0: Fonemas consonantais e ortografia Dâw**Vogais**

Fonema (IPA)			Ortografia		
i	ɯ	u	i	ɥ	u
ĩ	ũ	ũ	ĩ	ũ	
e	ɣ	o	ê	â	ô
	ɛ	ɔ		e	o
	ẽ	õ		ẽ	õ
	a			a	
	ã			ã	

Quadro 1.1: Fonemas vocálicos e ortografia Dâw

Com relação às convenções ortográficas dos diacríticos, algumas considerações importantes devem ser feitas:

- As vogais nasais são marcadas com o diacrítico til (~);
- Em início de palavra, a consoante glotalizada é marcada antes do grafema. Exemplo: wʔ é grafado como 'w. Em fim de palavra, o diacrítico ocorre depois do fonema: w'.

- O tom é marcado com a duplicação da vogal sobre a qual ele recai, pois os padrões tonais são de contorno (ascendente ($\widehat{LH}$) e descendente ($\widehat{HL}$)). Os diacríticos que marcam vogais médias ($\wedge$) ou nasais ($\sim$) não se duplicam nesses casos. Exemplo: /bʻd/ - *bâad* ‘derramar’.

1.1.4. A família linguística

A família linguística Nadahup está distribuída em duas regiões amazônicas brasileiras: a região média e alta do Rio Negro, entre os Rios Vaupés e Japurá, na fronteira entre Brasil e Colômbia.

A região dos Vaupés é conhecida como uma área de diversidade linguística, na qual convivem três grupos linguísticos não relacionados entre si, mas que influenciaram uns aos outros: Tukano Oriental (Tukano, Wanano, Desano, Tuyuca, Barasano, Piratapuya, entre outras), Aruak (Tariana) e Nadahup (Hup, Yuhup, Dâw e Nadëb).

Mapa 1.1: Localização das línguas Nadahup (EPPS, 2005:6)

A família Nadahup é formada por quatro línguas: Nadëb, Dâw, Hup e Yuhup. Estas duas últimas línguas, Hup e Yuhup, são quase mutualmente inteligíveis. Dâw e Nadëb apresentam um sistema linguístico menos inteligível em relação às outras duas línguas, sendo que Dâw⁶ é mais próxima de Hup e Yuhup, do que a língua Nadëb⁷, que é significativamente a mais diferente das três línguas citadas.

⁶ Dâw compartilha aproximadamente 75% de vocabulário cognato com Hup e Yuhup (MARTINS & MARTINS 1999).

⁷ Nadëb compartilha aproximadamente 50% de vocabulário cognato com Hup e Yuhup (MARTINS & MARTINS 1999).

De acordo com Martins & Martins (1999), o vocabulário Dâw, Hup e Yuhup tende a ser monossilábico, diferentemente de Nadëb, que é uma língua polissintética com um sistema de prefixação muito rico. Dâw, Hup e Yuhup durante longos anos mantiveram contato com os falantes da língua Tukano. A difusão areal dessas tribos indígenas em direção ao Alto Rio Negro pode ser o motivo das línguas Dâw, Hup e Yuhup serem tão diferentes de Nadëb, que se isolou do resto do grupo, ocupando, atualmente, a região de Santa Isabel do Rio Negro.

Segundo Epps (2005), estudos anteriores (MARTINS & MARTINS 1999, entre outros) incluem entre as línguas da família Nadahup outras duas línguas presentes na região dos Vaupés: Kakua e Nukak, línguas faladas na Colômbia e muito próximas entre si. Para Epps (2005), a proposta de Martins & Martins (1999) de aproximação dessas três línguas com a família linguística Nadahup não é conclusiva, pois apresenta dados insuficientes para estabelecer uma conexão definitiva, uma vez que a taxa de aproximação entre as línguas colombianas e as línguas Nadahup não ultrapassa 35%.

Aikhenvald (2012) também discute as controvérsias envolvendo a formação exata da família Nadahup. Segundo a autora, os membros indiscutíveis dessa família são Hup, Yuhup, Dâw e Nadëb. A inserção das línguas Kakua e Nukak ainda precisa ser adequadamente estudada, uma vez que ainda não há provas linguísticas adequadas que evidenciem a inserção dessas duas línguas colombianas dentro da família linguística Nadahup. Com relação à inteligibilidade do Nadëb e das outras três línguas Nadahup, apesar da diferença existente entre elas, é possível identificar uma origem linguística em comum entre as quatro línguas do Alto Rio Negro.

Diante desse quadro, consideramos, assim como Epps (2005) e Aikhenvald (2012), a seguinte formação da família Nadahup, em que observamos uma aproximação linguística entre Hup e Yuhup, em seguida Dâw e Nadëb.

Figura 1.0: Família Nadahup: formação e correspondências (EPPS, 2005:4)

1.2. Trabalho de campo

Os dados analisados neste trabalho foram coletados em três trabalhos de campo realizados em três períodos distintos. A seguir, apresentamos uma tabela na qual especificamos o período, os testes realizados e a quantidade de informantes testados em cada trabalho de campo.

Trabalho de Campo	Período	Testes realizados	Informantes testados
<i>Trabalho de campo 1</i>	22 a 26 de fevereiro de 2013 (duração de 5 dias)	i. Alternância causativo-incoativa com 9 verbos intransitivos e 2 transitivos; ii. Causativização analítica com 9 verbos intransitivos e 2 transitivos; iii. Aplicação da morfologia MDO com 2 verbos transitivos e 1 bitransitivo; iv. Extração de constituintes com 2 verbos transitivos e 1 bitransitivos.	3 – V, M e R.
<i>Trabalho de campo 2</i>	28 de junho a 31 de julho de 2013 (duração de 34 dias)	i. Sistema tonal; ii. Alternância causativo-incoativa com 57 verbos intransitivos; iii. Causativização analítica com 57 verbos intransitivos e 15 transitivos; iv. Voz passiva de 15 verbos transitivos; v. Extração de constituintes com 15 verbos transitivos e 1 bitransitivo.	4 – V, M, S e T.
<i>Trabalho de</i>	08 de janeiro a 13	i. Alternância causativo-	3 – V, S e P

<i>campo 3</i>	de fevereiro de 2014 (duração de 37 dias)	<p>incoativa com 18 verbos estativos e 13 intransitivos;</p> <p>ii. Causativização analítica (<i>dôo</i>) com 18 verbos estativos; 13 intransitivos, 15 transitivos e 1 bitransitivo;</p> <p>iii. Processos de intransitivização: voz reflexiva, média, passiva com 15 verbos transitivos;</p> <p>iv. Variedade de aplicação de cópulas com 18 verbos estativos, 9 intransitivos e 5 transitivos;</p> <p>v. Agramaticalidade do uso dos aspectos <i>xâd</i> e <i>dâr</i> com 7 verbos intransitivos e 5 transitivos;</p> <p>vi. Formação de verbos deadjetivais – 16 verbos testados;</p> <p>vii. Formação de verbos denominais – 16 verbos testados;</p> <p>viii. Uso da morfologia MDO (Marcação diferencial de Objeto) com verbos transitivos e bitransitivos.</p>	
----------------	---	---	--

Tabela 1.0: Trabalhos de campo realizados durante a pesquisa

Todas as sessões de elicitación foram realizadas na comunidade Waruá, situada na cidade de São Gabriel da Cachoeira, no estado do Amazonas. Elas foram gravadas e armazenadas em dois bancos de dados: banco pessoal da pesquisadora (com *backup* no banco de dados pessoal da orientadora); banco de dados do projeto *Documentation of Dâw, a Nadahup language of Brazil*, projeto de documentação da língua e cultura Dâw coordenado pelas professoras doutoras Patience Epps, da Universidade do Texas (EUA), e Luciana R. Storto, da Universidade de São Paulo. Esta pesquisa de mestrado se coaduna com este projeto de documentação, que é financiado pelo ELDP (concessão número SG0208).

1.3. Corpus

Testamos 86 verbos da língua Dâw. A seguir, apresentamos uma tabela com todos os verbos elicitados e analisados nessa pesquisa. A classificação em classes verbais apresentada é uma proposta do presente trabalho.

Número	Verbo em Dâw	Tradução	Classe Verbal
1	wuud	Chegar	Verbo intransitivo
2	baad	Virar	Verbo intransitivo
3	eed	Virar	Verbo intransitivo
4	bâar	Derramar	Verbo intransitivo
5	pêt	Quebrar	Verbo intransitivo
6	woox	Quebrar	Verbo intransitivo
7	xop	Secar	Verbo intransitivo
8	pô	Abrir	Verbo intransitivo
9	tobuk	Fechar	Verbo intransitivo
10	yapilu	Começar	Verbo intransitivo
11	çêe	Espalhar	Verbo intransitivo
12	rud	Derreter	Verbo intransitivo
13	rũ	Terminar	Verbo intransitivo
14	wâg	Balançar	Verbo intransitivo
15	pâd	Rolar	Verbo intransitivo
16	rã	Parar	Verbo intransitivo
17	leg	Apagar	Verbo intransitivo

18	‘ox	Correr	Verbo intransitivo
19	rôd	Sair	Verbo intransitivo
20	‘ãa	Dormir	Verbo intransitivo
21	suuk	Caçar	Verbo intransitivo
22	yelêew	Transformar-se	Verbo intransitivo
23	kog’ôogn	Desmaiar	Verbo intransitivo
24	çeeb	Mudar	Verbo intransitivo
25	‘ub	Acordar	Verbo intransitivo
26	çom	Banhar	Verbo intransitivo
27	win	Trabalhar	Verbo intransitivo
28	nôx	Cair	Verbo intransitivo
29	kũm	Afundar	Verbo intransitivo
30	pôw’	Boiar	Verbo intransitivo
31	pêg-saak	Crescer	Verbo intransitivo
32	sux	Esfarelar	Verbo intransitivo
33	‘ôot	Chorar	Verbo intransitivo
34	çâk	Pular	Verbo intransitivo
35	roo’	Tossir	Verbo intransitivo
36	‘ô	Rir	Verbo intransitivo
37	âaw	Gritar	Verbo intransitivo
38	yũmrũ	Cantar	Verbo intransitivo
39	yam	Dançar	Verbo intransitivo
40	yok	Nadar	Verbo intransitivo
41	çâ	Saltar	Verbo intransitivo
42	leep	Brilhar	Verbo intransitivo
43	xaam	Vomitar	Verbo intransitivo
44	bax	Suar	Verbo intransitivo
45	bâay	Arrotar	Verbo intransitivo
46	baak	Soluçar	Verbo intransitivo
47	rafîs	Espirrar	Verbo intransitivo
48	kas	Estragar	Verbo intransitivo
49	yum	Melhorar	Verbo intransitivo

50	rām xo	Andar	Verbo intransitivo
51	xaw	Ferver	Verbo intransitivo
52	beg	Clarear	Verbo intransitivo
53	rõ	Queimar	Verbo intransitivo
54	baax	Aparecer	Verbo intransitivo
55	xub-sõk rām	Estar triste	Verbo intransitivo
56	kub rām	Estar escuro	Verbo intransitivo
57	rân rām	Estar velho	Verbo intransitivo
58	duy rām	Estar sujar	Verbo intransitivo
59	mẽn rām	Ser curto	Verbo intransitivo
60	pêg rām	Ser grande	Verbo intransitivo
61	ça rām	Ser preto	Verbo intransitivo
62	lâk rām	Ser magro	Verbo intransitivo
63	çii rām	Ser azedo	Verbo intransitivo
64	dep rām	Ser gordo	Verbo intransitivo
65	tâaw rām	Estar bravo	Verbo intransitivo
66	kas rām	Ser feio	Verbo intransitivo
67	muj rām	Ser úmido	Verbo intransitivo
68	wê rām	Estar molhado	Verbo intransitivo
69	sêj rām	Estar cheio	Verbo intransitivo
70	‘wât rām	Ser comprido	Verbo intransitivo
71	rõk	Cortar	Verbo transitivo
72	kâs	Morder	Verbo transitivo
73	yût	Matar	Verbo transitivo
74	wây	Ver	Verbo transitivo
75	mũm	Abraçar	Verbo transitivo
76	çũnh	Beijar	Verbo transitivo
77	ya’	Assar	Verbo transitivo
78	xa	Cozinhar	Verbo transitivo
79	âg	Beber	Verbo transitivo
80	rê’	Cavar	Verbo transitivo
81	nec	Fazer	Verbo transitivo

82	rõoy	Focar	Verbo transitivo
83	‘ũum	Bater (genérico)	Verbo transitivo
84	weed	Comer	Verbo transitivo
85	paar	Saber	Verbo transitivo
86	nõo	Dar	Verbo bitransitivo

Tabela 1.1: Lista com todos os verbos testados

1.4. Documentation of Dâw, a Nadahup language of Brazil

Este projeto de mestrado está inserido no projeto internacional coordenado pelas professoras doutoras Luciana R. Storto, da Universidade de São Paulo, e Patience Epps, da Universidade do Texas (EUA), de descrição e documentação da língua Dâw - *Documentation of Dâw, a Nadahup language of Brazil*. A equipe de trabalho é formada pelas duas professoras supracitadas e pelos alunos de mestrado Jéssica C. Costa e Wallace Andrade, pós-graduandos do Departamento de Linguística DL-USP. Ademais, o projeto conta com a participação dos seguintes colaboradores: Didier Demolin, Danilo Paiva Ramos, Lirian Monteiro, Renato Athias e Ernesto Belo. Além da colaboração de dois alunos de Iniciação Científica, alunos graduandos do DL: Clariana Assis e Lucas Barboza.

O projeto, que se iniciou em fevereiro de 2013 e terminou em fevereiro de 2014 (duração de um ano) visou à documentação da língua e da cultura Dâw e à criação de um *corpus* linguístico, composto por áudio e vídeo, abrangendo uma variedade de discursos e gêneros, e um léxico.

De forma resumida, os principais objetivos desse projeto foram:

- i. Treinamento dos falantes da língua Dâw nas práticas de documentação (gravação, transcrição, organização de dados);
- ii. Estabelecimento das bases para um *corpus* de textos narrativos, músicas, rituais e de práticas manufactureiras que os integrantes da comunidade gostariam de documentar para as próximas gerações, como preparação de artesanatos, de venenos, de cestas, documentação de atividades como pescaria, caça, entre outros.
- iii. Construção de um léxico da língua;

- iv. Descrição gramatical da língua Dâw de forma a complementar e aprofundar a descrição realizada por Martins (2004).

Os dados do léxico foram armazenados e transcritos na ferramenta *FieldWorks Language Explorer – FLEx*, um programa do SIL, que ajuda na documentação de línguas e na organização dos dados coletados em trabalho de campo. O programa prevê a construção de uma base de dados lexicais e tem a capacidade de receber textos que podem ser interlinearizados a partir da base lexical; assim, em cada frase dos textos, é possível inserir novos lexemas, sendo que o programa consegue, dentro de certo limite, dividir palavras em morfemas, colocando informações gramaticais, glosas e a tradução idiomática para cada frase.

Foi acordado com a comunidade de falantes, que a base de dados utilizaria as categorias definidas por Martins (2004) em sua lista de abreviaturas, e que qualquer diferença ou modificação seria adicionada em um campo especial de cada entrada lexical. Os dados coletados em campo pelo projeto foram identificados como tal, de maneira que é possível extrair da base de dados os itens identificados e analisados por Martins (2004) daqueles coletados pelos membros do projeto.

O trabalho de alimentação do banco de dados da língua Dâw foi realizado pelos pesquisadores Luciana Storto, Wallace Andrade, Clariana Assis, Patience Epps e alunos. Até o momento, o banco de dados possui 1655 entradas lexicais.

A seguir, apresentamos o layout do banco de dados Dâw no programa FLEx.

Figura 1.2: Layout do banco de dados Dâw no programa FLEx

Outro programa que nos auxiliou na documentação de dados foi o *ELAN*, uma ferramenta de documentação criada pelo instituto Max Planck. Essa ferramenta permite criar, editar, visualizar e procurar anotações e banco de dados em vídeos e áudio. Com o *ELAN*, há a possibilidade de sincronizar áudio, vídeo e transcrição em faixas de anotações, o que, além de deixar o processo de documentação mais atraente, facilita a organização dos dados.

O trabalho com esse programa foi iniciado em julho de 2013 e finalizado em fevereiro de 2014. O trabalho de documentação conta com 70 histórias e narrativas gravadas de julho/2013 a fevereiro/2014. Há 76 textos transcritos e traduzidos, sendo 25 feitos a mão e 51 transcritos e traduzidos no *ELAN*.

Durante o trabalho de documentação, os alunos pós-graduandos supervisionaram os seis colaboradores indígenas na tarefa de transcrição e tradução de narrativas e histórias tradicionais do povo Dâw no programa de computador *ELAN*. Além disso, os alunos e os colaboradores indígenas gravaram idosos que se dispuseram a contar narrativas, histórias do surgimento e do modo de vida dos antigos Dâw.

A seguir, apresentamos o layout de uma das telas do *ELAN*.

Figura 1.3: Layout do *ELAN*

1.5. Estrutura do trabalho

Este trabalho está organizado da seguinte forma: no capítulo 2, descrevemos a metodologia adotada nesta pesquisa. No capítulo 3, analisamos e descrevemos as classes verbais da língua Dâw. No capítulo 4, analisamos e descrevemos o sistema tonal da língua em estudo e sua interface no entendimento de processos de transitivização e intransitivização. No capítulo 5, abordamos os processos de aumento de valência (transitivização e causativização analítica). No capítulo 6, apresentamos e analisamos os processos de intransitivização (construção de sentenças incoativas, reflexivas, médias e passivas). Por fim, no capítulo 7, discutimos o emprego do morfema de objeto denominado por Martins (2004) como *caso afetado* e analisado por nós como Marcação Diferencial de Objeto (MDO).

Capítulo 2: Metodologia do trabalho

2.0. Introdução

Neste capítulo, apresentaremos a metodologia empregada nos três trabalhos de campo realizados no desenvolvimento da pesquisa de mestrado com os colaboradores indígenas Dâw na comunidade Waruá.

De modo geral, realizamos dois tipos de testes:

- i. *Teste de produção de sentenças em Dâw*: oferecemos um contexto situacional e solicitamos aos falantes a tradução em Dâw de sentenças formuladas em português;
- ii. *Teste de (a)gramaticalidade*: apresentamos aos informantes sentenças escritas em Dâw, língua em estudo, e pedimos para eles julgarem as sentenças como boas ou bem formadas (gramaticais) ou ruins ou mal formadas (agramaticais).

Esses testes, organizados em questionários, tiveram o objetivo de revelar mecanismos morfossintáticos da língua capazes de evidenciar o comportamento dos verbos e de suas classes. O fato de Dâw ser uma língua isolante foi um desafio na realização dos testes linguísticos. Como essa língua não apresenta muitos morfemas presos em seu sistema, não foi possível encontrar muitos núcleos funcionais afixais que revelassem comportamentos específicos de uma determinada classe verbal. No entanto, encontramos, ao longo da elicitación dos dados, morfemas livres ou lexemas que, de alguma maneira, nos auxiliaram na tarefa de estudar e analisar as classes verbais em Dâw.

Esse capítulo está dividido da seguinte forma: na seção 2.1, apresentamos uma visão geral acerca dos testes linguísticos realizados ao longo da pesquisa; na seção 2.2, apresentamos uma visão detalhada dos testes realizados, apresentando cada um deles e discutindo a sua importância para a análise e classificação dos verbos em Dâw; na seção 2.3, apresentamos uma síntese do capítulo.

2.1. Visão geral da metodologia empregada na pesquisa

Esta pesquisa tem como arcabouço teórico a teoria de estrutura argumental desenvolvida por Hale & Keyser (2002), que propõe uma análise da sintaxe e da semântica dos itens lexicais por meio da estrutura argumental – sistema de relações estruturais estabelecidas entre o núcleo e seus argumentos (especificador e complemento) dentro de estruturas sintáticas projetadas pelo próprio núcleo (predicador).

Para atingir os objetivos gerais da pesquisa – descrição e avaliação das classes verbais da língua Dâw descritas por Martins (2004) –, partimos dos seguintes objetivos específicos:

- i. Testar a alternância causativo-incoativa com pelo menos nove verbos de valência intransitiva (três verbos de cada classe identificada por Martins (2004)), a fim de determinar se o processo de transitivização de verbos intransitivos gera uma sentença transitiva em que o sujeito do verbo intransitivo básico se torna o objeto do verbo transitivo (causativizado);
- ii. Testar a sintaxe e a semântica da intransitivização em Dâw, procurando identificar processos como passivização, antipassivização, construção média, reflexivização, etc;
- iii. Testar se os dois processos gramaticais que envolvem mudança tonal dos verbos identificados por Martins (2004) – intransitivização por apagamento tonal e transitivização pelo acréscimo de tom – são realmente distintos ou se se trata de um único processo de mudança tonal que afeta raízes de todas as valências;
- iv. Identificar mecanismos morfossintáticos que diferenciem classes verbais.

Quanto aos quatro objetivos acima elencados, antecipamos o leitor que durante nossa pesquisa:

- i. Conseguimos testar a alternância causativo-incoativa com 70 verbos de valência intransitiva (50 verbos intransitivos, 4 de processo e 16 estativos, na classificação de Martins, 2004). Como veremos no capítulo 5, esse teste revelou subclasses de verbos intransitivos.
- ii. Testamos a sintaxe e a semântica da intransitivização em Dâw (construções incoativas, voz passiva, reflexiva e média). De modo geral, percebemos que

não há morfologia específica para a construção de sentenças médias, incoativas ou anticausativas. Não existem passivas em Dâw; no lugar desta voz, os falantes produzem sentenças incoativas ou com o sujeito subespecificado. As sentenças reflexivas são geradas por meio de pronomes reflexivos na posição de objeto da sentença. Mais detalhes serão discutidos no capítulo 6.

- iii. Quanto aos processos de mudança de valência com reflexos no sistema tonal da língua, pudemos notar, pelos dados coletados, que o padrão tonal dos verbos é previsível e não é condicionado por nenhum processo de aumento ou diminuição de valência, como analisa Martins (2004). Dessa forma, identificamos que os dois processos identificados pela autora – intransitivização por apagamento tonal e transitivização pelo acréscimo de morfema tonal – não ocorrem em Dâw. Mais detalhes serão discutidos no capítulo 4.
- iv. Os mecanismos morfossintáticos que diferenciaram classes verbais em Dâw foram: morfologia de voz reflexiva, utilização dos morfemas livres *xâd* e *dâr* e transitivização automática. Mais detalhes serão discutidos nos capítulos 3 e 5, respectivamente.

O objetivo proposto em (i) foi iniciado no Trabalho de Campo 1. Os outros três objetivos, (ii), (iii) e (iv), foram realizados nos Trabalhos de Campo 2 e 3.

De modo geral, a pesquisa foi dividida em duas fases:

- i. **Fase 1:** coleta dos verbos presentes na tese de Martins (2004). Os verbos foram organizados de acordo com a tipologia proposta pela autora para depois serem confrontados com outras possibilidades de análise. A lista completa desses verbos encontra-se na seção Anexo 1 do presente trabalho.
- ii. **Fase 2:** realização de testes linguísticos: teste de produção de sentenças e teste de (a)gramaticalidade com colaboradores indígenas.

2.2. Visão detalhada da metodologia empregada na pesquisa

2.2.1. Fase 1: compilação e organização dos verbos

Coletamos os verbos presentes em Martins (2004) e fizemos uma compilação deles (conferir tabela em Anexo 1) em um banco de dados no qual constam as seguintes informações:

- i. A forma fonética do verbo (conforme consta em Martins (2004));
- ii. A forma ortográfica do verbo;
- iii. A tradução do verbo (conforme consta em Martins (2004));
- iv. A classe do verbo (conforme consta em Martins (2004));
- v. A fonte de onde retiramos a forma verbal;
- vi. O padrão tonal do verbo (conforme consta em Martins (2004)).

Contabilizamos, no total, a coleta de 658 verbos. Alguns deles foram agrupados em uma única categoria verbal, tendo em vista a aproximação semântica dada pela tradução de Martins (2004) para cada predicado.

2.2.2. Fase 2: realização de testes linguísticos

Conforme já foi discutido, de acordo com Martins (2004), Dâw é uma língua isolante-analítica e não apresenta muitos mecanismos morfossintáticos. A maioria das informações gramaticais é codificada por formas livres.

Essa característica da língua foi avaliada durante a fase 2 de elicitação de dados. Desse modo, além de atentarmos para a regularidade de aparecimento de formas presas nos predicados verbais testados, também foi observado o uso de formas livres nas sentenças elicítadas, conforme veremos nas subseções adiante.

2.2.2.1. Teste de produção de sentenças em Dâw

As sentenças que compuseram os testes nessa fase apresentaram os verbos em construções de alternâncias estruturais variadas. Para tanto, os testes foram divididos em três conjuntos de acordo com a valência verbal: **conjunto 1** – verbos monoargumentais, **conjunto 2** – verbos biargumentais e **conjunto 3** – verbos com mais de dois argumentos.

➤ **Conjunto 1 – verbos monoargumentais**

Os verbos monoargumentais (valência intransitiva) foram submetidos aos seguintes testes:

- i. Alternância causativo-incoativa;
- ii. Causativização analítica;
- iii. Identificação de raiz:
 - a. Adjetival;
 - b. Nominal;
- iv. Cópulas de diversos tipos;
- v. Voz reflexiva.

A lista completa de verbos elicitados e os resultados dos testes (i) e (ii) encontram-se no capítulo 5 deste trabalho, já os verbos elicitados e os resultados dos testes (iii), (iv) e (v) encontram-se no capítulo 3.

i. Alternância causativo-incoativa

O teste de alternância causativo-incoativa ou transitivização automática (Hale & Keyser, 2002) é um processo segundo o qual um verbo intransitivo passa a transitivo, sendo que o sujeito do verbo intransitivo se torna objeto do verbo transitivizado.

Exemplo:

- (1) ‘O dia clareou’ (verbo intransitivo);
- (2) ‘O sol clareou o dia’ (verbo transitivo).

O argumento ‘dia’ é sujeito na oração (1) e objeto na oração (2). A transitivização automática é uma propriedade que revela uma estrutura argumental específica sobre uma classe de verbos. Segundo Haspelmath (1993), verbos que alternam são, geralmente, verbos de mudança de estado. O verbo causativo possui um agente causador (quem causa o evento verbal); e o verbo incoativo não possui um agente, mas codifica o evento verbal como espontâneo. Dessa forma, esse teste de alternância estrutural é importante na classificação dos verbos, pois ele revela subclasses de verbos intransitivos.

Na elicitación da alternância causativo-incoativa em Dâw, oferecemos um contexto situacional e solicitamos aos falantes a tradução de sentenças formuladas em português com a seguinte estrutura:

(3) **Construção incoativa (intransitiva)**

- a) X (*agente*) correu, trabalhou, acordou;
- b) X (*paciente*) secou, quebrou, abriu.

(4) **Construção causativa**

- a) Y (*agente*) FEZ correr, trabalhar, acordar X (*agente*);
- b) Y (*agente*) FEZ secar, quebrar, abrir X (*paciente*).

ii. Causativização analítica

A causativização é um processo no qual é adicionado ao predicado verbal um argumento agente ou causa, por meio da inserção de um auxiliar causativo, aumentando a valência do verbo.

Em Dâw, esse auxiliar causativo se manifesta como o verbo *dôo* ‘fazer’.¹ Esse auxiliar antecede o verbo principal da sentença. Exemplo:

- (5) **Dâw xut dôo ‘ox taax-ũuy’**
 gente macho CAUS correr anta-MDO
 ‘O homem fez a anta correr’

A causativização forma construções nas quais um verbo causativo aparece acima de VP. Nesse quadro, o verbo lexical ocuparia a posição de núcleo do predicado verbal. A inserção do causativizador em verbos monoargumentais causativiza-os e adiciona-lhes um argumento agente ou causa em todos os verbos.

Na elicitación da causativização analítica, oferecemos um contexto situacional e solicitamos aos falantes a tradução de sentenças formuladas em português com a seguinte estrutura:

(6) **Construção incoativa (intransitiva)**

- a) X (*agente*) correu, trabalhou, acordou;
- b) X (*paciente*) secou, quebrou, abriu.

¹ Além de *dôo* ‘fazer’, também identificamos outro tipo de causativizador na língua, a saber: *waay* ‘mandar’. No entanto, não testamos a ocorrência desse causativizador com predicados verbais de várias classes. *Waay* ‘mandar’ será testado em trabalhos futuros.

(7) Construção causativa analítica com *dôo*

- a) Y (*agente*) FEZ X (*agente*) correr, trabalhar, acordar;
- b) Y (*agente*) FEZ X (*paciente*) secar, quebrar, abrir.

iii. Da formação dos verbos: identificação da raiz

Além de testar a alternância estrutural dos verbos monoargumentais, também testamos a sua formação. Elaboramos testes linguísticos nos quais o objetivo foi identificar a raiz do predicado verbal. Para tanto, partimos da premissa (após observação dos predicados verbais e dos textos presentes em Martins, 2004), da possibilidade de existirem duas categorias gramaticais na base dos verbos em Dâw: raízes adjetivais e nominais.

Dessa forma, a fim de observar a existência de morfologia específica na formação de verbos denominais e deadjetivais em Dâw, elaboramos três tipos de testes:

- i. Construção de sintagma;
- ii. Formação de sentença com o sintagma como argumento do verbo;
- iii. Formação de sentença com o sintagma como predicado verbal.

iv. Construção de sintagma

Oferecemos um contexto situacional e solicitamos aos falantes a tradução de sentenças formuladas em português com a seguinte estrutura:

(8) Raiz adjetival

- a) O(a) X sujo, triste, feio.

(9) Raiz nominal

- a) O(a) grito, tosse, pulo do(a) X.

v. Formação de sentença com o sintagma como argumento do verbo

Oferecemos um contexto situacional e solicitamos aos falantes a tradução de sentenças formuladas em português com a seguinte estrutura:

(10) **Raiz adjetival**

a) **O(a) X *sujo, triste, velho*** chegou, caiu, morreu.

(11) **Raiz nominal**

a) **O(a) *tosse, canto de X*** parou;

b) O homem viu, ouviu **o(a) *grito, canto, nado de X***.

vi. Formação de sentença com o sintagma como predicado verbal

Oferecemos um contexto situacional e solicitamos aos falantes a tradução de sentenças formuladas em português com a seguinte estrutura:

(12) **Raiz adjetival**

a) X não sujou, não se entristeceu, não envelheceu.

(13) **Raiz nominal**

a) X não gritou, não cantou, não tossiu.

Segundo Martins (2004), os sufixos que se ligam aos verbos são: i) sufixo de negação {-*êr*}; ii) sufixo de imperativo {-*or*}; iii) sufixo de imperativo negativo {-*êrîr*}. Objetivando forçar a produção de um predicado verbal, pedimos ao informante a tradução de sentenças de negação, nas quais o verbo (de raiz adjetiva e nominal) fosse sufixado por {-*êr*}. Observamos o uso desse morfema junto ao predicado verbal nas sentenças produzidas pelos informantes.

vii. Cópulas de diversos tipos

Como veremos no capítulo 3, os verbos de adjetivais são formados a partir de cópulas. Testamos o emprego das cópulas e os sentidos que elas podem ter com os adjetivos. As cópulas testadas foram:

- i. Estar – *pud; rêd*
- ii. Ser – *rêd*
- iii. Ficar – *rãm; pitar*
- iv. Tornar-se – *yelêew*
- v. Ficar – *rãm na*
- vi. Ficar sempre – *rãm ti; wer*

Para tanto, pedimos aos informantes a tradução em Dâw de sentenças como as apresentadas abaixo:

- i. X está sujo, triste, velho;
- ii. X é sujo, triste, velho;
- iii. X ficou sujo, triste, velho;
- iv. X tornou(-se) sujo, triste, velho;
- v. X ficará sujo, triste, velho;
- vi. X fica sempre sujo, triste, velho.

Também testamos a possibilidade dessas cópulas ocorrerem com verbos intransitivos e transitivos. Todavia, o tipo de teste utilizado com essas duas classes foi o de (a)gramaticalidade, conforme veremos nas próximas seções deste capítulo.

viii. Voz reflexiva

Segundo Martins (2004), em Dâw haveria um morfema reflexivo, a saber, *xup*, que indica que o objeto possui referência idêntica ao sujeito. Segundo a autora, esse morfema pode ocorrer após o sujeito:

- (14) **Ãr xup xop dâr**
 1PS REFLX secar PONT
 ‘Eu mesmo me sequei’

(MARTINS: 2004, 379)

Ou após o objeto, que pode vir acompanhado do pronome reflexivo (exemplo 15) ou pode aparecer na sua forma pronominal oblíqua *mũnh* (exemplo 16).

- (15) **Ãr çom ãr xup**
 1PS banhar 1PS REFLX
 ‘Eu banho a mim mesmo’

(MARTINS: 2004, 379)

- (16) **Ãr xup ãr tees mũnh**
 1PS REFLX 1PS cortar 1PSOBL
 ‘Eu me corto (Lit. Eu mesmo me corto)’

(MARTINS: 2004, 379)

Como percebemos, uma vez que a voz reflexiva em Dâw exige a presença de dois argumentos correferenciais, isto é, o sujeito e o objeto, acreditamos que seu uso esteja restrito a predicados transitivos que possuem ambos os argumentos. Desse modo,

com o objetivo de identificar morfologia que diferencie classes verbais intransitivas e transitivas, testamos o uso da voz reflexiva com predicados intransitivos a fim de observar seu comportamento.

Desse modo, formulamos sentenças em português com o seguinte tipo de estrutura:

- (17) a) **Eu me** sequei, virei, corri, trabalhei;
b) **Eu mesmo me** sequei, virei, corri, trabalhei.

Em seguida, solicitamos aos falantes a tradução em Dâw dessas sentenças formuladas e procuramos identificar o emprego de morfologia específica para voz reflexiva.

➤ **Conjunto 2 – verbos biargumentais**

Os verbos biargumentais (valência transitiva) foram submetidos aos seguintes testes:

- i. Causativização analítica;
- ii. Processos de redução de valência:
 - a. Passivas;
 - b. Reflexivas – testes 1 e 2;
 - c. Médias;
 - d. Incoativas.
- iii. Uso de morfologia de objeto – MDO

i. Causativização analítica

Na elicitación da causativização analítica com verbos transitivos, oferecemos um contexto situacional e solicitamos aos falantes a tradução de sentenças formuladas em português com a seguinte estrutura:

- (18) **Construção transitiva**
a) X comeu, viu, beijou Y.

- (19) **Construção causativa analítica com *dôo***
a) Y (*agente*) FEZ X comer, ver, beijar Z.

A lista completa de verbos elicitados e os resultados dos testes encontram-se no capítulo 5.

ii. Processos de redução de valência²

A lista completa de verbos transitivos elicitados, os resultados e as análises dos testes apresentados nessa seção encontram-se no capítulo 6.

a) Voz passiva

Oferecemos um contexto situacional e solicitamos aos falantes a tradução de sentenças formuladas em português com a seguinte estrutura:

(20) X foi cortado, mordido, comido.

(21) Exemplo de contexto situacional utilizado:

*Eu e um Tukano³ fomos para a mata e matamos um porco. Deixei o porco na casa do Tukano e da esposa dele. No dia seguinte, fui à casa do Tukano e vi que o **porco foi cortado**. Quem será que cortou o porco, o Tukano ou a esposa dele?*

O objetivo do teste foi eliciar construções passivas de verbos transitivos acompanhadas de um contexto em que há um agente ou causa, mas ele não aparece explicitamente.

b) Voz reflexiva 1

À semelhança do teste anterior, também oferecemos um contexto situacional e solicitamos aos falantes a tradução de sentenças formuladas em português com a seguinte estrutura:

(22) X se viu, se cortou, se focou.

(23) Exemplo de contexto situacional utilizado:

² Os contextos situacionais utilizados com todos os verbos transitivos testados nessa seção encontram-se no Anexo 2

³ Nome de etnia indígena que vive na região.

*Comprei um espelho para deixar na sala da minha casa. Meu marido chegou com uma amiga em casa e me disse: ‘**minha amiga se viu no espelho**’ e não gostou do que viu.*

O objetivo desse teste foi produzir sentenças nas quais sujeito e objeto possuem o mesmo referente.

c) Voz reflexiva 2

À semelhança do que foi apresentado no protocolo de elicitación para voz reflexiva com predicados intransitivos, formulamos sentenças em português com o seguinte tipo de estrutura:

- (24) a) **Eu me** cortei, vi, ouvi;
- b) **Eu mesmo me** cortei, vi, ouvi.

Em seguida, solicitamos aos falantes a tradução em Dâw dessas sentenças formuladas e procuramos identificar o emprego de morfologia específica para voz reflexiva nesses tipos de construções.

d) Voz média

Oferecemos um contexto situacional e solicitamos aos falantes a tradução de sentenças formuladas em português com a seguinte estrutura:

- (25) X assa fácil (rápido), cozinha fácil (rápido).

- (26) Exemplo de contexto situacional utilizado:

Carne de porco assa rápido, mas carne de macaco demora mais.

O objetivo desse teste foi produzir sentenças nas quais cada verbo vem acompanhado de um contexto em que o argumento interno é o único existente e a frase vem acompanhada de um advérbio (fácil, rápido) que qualifica o evento em que o argumento interno é afetado de alguma maneira.

e) Construção incoativa

Para testar a construção incoativa, oferecemos um contexto situacional e solicitamos aos falantes a tradução de sentenças formuladas em português com a seguinte estrutura:

(27) X já assou, cozinhou, cortou.

(28) Exemplo de contexto situacional utilizado:

Eu coloquei o porco para assar e sai. Uma hora depois voltei e perguntei para meu marido: o porco já assou?

O objetivo desse teste foi eliciar sentenças nas quais só há um argumento interno que é afetado por um evento que ocorre espontaneamente. Inserimos advérbios como *já*, que qualifica o evento como espontâneo e sem duração.

iii. Morfologia de objeto (MDO)

Nas sentenças transitivas do Dâw, alguns objetos são marcados por um sufixo que nesta pesquisa analisamos como Marcação Diferencial de Objeto (MDO). Essa marca é empregada de acordo com traços semânticos do objeto marcado. Esses traços estão relacionados a distinções de referencialidade baseadas em escalas de definitude e animacidade.

Apresentamos os testes de eliciação dessa marca, assim como os resultados dos testes no capítulo 7.

➤ Conjunto 3 – verbos com mais de dois argumentos

Em relação aos testes de produção de sentenças em Dâw, os verbos bitransitivos (mais de dois argumentos) foram submetidos apenas ao teste de produção de predicados bitransitivos, como veremos com mais detalhes na próxima seção.

i. Produção de predicados bitransitivos

Martins (2004) identifica cinco verbos bitransitivos na língua Dâw. A saber:

Número	Verbos em Dâw	Tradução
1	não	Dar
2	buy	Jogar
3	yōor	Passar remédio
4	yug	Fazer vinho
5	w'oob	Pôr em cima

Tabela 2.0: Verbos bitransitivos testados

Elaboramos cinco sentenças em português, uma com cada verbo da tabela acima, e pedimos para os colaboradores indígenas traduzirem para o Dâw cada uma das sentenças elaboradas, que são:

- Eu dei comida para a criança;
- Eu passei remédio na criança;
- Eu fiz vinho de mel para o homem;
- Eu joguei madeira para o homem;
- Eu pus em cima da mesa o terçado.

Após a tradução dessas sentenças para o Dâw, analisamos os predicados verbais realizados e comparamos com os verbos bitransitivos descritos por Martins (2004). Os resultados obtidos nesse teste encontram-se no capítulo 3.

2.2.2.2. Teste de (a)gramaticalidade

Os testes de (a)gramaticalidade também foram divididos em conjuntos de acordo com a valência verbal: **conjunto 1** – verbos monoargumentais; **conjunto 2** – verbos biargumentais; e **conjunto 3** – verbos com mais de dois argumentos.

A lista completa de verbos elicitados, os resultados e análises de todos os testes apresentados nessa seção encontram-se no capítulo 3.

➤ Conjunto 1 – verbos monoargumentais

Os testes de (a)gramaticalidade envolvendo verbos monoargumentais são:

- Cópulas de diversos tipos;
- Uso dos morfemas *xâd* e *dâr*.
- Voz reflexiva.

i. Cópulas de diversos tipos

O teste apresentado acerca do uso de cópulas com verbos deadjetivais revelou a existência das seguintes cópulas em Dâw:

- i. *P#d; rêd* 'Estar';
- ii. *Rêd* 'Ser';
- iii. *Rãm; pitar* 'Ficar';
- iv. *Yelêew* 'Tornar-se';
- v. *Rãm na* 'Ficará'
- vi. *Rãm ti; wer* 'Ficar sempre'.

Testamos o uso dessas cópulas com alguns verbos intransitivos (do tipo inergativos e inacusativos). Para tanto, apresentamos aos informantes indígenas sentenças em Dâw como as que seguem:

- (29) a) X *wĩnh* 'trabalhou', *rôd* 'saiu', *xop* 'secou', *pô* 'abriu' **pud; rêd**
 b) X *wĩnh* 'trabalhou', *rôd* 'saiu', *xop* 'secou', *pô* 'abriu' **rãm; pitar**
 c) X *wĩnh* 'trabalhou', *rôd* 'saiu', *xop* 'secou', *pô* 'abriu' **yelêew**
 d) X *wĩnh* 'trabalhou', *rôd* 'saiu', *xop* 'secou', *pô* 'abriu' **rãm na**
 e) X *wĩnh* 'trabalhou', *rôd* 'saiu', *xop* 'secou', *pô* 'abriu' **rãm ti; wer**

Em seguida, pedimos aos informantes que julgassem as sentenças como boas (gramaticais) ou ruins (agramaticais). Caso as sentenças fossem gramaticais, pedimos aos informantes uma tradução da sentença em português.

O objetivo desse teste foi o de verificar se as cópulas diferenciam classes verbais intransitivas em Dâw.

ii. Uso dos morfemas *xâd* e *dâr*

Durante a fase 1 do nosso trabalho (ver seção 2.2.1), percebemos, por meio da análise preliminar dos dados presentes em Martins (2004), que os predicados verbais transitivos são majoritariamente sucedidos por *dâr*, morfema de aspecto analisado por Martins (2004) como aspecto pontual (que codifica um evento sem duração). Não foram encontradas ocorrências de predicados verbais intransitivos com essa marca aspectual.

Por outro lado, observamos que os verbos intransitivos derivados do processo de redução de valência apresentados por Martins (2004) são sucedidos pelo morfema de

aspecto *xâd* (morfema livre que segundo Martins (2004) indicaria eventos durativos) em quase a totalidade dos dados apresentados.

Segundo a autora, *xâd* e *dâr* são empregados de acordo com a agentividade do sujeito. Desse modo, em orações intransitivas com sujeito não agente, o verbo é sucedido por *xâd*, já em orações transitivas, com sujeito agente, o verbo é sucedido por *dâr*.

Um levantamento do uso de *xâd* em Martins (2004) revelou que de fato a ocorrência dessa marca aspectual restringe-se a verbos de valência intransitiva ou transitivos que tiveram sua valência reduzida.

Tendo em vista a relação entre o emprego dos morfemas *xâd* e *dâr* e os tipos de predicados verbais associados a essas marcas, levantamos uma hipótese:

- i. O uso de *dâr* e *xâd* distingue classes verbais intransitivas e transitivas.

Para testar essa hipótese de trabalho, apresentamos aos informantes indígenas sentenças intransitivas e transitivas escritas em Dâw. Em ambas as sentenças, empregamos os morfemas *xâd* e *dâr* sucedendo o verbo. Pedimos aos informantes que julgassem a (a)gramaticalidade dos quatro tipos de sentenças formuladas, isto é, sentenças intransitivas com *dâr*, sentenças intransitivas com *xâd*, sentenças transitivas com *dâr* e sentenças intransitivas com *xâd*. Abaixo, apresentamos exemplos para ilustrar os tipos de sentenças formuladas:

(30) **Sentença intransitiva com *xâd***

a) X *wĩnh* ‘trabalhou’, *rôd* ‘saiu’, *xop* ‘secou’, *pô* ‘abriu’ ***xâd***;

(31) **Sentença intransitiva com *dâr***

a) X *wĩnh* ‘trabalhou’, *rôd* ‘saiu’, *xop* ‘secou’, *pô* ‘abriu’ ***dâr***;

(32) **Sentença transitiva com *xâd***

X *kâs* ‘mordeu’, *yũt* ‘matou’ ***xâd*** Y;

(33) **Sentença transitiva com *dâr***

a) X *kâs* ‘mordeu’, *yũt* ‘matou’ ***dâr*** Y.

Quando as sentenças eram gramaticais, pedíamos aos informantes uma tradução da sentença em português.

iii. Voz reflexiva

Como vimos nas seções anteriores, testamos a produção de construções reflexivas com verbos intransitivos e transitivos. Para tanto, pedimos a tradução em Dâw de sentenças em português como as que seguem abaixo:

- (34) Com verbos intransitivos
 a) **Eu me** sequei, virei, corri, trabalhei;
 b) **Eu mesmo me** sequei, virei, corri, trabalhei.
- (35) Com verbos transitivos
 a) **Eu me** cortei, vi, ouvi;
 b) **Eu mesmo me** cortei, vi, ouvi.

A tradução dessas sentenças em Dâw revelou algumas evidências morfológicas como as que seguem abaixo:

- (36) a) S V *mũnh*;
 b) S *xup* V;
 c) S *xup* V *mũnh*;
 d) S *xup dôo* V *mũnh*.

De posse desses padrões morfológicos, formulamos sentenças em Dâw com verbos intransitivos com estruturas semelhantes às apresentadas em (36) e pedimos aos informantes que julgassem essas sentenças como boas (gramaticais) e ruins (agramaticais). Apresentamos exemplos com esses tipos de estruturas:

- (37) a) S *xop* ‘secar’, *bâad* ‘virar’, *wĩnh* ‘trabalhar’, ‘ox ‘correr’ **mũnh**;
 b) S **xup** *xop* ‘secar’, *bâad* ‘virar’, *wĩnh* ‘trabalhar’, ‘ox ‘correr’;
 c) S **xup** *xop* ‘secar’, *bâad* ‘virar’, *wĩnh* ‘trabalhar’, ‘ox ‘correr’ **mũnh**;
 d) S **xup dôo** *xop* ‘secar’, *bâad* ‘virar’, *wĩnh* ‘trabalhar’, ‘ox ‘correr’ **mũnh**;

Quando as sentenças eram gramaticais, pedíamos aos informantes uma tradução da sentença em português.

➤ Conjunto 2 – verbos biargumentais

Os testes de (a)gramaticalidade envolvendo verbos biargumentais são:

- i. Apagamento de constituintes;
- ii. Cópulas de diversos tipos;
- iii. Uso dos morfemas *xâd* e *dâr*;

i. Apagamento de constituintes

Testamos a possibilidade de haver o apagamento de um dos dois argumentos obrigatórios dos verbos transitivos (sujeito ou objeto direto), como podemos ver abaixo:

Nº	Estrutura da sentença testada	Descrição
1	S V OD	Sentença declarativa <i>default</i>
2	V OD	Sentença transitiva sem o sujeito
3	S V	Sentença transitiva sem o objeto direto

Tabela 2.1: Protocolo de elicitación de construções transitivas

Em (1), testamos a sentença *default* para verbos bitransitivos; testamos também a possibilidade de haver o apagamento do sujeito, teste (2) e do objeto direto, teste (3).

Após a extração dos constituintes das sentenças, pedimos aos informantes que julgassem as sentenças como boas (gramaticais) ou ruins (agramaticais). Quando as sentenças eram gramaticais, pedíamos aos informantes uma tradução da sentença em português.

ii. Cópulas de diversos tipos

Também testamos o uso de diversas cópulas com alguns verbos transitivos. Para tanto, apresentamos aos informantes indígenas sentenças em Dâw como as que seguem:

- (38) a) X *rõk* ‘cortou’, *yũt* ‘matou’ **pud; rēd** Y;
 b) X *rõk* ‘cortou’, *yũt* ‘matou’ **rām; pitar** Y;
 c) X *rõk* ‘cortou’, *yũt* ‘matou’ **yelêew** Y;
 d) X *rõk* ‘cortou’, *yũt* ‘matou’ **rām na** Y;
 e) X *rõk* ‘cortou’, *yũt* ‘matou’ **rām ti; wer** Y.

Em seguida, pedimos aos informantes que julgassem as sentenças como boas (gramaticais) ou ruins (agramaticais). Quando as sentenças eram gramaticais, pedíamos aos informantes uma tradução da sentença em português.

O objetivo desse teste foi o de verificar se as cópulas diferenciam classes verbais como intransitivas e transitivas em Dâw.

iii. Uso dos morfemas xâd e dêr

A metodologia empregada para esse teste com os verbos transitivos está descrita na seção ‘Conjunto 1 – verbos monoargumentais’ deste capítulo.

➤ Conjunto 3 – verbos com mais de dois argumentos

Os testes de (a)gramaticalidade envolvendo verbos bitransitivos foram os seguintes:

- i) Reconhecimento de predicados bitransitivos;
- ii) Apagamento de constituintes.

i. Reconhecimento de predicados bitransitivos

A fim de verificar se os falantes da língua reconhecem os predicados bitransitivos conforme apresentado na tabela 2.0 acima, apresentamos aos colaboradores indígenas sentenças (retiradas de Martins, 2004), compostas com os cinco verbos bitransitivos analisados pela autora, como podemos ver abaixo:

- (39)
- a) Woor nã tirũy yun kas ‘O Tukano deu roupa velha para ele’
 - b) Kôog yôor dak tirũy⁴ ‘Auxiliadora passou remédio nele’
 - c) Dâw yug nêeg tirũy ‘O Dâw fez vinho de mel para ele’
 - d) Mũnh buy dêr rãy nô ‘Derrube para mim sorva madura’
 - e) Tir røk wôob dêr mân baak mũux wâ ‘Ele cortou o cacho de inajá para cair em cima do curupira’

⁴ A sentença original é: *Sug yôor dak tirũy*, com outro nome próprio iniciando a sentença. Trocamos o nome próprio para que o desconhecimento do nome apresentado por Martins (2004) não fosse um distrator no teste realizado.

Pedimos aos informantes a tradução dessas sentenças. A tradução dada pelos informantes foi contrastada com a tradução dada por Martins (2004). O objetivo desse teste foi o de verificar se o uso dos predicados presentes na obra da autora se mantém pelos falantes atuais da língua.

ii. Apagamento de constituintes

Testamos a possibilidade de haver o apagamento de um dos três argumentos obrigatórios dos verbos bitransitivos (sujeito, objeto direto, objeto indireto), como podemos ver abaixo:

Nº	Estrutura da sentença testada	Descrição
1	SV OD OI	Sentença declarativa <i>default</i>
2	V OD OI	Sentença bitransitiva sem o sujeito
3	S V OI	Sentença bitransitiva sem o objeto direto
4	S V OD	Sentença bitransitiva sem o objeto indireto

Tabela 2.2: Protocolo de eliciação de construções bitransitivas

Em (1), testamos a sentença *default* para verbos bitransitivos; testamos também a possibilidade de haver o apagamento do sujeito, teste (2), do objeto direto, teste (3), e do objeto indireto, teste (4).

Após a extração dos constituintes das sentenças, pedimos aos informantes que julgassem as sentenças como boas (gramaticais) ou ruins (agramaticais). Quando as sentenças eram gramaticais, pedíamos aos informantes uma tradução da sentença em português.

2.3. Síntese do capítulo

Nesse capítulo, apresentamos a metodologia de pesquisa utilizada nesse trabalho. Discutimos cada um dos testes realizados, assim como o seu objetivo e sua importância para a classificação dos verbos em Dâw. Nos próximos capítulos, vamos discutir os resultados desses testes e o que eles revelam acerca dos predicados verbais em Dâw.

Capítulo 3: As classes verbais da língua Dâw

3.0 Introdução

Neste capítulo, apresentamos e discutimos as classes verbais da língua Dâw.

As hipóteses sintático-semânticas de Martins (2004), quanto às classes verbais da língua Dâw, apontam para três tipos de verbos: os *verbos ativos*, divididos em três categorias: *verbos transitivos*, *intransitivos* e *bitransitivos*; os *verbos de processo* (de valência intransitiva); e, por fim, os *verbos estativos* (também de valência intransitiva), divididos em duas categorias: *verbos equativos* e *verbos descritivos*.

Como já foi discutido anteriormente, nesse trabalho, partimos de dois objetivos gerais: i) estudar as classes verbais do ponto de vista semântico e sintático, identificando classes e subclasses de acordo com o comportamento morfossintático das raízes verbais; ii) avaliar as hipóteses descritivas e explicativas das classes verbais identificadas por Martins (2004).

As alternâncias de valência foram usadas para identificar subclasses dentro de cada classe de verbos. Esse tipo de critério nos parece mais objetivo, como classificação dos verbos da língua Dâw, do que os critérios semânticos utilizados por Martins (2004), que apresenta uma análise baseada unicamente na semântica do verbo e dos seus argumentos.

Na nossa concepção, e de acordo com o nosso paradigma teórico (Hale & Keyser, 2002), o papel temático do argumento está estritamente ligado à estrutura sintática do verbo. Dessa forma, entendemos que sujeitos agentes são argumentos externos, ou seja, são projetados na sintaxe sentencial, e não na estrutura argumental. Sujeitos pacientes são projetados internamente, e por isso, eles são argumentos internos.

Desse modo, reavaliamos as classes verbais propostas por Martins (2004) a partir da elicitación de paradigmas verbais cujos resultados são apresentados nas próximas seções.

Na seção 3.1, apresentamos, resumidamente, a proposta semântico-descritiva de classificação dos verbos realizada por Martins (2004) e as classes verbais propostas por ela. Na seção 3.2, apresentamos nossa contribuição para o entendimento das classes verbais na língua em estudo. Na seção 3.3, fazemos uma síntese do que foi discutido no capítulo.

3.1. As classes verbais da língua Dâw segundo Martins (2004)

Martins (2004) classifica os verbos em Dâw de acordo com dois parâmetros semânticos:

- i) *A semântica do verbo*: que pode ser de ação, processo (mudança de estado) ou estado;
- ii) *O papel semântico do sujeito*: agente ou causa, autor-paciente¹, ou paciente.

Segundo a autora, esses parâmetros dividem os predicados verbais em três grandes classes:

- i) **Verbos ativos** são verbos de ação e o sujeito é agente (ou causa). Essa classe é dividida em três categorias de acordo com o número de argumentos que o predicado verbal projeta (MARTINS, 2004:196):
 - a. **Verbos Intransitivos** (projetam um argumento). Para a autora, verbos intransitivos possuem apenas um argumento sujeito, cujo papel temático é agente. (MARTINS, 2004:198)

Exemplo:

- (1) **mĩis ‘ox rãm yoow**
 jabuti correr ir PROGI
 ‘O jabuti correu direto’ (‘O jabuti fugiu direto’)

(MARTINS, 2004:199)

Forma Fonética	Forma Ortográfica	Tradução
[ʔub]	‘ub	Acordar
[ʔox]	‘ox	Correr
[jam]	yam	Dançar
[lxb]	lâb	Girar

Tabela 3.0: Verbos ativos intransitivos

- b. **Verbos Transitivos**: possuem dois argumentos: sujeito, cujo papel temático é agente; e objeto, cujo papel temático é paciente/tema. (MARTINS, 2004:199)

¹ Para Martins (2004), sujeito autor-paciente apresenta características tanto de agente quanto de paciente. No entanto, como agente, ele não é analisado como causador primário de uma ação, pois também é afetado pela ação verbal.

Exemplo:

- (2) **waam weed mân -ũuy'**
 cutiporó² comer inajá³ -AFET
 'O cutiporó come inajá'

(MARTINS, 2004:532)

Segundo Martins (2004), os objetos podem ser marcados, opcionalmente, pelo morfema {-ũuy'}, que expressa *caso afetado*, que, para a autora, marca o constituinte afetado pela ação do verbo⁴. Na tabela abaixo, apresentamos alguns exemplos de verbos transitivos.

Forma Fonética	Forma Ortográfica	Tradução
[wèd]	weed	Comer
[jūt]	yūt	Matar
[tek]	têk	Bater
[jip]	sip	Querer

Tabela 3.1: Verbos ativos transitivos

- c. **Verbos Bitransitivos (ou ditransitivos):** segundo Martins (2004), esses verbos possuem três argumentos: sujeito, objeto direto e indireto, cujos papéis temáticos são, respectivamente, agente, paciente/tema e alvo. (MARTINS, 2004:201)

Exemplo:

- (3) **woor não tir -ũuy' weed**
 NP dar 3SG -AFET comida
 'O Tukano dá comida para ele'

(MARTINS, 2004:245)

Para Martins (2004), os objetos indiretos de verbos bitransitivos também são marcados pelo morfema de caso afetado {-ũuy'}. Todavia, acreditamos que, nesses contextos, o morfema de objeto não é caso afetado, mas um morfema oblíquo de forma homófona à marca que ocorre com objetos diretos de sentenças transitivas.

A seguir, apresentamos alguns exemplos de verbos ativos bitransitivos:

² Espécie de macaco (Dicionário Houaiss)

³ Planta palmácea. Coco-da-baía. (Dicionário Houaiss)

⁴ Após análise das ocorrências desse morfema nas sentenças apresentadas em Martins (2004), pudemos observar que a marca supracitada, com o objeto direto de sentenças transitivas, não é usada indistintamente, mas majoritariamente em contextos semânticos de definitude. Conforme veremos adiante, a marca de objeto que ocorre com objetos diretos pode ser analisada como um morfema de Marcação Diferencial do Objeto (MDO). Para mais detalhes, confira capítulo 7.

Forma Fonética	Forma Ortográfica	Tradução
[nǝʔ]	nǝo	Dar
[buj]	buy	Jogar
[jǝh]	yǝor	Passar remédio
[jug]	yug	Fazer vinho
[w'ǝb]	w'ooob	Pôr em cima

Tabela 3.2: Verbos bitransitivos

- ii) **Verbos de processo:** são verbos de mudança de estado e de eventos espontâneos, que não necessitam de uma causa externa para ocorrer. Para a autora, esses verbos possuem valência intransitiva e projetam um único argumento sujeito, cujo papel temático é de autor-paciente, que apresenta características tanto de agente quanto de paciente (MARTINS, 2004:201).

Exemplo:

- (4) **borǝ dok rǝm m'ǝ-pǝeg - ǝn**
 fogo apagar ir um-grande REF
 'O fogo apagou de repente'

(MARTINS, 2004: 202)

Forma Fonética	Forma Ortográfica	Tradução
[hǝ]	rǝ	Queimar
[bax]	bax	Aparecer
[dǝk]	dok	Apagar
[beg]	bǝg	Clarear

Tabela 3.3: Verbos de processo

De acordo com Martins (2004), verbos que designam fenômenos da natureza, como 'chover', 'anoitecer' e 'amanhecer' também são classificados como verbos de processo. Esses verbos são formas verbais compostas por um nome (por exemplo, *wât* 'dia') e um núcleo verbal (exemplo, *'uǝb* 'acordar'), formando construções como *wât- 'uǝb* 'cair dia – amanhecer'.

- (5) **kub-wu yǝd 'uyǝm tir yǝ**
 Ser escuro-cair INTSI quando 3SG voltar
 'Quando escureceu, ele chegou'

(MARTINS, 2004: 205)

Exemplos:

Forma Fonética	Forma Ortográfica	Tradução
[nɪx-doj]	nâx-doj	Chover
[wɪt-úɸ]	wât-uub	Amanhecer
[cem- xw]	çêm-xu	Anoitecer
[wɪt-wa]	wâat-wa	Entardecer

Tabela 3.4: Verbos de processo que expressam fenômenos da natureza

- iii) **Verbos estativos:** segundo Martins (2004), esses verbos possuem valência intransitiva e projetam um único argumento sujeito cujo papel temático é paciente/tema. Eles podem se subdividir em duas subclasses: *verbos estativos equativos* e *verbos estativos descritivos* (MARTINS, 2004: 208).

- a. **Verbos equativos:** possuem a função de uma cópula. Eles são divididos em duas subclasses: *equativos existenciais* e *identificacionais* (MARTINS, 2004: 208).

- i. **Equativo Existencial:** são verbos empregados para apresentar a existência de um ser (ou coisa). Exemplos:

Forma Fonética	Forma Ortográfica	Tradução
[nĩ]	nĩ	Estar, existir, haver
[mẽh]	mẽr	Não estar, não existir, não haver
[hew]	rew	Ter ou haver muitos

Tabela 3.5: Verbos equativos existenciais

- ii. **Equativo Identificacional:** são verbos empregados para designar o estado de um ser (ou coisa). Exemplos:

Forma Fonética	Forma Ortográfica	Tradução
[wùɸd]	wuud	Ser (passado) ou possibilidade de ser
[mãj]	mãy	Não ser
[mãj]	mãay	Ser intensificado (referente à quantidade e qualidade)
[pùɸd]	puud	Ser mais
[ʔamãj]	‘amãy	Ser pouco

Tabela 3.6: Verbos equativos identificacionais

- b. **Verbos descritivos:** Martins (2004) afirma que os verbos estativos descritivos indicam conceitos que em outras línguas são

expressos pela classe de adjetivos, classe nominal que, segundo a autora, não existiria em Dâw. Para Martins (2004), esses verbos podem também modificar nomes, exprimindo o estado, o atributo e a posição de um nome. Nessa função, eles estariam sendo empregados como adjetivos, não como verbos. Ou seja, a função verbal é a básica e a adjetival é a derivada (MARTINS, 2004: 217). Esses verbos são divididos em:

- i. **Verbos Atributivos:** descrevem características inerentes de um ser ou objeto, como *mên* ‘ser curto’, ou *bêt* ‘ser listrado’. Exemplos:

Forma Fonética	Forma Ortográfica	Tradução
[bet]	bêt	Ser listrado
[mʔɛn]	mên	Ser curto
[peg]	peg	Ser grande (genérico)
[xɔd]	xood	Ser pintado, malhado (ex. cachorro)

Tabela 3.7: Verbos estativos atributivos

- ii. **Verbos Qualificativos:** descrevem características transitórias ou comportamentais como *lê* ‘ser magro’, ‘*enh*’ ‘ser feio’, *dâw tâaw* ‘estar bravo (para gente)’. Exemplos:

Forma Fonética	Forma Ortográfica	Tradução
[lɤk]	lâk	Ser magro por natureza (torna o osso visível)
[nét]	neet	Ser raso (ex. igarapé)
[dup]	dup	Ser azedo (ex. banana-maçã; limão)
[ʔɛŋ]	‘eng	Ser feio

Tabela 3.8: Verbos estativos qualificativos

- iii. **Verbos Posicionais:** indicam a posição e o estado de um ser ou objeto em um determinado espaço. Exemplos:

Forma Fonética	Forma Ortográfica	Tradução
[pèm]	peem	Estar sentado
[jet]	yêt	Estar no chão
[ʃoj]	sôy	Estar amontoado um em cima do outro

[pɾt]	pât	Estar caído na rede
-------	-----	---------------------

Tabela 3.9: Verbos estativos posicionais

Abaixo, apresentamos um quadro-síntese das classes verbais em Dâw e dos parâmetros de classificação propostos por Martins (2004).

Classes verbais	Parâmetros	
	Semântica do verbo	Papel semântico do sujeito
<i>Verbos ativos</i> a. Verbos Intransitivos b. Verbos Transitivos c. Verbos Bitransitivos	Ação	Agente, causa
<i>Verbos de processo</i>	Processo (mudança de estado)	Autor-paciente (agente-paciente)
<i>Verbos estativos</i> a. Verbos equativos: i. Verbos Identificacionais; ii. Verbos Existenciais. b. Verbos descritivos: i. Verbos Atributivos; ii. Verbos Qualificativos; iii. Verbos Posicionais.	Estado	Tema

Tabela 3.10: Síntese dos parâmetros que classificam as classes verbais em Dâw

Para Martins (2004), as classes verbais (classe dos verbos ativos, de processo e estativos) ocupam uma posição básica em uma escala de dinamicidade de dois polos: um polo dinâmico (que abriga os verbos ativos); e um polo menos dinâmico (que abriga os verbos estativos). Os verbos de processo estariam no meio dessa escala.

Figura 3.0: Escala de dinamicidade e classes verbais segundo Martins (2004)

Nas próximas seções, apresentaremos nossa proposta de reanálise das classes verbais em Dâw de acordo com o comportamento sintático dos verbos em estudo.

3.2. Reanalizando as classes verbais em Dâw

Durante a primeira fase do nosso trabalho, na qual compilamos e organizamos os verbos descritos por Martins (2004), analisamos os contextos sentenciais e o comportamento de cada predicado verbal dentro da sentença, isto é, a relação fundamental da estrutura argumental entre verbo-objeto e verbo-sujeito (Cf. HALE & KEYSER, 2002:2) a fim de identificar comportamentos morfossintáticos que nos auxiliassem na reclassificação dos verbos em Dâw.

Ainda nessa fase de trabalho, pudemos identificar que os verbos classificados por Martins (2004), no que se refere à relação entre o verbo e seus argumentos, possuem três padrões sintáticos de valência (número de argumentos que cada verbo possui), a saber: padrão intransitivo (um argumento), transitivo (dois argumentos) e bitransitivo (mais de dois argumentos).

Desse modo, reduzimos as nove classes verbais propostas por Martins (2004), apresentadas na seção acima, a três classes verbais de acordo com a valência do predicado verbal. A seguir, apresentamos nossa proposta preliminar de reclassificação dos verbos em Dâw de acordo com a valência dos verbos.

	Classe Intransitiva (monoargumental)	Classe transitiva (biargumental)	Classe bitransitiva (mais de dois argumentos)
Classes verbais propostas por Martins (2004)	Verbo ativo intransitivo	Verbo ativo transitivo	Verbo ativo bitransitivo
	Verbo de processo		
	Verbo estativo equativo identificacional		
	Verbo estativo equativo existencial		
	Verbo estativo descritivo atributivo		
	Verbo estativo descritivo qualificativo		
	Verbo estativo descritivo posicional		

Tabela 3.11. *Classes verbais reanalisadas de acordo com o critério de valência*

Selecionamos alguns verbos de cada classe para realizar testes de mudança de valência (cf. capítulo 2) com o objetivo de encontrar evidências morfosintáticas que refutassem ou corroborassem nossa primeira hipótese de reclassificação. A realização desses testes nos mostrou comportamentos morfológicos importantes para a reanálise das classes verbais propostas por Martins (2004).

A seguir, apresentaremos os dados obtidos nesses testes e os resultados de nossas análises. O protocolo de elicitación e a metodologia empregada na realização dos testes encontram-se no capítulo 2.

3.2.1. Classe dos verbos intransitivos

Submetemos os verbos de valência intransitiva a cinco testes linguísticos.

- i. Alternância causativo-incoativa;
- ii. Causativização analítica;
- iii. Identificação de raiz:
 - a. Adjetival;
 - b. Nominal;
- iv. Cópulas de vários tipos;
- v. Voz reflexiva.

Na tabela abaixo, apresentamos todos os verbos intransitivos testados (com a respectiva classificação de Martins, 2004) nos três trabalhos de campo realizados.

Número	Verbo em Dâw	Tradução	Classificação de Martins (2004)
1	wuud	Chegar	Ativo intransitivo
2	baad	Virar	Ativo intransitivo
3	‘eed	Virar	Ativo intransitivo
4	bâar	Derramar	Ativo intransitivo
5	pêt	Quebrar	Ativo intransitivo
6	woox	Quebrar	Ativo intransitivo
7	xop	Secar	Ativo intransitivo
8	pô	Abrir	Ativo intransitivo
9	tobuk	Fechar	Ativo intransitivo
10	yapilu	Começar	Ativo intransitivo
11	çêe	Espalhar	Ativo intransitivo
12	rud	Derreter	Ativo intransitivo
13	rû	Terminar	Ativo intransitivo
14	wâg	Balançar	Ativo intransitivo
15	pâd	Rolar	Ativo intransitivo
16	râ	Parar	Ativo intransitivo

17	leg	Apagar	Ativo intransitivo
18	‘ox	Correr	Ativo intransitivo
19	rôd	Sair	Ativo intransitivo
20	‘âa	Dormir	Ativo intransitivo
21	suuk	Caçar	Ativo intransitivo
22	yelêew	Transformar-se	Ativo intransitivo
23	kog’ðogn	Desmaiar	Ativo intransitivo
24	çeeb	Mudar	Ativo intransitivo
25	‘ub	Acordar	Ativo intransitivo
26	çom	Banhar	Ativo intransitivo
27	win	Trabalhar	Ativo intransitivo
28	nõx	Cair	Ativo intransitivo
29	kũm	Afundar	Ativo intransitivo
30	pôw’	Boiar	Ativo intransitivo
31	pêg-saak	Crescer	Ativo intransitivo
32	sux	Esfarelar	Ativo intransitivo
33	‘ðot	Chorar	Ativo intransitivo
34	çâk	Pular	Ativo intransitivo
35	roo’	Tossir	Ativo intransitivo
36	‘ô	Rir	Ativo intransitivo
37	âaw	Gritar	Ativo intransitivo
38	yũmrũ	Cantar	Ativo intransitivo
39	yam	Dançar	Ativo intransitivo
40	yok	Nadar	Ativo intransitivo
41	çâ	Saltar	Ativo intransitivo
42	leep	Brilhar	Ativo intransitivo
43	xaam	Vomitir	Ativo intransitivo
44	bax	Suar	Ativo intransitivo
45	bâay	Arrotar	Ativo intransitivo
46	baak	Soluçar	Ativo intransitivo
47	ratĩs	Espirrar	Ativo intransitivo
48	kas	Estragar	Ativo intransitivo
49	yum	Melhorar	Ativo intransitivo
50	rãm xo	Andar	Ativo intransitivo
51	xaw	Ferver	Processo
52	beg	Clarear	Processo
53	rõ	Queimar	Processo
54	baax	Aparecer	Processo
55	xub-sõk (rãm)	Estar triste	Estativo
56	kub (rãm)	Estar escuro	Estativo
57	rân (rãm)	Estar velho	Estativo
58	dũy (rãm)	Estar sujar	Estativo
59	mẽn (rãm)	Ser curto	Estativo
60	pêg (rãm)	Ser grande	Estativo
61	ça (rãm)	Ser preto	Estativo
62	lâk (rãm)	Ser magro	Estativo
63	çii (rãm)	Ser azedo	Estativo
64	dep (rãm)	Ser gordo	Estativo

65	tâaw (rãm)	Estar bravo	Estativo
66	kas (rãm)	Ser feio	Estativo
67	muj (rãm)	Ser úmido	Estativo
68	wê (rãm)	Estar molhado	Estativo
69	sêj (rãm)	Estar cheio	Estativo
70	‘wât (rãm)	Ser comprido	Estativo

Tabela 3.12: Verbos intransitivos testados

Em Dâw, a ordem *default* dos verbos intransitivos é SV. Não foram identificados morfemas de concordância e modo verbal nos paradigmas verbais testados. A única forma gramatical identificada nas sentenças intransitivas foi o morfema livre *xâd*, que além de codificar aspecto (MARTINS, 2004:296), também codifica tempo pretérito. Todavia, o emprego de *xâd* como marca de tempo não está presente em todos os paradigmas elicitados, o que nos leva a hipotetizar que essa não é uma marca obrigatória, conforme podemos ver nos exemplos a seguir:

- (6) a) **pu çâk ø**
 sapo pulo VERB
 ‘O sapo pula’

- b) **pu çâk ø xâd**
 sapo pulo VERB ASPC/MV
 ‘O sapo pulou’

- (7) a) **Dâw xut roo’ ø**
 gente macho tosse VERB
 ‘O homem tosse’

- b) **Dâw xut roo’ ø xâd**
 gente macho tossir VERB ASPC/MV
 ‘O homem tossiu’

➤ **Resultados dos testes**

i) Alternância causativo-incoativa

O teste de alternância causativo-incoativa mostrou-nos que em Dâw é possível dividir a classe dos verbos monoargumentais em duas subclasses:

- i) *Subclasse dos verbos alternantes*: verbos intransitivos que alternam entre uma forma intransitiva e transitiva sem o acréscimo de nenhuma morfologia específica de aumento de valência, como visto nas sentenças em português ‘*o dia clareou*’ e ‘*o sol clareou o dia*’. Os verbos presentes nessa subclasse estão presentes na tabela 3.12, itens 1 a 17.
- ii) *Subclasse dos verbos não-alternantes*: verbos que não alternam entre uma forma intransitiva e transitiva sem morfologia específica. Os verbos presentes nessa subclasse estão presentes na tabela 3.12, itens 18 a 70.

A subclasse dos verbos alternantes é formada por verbos intransitivos ativos, conforme a análise de Martins (2004). Já a subclasse dos verbos não-alternantes é formada pelos verbos intransitivos ativos, de processo e estativos.

A análise acerca dessas subclasses será discutida com mais detalhes no capítulo 5.

ii) Causativização analítica

Nenhum verbo intransitivo testado apresentou restrições quanto à causativização com *dôo* ‘fazer’, causativizador presente na língua⁵. Analisamos esse causativizador como um verbo leve, que adiciona um segundo argumento a uma sentença intransitiva (e como veremos mais adiante, um terceiro argumento em sentenças transitivas). O argumento introduzido é um agente ou causa, e o agente da sentença intransitiva passa a ser o objeto da construção causativa formada.

A análise acerca desse processo será discutida com mais detalhes no capítulo 5.

iii) Identificação da raiz

⁵ Além de *dôo* ‘fazer’, também identificamos outro tipo de causativizador na língua, a saber: *waay* ‘mandar’. No entanto, não testamos a ocorrência desse causativizador com predicados verbais de várias classes. *Waay* ‘mandar’ será testado em trabalhos futuros.

Além de testar alternâncias de valências dos verbos intransitivos, também testamos a formação dos predicados verbais a partir de raízes adjetivais e nominais.

A. Raiz adjetival

Testamos a possibilidade dos verbos estativos atributivos e descritivos serem formados a partir de uma raiz adjetival. Segundo Martins (2004), esses predicados verbais também podem modificar nomes, exprimindo o estado, o atributo e a posição de um nome. Nessa função, eles estariam sendo empregados como adjetivos, não como verbos. Desse modo, na análise da autora, a função verbal é a básica e a adjetival é a derivada.

Testamos 16 verbos estativos atributivos e descritivos em contextos verbais e adjetivais. Procuramos identificar a presença de morfologia nos contextos elicitados com o objetivo de identificar o direcionamento da derivação dessas formas, ou seja, se a forma básica é a verbal ou a adjetival.

A seguir, apresentamos os verbos estativos testados:

Número	Verbo em Dâw	Tradução
1	xub sôk (rãm)	Estar triste
2	kub (rãm)	Estar escuro
3	rân (rãm)	Estar velho
4	duy (rãm)	Estar sujo
5	mên (rãm)	Ser curto
6	pêg (rãm)	Ser grande
7	ça (rãm)	Ser preto
8	lâk (rãm)	Ser magro
9	çii (rãm)	Ser azedo
10	dep (rãm)	Ser gordo
11	tâaw (rãm)	Estar bravo
12	kas (rãm)	Ser feio
13	muj (rãm)	Ser úmido
14	wê (rãm)	Estar molhado
15	sêj (rãm)	Estar cheio
16	‘wât (rãm)	Ser comprido

Tabela 3.13. Verbos estativos testados

Observamos que os verbos analisados como estativos atributivos e descritivos por Martins (2004), quando usados na sua forma básica, sem o acréscimo de nenhum morfema preso ou livre, comportam-se como adjetivos, isto é, modificam nomes,

contrariando as hipóteses de Martins (2004), que afirma que a forma básica desses sintagmas é a verbal. Nos exemplos (8) e (9) mostramos dois contextos em que o constituinte, analisado por Martins (2004) como verbo, ocorre como adjetivo.

(8) a) **yum mên**
roupa curto
‘A roupa curta’

b) **yun mên nōox**
roupa curto cair
‘A roupa curta caiu’

(9) a) **Dâw xut dep**
gente macho gordo
‘O homem gordo’

b) **Dâw xut dep wuud**
gente macho gordo chegar
‘O homem gordo chegou’

As formas apresentadas em (8a) e (9a) também podem ter uma leitura estativa, como a apresentada abaixo:

(10) **yum mên ø**
roupa curto COP
‘A roupa está/é curta’

(11) **Dâw xut dep ø**
gente macho gordo COP
‘O homem está/é gordo’

Isso ocorre, pois as cópulas ‘ser’ e ‘estar’ em Dâw são vazias, o que pode gerar ambiguidade entre as estruturas nominais (exemplos 8 e 9) e estativas (exemplos 10 e 11). Discutiremos com mais detalhes a diversidade de uso das cópulas com os adjetivos nas próximas seções.

A verbalização desses adjetivos ocorre por meio de uma cópula, a saber, *rām* ‘ir’, que toma como complemento o adjetivo. Assim, como a forma verbal é a forma

marcada, isto é, é aquela que recebe morfologia, analisámo-la como uma derivação da forma não-marcada, ou seja, o adjetivo.

Abaixo, apresentamos alguns exemplos da formação de verbos a partir de adjetivos em Dâw.

- (12) a) **yun mên râm**
roupa curto ficar
‘A roupa encurtou (Lit.: A roupa ficou curta)’
- b) **yun mên râm-êr**
roupa curto ficar-NEG
‘A roupa não encurtou (Lit.: A roupa não ficou curta)’
- (13) a) **Dâw xut dep râm**
gente macho gordo ficar
‘O homem engordou (Lit.: O homem ficou gordo)’
- b) **Dâw xut dep râm-êr**
gente macho gordo ficar-NEG
‘O homem não engordou (Lit.: O homem não ficou gordo)’

A elicitação de sentenças negadas, como mostram (12b) e (13b), objetivou forçar a produção de um predicado verbal, uma vez que o sufixo de negação {-êr} é um afixo verbal que aparece adjacente ao verbo nas sentenças. No entanto, nos dados elicitados, ele também pôde aparecer adjacente ao adjetivo, como vemos abaixo:

- (14) **yun mên-ø-êr**
roupa curto-COP-NEG
‘A roupa não é/está curta’
- (15) **Dâw xut dep-ø-êr**
gente macho gordo-COP-NEG
‘O homem não é/está gordo’

Como discutimos anteriormente, a formação do sintagma adjetival é ambígua, pois pode ter uma leitura estativa, na qual estaria presente uma cópula vazia ‘ser’ ou ‘estar’, como mostramos nos exemplos (10) e (11). Dessa forma, nos ambientes

mostrados acima, o sufixo de negação estaria no domínio da cópula vazia, e não propriamente do adjetivo, por isso que a leitura gerada continua sendo a verbal nos exemplos mostrados anteriormente.

Tendo em vista os padrões morfossintáticos encontrados na elicitación dos verbos estativos atributivos e descritivos, podemos afirmar que as formas apresentadas como predicados verbais por Martins (2004) são adjetivos e essas formas são usadas como predicados apenas quando elas são complemento da cópula *rām* ‘ir’ ou da cópula zero.

Rām ‘ir’ possui uma forma cognata em Hup (língua que também pertence à família Nadahup), a saber, *ham* ‘ir’. Segundo Epps (2005), em Hup, *ham* ‘ir’ pode aparecer como cópula em predicados adjetivais, que não são marcados por morfemas gramaticais. Nessas construções, a cópula teria a função de carregar esses morfemas, como aspecto e tempo, por exemplo. Segundo a autora, a cópula só pode acompanhar um predicado adjetival se esse predicado for nominalizado e realizado na sintaxe como um predicado nominal. A nominalização do predicado adjetival é realizada pelo pronome de terceira pessoa do singular (*tih*), como podemos ver no exemplo abaixo.

- (16) **yi-d’əh yúp tih=páy=d’əh ham-ní-h**
 este.ITG-PL este.ITG 3sg=mau=PL ir-INFR2-DECL
 ‘Estas pessoas tornaram-se más’

(EPPS, 2005: 937)

Assim, acreditamos que em Dâw, *rām* ‘ir’ é uma cópula que toma como complemento um adjetivo. Desse modo, uma construção como *d̥ɥ rām* ‘estar / ser sujo’ possui uma semântica estativa, o que explicaria o fato desse verbo não poder alternar entre as formas causativa e incoativa. Essa questão será aprofundada no capítulo 5.

Assim, divergimos da análise de Martins (2004), que analisa as formas adjetivais sem cópula como predicados verbais. A estrutura predicadora só é formada quando a cópula toma o adjetivo como complemento.

B. Raiz nominal

Também testamos a formação de alguns verbos intransitivos a partir de raízes nominais.

A seguir, apresentamos os verbos intransitivos testados:

Número	Verbo em Dâw	Tradução
1	sux	Esfarelar
2	‘ōot	Chorar
3	çâk	Pular
4	roo’	Tossir
5	‘ô	Rir
6	âaw	Gritar
7	yũmrũ	Cantar
8	yam	Dançar
9	yok	Nadar
10	çâ	Saltar
11	leep	Brilhar
12	xaam	Vomitar
13	bax	Suar
14	bâay	Arrotar
15	baak	Solucar
16	ratĩs	Espirrar

Tabela 3.14: Verbos denominais testados

Foram testados 16 verbos denominais em Dâw. Procuramos identificar a presença de morfologia nos contextos elicitados com o objetivo de identificar o direcionamento da derivação dessas formas, ou seja, se a forma básica é a verbal ou nominal.

Abaixo, apresentamos os dados elicitados dos verbos ‘ōot ‘chorar’ e çâk ‘pular’. Os outros 13 verbos seguem o mesmo padrão morfológico dos três verbos supracitados.

➤ *Construção nominal*

- (17) a) **Dâw tee ‘ōot**
 gente filho choro
 ‘O choro da criança’

- b) **Dâw tee ‘ōot rã**
 gente filho choro parar
 ‘O choro da criança parou’

- (18) a) **pâ çâk**
 sapo pulo
 ‘O pulo do sapo’

- b) **Dâw xut wây pâ çâk**
 gente macho ver sapo pulo
 ‘O homem viu o pulo do sapo’

➤ *Contexto verbal*

- (19) a) **Dâw tee ‘õot-ø**
 gente filho choro-VERB
 ‘A criança chorou’

- b) **Dâw tee ‘õot-ø-ër**
 gente filho choro-VERB-NEG
 ‘A criança não chorou’

- (20) a) **pâ çâk-ø**
 sapo pulo-VERB
 ‘O sapo pula’

- b) **pâ çâk-ø-ër**
 sapo pulo-VERB-NEG
 ‘O sapo não pulou’

Os verbos testados possuem uma forma nominal cognata que possivelmente é a raiz da formação verbal. Não encontramos morfemas verbalizadores nas construções testadas. Conforme veremos adiante com mais detalhes no capítulo 5, acreditamos que a formação desses verbos ocorra via *conflation* (HALLE & KEYSER, 2002:13), um processo sintático no qual a matriz fonológica do complemento de um núcleo verbal é introduzida na matriz fonológica vazia do núcleo que seleciona o complemento. Esses verbos não participam da alternância causativo-incoativa, o que é esperado pela literatura supracitada. Verbos denominais possuem uma estrutura argumental que os impede de alternar livremente entre uma forma causativa e incoativa. Essas e outras questões serão aprofundadas no capítulo 5.

iv) Cópulas de vários tipos

No terceiro trabalho de campo realizado nessa pesquisa, testamos o emprego das cópulas e os sentidos que elas podem ter com os adjetivos em Dâw. Como vimos nas seções anteriores, em Dâw, os verbos deadjetivais são formados por meio de cópulas que tomam como complemento um adjetivo. Dessa forma, testamos o ‘sabor’ que algumas cópulas podem ter na formação desses tipos de verbos.

Os adjetivos testados foram:

Número	Adjetivo em Dâw	Tradução
1	xub-sõk	Triste
2	kub	Escuro
3	rân	Velho
4	duy	Sujar
5	mên	Curto
6	pêg	Grande
7	ça	Preto
8	lâk	Magro
9	çii	Azedo
10	dep	Gordo
11	tâaw	Bravo
12	kas	Feio
13	muj	Úmido
14	wê	Molhado
15	sêj	Cheio
16	‘wât	Comprido

Tabela 3.15. Lista de adjetivos testados

As cópulas testadas:

- i. Estar – *pud; rēd;*
- ii. Ser – *rēd;*
- iii. Ficar – *rām, pitar;*
- iv. Tornar-se – *yelêew;*
- v. Ficar – *rām na;*
- vi. Ficar sempre – *rām ti; we.r*

Os contextos nos quais as cópulas foram elicitadas:

- i. X está sujo, triste, velho;
- ii. X é sujo, triste, velho;
- iii. X ficou sujo, triste, velho;
- iv. X tornou(-se) sujo, triste, velho;

- v. X ficará sujo, triste, velho;
- vi. X fica sempre sujo, triste, velho.

Nesses contextos, as cópulas *estar* e *ser* apresentaram-se como vazias em todas as ocorrências elicitadas.

- (21) **yun duy ø**
 roupa suja COP
 ‘A roupa é/está suja’

- (22) **woor xub-sõk ø**
 tukano triste COP
 ‘O tukano é/está triste’

Em alguns exemplos, as cópulas *pud* ‘estar’ (exemplo 23) e *rêd* ‘ser e estar’ (exemplo 24) atribuíram à sentença a mesma leitura estativa atribuída pelas cópulas vazias. A cópula *rêd*, diferentemente de *pud*, antecede o adjetivo.

- (23) **Tor peg pud**
 porco grande estar
 ‘O porco está grande’

- (24) **Woor rêd dep**
 Tukano ser/estar gordo
 ‘O tukano é/está gordo’

A cópula ‘ficar’ foi realizada na língua como *rãm* em todos os dados elicitados.

- (25) **Dâw xut kas rãm**
 gente macho feio ficar
 ‘O homem ficou feio’

Houve algumas ocorrências da cópula *pitar* nesse mesmo ambiente.

- (26) **Dâw xut tâaw pitar**
 gente macho bravo ficar
 ‘O homem ficou bravo’

A cópula ‘tornar-se’ foi realizada pelo verbo *yelêew*, que na língua também significa ‘transformar-se’.

- (27) **Yun yelêew kub**
 roupa tornar-se escuro

‘A roupa tornou-se escura’

A cópula no tempo futuro ‘ficará’ foi realizada na língua pela composição da cópula *rãm* e o morfema livre que categoriza futuro *nã*, marcador de tempo futuro (Martins, 2004:284). Essa locução também é traduzida pelos informantes como ‘vai estar’.

- (28) **Dâw xut tâaw rãm nã**
 gente macho bravo ficar FUT.E
 ‘O homem vai ficar bravo’

Por fim, a composição temporal ‘ficar sempre’ foi traduzida pelos informantes como *wer* ou pela forma composta *rãm ti*.

- (29) **Weed çii ø wer**
 Comida azeda COP sempre
 ‘A comida fica sempre azeda (Lit.: A comida é sempre azeda)’

- (30) **Yun ça rãm ti**
 Roupa preto ficar sempre
 ‘A roupa fica sempre preta’

A segunda etapa desse teste foi a construção de sentenças intransitivas e transitivas com as cópulas elicítadas acima. Os informantes da língua julgaram a (a)gramaticalidade das sentenças formadas.

O objetivo desse teste foi o de verificar se as cópulas que ocorrem com adjetivos também podem ocorrer com verbos intransitivos e transitivos. As restrições de ocorrência dessas cópulas com esses predicados nos ajudou a distinguir subclasses de verbos intransitivos e a mostrar que os verbos analisados por Martins (2004) como estativos são, de fato, adjetivos na língua.

A seguir, apresentamos os verbos testados:

Número	Verbo em Dâw	Tradução	Classe verbal
1	wĩnh	Trabalhar	Verbo intransitivo
2	rôd	Sair	Verbo intransitivo
3	ãa	Dormir	Verbo intransitivo
4	suuk	Caçar	Verbo intransitivo
5	‘ub	Acordar	Verbo intransitivo
6	wuud	Chegar	Verbo intransitivo
7	xop	Secar	Verbo intransitivo
8	pô	Abrir	Verbo intransitivo
9	tobuk	Fechar	Verbo intransitivo

10	yapilu	Começar	Verbo intransitivo
11	Rõk	Cortar	Verbo transitivo
12	Kâs	Morder	Verbo transitivo
13	Yût	Matar	Verbo transitivo
14	Weed	Comer	Verbo transitivo
15	Ya'	Assar	Verbo transitivo

Tabela 3.16: Verbos intransitivos e transitivos testados com vários tipos de cópulas

Os verbos intransitivos listados do item 1 a 5 pertencem à subclasse dos verbos alternantes, e os verbos listados do item 6 a 10 pertencem à subclasse dos verbos não-alternantes. Apresentamos os resultados dos testes acima descritos com cada cópula elicitada.

➤ **Pud** ‘estar’

Pud gerou sentenças gramaticais com verbos intransitivos e transitivos, todavia em todas as sentenças geradas, *pud* não ocorreu como uma cópula, mas como um advérbio de intensidade que pode denotar ‘muito’ ou ‘mesmo’.

- (31) **Dâw xut wĩnh pud**
 gente macho trabalhar ADV.INT
 ‘O homem trabalha muito’
- (32) **Dâw xut ‘ub pud**
 gente macho acordar ADV.INT
 ‘O homem acorda muito (O homem acorda várias vezes)’
- (33) **Dâw xut rõk pud tor**
 gente macho cortar ADV.INT porco
 ‘O homem cortou mesmo o porco’
- (34) **Yam kâs pud buuy-ũuy’**
 cachorro morder ADV.INT homem branco-MDO
 ‘O cachorro mordeu mesmo o homem branco’

➤ **Rêd** ‘ser’

A presença da cópula *rêd* ‘ser’ antes de predicados verbais intransitivos gerou sentenças agramaticais com todos os verbos testados⁶.

- (35) ***Woor** **rêd** **rôd**
 tukano ser sair
- (36) ***Tir** **rêd** **ãa**
 3PL ser dormir
- (37) ***Dâw xut** **rêd** **yût** **taax**
 gente macho ser matar anta
- (38) ***Dâw xut** **rêd** **weed baa’**
 gente macho ser comer beiju

➤ **Rãm** ‘ir/ficar/ser’

Com alguns verbos intransitivos e transitivos, *rãm* foi empregado com o sentido de ‘ir’, gerando locuções verbais, como as que seguem abaixo:

- (39) **Buuy** **suuk rãm**
 homem branco caçar ir
 ‘O homem branco foi caçar’
- (40) **Dâw xut** **wĩnh** **rãm**
 gente macho trabalhar ir
 ‘O homem foi trabalhar’
- (41) **Dâw xut** **ya’** **rãm** **tor**
 gente macho assar ir porco
 ‘O homem foi assar o porco’

⁶ Nos testes de produção de sentenças, *rêd* foi produzida pelos informantes antes do verbo. Devido a essa característica, nos testes de julgamento de agramaticalidade, construímos sentenças intransitivas e transitivas nas quais a cópula *rêd* antecede o predicado verbal.

A locução verbal foi gerada apenas com uma subclasse de verbos intransitivos, a saber, a subclasse dos verbos não-alternantes e com os verbos transitivos. Com os verbos não alternantes, a inserção de *rām* gerou sentenças incoativas com uma leitura télica.

- (42) **Daad yapilu rām**
 aula começar ir
 ‘A aula já começou’

- (43) **Dâw xut wuud rām**
 gente macho chegar ir/ficar
 ‘O homem chegou/ já chegou’

Esses dados revelam que a inserção de *rām* em sentenças intransitivas distingue subclasses de verbos intransitivos, subclasses já identificadas por meio dos testes de alternância causativo-incoativa. Ou seja, verbos que não alternam formam locuções verbais com *rām* que nesses contextos é um auxiliar cujo significado é ‘ir’. Com verbos que alternam, isso não ocorre e *rām* possui leitura aspectual télica.

Segundo Martins (2004), *rām* é um verbo que deriva marca de aspecto télico que aparece sufixado ao predicado verbal⁷. Como afixo, sua forma é realizada como {-ām}. Para Martins (2004), esse morfema também funciona como verbalizador e derivaria verbos de processo (valência intransitiva), como podemos ver nos exemplos a seguir:

- (44) ‘a-bug tir duu’ puud -ām
 nesse-aí 3SG tarde ser Intensif. -TEL
 ‘Daí, foi entardecendo’

(MARTINS, 2004: 295)

- (45) **tir çêm -ām**
 3SG noite -TEL
 ‘Anoiteceu’

(MARTINS, 2004: 295)

Não analisamos o verbo *rām* como verbalizador de verbos intransitivos, pois, como observamos nos exemplos (46) e (47), os mesmos predicados verbais intransitivos mostrados em (42) e (43) são verbos intransitivos sem a presença de *rām* na sentença, o

⁷ Diferentemente das demais marcas de aspecto, o morfema télico é o único pode ser sufixado ao verbo, segundo Martins (2004).

que refuta a ideia de que *rãm* é responsável pela formação de raízes verbais intransitivas.

- (46) **Daad yapilu**
aula começar
‘A aula começou’

- (47) **Tir wuud**
3PL chegar
‘Ele chegou’

Acreditamos que *rãm* codifica informações aspectuais, como analisado por Martins (2004), todavia, diferentemente da autora, que afirma que o verbo deriva um morfema de aspecto télico, {-ã*m*}; acreditamos que o verbo *rãm*, por si só, pode derivar uma leitura télica.

➤ **Pitar** ‘ficar’

A presença da cópula *pitar* ‘ficar’, diferentemente de *rãm*, gerou sentenças agramaticais com todos os verbos testados.

- (48) ***Dâw xut wuud pitar**
gente macho chegar ficar
- (49) ***Woor rôd pitar**
tukano sair ficar
- (50) ***Yam kâs pitar buuy-ũuy’**
cachorro morder ficar homem branco-MDO

Esse resultado nos mostra que, apesar de serem sinônimas, as cópulas *pitar* e *rãm* apresentam traços estruturais distintos que permitem que cada uma delas ocorra em um ambiente sintático distinto.

➤ **Yelêew** ‘tornar-se’

A presença da cópula *yelêew* ‘tornar-se’ sucedendo predicados verbais intransitivos e transitivos gerou sentenças agramaticais com todos os verbos testados.

- (51) ***Buuy** **suuk yelêew**
homem branco caçar torna-se
- (52) ***Dâw xut ub** **yelêew**
gente macho acordar tornar-se
- (53) ***Dâw xut yût yelêew taax**
gente macho matar tornar-se anta

➤ **Rãm nã** ‘ficará’

Rãm nã gerou sentenças gramaticais com todos os verbos testados. Todavia, diferentemente da leitura gerada com adjetivos, na qual as duas cópulas foram traduzidas como ‘vai ficar’; com verbos intransitivos e transitivos, a cópula *rãm* e o morfema livre de tempo futuro *nã* foram traduzidos apenas como ‘vai’, com o sentido de futuro.

- (54) **Woor rôd rãm nã**
tukano sair ir FUT.E
‘O tukano vai sair’
- (55) **Tir ãa rãm nã**
3PL dormir ir FUT.E
‘Ele vai dormir’
- (56) **Dâw xut weed rãm nã baa’**
gente macho comer ir FUT.E beiju
‘O homem vai comer o beiju’

➤ **Wer** ‘fica sempre’

De forma semelhante ao que foi visto com os adjetivos, com sentenças intransitivas e transitivas, *wer* apresentou-se como um advérbio cujo significado é ‘sempre’. A diferença entre as duas sentenças - sintagmas adjetivais e predicados verbais - encontra-se no fato de que nesta há um verbo pronunciado, e naquela há uma cópula vazia, não pronunciada. Em ambos os casos, no entanto, o advérbio *wer* ‘sempre’ aparece após o verbo (nulo ou não), na última posição da sentença.

- (57) **Tir ãa wer**
 3PL dormir sempre
 ‘Ele sempre dorme’
- (58) **Buuy suuk wer**
 homem branco caçar sempre
 ‘O homem branco sempre caça’
- (59) **Dâw xut ya’ wer tor**
 gente macho assar sempreporco
 ‘O homem sempre assa o porco’

➤ **Rãm ti** ‘ficar sempre’

A composição temporal **rãm ti** ‘ficar sempre’ gerou sentenças gramaticais com todos os verbos testados.

- (60) **Dâw xut wĩnh rãm ti**
 gente macho trabalhar ir sempre
 ‘O homem sempre trabalha’
- (61) **Buuy suuk rãm ti**
 homem branco caçar ir sempre
 ‘O homem branco sempre vai caçar’

- (62) **Dâw xut yût râm ti**
 gente macho matar ir sempre
 ‘O homem sempre vai matar a anta’

As restrições de ocorrência das cópulas e das locuções verbais com os verbos intransitivos e transitivos mostraram-nos que, de fato, os verbos analisados por Martins (2004) como estativos são adjetivos na língua. Como adjetivos, podem ocorrer com todas as cópulas testadas, diferente dos verbos intransitivos e transitivos testados. Isso nos mostra que os adjetivos possuem propriedades distintas das outras classes verbais na língua Dâw, refutando a hipótese de Martins (2004) de que as raízes em questão são verbos estativos.

v) Voz reflexiva

Em Dâw, a voz reflexiva é uma construção transitiva, pois ela exige a presença de dois argumentos correferenciais, isto é, o sujeito e o objeto (pronome reflexivo que se apresenta na sua forma oblíqua). Diante disso, seu uso está restrito a predicados transitivos que possuam ambos os argumentos.

Tendo em vista essa propriedade da voz reflexiva, testamos a possibilidade de alguns verbos intransitivos aparecerem em construções reflexivas, objetivando identificar morfologia que diferencie classes verbais intransitivas e transitivas. Nessa perspectiva, verbos intransitivos não podem formar sentenças reflexivas em Dâw. Assim, verbos que gerarem sentenças reflexivas agramaticais são analisados como predicados basicamente intransitivos.

Na tabela abaixo, apresentamos os verbos intransitivos testados:

Número	Verbo em dâw	Tradução
1	Xop	Secar
2	Bâad	Virar
3	Wâg	Balançar
4	Wuud	Chegar
5	Woox	Quebrar
6	Ox	Correr
7	Wĩnh	Trabalhar
8	Rôd	Sair
9	Râm xô	Andar
10	Suuk	Caçar
11	Yellêw	Transformar-se
12	Çeeb	Mudar

13	ʉb	Acordar
14	Beg	Clarear
15	Rõ	Queimar

Tabela 3.17: Verbos intransitivos testados nas construções reflexivas

Os verbos listados do item 1 a 5 pertencem à subclasse dos verbos alternantes, e os verbos listados do item 6 a 15 pertencem à subclasse dos verbos não-alternantes.

Dos 15 verbos testados, apenas 3 verbos formaram sentenças reflexivas gramaticais, a saber: *xop* ‘secar’, *bâad* ‘virar’ e *wâg* ‘balancear’, todos verbos alternantes. Os outros verbos formaram sentenças reflexivas agramaticais.

(63) **Ãr xop mũnh**
 1PS secar 1PS.OBL
 ‘Eu me sequei’

(64) **Ãr bâad mũnh**
 1PS virar 1PS.OBL
 ‘Eu me virei’

(65) **Ãr wâg mũnh**
 1PS balancear 1PS.OBL
 ‘Eu me balancei’

(66) ***Ãr ox mũnh**
 1PS correr 1PS.OBL

(67) ***Ãr wĩnh mũnh**
 1PS trabalhar 1PS.OBL

Dos doze verbos que formaram sentenças reflexivas agramaticais, seis deles só puderam configurar construções reflexivas gramaticais após serem causativizados pelo causativizador *dôo* ‘fazer’, como podemos ver abaixo:

(68) **Ãr xup dôo rõ mũnh**
 1PS mesmoCAUS queimar 1PS.OBL
 ‘Eu mesmo me fiz queimar’

- (69) **Ãr xup dôo ‘ub mũnh**
 1PS mesmo CAUS acordar 1PS.OBL
 ‘Eu mesmo me fiz acordar’

Os outros seis verbos formaram construções reflexivas agramaticais mesmo após serem causativizados.

- (70) ***Ãr xup dôo beg mũnh**
 1PS mesmoCAUS clarear 1PS.OBL

- (71) ***Ãr xup dôo suuk mũnh**
 1PS mesmoCAUS caçar 1PS.OBL

Acreditamos que os verbos que geraram sentenças agramaticais são de fato verbos intransitivos, pois, como vimos anteriormente, em Dâw, sentenças reflexivas possuem valência transitiva, uma vez que exigem a presença de dois argumentos correferenciais.

Ainda não está claro para nós se os verbos que geraram sentenças gramaticais podem ser considerados verbos basicamente transitivos, pois não é possível saber se esses predicados são basicamente transitivos ou passaram pelo processo de transitivização, uma vez que não há morfologia explícita desse processo de aumento de valência em Dâw.

3.2.2. Classe dos verbos transitivos

Submetemos os verbos de valência transitiva a cinco testes linguísticos.

- i. Apagamento de constituintes;
- ii. Causativização analítica;
- iii. Construção de sentenças:
 - a. Passivas;
 - b. Reflexivas;
 - c. Médias;
 - d. Incoativas.
- iv. Uso de morfologia de objeto – MDO
- v. Cópulas de vários tipos.

Os resultados do teste de uso de cópulas com predicados transitivos já foram discutidos na seção anterior. Os resultados dos testes de redução de valência (passivas, reflexivas, médias e incoativas) são apresentados no capítulo 6. Os resultados do uso de morfologia de objeto são apresentados no capítulo 7.

A seguir, apresentamos os 15 verbos transitivos testados nos três trabalhos de campo realizados:

Número	Verbo em dâw	Tradução
1	Rõk	Cortar
2	Kâs	Morder
3	Yût	Matar
4	Wây	Ver
5	Mûm	Abraçar
6	Çũnh	Beijar
7	Ya'	Assar
8	Xa	Cozinhar
9	Âg	Beber
10	Rê'	Cavar
11	Nee	Fazer
12	Rõoy	Focar
13	'ũum	Bater (genérico)
14	Weed	Comer
15	Paar	Saber

Tabela 3.18: Verbos transitivos testados

Em Dâw, a ordem *default* dos verbos transitivos é SVO. À semelhança das construções intransitivas, não foram identificados morfemas de concordância e modo verbal nos paradigmas verbais testados. Quanto à categorização de tempo dos verbos, o tempo presente não foi marcado morfologicamente (exemplos 72b, 73b, 74b). Em alguns dados, a leitura de pretérito foi dada pelo morfema livre *dâr* (exemplo 74), mas, na maioria das ocorrências, os falantes não distinguiram morfologicamente tempos passado e presente (exemplos 72a, 73a, 74a). O tempo futuro foi marcado pelo morfema livre *nã*, marcador de tempo identificado por Martins (2004) (exemplos 72c, 73c, 74c).

- (72) a) **Yam** **yût** **nũ-ũuy'**
cachorro matar rato-MDO
'O cachorro matou o rato'
- b) **Yam** **yût** **nũ-ũuy'**
cachorro matar rato-MDO
'O cachorro mata o rato'

- c) **Yam yût nã nũ-ũuy'**
cachorro matar FUT.E rato-MDO
'O cachorro vai matar o rato'
- (73) a) **Dâw xut wây pũug**
gente macho ver porco-espinho
'O homem viu o porco-espinho'
- b) **Dâw xut wây pũug**
gente macho ver porco-espinho
'O homem vê o porco-espinho'
- c) **Dâw xut wây nã pũug**
gente macho ver FUT.E porco-espinho
'O homem vai ver o porco-espinho'
- (74) a) **Dâw xut bâa dâr naax**
gente macho derramar PONT/MV água
'O homem derramou água'
- b) **Dâw xut bâa naax**
gente macho derramar água
'O homem derrama água'

➤ Resultados dos testes

i) Apagamento de constituintes

Com relação ao pagamento de um dos argumentos do verbo (sujeito ou objeto), observamos pelos dados elicitados que é possível apagar objetos diretos de predicados verbais transitivos (exemplo 78b e 79b). O apagamento de sujeito gera agramaticalidade à sentença (exemplo 78c e 79c). Disso decorre o fato de que possivelmente Dâw não seja uma língua *pro-drop*, isto é, uma língua que permite sujeito nulo. Todavia, devido

ao comportamento em relação ao apagamento de objetos, pode-se hipotetizar que Dâw é uma língua *objetc-drop*. Contudo, é preciso checar se objetos podem ser apagados de modo geral, ou apenas quando são tópicos.

(75) a) **Yam xu kâs Dâw xut-ũuy'**
cachorro verdadeiro morder gente macho-MDO
'A onça mordeu o homem'

b) **Yam xu kâs**
cachorro verdadeiro morder
'A onça mordeu'

c) ***Kâs dâw xut-ũuy'**
matar gente macho-MDO

(76) a) **Dâw xut yût yam x-ũuy'**
gente macho matar cachorro verdadeiro-MDO
'O homem matou a onça'

b) **Dâw xut yût**
gente macho matar
'O homem matou'

c) ***Yût yam x-ũuy'**
matar cachorro verdadeiro-MDO

O apagamento do sujeito gera uma sentença gramatical apenas quando empregado no modo imperativo.

d) **Yût yam x-ũuy'**
matar cachorro verdadeiro-MDO
Mate a onça!

ii) Causativização analítica

Com relação à causativização com verbos transitivos, todos os verbos testados puderam ser causativizados por *dôo* ‘fazer’, que adicionou ao predicado verbal um terceiro argumento agente ou causa. O sujeito da construção transitiva causativizada passa a ser realizado como objeto após esse processo.

A análise acerca desse processo será discutida com mais detalhes no capítulo 5.

iii) Uso dos morfemas *xâd* e *dâr*

A análise preliminar dos predicados transitivos e intransitivos coletados de Martins (2004) mostrou-nos que verbos transitivos são majoritariamente sucedidos por *dâr*, morfema analisado por Martins (2004) como aspecto pontual (MARTINS, 2004:297); predicados intransitivos, por sua vez, não ocorrem com esse morfema. Estes são sucedidos majoritariamente pelo morfema *xâd*, analisado por Martins (2004) como morfema de aspecto durativo (MARTINS, 2004:296). *Xâd* também é analisado pela autora como verbo intransitivo ‘passar’. Tendo em vista a relação entre o emprego dos morfemas *xâd* e *dâr* e a valência dos predicados verbais, levantamos a seguinte hipótese:

- O uso de *dâr* e *xâd* distingue classes verbais intransitivas e transitivas.

Testamos essa hipótese em trabalho de campo por meio de testes de julgamento de (a)gramaticalidade de sentenças transitivas e intransitivas formadas com ambos os morfemas. É importante salientar que nesse trabalho não testamos as propriedades aspectuais de *dâr* e *xâd*, mas testamos seu emprego em relação à valência verbal. Diante disso, não utilizaremos a nomenclatura morfema de aspecto pontual para *dâr* e morfema de aspecto durativo para *xâd*, conforme é proposto por Martins (2004). Preferimos o termo morfema de valência (MV) para ambos os morfemas. Dessa forma, não estamos assumindo que esses morfemas codifiquem informações aspectuais, mas que codificam informações de valência. Deixaremos para trabalhos posteriores uma discussão pormenorizada sobre a codificação de aspecto envolvendo essas duas marcas.⁸

⁸ Há um trabalho de mestrado sendo desenvolvido sobre os aspectos em Dâw pelo aluno Maurício Oliveira Pires de Carvalho. O trabalho é intitulado ‘O Aspecto Verbal na Língua Dâw’ (trabalho vinculado ao Departamento de Linguística da USP – Programa de Pós-Graduação em Semiótica e Linguística Geral).

Os verbos intransitivos e transitivos testados foram:

Número	Verbo em Dâw	Tradução	Classe verbal
1	ox	Correr	Verbo intransitivo
2	wĩnh	Trabalhar	Verbo intransitivo
3	râm xô	Andar	Verbo intransitivo
4	nõox	Cair	Verbo intransitivo
5	wuud	Chegar	Verbo intransitivo
6	woox	Quebrar	Verbo intransitivo
7	xop	Secar	Verbo intransitivo
8	weed	Comer	Verbo transitivo
9	yût	Matar	Verbo transitivo
10	kâs	Morder	Verbo transitivo
11	wâay	Falar	Verbo transitivo
12	tuk	Querer	Verbo transitivo

Tabela 3.19: Verbos intransitivos e transitivos testados com os aspectos *xâd* e *dâr*

Procuramos selecionar os verbos acima listados de acordo com as propriedades aspectuais lexicais de dois tipos: *propriedade imperfectiva*, isto é, que denota uma ação durativa (verbos apresentados nos itens de 1 a 3, para verbos intransitivos; e item 12 verbo transitivo); e *propriedade perfectiva*, isto é, que denota uma ação pontual (verbos apresentados nos itens de 4 a 11). Essa seleção teve como objetivo verificar se o uso dos morfemas livres *xâd* e *dâr* se deve, além das valências verbais, também às propriedades aspectuais dos verbos selecionados.

Com relação aos verbos intransitivos, a elicitación dos dados mostrou-nos que independentemente da propriedade aspectual do predicado verbal, o uso do morfema *xâd* sempre gera sentenças gramaticais com verbos intransitivos; já o uso de *dâr* sempre forma sentenças agramaticais com verbos intransitivos.

➤ *Propriedade Imperfectiva do verbo*

- (77) **Yam** ‘ox **xâd**
cachorro correr MV
‘O cachorro correu’

- (78) ***Yam** ‘ox **dâr**
cachorro correr MV

(79) **Dâw xut wĩnh xâd**
 gente macho trabalhar MV
 ‘O homem trabalhou’

(80) ***Dâw xut wĩnh dâr**
 gente macho trabalhar MV

➤ *Propriedade perfectiva do verbo*

(81) **Mâw nōox xâd**
 Mamão cair MV
 ‘O mamão caiu’

(82) ***Mâw nōox dâr**
 Mamão cair MV

(83) **Xop woox xâd**
 copo quebrar MV
 ‘O copo quebrou’

(84) ***Xop woox dâr**
 copo quebrar MV

No entanto, quando esses verbos intransitivos são causativizados, a presença de *xâd* passa a formar sentenças agramaticais; e a presença de *dâr*, por outro lado, passa a formar sentenças gramaticais, independentemente das propriedades aspectuais dos verbos, como podemos ver nos exemplos abaixo⁹:

⁹ A única exceção encontrada nos dados foi a sentença causativa formada com o verbo *wuud* ‘chegar’ que teve leitura agramatical tanto na presença de *xâd* quanto na presença de *dâr*.

i) ***Dâw xut dōo wuud xâd tor-ũuy’**
 gente macho CAUS chegar MV porco-MDO

ii) ***Dâw xut dōo wuud dâr tor-ũuy’**
 gente macho CAUS chegar MV porco-MDO

➤ *Propriedade Imperfectiva do verbo*

- (85) ***Dâw xut dōo ‘ox xâd yam**
 gente macho CAUS correr MV cachorro
- (86) **Dâw xut dōo ‘ox dâr yam**
 gente macho CAUS correr MV cachorro
 ‘O homem fez o cachorro correr’
- (87) ***Dâw ây dōo wīnh xâd dâw xut**
 gente fêmea CAUS trabalhar MV gente macho
- (88) **Dâw ây dōo wīnh dâr dâw xut**
 gente fêmea CAUS trabalhar MV gente macho
 ‘A mulher fez o homem trabalhar’

➤ *Propriedade perfectiva do verbo*

- (89) ***Dâw xut dōo nōox xâd mâw**
 gente macho CAUS cair MV mamão
- (90) **Dâw xut dōo nōox dâr mâw**
 gente macho CAUS cair MV mamão
 ‘O homem fez o mamão cair’
- (91) ***Dâw xut dōo wōox xâd xop**
 gente macho CAUS quebrar MV copo
- (92) **Dâw xut dōo wōox dâr xop**
 gente macho CAUS quebrar MV copo
 ‘O homem fez o copo quebrar’

Com relação aos verbos transitivos, observamos que sentenças cujo verbo possui propriedades perfectivas são agramaticais diante do uso de *xâd* e gramaticais diante do uso de *dâr*. O único verbo transitivo testado nessa pesquisa de propriedade imperfectiva (*tuk* ‘querer’) formou sentenças agramaticais com as duas marcas supracitadas.

➤ *Propriedade imperfectiva do verbo*

(93) ***Dâw ây tuk xâd baa'**
 gente fêmea querer MV beiju

(94) ***Dâw ây tuk dâr baa'**
 gente fêmea querer MV beiju

➤ *Propriedade perfectiva do verbo*

(95) ***Yam yūt xâd nū**
 cachorro matar MV rato

(96) **Yam yūt dâr nū**
 cachorro matar MV rato
 'O cachorro matou o rato'

(97) ***Yam kâs xâd buuy-ũuy'**
 Cachorro morder MV homem branco-MDO

(98) **Yam kâs dâr buuy-ũuy'**
 cachorro morder MV homem branco-MDO
 'O cachorro mordeu o homem branco'

É necessário verificar outros verbos transitivos com propriedades imperfectivas para ter um resultado mais claro quanto à propriedade do uso de *xâd* e *dâr* nesses ambientes, ou seja, se a agramaticalidade gerada é uma propriedade do verbo ou da classe verbal.

Sentenças transitivas com *xâd* podem ser gramaticais, caso ele esteja sendo usado como verbo 'passar'.

(99) **Yam yūt xâd nū**
 cachorro matar passar rato
 'O cachorro passou matando o rato'

- (100) **Yam** **kâs** **xâd** **buuy-ũuy'**
 Cachorro morder passar homem branco-MDO
 ‘O cachorro passou mordendo o homem branco’

Assim, percebemos que o uso dos morfemas livres *dâr* e *xâd* está relacionado às valências verbais dos verbos em Dâw, o que corrobora nossa hipótese inicial de que o uso dos morfemas supracitados distingue classes verbais intransitivas e transitivas. Assim, *dâr* é empregado com predicados verbais transitivos e *xâd* é empregado com predicados verbais intransitivos.

3.2.3. Classe dos verbos bitransitivos

Submetemos os verbos de valência bitransitiva a três testes:

- i. Reconhecimento de predicados bitransitivos;
- ii. Produção de predicados bitransitivos
- iii. Apagamento de constituintes;

Segundo Martins (2004), há em Dâw cinco verbos bitransitivos:

Número	Verbos em Dâw	Tradução
1	não	Dar
2	buy	Jogar
3	yõor	Passar remédio
4	yug	Fazer vinho
5	w'oob	Pôr em cima

Tabela 3.20: Verbos bitransitivos testados

Submetemos esses verbos a dois tipos de testes: reconhecimento de predicados bitransitivos e produção de predicados bitransitivos.

Os resultados dos testes mostraram-nos que os falantes da língua reconhecem apenas o verbo *não* ‘dar’ como verbo bitransitivo. Os outros verbos identificados por Martins (2004) são reconhecidos pelos falantes como:

- i) Predicados transitivos com traduções diferentes das apresentadas por pela autora: *buy* ‘derrubar’ (exemplo 101);
- ii) Sintagmas nominais: *yõor* ‘remédio’ (exemplo 102), *yug* ‘vinho’ (exemplo 103);
- iii) Posposições: *wôob* ‘em cima de’ (exemplo 104).

- (101) **Mũnh buy dâr ray nô¹⁰**
 1PS.OBL derrubar MV sorva maduro
 ‘Derrube para mim sorva¹¹ madura!’

- (102) **Ãr dak dâw tee rêd yoor**
 1PS colocargente filho em remédio
 ‘Eu coloquei remédio na criança’

- (103) **Ãr nee nêeg yug dâw xut-ũuy’**
 1PS fazer mel vinho gente macho-MDO
 ‘Eu fiz vinho de mel para o homem’

- (104) **Tir rōk wōob dâr mân baak mũux**
 3PS cortar em cima de MV inajá cacho curupira

wâ¹²

em cima

‘Ele cortou em cima do curupira cacho de inajá’

Dessa forma, o único verbo que realmente predica três argumentos em Dâw, e que até o momento foi reconhecido no trabalho de campo elaborado por nós, é o verbo *nōo* ‘dar’.

Com relação ao verbo *nōo* ‘dar’, a sua ordem *default* é S V OD OI. Não foram identificados morfemas de concordância e modo verbal nos paradigmas verbais testados, do mesmo modo como vimos com as construções intransitivas e transitivas.

- (105) **Woor nōo weed dâw xut-ũuy’**
 tukano dar comida gente macho-MDO
 ‘O tukano deu comida para o homem’

Submetemos o verbo *nōo* ‘dar’ ao teste de apagamento de constituintes. Na próxima seção, apresentamos os resultados desse teste.

¹⁰ Sentença retirada de Martins (2004) e traduzida pelo informante.

¹¹ Fruto da sorveira (Dicionário *Houaiss*).

¹² Sentença retirada de Martins (2004) e traduzida pelo informante.

➤ **Resultado do teste**

i) Apagamento de constituintes

Com relação ao apagamento dos argumentos do verbo (sujeito, objeto direto ou objeto indireto), observamos, pelos dados elicitados, que é possível apagar o sujeito, gerando uma leitura de sentença imperativa, de modo semelhante ao visto com sentenças transitivas (exemplo 106). Também é possível apagar objetos diretos (exemplo 107), todavia não é possível apagar objetos indiretos (exemplo 108).

- (106) **Nõo weed dâw xut-ũuy'**
dar comida gente macho-MDO
'Dê comida para o homem!'

- (107) **Woor nõo dâw xut-ũuy'**
tukano dar gente macho-MDO
'O tukano deu para o homem'

- (108) ***woor nõo weed**
tukano dar comida
'O tukano deu comida'

3.3. Síntese do capítulo

Nesse capítulo, apresentamos a proposta de reclassificação das classes verbais da língua Dâw. Martins (2004) classifica os verbos em Dâw em nove classes verbais, a saber: verbo ativo intransitivo, verbo ativo transitivo, verbo ativo bitransitivo, verbo de processo, verbo estativo equativo identificacional, verbo estativo equativo existencial, verbo estativo descritivo atributivo, verbo estativo descritivo qualificativo e verbo estativo descritivo posicional. Por meio de testes linguísticos variados, incluindo alternância de valência e julgamento de (a)gramaticalidade, mostramos que é possível simplificar essa classificação de Martins (2004) e reagrupar esses verbos em três classes verbais de acordo com a valência do verbo: *classe dos verbos intransitivos* (verbo ativo intransitivo, verbo de processo, verbo estativo equativo identificacional, verbo estativo equativo existencial, verbo estativo descritivo atributivo, verbo estativo descritivo

qualificativo e verbo estativo descritivo posicional); *classe dos verbos transitivos* (verbo ativo transitivo); e *classe dos verbos bitransitivos* (verbo *não* ‘dar’).

Cada classe verbal apresentada mostrou padrões sintáticos e morfológicos específicos que nos possibilitou realizar essa reclassificação. De modo geral, os verbos intransitivo, de processo, estativo equativo (e suas subclasses) e estativo descritivo (e suas subclasses), analisados nesse trabalho como verbos intransitivos, não podem ser predicados de sentenças reflexivas e não ocorrem com o morfema *dâr*, mas ocorrem com *xâd*. Ainda dentro dessa classe, é possível identificar subclasse de verbos alternantes – isto é, que alternam livremente entre uma forma incoativa e causativa – e verbos não-alternantes. Além disso, identificamos que os predicados analisados por Martins (2004) como verbos estativos descritivos são adjetivos na língua. A verbalização do sintagma adjetival ocorre por meio de uma cópula (*râm* ‘ir’) que toma como complemento o adjetivo. Todos os verbos podem ser causativizados por *dôo* ‘fazer’.

Os verbos transitivos (ativos transitivos na classificação de Martins, 2004) podem formar sentenças reflexivas, ocorrem com o morfema *dâr*, mas não ocorrem com *xâd*. Eles podem ser causativizados por *dôo* ‘fazer’. Apenas o argumento objeto pode ser removido da sentença sem gerar agramaticalidade. A remoção do sujeito ocorre somente se o modo da sentença for imperativo.

O único verbo bitransitivo em Dâw encontrado nesse trabalho foi o verbo *não* ‘dar’, que ocorre com mais de dois argumentos na sentença; o seu objeto direto pode ser removido, mas não seu objeto indireto. Sujeitos só podem ser removidos se configurarem sentenças imperativas. Esse verbo não pode ser causativizado por *dôo*. Os outros verbos bitransitivos apresentados em Martins (2004) não foram identificados e nem produzidos pelos falantes testados.

Capítulo 4: O sistema tonal da língua Dâw

4.0. Introdução

Neste capítulo, discutimos o sistema tonal da língua Dâw. A abordagem desse tópico é importante nesta dissertação uma vez que as abordagens anteriores (Martins, 2004; Martins, 2005), acerca dos processos de mudança de valência em Dâw, afirmam que há, na língua em estudo, morfemas tonais responsáveis pelo aumento e diminuição de valência dos verbos.

Durante nossa pesquisa, em um primeiro momento, analisamos o processo de transitivização e o sistema tonal de sentenças intransitivas e transitivizadas. Testamos 24 verbos intransitivos em dois tipos sentencias: a sentença intransitiva ou incoativa, e a sentença transitiva ou causativa com a manipulação de contextos tonais específicos. A análise dos dados coletados mostrou-nos que o sistema tonal em Dâw é previsível na sentença. Assim, em nível prosódico, os itens lexicais que compõem as sentenças são divididos em frases fonológicas com núcleo à direita. Estas são formadas por no mínimo duas e no máximo três sílabas, às quais são associadas previsivelmente melodias tonais (L ‘H) e (L L ‘H).

Diante dessas descobertas, vimos como necessária a reavaliação dos processos gramaticais como a transitivização e intransitivização que, a nosso ver, não condicionam mudanças tonais dos verbos, mas decorrem de um padrão tonal previsível.

Na seção 4.1, apresentamos uma breve discussão acerca da análise de Martins (2004) sobre o sistema tonal da língua Dâw; na seção 4.2, apresentamos uma discussão acerca dos processos de transitivização por meio de morfema tonal descendente; na seção 4.3, apresentamos uma discussão sobre os processos de intransitivização por apagamento tonal do verbo; na seção 4.4, apresentamos a análise original de Storto, Costa e Andrade (*manuscrito*) sobre o sistema tonal dos itens lexicais em nível sentencial e a repercussão dessa análise para o entendimento dos processos de transitivização e intransitivização. Por fim, na seção 4.5, fazemos uma síntese do que foi discutido ao longo do capítulo.

4.1. O sistema tonal da língua Dâw segundo Martins (2004)

Segundo Martins (2004), na língua Dâw, observa-se a ocorrência de dois tons distintos: o descendente ($\widehat{HL}$), e o ascendente ($\widehat{LH}$), ambos tons de contorno. O emprego desses tons pode distinguir o significado de palavras cujos segmentos fonológicos são idênticos, o que caracterizaria essa língua como tonal. Observemos, por exemplo, três pares mínimos apresentados por Martins (2004). Segundo a autora, o único traço que diferencia essas palavras são os tons. Assim, em (1a) não há tom (tom zero), em (1b) há a ocorrência de tom descendente ($\widehat{HL}$) e (1c), de tom ascendente ($\widehat{LH}$).

- (1) a) [mãj] – pagamento
 b) [mã̌j] – buraco
 c) [mǎ̌j] – muito

(MARTINS, 2004:79)

Para Martins (2004), a realização de tons ascendente e descendente implica o alongamento da vogal na qual o tom recai. Todavia, após análise dos dados coletados em trabalho de campo, ainda não está claro para nós se, de fato, é o tom que prolonga a vogal, ou se é o prolongamento que condiciona a percepção de *pitch* elevado da sílaba.

Segundo a autora, as variações tonais nos lexemas estão condicionadas por algumas restrições fonotáticas da língua, como padrão silábico e sonoridade da coda da sílaba. Por exemplo, o tom descendente ocorreria obrigatoriamente em monossílabos CV e na maioria dos monossílabos CVC com coda sonora. Segundo Martins (2004), em 70% dos monossílabos CVC com coda sonora em que o tom está presente, é observada a ocorrência de tom descendente, sendo que os 30% restantes têm padrão tonal ascendente. Tons descendentes nunca ocorreriam com monossílabos CVC com coda surda, os quais, por sua vez, só ocorrem com tom ascendente. Sufixos que têm o padrão silábico –VC podem ocorrer tanto com tom descendente quanto ascendente ou atonal. O tom zero, ou a ausência de tom, segundo a autora, pode ocorrer com todos os tipos de sílabas, isto é: CVC, CV e –VC. No entanto, quando uma palavra CV é atonal, ocorre previsivelmente a epêntese de uma fricativa glotal.

De acordo com Martins (2004), uma palavra pode apresentar um ou mais de um tom, de acordo com a sua estrutura silábica. Palavras dissilábicas (estrutura pouco comum em Dâw) teriam dois tons, um para cada sílaba da palavra, enquanto palavras monossilábicas apresentariam um único tom pronunciado no núcleo da sílaba, isto é, a

vogal. A autora afirma que a sílaba que comporta o tom também é acentuada e sempre ocupa a última posição da palavra.

Segundo Martins (2004), diferentemente de palavras dissilábicas, as palavras compostas por mais de um lexema apresentam um único tom em toda a composição. De acordo com a autora, o acento e o tom recaem na última sílaba da palavra composta e o item lexical da composição que ocupa a posição tônica obedece a um dos dois padrões seguintes: se for uma palavra atonal em isolamento, adquire tom (a realização de ascendente ou descendente vai depender da sonoridade da coda); se for uma palavra tonal (ascendente ou descendente), preservará seu tom. Por outro lado, o item lexical da composição que ocupa a posição átona perde seu tom lexical¹.

Desse modo, uma palavra composta como [mʔéh-háh] ‘sereno’ é formada pela junção de duas palavras: [mʔéh] ‘estrela’ e [háh] ‘saliva’. Cada uma dessas palavras possui tom ascendente em isolamento. Todavia, ao se comporem para formar uma única palavra, o item lexical em posição átona ([mʔéh] ‘estrela’) perde seu tom próprio, e o item lexical em posição tônica (háh ‘saliva’) preserva seu tom.

Segundo Martins (2004), o tom em Dâw, além de ter funções lexicais, também funcionaria como um morfema na língua, sendo empregado em contextos gramaticais específicos, como transitivização (morfema tonal descendente), intransitivização (tom zero), entre outras funções. No entanto, a análise de dados originais coletados em trabalho de campo acerca dos processos de transitivização e intransitivização mostrou-nos que a ocorrência de tom descendente ou zero está condicionada por padrões tonais específicos das sílabas das palavras que compõem frases e sintagmas.

4.2. O processo de transitivização segundo Martins (2004)

Segundo Martins (2004), o processo de transitivização estaria relacionado às mudanças tonais do verbo, ou seja, verbos intransitivos podem ser transitivizados por meio do tom descendente (HL)², que integrado aos verbos CVC com coda desvozeada,

¹ Os lexemas tonais que dão origem à palavra composta, quando ocupam a posição átona na palavra, por regra, perdem seus tons lexicais, enquanto os que ocupam a posição de sílaba tônica, geralmente têm seus tons preservados. Ainda, morfemas atonais, quando ocupam a posição de sílaba tônica na palavra composta, podem adquirir tom (...) (MARTINS, 2004: 89).

² Lembramos o leitor que, na ortografia Dâw, o tom é marcado pela duplicação da vogal na qual ele é pronunciado. Veja mais detalhes na seção 1.1.3 do capítulo 1.

realiza-se como ascendente, pois palavras com coda surda não podem ter tom descendente (só ascendente ou neutro).

Exemplo:

- (2) a) **tir sâ'-baax yêť xa**
 2SG paneiro estar no chão estar agachado
 'O paneiro dele está jogado no chão'
- b) **tir yêť dâr tir sâ'-baax**
 3SG estar no chão:TRANV PONT 3SG paneiro
 'Ele pôs o paneiro deitado no chão'

(MARTINS, 2004: 232)

Segundo Martins (2004), no exemplo apresentado em (2a), o verbo estativo *yêť* 'estar no chão' projeta apenas um argumento, o DP *tir sâ'-baax* 'paneiro dele'. Em (2b), com o acréscimo do morfema tonal transitivizador, o predicado transitivizado *yêť* 'estar no chão' passaria a projetar, além do DP objeto *tir sâ'-baax* 'paneiro dele', um argumento agente, o sujeito pronominal *tir* 'ele'.

Exemplo:

- (3) a) **çuww tâag tũm'**
 pupunha caule ser reto e cilíndrico
 'O caule da pupunha é reto e cilíndrico'
- b) **Dâw-ãay tũm tir yuun**
 gente-fêmea ser reto e cilíndrico:TRANV 3SG roupa
 'A mulher faz o pano dela ser reto e cilíndrico'
 ('A mulher costura a roupa dela')

(MARTINS, 2004: 229)

De acordo com Martins (2004), no exemplo apresentado em (3a), o verbo intransitivo *tũm'* 'ser reto e cilíndrico' possui apenas um argumento: *çuww tâag* 'caule da pupunha'. Após a sua transitivização via morfema tonal, em (3b), o verbo transitivizador *tũm* 'ser reto e cilíndrico' passa a projetar dois argumentos: um sujeito agente *dâw-ãay* 'mulher' e o DP objeto *tir yuun* 'roupa dela'.

4.3. O processo de intransitivização segundo Martins (2004)

No que se refere à intransitivização, Martins (2004) afirma que esse processo também ocorre por meio de mudança tonal. Verbos transitivos passam por intransitivização por meio do apagamento do seu tom lexical. Segundo a autora: “o processo de intransitivização consiste no apagamento do tom lexical de verbos transitivos ativos, decresce o grau de dinamicidade desses verbos e aproxima-os dos verbos de processo” (MARTINS, 2004: 234).

Exemplo:

- (4) a) **‘ãr ceep doo’ yum**
 1SG arrebenatar Mov³ cipó
 ‘Eu arrebenatei o cipó’
- b) **Yum cep xâd**
 cipó arrebenatar:INTRV DUR
 ‘O cipó arrebenatou’

(MARTINS, 2004:674)

No exemplo (4a), vemos o verbo transitivo *ceep* ‘arrebenatar’ em uma sentença assertiva de ordem SVO. Em (4b), observamos a ocorrência do mesmo verbo em uma construção intransitiva, na qual, a partir do apagamento do morfema descendente tonal (*cep*), o verbo tem seu número de argumentos reduzido, fazendo com que o verbo transitivo passe a intransitivo. A versão intransitiva desse verbo possui apenas um argumento, a saber, *yum* ‘cipó’; diferentemente da versão transitiva do verbo que possui dois argumentos, *‘ãr* ‘eu’ e *yum* ‘cipó’.

O mesmo processo de apagamento tonal, segundo a autora, pode formar orações médias em Dâw, nas quais o sujeito e o objeto são correferenciais. Nessas construções, o evento verbal ocorre sem a intervenção de um sujeito agente, pois tal evento se dá de modo natural, sem intervenção exterior.

Exemplo:

- (5) a) **‘ãr lood dâr mũnh**
 1SG descascar PONT 1SG.OBL
 ‘Eu me descasquei’

³ Verbo movimentar (glosa de Martins 2004).

- b) ‘ār lod rām yu’ xad
 1SG descascar:INTRV ir estar quente por causa de
 ‘Eu descasquei por causa do sol’

(MARTINS, 2004:674)

4.4. O sistema tonal da língua Dâw (STORTO, COSTA E ANDRADE, em elaboração)

No trabalho de campo realizado no mês de julho de 2013, testamos o padrão tonal de palavras em isolamento (conforme descrito por Martins, 2004) em três tipos de construções: sentenças intransitivas, transitivizadas⁴ e causativizadas⁵. Foram testados 25 verbos intransitivos, nesses três tipos de construções. No total, elicitamos 350 sentenças declarativas, cada uma das quais foi gravada três vezes.

Na tabela abaixo, apresentamos os verbos intransitivos testados:

Número	Verbo	Tradução	Tom segundo Martins (2004)
1	wuud	Chegar	Descendente
2	baad	Virar	Descendente
3	‘eed	Virar	Descendente
4	bâr	Derramar	Atonal
5	pêt	Quebrar	Atonal
6	xop	Secar	Atonal
7	pô	Abrir	Atonal
8	baax	Aparecer	Ascendente
9	kũm	Afundar	Atonal
10	‘ox	Correr	Atonal
11	rôd	Sair	Atonal
12	‘ãa	Dormir	Atonal
13	suuk	Caçar	Ascendente
14	yelêew	Transformar-se	Ascendente
15	kog’õogn	Desmaiar	Ascendente
16	pôw’	Boiar	Atonal
17	pêg-saak	Crescer	Atonal-Ascendente
18	bâay	Arrotar	Descendente
19	çeeb	Mudar(-se)	Descendente
20	‘ub	Acordar	Atonal

⁴ Transitivização é um processo de formação de verbos transitivos a partir de uma raiz verbal intransitiva, de uma raiz não verbal ou acategorial.

⁵ A causativização é um processo no qual é adicionado ao predicado verbal um argumento agente ou causa, por meio da inserção de um auxiliar causativo, aumentando a valência do verbo.

21	beg	Clarear	Atonal
22	rõ	Queimar	Atonal
23	çom	Banhar(-se)	Atonal
24	wĩnh	Trabalhar	Atonal
25	nõx	Cair	Atonal

Tabela 4.0: Verbos intransitivos testados

A metodologia utilizada em nossa pesquisa foi a eliciação de sentenças intransitivas e transitivizadas em Dâw com a manipulação de contextos tonais específicos. Embasamo-nos na tonologia dos elementos como descrito em Martins (2004) e Martins (2005) para compor as sentenças elicítadas⁶. Observamos o comportamento do padrão tonal de itens lexicais a partir da produção de sentenças em Dâw, baseadas na tradução de sentenças em português. Os itens lexicais que compuseram as sentenças foram escolhidos previamente de acordo com os seus tons em isolamento.

i) Elicitação de sentenças intransitivas

As sentenças intransitivas em Dâw são formadas por sujeito + verbo.

Exemplo:

a) *Sujeito + Verbo*

(6) **Bee pêt**
pau quebrar
‘O pau quebrou’

O protocolo de eliciação das sentenças intransitivas foi composto por três contextos tonais, de acordo com o tom do verbo da sentença: atonal, ascendente e descendente. Em cada contexto formado, montamos ambientes nos quais o sujeito (atonal, descendente ou ascendente) pudesse se compor com os verbos atonais, de tom ascendente e descendente.

Apresentamos, a seguir, o protocolo de eliciação das sentenças intransitivas:

⁶ Com relação à tonologia dos elementos escolhidos, observamos com a eliciação dos dados que dois dos verbos atonais escolhidos para compor os testes, a saber, ‘*ã*’ ‘dormir’ e ‘*bâr*’ ‘derramar’, possuem tom ascendente em isolamento. Desse modo, discordamos das análises de Martins (2004) e Martins (2005) que afirmam que esses verbos são atonais. Em nosso trabalho, analisamos o verbo ‘dormir’ e ‘derramar’, em Dâw, como um verbo cujo tom é ascendente e passamos a registrá-lo com a seguinte ortografia: ‘*ãa* e *bâar*’, o que mostra que essas palavras são tonais (palavras tonais são registradas com o duplicamento da vogal sob a qual o tom recai).

<i>Sujeito + Verbo intransitivo</i>		
Contexto tonal Atonal	Contexto tonal Ascendente	Contexto tonal Descendente
S atonal + V atonal	S atonal + V ascendente	S atonal + V descendente
S ascendente + V atonal	S ascendente+ V ascendente	S descendente+ V descendente
S descendente + V atonal	S descendente + V ascendente	S ascendente + V descendente

Tabela 4.1: Protocolo de eliciação de sentenças intransitivas

ii) Elicitação de sentenças transitivizadas

As sentenças transitivizadas em Dâw são formadas por sujeito (NP) + verbo (V) + objeto (NP).

Exemplo:

b) *Sujeito + Verbo + Objeto*

- (7) **Tir** **pêt** **bee-ñuy'**
 3PS quebrar pau-MDO
 'Ele quebrou o pau'

Já as sentenças causativizadas possuem a seguinte forma: sujeito (NP) + CAUS (dô) + verbo (V) + objeto (NP)

Exemplo:

c) *Sujeito + causativizador + verbo + objeto*

- (8) **Tir** **dô** **pêt** **bee-ñuy'**
 3PS CAUS quebrar pau-MDO
 'Ele quebrou o pau/Ele fez o pau quebrar'

O protocolo de eliciação das sentenças transitivas e causativizadas foi composto por três contextos tonais, baseados no tom do verbo da sentença: atonal, ascendente e descendente. Em cada contexto formado, compusemos ambientes nos quais tanto o sujeito (atonal, descendente ou ascendente) quanto o objeto (atonal, descendente ou ascendente) pudessem se compor com verbos atonais, de tom ascendente e descendente. Foram testadas todas as possibilidades de composição tonal entre os três elementos da sentença, isto é: sujeito, verbo e objeto.

Apresentamos, a seguir, o protocolo de eliciação das sentenças transitivizadas e causativizadas:

Nome + Verbo transitivizado e causativizado		
Contexto tonal Atonal	Contexto tonal Ascendente	Contexto tonal Descendente
S atonal + (dôo) +V atonal + O atonal	S atonal + (dôo) +V ascendente + O atonal	S atonal + (dôo) +V descendente + O atonal
S atonal + (dôo) +V atonal + O ascendente	S atonal + (dôo) +V ascendente + O ascendente	S atonal + (dôo) +V descendente + O ascendente
S atonal + (dôo) +V atonal + O descendente	S atonal + (dôo) +V ascendente + O descendente	S atonal + (dôo) +V descendente + O descendente
S ascendente + (dôo) +V atonal + O atonal	S ascendente + (dôo) +V ascendente + O atonal	S ascendente + (dôo) +V descendente + O atonal
S ascendente + (dôo) +V atonal + O ascendente	S ascendente + (dôo) +V ascendente + O ascendente	S ascendente + (dôo) +V descendente + O ascendente
S ascendente + (dôo) +V atonal + O descendente	S ascendente + (dôo) +V ascendente + O descendente	S ascendente + (dôo) +V descendente + O descendente
S descendente + (dôo) +V atonal + O atonal	S descendente + (dôo) +V ascendente + O atonal	S descendente + (dôo) +V descendente + O atonal
S descendente + (dôo) +V atonal + O ascendente	S descendente + (dôo) +V ascendente + O ascendente	S descendente + (dôo) +V descendente + O ascendente
S descendente + (dôo) +V atonal + O descendente	S descendente + (dôo) +V ascendente + O descendente	S descendente + (dôo) +V descendente + O descendente

Tabela 4.2. Protocolo de eliciação de sentenças transitivizadas e causativizadas

A análise original dos dados apresentada nesta dissertação está presente em Storto, Costa e Andrade (*em elaboração*). Nesse trabalho, percebemos que em nível sentencial, a língua Dâw não apresenta apenas tons de contorno, conforme analisa Martins (2004), mas também encontramos ocorrências de tom alto (H) e baixo (L).

As sílabas das palavras que formam as sentenças são organizadas em frases fonológicas (um nível da hierarquia prosódica, Nespor & Vogel 1986). Essas frases são formadas por duas ou três sílabas às quais se associam tons previsíveis presentes nos três tipos de sentenças estudadas: intransitivas, transitivizadas e causativizadas.

As frases fonológicas têm seus núcleos à direita e a sílaba (unidade da frase fonológica) carrega um tom que pode ser baixo (L), alto (H), ou de contorno - ($\widehat{LH}$) ou ($\widehat{HL}$). A última sílaba da frase fonológica, que também é a sílaba acentuada (o núcleo da frase fonológica), é pronunciada com tom alto (H) (ou com tom de contorno ($\widehat{HL}$) se for

uma sílaba tonal no léxico). As outras sílabas da frase são pronunciadas com tom baixo (L). Como os itens lexicais em Dâw são majoritariamente monossilábicos, frequentemente cada item lexical em Dâw recebe um único tom. O padrão (LH) só é encontrado no início de um enunciado, atrelado a uma palavra fonológica não fraseada.

A seguir, apresentamos um quadro síntese dos padrões tonais encontrados em todos os ambientes estudados (intransitivas, transitivizadas e causativizadas por *dôo*)

	Padrão tonal	Exemplos
2 sílabas/ tons por sentença	(L'H)	Tir 'ox (L H) Ele correu
	(L'HL)	Tir 'ãa (L HL) Ele dormiu
	(LH 'H)	Buuy rôd (LH H) O homem branco saiu
	(LH 'HL)	pũug 'ãa (LH HL) O porco-espinho dormiu
3 sílabas/ tons por sentença	(L L'H)	Tir kog'õogn (L L H) Ele desmaiou
	(L'H) L	woor xop yun (L H) L O tukano secou a roupa
	(L'HL) L	Tir baad yoor (L HL) L Ele virou o remédio
	(L'H) H	Tir xop paa' (L H) H Ele secou o ombro
4 sílabas/ tons por sentença	(L'H)(L'H)	Woor baad tir nũr (L H) (L H) O tukano virou a cabeça
	(L'H)(L'HL)	Tir wũud woor-ũuy' (L H) (L HL) Ele fez o tukano chegar
	(L L'H)L	Woor dôo xop yun (L L H) L O tukano secou a roupa
	(L L'H)H	buuy dôo xop paa (L L H) (H) O homem branco secou o ombro
	(L L'H)HL	Woor dôo 'ũb pũug (L L 'H) HL O tukano fez o porco-espinho acordar
5 sílabas/ tons por sentença	(L L H) (L H)	Tir dôo nõx dâr yun (L L' H) (L 'H) Ele fez a roupa cair

	(L L'H) (L'HL)	Tir dōo 'ox woor-ũuy' (L L H) (L HL) Ele fez o tukano correr
	(L L'H)(LH 'HL)	Tir dōo ɕeeb buuy-ũuy' (L L H) (LH HL) Ele fez o homem branco mudar
	(L L'HL)(L'HL)	Tir dōo 'ãa buuy-ũuy' (L L HL) (L HL) Ele fez o homem branco dormir
	LH (L'H)(L'HL)	Buuy dōo 'ɸb tir-ũuy' LH (L 'H) (L 'HL) O homem branco fez ele acordar
	LH (L'HL)(L'HL)	Buuy dōo 'ãa tir-ũuy' LH (L HL) (L HL) O homem branco fez ele dormir
	L (L'H)(L'HL)	woor dōo 'ɸb tir-ũuy' L (L 'H) (L 'HL) O homem branco fez ele acordar
	(L'H) (L L'H)	tir pô dâr top yôor (L H) (L L H) Ele abriu a porta
6 sílabas/ tons por sentença	(L'H)(L'H)(L'H)	Dâw xut dōo baad tir nũr (L H) (L H) (L H) O homem virou a cabeça
	(L'H)(L'H)(L'HL)	Dâw xut dōo 'ãa tir-ũuy' (L H) (L H) (L HL) O homem fez ele dormir
	L(L L'HL)(L'HL)	woor dōo kog'õogn taax-ũuy' L (L L HL) (L HL) O tukano fez a anta desmaiar
	LH(L L'HL)(L'HL)	Buuy dōo ye(lêew) tir-ũuy' LH (L L 'HL) (L'HL) O homem branco fez ele se transformar
	L(L'H)(L L'HL)	Tir dōo xop dâw tee-ũuy' L (L 'H) (L L 'HL) Ele fez a criança secar
7 sílabas/ tons por sentença	(L 'H) (L L' H)(L'HL)	Dâw xut dōo kog'õogn tir-ũuy' (L H) (L L H) (L HL) O homem fez ele desmaiar
	(L'H)(L L 'HL) (L'HL)	Dâw xut dōo(ye)lêew tir-ũuy' (L H) (L L HL) (L HL) O homem fez ele se transformar
	(L'H) (L'H) (L L'HL)	Dâw 'ây dōo ɕom dâw tee-ũuy' (L H) (L H) (L L HL) A mulher fez a criança banhar

Tabela 4.3. Padrões tonais no nível da sentença (Storto, Costa e Andrade, em elaboração)

As sentenças estudadas variam no número de sílabas que as compõem. Encontramos sentenças formadas por duas sílabas, cujo padrão tonal é (L 'H), três sílabas, (L L 'H), quatro sílabas, (L 'H) (L 'H), cinco sílabas, (L L 'H) (L 'H), seis sílabas, (L 'H) (L 'H) (L 'H) e sete sílabas, (L 'H) (L L 'H) (L 'HL).

Em sentenças dissilábicas, observamos a composição de uma única frase fonológica com o padrão tonal (L'H); pode haver um tom de contorno opcional na última sílaba (L'HĬL) se esta é lexicalmente tonal. Esse tipo de contorno é sempre possível em sílabas acentuadas que possuem tom lexical. Opcionalmente, a primeira sílaba na frase fonológica pode carregar um tom de contorno ascendente (ĬH 'H) se essa sílaba possui tom lexical. Este último tipo de contorno ocorre somente em sentenças dissilábicas.

Em sentenças trissilábicas, o padrão mais comum é a composição de uma frase fonológica cujo padrão tonal é (L L 'H). Todavia, também é possível encontrar o seguinte padrão: (L 'H) L. Neste caso, a última sílaba corresponde a uma unidade prosódica (palavra fonológica) e sintática separada (como um verbo ou objeto, por exemplo).

O padrão tonal (L 'H) L não é muito frequente nos dados.⁷ Para esses casos, Storto, Costa e Andrade (*em elaboração*) mostram que, mesmo em isolamento, os tons de algumas palavras não correspondem ao seu tom lexical. Para esses casos, os autores postulam três regras aplicadas às sílabas não-fraseadas no final da sentença cujos tons lexicais são de contorno, isto é: (HĬL) e (ĬH).⁸

(9) *Regras tonais para sílaba não-fraseadas em final de sentença:*

- i) A sílaba não-fraseada se associa a um tom %L⁹ do fim do enunciado;
- ii) Não é permitida no sistema da língua a ocorrência de tom de contorno em sílabas finais não-fraseadas;
- iii) Quando há a ocorrência de mais de um tom em uma sílaba não-fraseada, o tom da esquerda é desligado.

Exemplo:

- (10) **Tir 'eed nēeg**
 (L H) L
 3PS virar mel
 'Ele virou o mel'

⁷ 36% dos casos apresentados.

⁸ Todavia, ainda não está claro como atuam essas regras, uma vez que nem todas as sílabas com tom de contorno e em posição de sílaba não-fraseada perdem seus tons lexicais.

⁹ O símbolo % indica que o tom vem do enunciado.

Nêeg ‘mel’ possui tom lexical descendente ($\widehat{HL}$). Na sentença, esse tom se associa com um tom %L que vem do enunciado (tom *default*), formando uma sequência como: ($\widehat{HL}$ %L). Como não é permitida a ocorrência de tom de contorno em sílabas não-fraseadas, o tom da esquerda é apagado ($\overline{HL}$ %L). Como os dois tons restantes (o tom L da sílaba e o tom %L do enunciado) são iguais, eles se associam em um único tom, sendo pronunciados na sílaba como um único tom L.

Abaixo, apresentamos outro caso:

- (11) **Tir baad weed**
 (L $\widehat{HL}$) L
 3PS virar comida
 ‘Ele virou a comida’

Weed ‘comida’ possui tom lexical ascendente ($\widehat{LH}$). Na sentença, esse tom se associa com um tom %L que vem do enunciado (tom *default*), formando uma sequência como: ($\widehat{LH}$ %L). Como não é permitida a ocorrência de tom de contorno em sílabas não-fraseadas, o tom da esquerda é apagado ($\overline{LH}$ %L). E como a sequência tonal continua formando tom de contorno na sílaba não-fraseada, novamente há a aplicação da terceira regra supracitada e o tom da esquerda é desligado ($\overline{H}$ %L), restando um único tom L na sílaba isolada.

Em sentenças com quatro sílabas, o padrão mais comum é (L ’H) (L ’H). Nesses tipos de sentenças, também é possível encontrar sílabas não-fraseadas. Nesses casos, o padrão tonal é: (L L ’H) L, e a mesma regra acima referida é aplicada. Abaixo, apresentamos alguns exemplos:

- (12) **Woor dōo beg mām**
 (L L H) L
 tukano CAUS clarear feijão
 ‘O tukano clareou o feijão’

- (13) **Woor dōo beg naax**
 (L L H) L
 tukano CAUS clarear água
 ‘O tukano clareou a água’

Em (12), o item lexical em isolamento, *mām* ‘feijão’, possui tom lexical descendente. Já em (13), o item lexical em isolamento, *naax* ‘água’, possui tom lexical

ascendente. De forma semelhante a analisada nos exemplos (10) e (11), a aplicação das três regras tonais acima referidas gera tom (L) nos dois itens lexicais citados.

Além do padrão (L L 'H) L, também observamos a ocorrência do seguinte padrão tonal em um dos exemplos elicitados: (L L 'H) H. Vejamos essa ocorrência:

- (14) **Tir dōo xop paa'**
 (L L H) H
 3PS CAUS secar ombro
 'Ele secou o ombro'

Analizamos esse dado como uma exceção às regras tonais para sílaba não-fraseadas. *Paa'* 'ombro' possui tom lexical ascendente ($\widehat{LH}$). De acordo com as regras tonais, na sentença, esse tom se associaria a um tom %L que vem do enunciado e formaria a seguinte sequência: ($\widehat{LH}$ %L). Como não é permitida a ocorrência de tom de contorno em sílabas não-fraseadas no final do enunciado, o tom da esquerda é apagado ($\overline{\widehat{LH}}$ %L). E como a sequência tonal continua formando tom de contorno na sílaba não-fraseada, haveria a aplicação da terceira regra tonal e o tom da esquerda é desligado ($\overline{\widehat{LH}}$ %L), restando um único tom L na sílaba isolada. Todavia, acreditamos que a oclusiva glotal presente na palavra em análise, de algum modo, impede a ligação do tom ascendente ao tom %L do enunciado, resultando na realização de um único tom ascendente. O tom à esquerda é desligado ($\overline{\widehat{LH}}$), resultando em uma sílaba de tom (H), como pode ser visto no exemplo acima.

Tendo em vista a ocorrência registrada, Storto, Costa e Andrade (manuscrito) postulam mais uma regra para sílabas não-fraseadas em final de sentença em Dâw, a saber:

- iv) A aplicação da regra (i) é anulada nos casos de sílabas que possuem glotais.

Em sentenças com cinco sílabas, o padrão tonal mais comum é a composição de uma frase fonológica formada por três sílabas seguida por uma frase formada por duas sílabas: (L L 'H) (L 'H). No entanto, também achamos padrões como os que seguem: (L 'H) (L L 'H), uma frase fonológica com duas sílabas seguidas por uma de três sílabas; L (L 'H) (L 'H) ou $\widehat{LH}$ (L 'H) (L 'H), uma sílaba não-fraseada no início da frase seguida por duas frases com duas sílabas cada. Nesses dois casos, a sílaba não fraseada corresponde a uma unidade prosódica (palavra fonológica) e sintática separada (como um sujeito).

Já em início de sentença, Storto, Costa e Andrade (*manuscrito*) mostram que tons ascendentes podem ocorrer nessa posição. Quando há a ocorrência de mais de um tom em uma sílaba não-fraseada, o tom da direita é desligado, diferentemente de sílabas não-fraseadas em final de sentenças, no qual o tom à esquerda é que é desligado. Desse modo, os autores formulam as seguintes regras tonais para sílabas não-fraseadas em início de sentença:

(15) *Regras tonais para sílaba não-fraseadas em início de sentença:*

- i) A sílaba não-fraseada se associa a um tom %L do enunciado.
- ii) Quando há a ocorrência de mais de um tom em uma sílaba não-fraseada, o tom à direita é desligado.

Exemplo:

(16)	Woor	dôo	baad	tír	nūr
	L	(L	H)	(L	H)
	tukano	CAUS	virar	3PS	cabeça
	‘O tukano fez a cabeça virar’				

Woor ‘tukano’ possui tom lexical ascendente ($\widehat{LH}$). Na sentença, esse tom se associa com um tom %L que vem do enunciado (tom *default*), formando uma sequência como: (%L $\widehat{LH}$). Como os dois tons iniciais (o tom L da sílaba e o tom %L do enunciado) são iguais, eles se associam em um único tom, sendo pronunciados na sílaba como (L). Em seguida, é desligado o tom à direita da sequência tonal formada (%L $\widehat{LH}$) resultando em uma sílaba com um único tom (L).

Vejamos outro caso:

(17)	Buuy	dôo	baad	tír	nūr
	$\widehat{LH}$	(L	H)	(L	H)
	homem branco	CAUS	virar	3PS	cabeça
	‘O homem branco fez a cabeça virar’				

Buuy ‘homem branco’ possui tom lexical descendente ($\widehat{HL}$). Na sentença, esse tom se associa com um tom %L que vem do enunciado (tom *default*), formando uma sequência como: (%L $\widehat{HL}$). O tom da direita é apagado (%L $\widehat{HL}$) e no final da derivação, a sílaba não-fraseada é pronunciada com tom ascendente ($\widehat{LH}$), pois há a associação do tom %L do enunciado com o tom (H) da sílaba.

Em sentenças com seis sílabas, o padrão mais comum é (L ’H) (L ’H) (L ’H). Porém, uma sílaba não-fraseada (L) também pode ficar à esquerda, no começo da

sentença, se ela corresponde ao sujeito da sentença: L (L 'H) (L L 'H), ou L (L L 'H) (L 'H).

Por fim, com relação às sentenças com sete sílabas, podemos encontrar três padrões: (L 'H) (L L 'H) (L'H $\widehat{HL}$); (L'H) (L L 'H $\widehat{HL}$) (L'H $\widehat{HL}$) ou (L'H) (L'H) (LL'H $\widehat{HL}$).

4.4.1. Reanalizando a transitivização em Dâw

Como pudemos perceber pela análise dos padrões tonais discutidos na seção anterior, a mudança tonal dos verbos não está relacionada especificamente ao processo de transitivização. Se isso fosse verdade, o tom dos verbos deveria alterar em cada membro do par da alternância causativo-incoativa, o que não ocorre. O tom lexical dos verbos se neutraliza na sentença de maneira previsível. Essa neutralização está associada ao fraseamento fonológico das sílabas que compõem as sentenças e é regido pelas regras do sistema de acento tonal, descritas na seção anterior.

A seguir, apresentamos alguns exemplos do processo de transitivização com o verbo alternante *xop* 'secar' e *wɪnd* 'chegar'. Organizamos os dados pelo contexto tonal, criado a partir do tom lexical do verbo em análise. Durante a elicitación, não encontramos verbos alternantes cujo tom lexical fosse ascendente.

Os exemplos estão organizados do seguinte modo: as sentenças estão divididas em contextos tonais: atonal (elicitação de verbos atonais composto com sujeito e objeto atonais, de tom ascendente e de tom descendente) e descendente (elicitação de verbos descendentes compostos com sujeito e objeto atonais, de tom ascendente e de tom descendente). Para cada verbo, há uma tabela informando o padrão tonal do verbo elicitado em quatro contextos distintos: tom lexical, de acordo com Martins (2004), tom na sentença intransitiva, tom na sentença transitivizada, tom na sentença causativizada.

Na primeira linha, transcrevemos a sentença em Dâw. Na segunda linha, transcrevemos o padrão tonal da sentença. Na terceira linha, seguem as glosas dos itens lexicais e gramaticais. Na quarta linha, é apresentada a tradução da sentença.

➤ **Contexto atonal**

○ **xop – secar**

<i>Tom lexical (Martins, 2004)</i>	<i>Tom na sentença intransitiva</i>	<i>Tom na sentença transitivizada</i>	<i>Tom na sentença causativizada</i>
Atonal	H	H	H

▪ **S atonal +V atonal**

- (18) a) **yun xop**
(L H)
roupa secar
'A roupa secou'

▪ **S atonal + (dôo) +V atonal+ O atonal**

- b) **Tir xop yun**
(L H) L
3PS secar roupa
'Ele secou a roupa'

- c) **Tir dôo xop yun**
(L L H) L
3PS CAUS secar roupa
'Ele secou a roupa'

▪ **S ascendente +V atonal**

- (19) a) **Paa' xop**
(LH H)
ombro secar
'O ombro secou'

▪ **S atonal+ (dôo) +V atonal + O ascendente**

- b) **Tir xop paa'**
(L H) H
3PS secar ombro
'Ele secou o ombro'

- c) **Tir dōo xop paa'**
 (L L H) H
 3PS CAUS secar ombro
 'Ele secou o ombro'

▪ **S descendente +V atonal**

- (20) a) **Mãam xop**
 (L H)
 machado secar
 'O machado secou'

▪ **S atonal + (dōo) +V atonal + O descendente**

- b) **Tir xop mãam**
 (L H) LH
 3PS secar machado
 'Ele secou o machado'

- c) **Tir dōo xop mãam**
 (L L H) LH
 3PS CAUS secar machado
 'Ele secou o machado'

▪ **S atonal + V atonal**

- (21) a) **Yun xop**
 (L H)
 roupa secar
 'A roupa secou'

▪ **S ascendente + (dōo) +V atonal + O atonal**

- b) **Woor xop yun**
 (L H) L
 tukano secar roupa
 'O tukano secou a roupa'

- c) **Woor dōo xop yun**
 (L L H) L
 tukano CAUS secar roupa
 ‘O tukano secou a roupa’

▪ **S ascendente + V atonal**

- (22) a) **Paa’ xop**
 (LH H)
 ombro secar
 ‘O ombro secou’

▪ **S ascendente + (dōo) +V atonal + O ascendente**

- b) **Woor xop paa’**
 tukano secar ombro
 (L H) H
 ‘O tukano secou o ombro’

- c) **Woor dōo xop paa’**
 (L L H) H
 tukano CAUS secar ombro
 ‘O tukano secou o ombro’

▪ **S descendente + V atonal**

- (23) a) **Mãam xop**
 (LH H)
 machado secar
 ‘O machado secou’

▪ **S ascendente + (dōo) +V atonal + O descendente**

- b) **Woor xop mãam**
 (L H) LH
 Tukano secar machado
 ‘O tukano secou o machado’

- c) **Woor dōo xop mǎam**
 L (L H) L̂H
 tukano CAUS secar machado
 ‘O tukano secou o machado’

▪ **S atonal + V atonal**

- (24) a) **Yun xop**
 (L H)
 roupa secar
 ‘A roupa secou’

▪ **S descendente+ (dōo) +V atonal + O atonal**

- b) **Buuy xop yun**
 (L H) L
 homem branco secar roupa
 ‘O homem branco secou a roupa’

- c) **Buuy dōo xop yun**
 (L L H) L
 homem branco CAUS secar roupa
 ‘O homem branco secou a roupa’

▪ **S ascendente + V atonal**

- (25) a) **Paa’ xop**
 (L̂H H)
 ombro secar
 ‘O ombro secou’

▪ **S descendente + (dōo) +V atonal + O ascendente**

- b) **Buuy xop paa’**
 (L H) H
 homem branco secar ombro
 ‘O homem branco secou o ombro’

- c) **Buuy** **dôo** **xop** **paa'**
 (L L H) H
 homem branco CAUS secar ombro
 ‘O homem branco secou o ombro’

▪ **S descendente + V atonal**

- (26) a) **Mãam** **xop**
 ($\widehat{LH}$ H)
 machado secar
 ‘O machado secou’

▪ **S descendente + (dôo) +V atonal + O descendente**

- b) **Buuy** **xop** **mãam**
 (L H) $\widehat{LH}$
 homem branco secar machado
 ‘O homem branco secou o machado’

- c) **Buuy** **dôo** **xop** **mãam**
 ($\widehat{LH}$ L H) $\widehat{LH}$
 homem branco CAUS secar machado
 ‘O homem branco secou o machado’

No nível da sentença, o verbo atonal *xop* ‘secar’ (assim como os verbos *pêt* ‘quebrar’ e *pô* ‘abrir’) passam por mudanças tonais. No entanto, diferentemente do que afirma Martins (2004), essa mudança tonal não ocorre apenas nas sentenças cujos verbos são transitivizados (o que poderia sugerir que a mudança tonal decorreria desse processo), mas observamos que há mudança tonal do verbo (em relação ao seu tom lexical) nos três tipos de sentenças estudadas – sentenças intransitivas, transitivizadas e causativizadas – e em todos os ambientes de composição tonal, ou seja, ambiente atonal, descendente e ascendente.

Desse modo, independentemente do processo de aumento de valência envolvido, o mesmo tom (H) permanece nas três sentenças estudadas. Logo, não identificamos um morfema tonal transitivizador nas sentenças elicitadas acima.

➤ **Contexto descendente**

○ **wuud - chegar**

<i>Tom lexical (Martins, 2004)</i>	<i>Tom na sentença intransitiva</i>	<i>Tom na sentença transitivizada</i>	<i>Tom na sentença causativizada</i>
H $\widehat{L}$	H/ H $\widehat{L}$	H	H

▪ **S atonal -V descendente**

- (27) a) **Tir wuud**
(L H $\widehat{L}$)
‘Ele chegou’

▪ **S atonal -V descendente - O atonal**

- b) **Dâw xut dâo wuud tir-ũuy’**
(L H) (L H) (L H $\widehat{L}$)
gente macho CAUS chegar 3PS-MDO
‘O homem fez ele chegar’

- c) **Dâw xut wuud tir-ũuy’**
(L L H) (L H $\widehat{L}$)
gente macho chegar 3PS-MDO
‘O homem fez ele chegar’

▪ **S ascendente -V descendente**

- (28) a) **Woor wuud**
(L H)
tukano chegar
‘O tukano chegou’

▪ **S atonal –V descendente – O atonal**

- b) **Tir wuud woor-ũuy'**
 (L H) (L HL)
 3PS chegar tukano-MDO
 'Ele fez o tukano chegar'

- c) **Tir dõo wuud woor-ũuy'**
 (L L H) (L HL)
 3PS CAUS chegar tukano-MDO
 'Ele fez o tukano chegar'

▪ **S descendente –V descendente**

- (29) a) **Buuy wuud**
 (L H)
 homem branco chegar
 'O homem branco chegou'

▪ **S atonal –V descendente – O descendente**

- b) **Tir wuud buuy-ũuy'**
 (L H) (L HL)
 3PS chegar homem branco-MDO
 'Ele fez o homem branco chegar'
- c) **Tir dõo wuud buuy-ũuy'**
 (L L H) (L HL)
 3PS CAUS chegar homem branco-MDO
 'Ele fez o homem branco chegar'

▪ **S atonal + V descendente**

- (30) a) **Tir wuud**
 (L HL)
 3PS chegar
 'Ele chegou'

▪ **S ascendente + V descendente + O atonal**

b) **Woor wuud tir-ũuy'**

(L H) (L HL)

tukano chegar 3PS-MDO

'O tukano fez ele chegar'

c) **Woor dõo wuud tir-ũuy'**

(L L H) (L HL)

tukano CAUS chegar 3PS-MDO

'O tukano fez ele chegar'

▪ **S atonal + V descendente**

(31) a) **Tir wuud**

(L HL)

3PS chegar

'Ele chegou'

b) **buuy wuud tir-ũuy'**

(L H) (L HL)

homem branco chegar 3PS-MDO

'O homem branco fez ele chegar'

c) **Buuy dõo wuud tir-ũuy'**

LH (L H) (L HL)

homem branco CAUS chegar 3PS-MDO

'O homem branco fez ele chegar'

▪ **S ascendente + V descendente**

(32) a) **Taax wuud**

anta chegar

(L HL)

'A anta chegou'

▪ **S ascendente + V ascendente + O ascendente**

b) **Woor wuud taax-ũuy'**

(L H) (L HL)

tukano chegar anta-MDO

‘O tukano fez a anta chegar’

c) **Woor dōo wuud taax-ũuy'**

(L L H) (L HL)

tukano CAUS chegar anta-MDO

‘O tukano fez a anta chegar’

▪ **S ascendente + V descendente**

(33) a) **Taax wuud**

anta chegar

(L HL)

‘A anta chegou’

▪ **S descendente + V ascendente + O ascendente**

b) **Buuy wuud taax-ũuy'**

(L H) (L HL)

homem branco chegar anta-MDO

O homem branco fez a anta chegar

c) **Buuy dōo wuud taax-ũuy'**

LH (L H) (L HL)

homem branco CAUS chegar anta-MDO

‘O homem branco fez a anta chegar’

▪ **S ascendente + V descendente**

(34) a) **Pũug wuud**

(L HL)

porco espinho chegar

‘O porco espinho chegou’

▪ **S ascendente + V descendente + O descendente**

- b) **Woor wuud pũug-ũuy'**
 (L H) (L H̃L)
 tukano chegar porco espinho-MDO
 'O tukano fez o porco espinho chegar'

- c) **Woor dõo wuud pũug-ũuy'**
 (L L H) (L H̃L)
 tukano CAUS chegar porco espinho-MDO
 'O tukano fez o porco espinho chegar'

▪ **S ascendente + V descendente**

- (35) a) **Pũug wuud**
 (L H̃L)
 porco espinho chegar
 'O porco espinho chegou'

▪ **S descendente + V descendente + O ascendente**

- b) **Buuy wuud pũug-ũuy'**
 (L H) (L H̃L)
 homem branco chegar porco espinho-MDO
 'O homem branco fez o porco espinho chegar'
- c) **Buuy dõo wuud pũug-ũuy'**
 L̃H (L H) (L H̃L)
 homem branco CAUS chegar porco espinho-MDO
 'O homem branco fez o porco chegar'

No nível da sentença, o verbo de tom lexical descendente *wuud* 'chegar' (assim como os verbos *baad* 'virar', *eed* 'virar' e *bâar* 'derramar') passa por mudanças tonais. Nas três sentenças estudadas – intransitivas, transitivizadas e causativas – o verbo em questão é pronunciado com tom alto (H), independentemente do processo de aumento de valência envolvido. Com relação às sentenças intransitivas, em alguns exemplos, o verbo foi pronunciado com tom de contorno (H̃L), mas essa ocorrência é prevista, uma vez que, em posição final e inicial de uma sentença, verbos tonais em isolamento podem

apresentar contorno, como já foi discutido anteriormente. Desse modo, à semelhança do que foi discutido para os verbos atonais, não foi identificada, com esses verbos, a presença de um morfema tonal transitivizador nas sentenças elicitadas.

Tendo em vista o padrão tonal observado nas sentenças elicitadas, constatamos que a transitivização em Dâw não ocorre por meio de morfemas explícitos. Assim, concluímos que o processo de transitivização em Dâw é do tipo lábil, no qual a mesma raiz verbal é encontrada em sentenças intransitivas e causativas.

4.4.2. Reanalizando o processo de intransitivização em Dâw

Tendo em vista os padrões tonais encontrados no nível sentencial, como discutimos nas seções anteriores, os tons dos verbos em isolamento (conforme consta em Martins, 2004) são neutralizados no nível da sentença. Isso não ocorre devido ao processo de transitivização ou causativização na língua, mas decorre de um padrão tonal previsível presente nas sentenças elicitadas.

Da mesma forma como reanalizamos o processo de transitivização em Dâw, também reanalizamos o processo de intransitivização que, a nosso ver, não condiciona mudanças tonais dos verbos, isto é, apagamento tonal, conforme analisa Martins (2004).

Como veremos com mais detalhes no capítulo 6, de modo geral, percebemos que não há morfologia específica para a construção de sentenças médias, incoativas ou anticausativas em Dâw¹⁰. Quanto aos tons dos itens lexicais presentes nessas sentenças, eles seguem o mesmo padrão tonal encontrado nas sentenças transitivizadas e causativizadas, como podemos ver nos exemplos a seguir:

○ Rõk - cortar

<i>Tom lexical (Martins, 2004)</i>	<i>Tom na sentença transitiva</i>	<i>Tom na sentença intransitivizada</i>	<i>Tom na sentença média</i>
Atonal	H	H	L

¹⁰ A metodologia para a elicitação de sentenças intransitivizadas está presente no capítulo 2, seção 2.2.2.1.

- (36) a) **Woor rōk tor-ũuy'**
 (L H) (L H̃L)
 tukano cortar porco-MDO
 'O homem cortou o porco'
- b) **Tor rōk yutam**
 Tor rōk yu tam
 (L H) (L H̃L)
 Porco cortar ASPC
 'O porco já cortou'
- c) **Tor rōk xet**
 (L L H)
 porco cortar rápido
 'Porco corta rápido'

O verbo transitivo atonal *rōk* 'cortar', na sentença transitiva e intransitivizada, é pronunciado com tom alto (H); já na sentença média, é pronunciado com tom baixo (L). Essa ocorrência de tom se justifica tendo em vista a organização das sílabas da sentença em frases fonológicas. Assim, em (36a) e (36b), o verbo *rōk* 'cortar' é núcleo de uma frase fonológica dissilábica cujo padrão tonal é (L H); já em (36c), ele não é núcleo da frase fonológica (logo não é pronunciado com tom alto) que é formada por três sílabas: (L L H).

○ **Nee – fazer**

<i>Tom lexical</i> <i>(Martins, 2004)</i>	<i>Tom na sentença</i> <i>transitiva</i>	<i>Tom na sentença</i> <i>intransitivizada</i>	<i>Tom na sentença</i> <i>média</i>
H̃L	H	L	L

- (37) a) **Dâw xut nee kedrē**
 Dâw xut nee ked rē
 (L L H) (L H)
 gente macho fazer colar
 'O homem fez colar'

- b) **Kedrẽ nee yutam**
 Ked rẽ nee yu tam
 (L H) (L L H̄L)
 colar fazer ASPC
 ‘O colar já fez’¹¹
- c) **Kedrẽ nee xet**
 Ked rẽ nee xet
 (L H) (L H)
 colar faz fácil
 ‘Colar faz fácil’

Na sentença transitiva, o verbo descendente *nee* ‘fazer’ é núcleo da frase fonológica trissilábica (logo ele é pronunciado com tom alto (H)). Nessa frase, o padrão fonológico é (L L H). Já nas sentenças intransitivizada e média, o verbo é pronunciado com tom baixo (L). Essa ocorrência de tom se justifica tendo em vista a organização das frases fonológicas que compõem as sentenças. Assim, na sentença intransitivizada (37b), o verbo não é núcleo e ocupa a primeira posição de uma frase trissilábica (L L H̄L). Na sentença média, o verbo ocupa a primeira posição da frase dissilábica (L H). Assim, à semelhança da sentença intransitivizada, o verbo também não é núcleo da frase fonológica e não é pronunciado por tom alto (H).

Tendo em vista os padrões tonais apresentados, podemos notar, pelos dados coletados, que a mudança tonal dos verbos é previsível e não é condicionada por nenhum processo de diminuição de valência, como analisa Martins (2004).

4.5. Síntese do capítulo

Nesse capítulo, apresentamos e discutimos o sistema tonal da língua Dâw e a sua relação com o processo de transitivização. Contrapusemos a análise de Martins (2004), acerca do sistema tonal e do processo de transitivização em Dâw, aos dados coletados em trabalho de campo e analisados por Storto, Costa e Andrade (*em elaboração*) e, contrariamente ao afirmado por Martins (2004), mostramos que o sistema tonal da

¹¹ Em português essa sentença seria considerada agramatical por alguns falantes, mas em Dâw, esse tipo de construção é gramatical, segundo os informantes.

língua Dâw, no nível da sentença, é previsível e que os tons dos itens lexicais constituintes de uma sentença neutralizam-se e passam a ser pronunciados de acordo com padrões tonais previsíveis. Desse modo, independentemente do processo de aumento de valência envolvido, percebemos que a mudança tonal dos verbos decorre do fraseamento fonológico das sentenças e não da presença de um morfema tonal transitivizador. Concluimos que a transitivização em Dâw não ocorre por meio de morfemas explícitos, desse modo, o processo de aumento de valência em questão é do tipo lábil, no qual a mesma raiz verbal é encontrada em sentenças intransitivas e causativas, sem adição de morfologia em qualquer uma das formas.

5.0. Introdução

Neste capítulo, discutimos o processo de transitivização e causativização em Dâw. A transitivização é um processo de formação de verbos transitivos a partir de uma raiz verbal intransitiva, raiz não-verbal, ou acategorial na qual é adicionado ao predicado verbal um argumento externo agente ou causa. A causativização, por sua vez, é um processo no qual um auxiliar causativo, adicionado ao predicado verbal, aumenta a valência do verbo, isto é, insere um argumento externo agente ou causa.

Como vimos no capítulo 4, divergimos da posição de Martins (2004) ao afirmar que em Dâw, o processo de transitivização está relacionado às mudanças tonais do verbo. Para a autora, verbos intransitivos podem ser transitivizados por meio do tom descendente ($\widehat{HL}$)¹, que se configuraria como um morfema de aumento de valência na língua.

Neste trabalho, argumentamos que os tons dos verbos em isolamento (conforme consta em Martins, 2004) mudam no nível da sentença, todavia, isso não ocorre devido ao processo de transitivização ou causativização na língua, mas devido a um padrão tonal previsível das sílabas que compõem uma sentença. Desse modo, observamos, por exemplo, que verbos atonais como *pêt* ‘quebrar’ passam por mudanças tonais no nível da sentença. No entanto, diferentemente do que afirma Martins (2004), essa mudança tonal não ocorre apenas nas sentenças cujos verbos são transitivizados (o que poderia sugerir que a mudança tonal decorre desse processo), mas a mudança tonal do verbo (em relação ao seu tom lexical) ocorre nos três tipos de sentenças estudados: sentenças intransitivas, transitivizadas e causativizadas.

Dessa forma, concluímos que a transitivização em Dâw não ocorre por meio de morfemas explícitos, uma vez que para nós o tom do verbo não é morfema de valência, contrariando a hipótese de Martins (2004).

Esse capítulo está organizado da seguinte forma: na seção 5.1, discutimos o processo de transitivização em Dâw e o *background* teórico desta pesquisa, Hale &

¹ Na ortografia, o tom é marcado por meio da duplicação da vogal que apresenta o tom. Para mais detalhes, ver capítulo 1.

Keyser (2002); na seção 5.2, discutimos o processo de causativização; na seção 5.3, apresentamos uma síntese do capítulo.

5.1. Transitivização em Dâw

A transitivização em Dâw não ocorre por meio de morfemas explícitos. A mesma raiz verbal é encontrada no par da alternância do tipo causativo-incoativa, no qual um verbo intransitivo passa a transitivo, sendo que o sujeito do verbo intransitivo se torna objeto do verbo transitivizado (exemplo 1). Na literatura, esse tipo de alternância é denominado como *alternância lábil* ou alternância simples, como é observada em línguas como o português (exemplo 2) e o inglês (exemplo 3).

- (1) a) **Xop woox**
 copo quebrar
 ‘O copo quebrou’
- b) **Tir woox xop**
 3PS quebrar copo
 ‘Ele quebrou o copo’
- (2) a) **O copo quebrou**
 b) **João quebrou o copo**
- (3) a) **The vase broke**
 b) **John broke the vase**

Para autores como Hale & Kayser (2002), esse tipo de transitivização pode ser denominado como *transitivização automática* ou *simples*, pois não há a necessidade da inserção de um núcleo causa na estrutura do verbo, capaz de projetar um agente causador presente na sentença causativizada. Como veremos adiante, a transitivização automática é uma propriedade que revela uma estrutura argumental específica sobre uma classe de verbos. Segundo Haspelmath (1993), verbos que alternam são, geralmente, verbos de mudança de estado. O verbo causativo possui um agente causador (quem causa o evento verbal); e o verbo incoativo não possui um agente, mas codifica o evento verbal como espontâneo.

Segundo Hale & Kayser (2002), esse tipo de transativização difere de outros processos de aumento de valência como a *causativização* ou *transitivização complexa*, processo no qual a valência verbal é aumentada, pois é adicionado ao predicado verbal um argumento externo, por meio da inserção de um causativizador ou auxiliar. Nas próximas seções, esclareceremos essas definições.

Para o estudo do processo de transativização em Dâw aplicamos o teste de alternância causativo-incoativa apenas com os verbos intransitivos. A metodologia desse teste encontra-se na seção 2.2.2 do capítulo 2.

Como já foi dito, o teste de alternância causativo-incoativa ou transativização automática (Hale & Keyser, 2002) é um processo segundo o qual um verbo intransitivo passa a transitivo, sendo que o sujeito do verbo intransitivo se torna objeto do verbo transativizado. Exemplo: (i) ‘O dia clareou’ (*verbo intransitivo*)/ (ii) ‘O sol clareou o dia’ (*verbo transitivo*). O argumento ‘dia’ é sujeito na oração (i) e objeto na oração (ii). Esse teste é importante na análise das classes verbais, pois ele revela propriedades específicas da estrutura argumental dos verbos, como, por exemplo, a existência, na língua de subclasses, de verbos intransitivos – como inergativos e inacusativos. Tal afirmação vai ao encontro da Hipótese Inacusativa, formulada por Perlmutter (1978) e desenvolvida por Burzio (1981).

Segundo essa teoria, a classe dos intransitivos pode ser dividida em duas subclasses tendo em vista sua configuração sintática, a saber: *inergativo*, que projeta apenas argumento externo; e *inacusativo*, que projeta apenas argumento interno. Desse modo, *smile* ‘sorrir’ é um verbo do tipo inergativo; seu sujeito é um argumento externo projetado em vP (vezinho), acima de VP. *Sink* ‘afundar’ é um verbo inacusativo, que projeta um argumento interno em VP. Para receber caso nominativo (sujeito), o argumento sobe para a posição de especificador de IP. Nessa perspectiva, verbos intransitivos inacusativos podem participar da alternância causativo-incoativa, pois apenas esses verbos possuem um argumento interno, que em construções transitivas permanece *in situ*, recebendo caso acusativo (objeto).

A seguir, apresentamos uma tabela que compreende os 70 verbos intransitivos testados nesta pesquisa.

Número	Verbo em Dâw	Tradução	Classificação de Martins (2004)
1	wuud	Chegar	Intransitivo
2	baad	Virar	Intransitivo
3	‘eed	Virar	Intransitivo
4	bâar	Derramar	Intransitivo
5	pêt	Quebrar	Intransitivo
6	woox	Quebrar	Intransitivo
7	xop	Secar	Intransitivo
8	pô	Abrir	Intransitivo
9	tobuk	Fechar	Intransitivo
10	yapilu	Começar	Intransitivo
11	çêe	Espalhar	Intransitivo
12	rud	Derreter	Intransitivo
13	rũ	Terminar	Intransitivo
14	wâg	Balançar	Intransitivo
15	pâd	Rolar	Intransitivo
16	rã	Parar	Intransitivo
17	leg	Apagar	Intransitivo
18	‘ox	Correr	Intransitivo
19	rôd	Sair	Intransitivo
20	‘âa	Dormir	Intransitivo
21	suuk	Caçar	Intransitivo
22	yelêew	Transformar-se	Intransitivo
23	kog’ôogn	Desmaiar	Intransitivo
24	çeeb	Mudar	Intransitivo
25	‘ub	Acordar	Intransitivo
26	çom	Banhar	Intransitivo
27	win	Trabalhar	Intransitivo
28	nõx	Cair	Intransitivo
29	kũm	Afundar	Intransitivo
30	pôw’	Boiar	Intransitivo
31	pêg-saak	Crescer	Intransitivo
32	sux	Esfarelar	Intransitivo
33	‘ôot	Chorar	Intransitivo
34	çâk	Pular	Intransitivo
35	roo’	Tossir	Intransitivo
36	‘ô	Rir	Intransitivo
37	âaw	Gritar	Intransitivo
38	yũmrũ	Cantar	Intransitivo
39	yam	Dançar	Intransitivo
40	yok	Nadar	Intransitivo
41	çâ	Saltar	Intransitivo
42	leep	Brilhar	Intransitivo
43	xaam	Vomitare	Intransitivo
44	bax	Suar	Intransitivo
45	bâay	Arrotar	Intransitivo

46	baak	Soluçar	Intransitivo
47	ratĩs	Espirrar	Intransitivo
48	kas	Estragar	Intransitivo
49	yum	Melhorar	Intransitivo
50	rãm xo	Andar	Intransitivo
51	xaw	Ferver	Processo
52	beg	Clarear	Processo
53	rõ	Queimar	Processo
54	baax	Aparecer	Processo
55	xub-sõk rãm	Estar triste	Estativo
56	kub rãm	Estar escuro	Estativo
57	rân rãm	Estar velho	Estativo
58	duy rãm	Estar sujar	Estativo
59	mẽn rãm	Ser curto	Estativo
60	pêg rãm	Ser grande	Estativo
61	ça rãm	Ser preto	Estativo
62	lâk rãm	Ser magro	Estativo
63	çii rãm	Ser azedo	Estativo
64	dep rãm	Ser gordo	Estativo
65	tâaw rãm	Estar bravo	Estativo
66	kas rãm	Ser feio	Estativo
67	muj rãm	Ser úmido	Estativo
68	wê rãm	Estar molhado	Estativo
69	sêj rãm	Estar cheio	Estativo
70	‘wât rãm	Ser comprido	Estativo

Tabela 5.0: Verbos intransitivos testados

O teste de alternância causativo-incoativa mostrou-nos que um grupo de verbos intransitivos pode alternar livremente entre uma forma transitiva e incoativa, enquanto que outro grupo não pode. Desse modo, dividimos a classe dos verbos intransitivos em duas subclasses:

- i) *Subclasse dos verbos alternantes*: verbos intransitivos que alternam entre uma forma intransitiva e transitiva sem o acréscimo de nenhuma morfologia específica de aumento de valência, como visto nas sentenças em português *o dia clareou* e *o sol clareou o dia* (essa subclasse também pode ser denominada de *inacusativa*);
- ii) *Subclasse dos verbos não-alternantes*: verbos que não alternam entre uma forma intransitiva e transitiva sem morfologia específica. Nas próximas seções, veremos que os verbos intransitivos que não alternam possuem três padrões distintos. Apenas a uma parte desta subclasse, pode-se atribuir uma propriedade inergativa. Outros verbos dessa mesma

subclasse possuem características estativas e de inacusativos que não alternam.

A subclasse dos verbos alternantes é formada pelos 17 verbos, como vemos na tabela a seguir:

Número	Verbo em Dâw	Tradução
1	wuud	Chegar
2	baad	Virar
3	‘eed	Virar
4	bâar	Derramar
5	pêt	Quebrar
6	woox	Quebrar
7	xop	Secar
8	pô	Abrir
9	tobuk	Fechar
10	yapilu	Começar
11	çêe	Espalhar
12	rud	Derreter
13	rũ	Terminar
14	wâg	Balançar
15	pâd	Rolar
16	râ	Parar
17	leg	Apagar

Tabela 5.1. Verbos intransitivos alternantes

Apresentamos os paradigmas completos de três verbos alternantes testados: *wuud* ‘chegar’, *bâar* ‘derramar’ e *xop* ‘secar’. Os outros 14 verbos testados seguem o mesmo padrão desses três verbos. No item (a), apresentamos a sentença intransitiva; e no item (b), a sentença transitivizada.

- (4) a) **Buuy** **wuud**
homem branco chegar
‘O homem branco chegou’

- b) **Tir** **wuud buuy-ũuy**
3PS chegar homem branco-MDO
‘Ele fez o homem branco chegar (Lit.: Ele chegou o homem branco)’

- (5) a) **Naax** **bâar**
água derramar
‘A água derramou’

- b) **Tir bâar naax**
 3PS derramar água
 ‘Ele derramou a água’

- (6) a) **Yun xop**
 roupa secar
 ‘A roupa secou’

- b) **Tir xop yun**
 3PS secar roupa
 ‘Ele secou a roupa’

A subclasse dos verbos não-alternantes é formada pelos 53 verbos, como vemos na tabela a seguir:

Número	Verbo em Dâw	Tradução
1	‘ox	Correr
2	rôd	Sair
3	‘ãa	Dormir
4	suuk	Caçar
5	yelêew	Transformar-se
6	kog’ôogn	Desmaiar
7	çeeb	Mudar
8	‘ub	Acordar
9	çom	Banhar
10	win	Trabalhar
11	nõx	Cair
12	kũm	Afundar
13	pôw’	Boiar
14	pêg-saak	Crescer
15	sux	Esfarelar
16	‘ôot	Chorar
17	çâk	Pular
18	roo’	Tossir
19	‘ô	Rir
20	âaw	Gritar
21	yũmrũ	Cantar
22	yam	Dançar
23	yok	Nadar
24	çâ	Saltar
25	leep	Brilhar
26	xaam	Vomitar

27	bax	Suar
28	bâay	Arrotar
29	baak	Solucar
30	ratīs	Espirrar
31	kas	Estragar
32	yum	Melhorar
33	rām xo	Andar
34	xaw	Ferver
35	beg	Clarear
36	rõ	Queimar
37	baax	Aparecer
38	xub-sõk rām	Estar triste
39	kub rām	Estar escuro
40	rân rām	Estar velho
41	duy rām	Estar sujar
42	mên rām	Ser curto
43	pêg rām	Ser grande
44	ça rām	Ser preto
45	lâk rām	Ser magro
46	çii rām	Ser azedo
47	dep rām	Ser gordo
48	tâaw rām	Estar bravo
49	kas rām	Ser feio
50	muj rām	Ser úmido
51	wê rām	Estar molhado
52	sêj rām	Estar cheio
53	‘wât rām	Ser comprido

Tabela 5.2: Verbos intransitivos não-alternantes

Apresentamos os paradigmas completos de quatro verbos não-alternantes: ‘ox ‘correr’, rôd ‘sair’, çâk ‘pular’ e çii rām ‘estar azedo’. Os outros verbos testados seguiram o mesmo padrão morfológico dos quatro verbos citados.

Como vimos no capítulo 3, o verbo çâk ‘pular’ é um verbo intransitivo denominal e o verbo çii rām ‘estar azedo’ é a composição de uma cópula que toma como complemento um adjetivo. Assim, em Dâw não há uma classe de verbos deadjetivais derivada morfológicamente, como vemos em línguas como o português (*curto* (adjetivo), *encurtar* (verbo)) e uma escala menor no inglês (*red* (adjetivo), *redde* (verbo)), mas construções analíticas na qual o adjetivo não é verbalizado, sendo complemento de uma cópula. No item (a), apresentamos a sentença intransitiva e no item (b), a sentença transitivizada agramatical.

- (7) a) **Woor** ‘**ox**
tukano correr
‘O tukano correu’
- b) ***Tir ox woor-ũuy’**
3PS correr tukano-MDO
- (8) a) **Woor rôd**
tukano sair
‘O tukano saiu’
- b) ***Tir rôd woor-ũuy’**
3PS sair tukano-MDO
- (9) a) **Pu çâk ø xâd**
sapo pulo VERB ASPC/MV
‘O sapo pulou’
- b) ***Dâw xut çâk p-ũuy’**
gente macho pulo sapo-MDO
- (10) a) **Weed çii rãm**
comida azedo ficar
‘A comida azedou (Lit.: A comida ficou azeda)’
- b) ***Yu’ çii rãm weed**
sol azedo ficar comida

Relacionando as propriedades sintáticas dos verbos supracitados com a proposta de Hale & Keyser (2002), acreditamos que cada subclasse de verbos se caracteriza por um tipo específico de estrutura argumental que lhe capacita, ou não, alternar entre uma

forma intransitiva e transitiva automaticamente, ou seja, sem a inserção de um causativizador ou morfema.

Nas próximas seções, apresentamos a teoria de Hale & Keyser (2004) e faremos uma aproximação entre os dados do Dâw e as questões teóricas apresentadas.

5.1.1. A teoria de Hale & Keyser (2002)

Segundo Hale & Kayser (2002), a estrutura argumental é a configuração sintática projetada por um item lexical. Ela é determinada pelas configurações sintáticas geradas pela relação entre núcleo (item lexical) e argumento(s).

Tendo em vista essa premissa, para os autores, há dois tipos de relações fundamentais da estrutura argumental: núcleo-complemento; especificador-núcleo.

- a) **Núcleo-complemento** (*head-complement*): Se X é o complemento de um núcleo H, então X é o único irmão de H (X e H c-comandam um ao outro);
- b) **Especificador-núcleo** (*specifier-head*): Se X é o especificador de um núcleo H, e se P₁ é a primeira projeção de H (i.e., H', necessariamente não-vazia), então X é o único irmão de P₁.² (HALE & KEYSER, 2002:2).³

Essas duas relações fundamentais na estrutura argumental definem algumas estruturas elementares:

- a) **Monádica**: o núcleo projeta apenas um complemento e nenhum especificador.
- b) **Diádica básica**: o núcleo projeta um complemento e um especificador.
- c) **Diádica composta**: o núcleo projeta apenas um especificador e não um complemento. Este último argumento é gerado somente por composição com outro núcleo.
- d) **Atômica**: o núcleo não projeta nem complemento, nem especificador.

Esses tipos estruturais variam entre as línguas. Em inglês, por exemplo, o núcleo apropriado para cada estrutura, respectivamente, é: a) verbo; b) preposição; c) adjetivo; d) nome.

² Tradução nossa.

³ "a. *Head-complement*: if X is the complement of a head H, then X is the unique sister of H (X and H c-command one another).

b. *Specifier-head*: if X is the specifier of a head H, and P₁ is the first projection of H (i.e., H', necessarily nonvacuous), then X is the unique sister of P₁" (HALE & KEYSER, 2002:2)..

Nas próximas seções, apresentaremos uma discussão mais detalhada quanto às estruturas monádica, diádica básica e composta, estruturas cruciais para o entendimento dos dados do Dâw apresentados nesse capítulo.

5.1.1.1. Estrutura Monádica

A estrutura monádica é formada por dois elementos: uma raiz (R) e um núcleo verbal (V).

(11)

O núcleo verbal não projeta um especificador e o seu complemento, isto é, a raiz, também não motiva a projeção de um especificador. A natureza dessa raiz, na maior parte dos casos, é um nome (NP), que não projeta nem especificador, nem complemento (nomes possuem estrutura atômica). Verbos denominais⁴, como *cough* ‘tossir’ e *dance* ‘dançar’, são exemplos de verbos com esse tipo de estrutura. Em um primeiro momento, *cough* é gerado como um nome, na posição de raiz. O núcleo verbal, nesses casos, está vazio. A verbalização da forma nominal ocorre quando a matriz fonológica do nome passa para a posição estrutural de núcleo verbal por meio de *conflation*.

Conflation é um processo no qual a matriz fonológica do complemento do núcleo é introduzida na matriz fonológica vazia do núcleo que seleciona o complemento.

Desse modo, depois de transferir a matriz fonológica do complemento nominal para o núcleo verbal, gera-se um verbo sintético que não projeta especificador. Verbos intransitivos inergativos e alguns verbos transitivos possuem esse tipo de estrutura.

Uma característica importante desses tipos de verbos é a impossibilidade de sofrerem alternância sintática como apresentada no exemplo (12):

⁴ Alguns exemplos de verbos denominais, segundo Hale & Kayser (2002:14): *burp* ‘arrotar’, *cough* ‘tossir’, *cry* ‘chorar’, *dance* ‘dançar’, *gallop* ‘galopar’, *glitter* ‘brilhar’, *jump* ‘pular’, *laugh* ‘rir’, *limp* ‘limpar’, *run* ‘correr’, *scream* ‘gritar’, *shout*, *sleep* ‘dormir’, *sneeze* ‘espirrar’, *talk* ‘conversar’, *walk* ‘andar’, entre outros.

- (12) a) **The engine coughed**
 ‘O motor tossiu’
- b) ***I coughed the engine**
 ‘Eu tossi o motor’

(HALE & KEYSER, 2002:1)

A alternância apresentada acima é do tipo causativo-incoativa, na qual o sujeito do par intransitivo passa a ser objeto na sentença transitivizada. Verbos intransitivos com estrutura monádica não podem ser transitivizados automaticamente, pois, uma vez que eles não projetam especificador, não há um local na estrutura lexical em que o objeto da sentença transitiva possa ser projetado.

Os verbos monádicos compartilham propriedades sintáticas e lexicais com expressões verbais analíticas formadas a partir de verbos como *make* ‘fazer’. Esse verbo transitivo também possui estrutura monádica e em construções analíticas não sofre *conflation* com o seu complemento. Desse modo, o complemento é realizado como objeto da sentença. O sujeito, por sua vez, é inserido na sintaxe sentencial, em um nível acima do da estrutura argumental. Assim, uma sentença como: *He made a fuss* ‘ele fez uma bagunça’, *he* não é argumento interno à configuração lexical projetada, mas um argumento externo gerado apenas na sintaxe sentencial.

- (13) Expressão verbal analítica com *make*

(HALE & KAYSER, 2002:6)

Para a teoria de estrutura argumental de Hale & Keyser (2002), o argumento externo não é um argumento interno à configuração projetada pelo item lexical, ele é gerado apenas na sintaxe sentencial. Para os autores, o sujeito é estruturalmente um adjunto do VP. Desse modo,

(...) um sujeito externo, sendo um adjunto a VP é, em um senso minimalista, “interno” ao VP, como na hipótese do sujeito interno ao VP, mas ele não é interno à configuração lexical projetada pelo núcleo lexical, uma vez que ele não ocupa nem a posição de complemento nem a posição de especificador de

dentro da projeção. (HALE & KEYSER, 2002: 249, nota 2 [tradução nossa]).⁵

Chomsky (1995) também distingue estruturalmente argumento externo e interno. Para o autor, este é gerado e recebe papel temático internamente ao VP, aquele é gerado e recebe papel temático na posição de *Spec vP* (vezinho)⁶. Para o autor, o sujeito é diferente de outros adjuntos, pois ele estabelece uma relação mais próxima com o verbo. Nesse trabalho, adotamos a representação das estruturas com *vP* para discutir a inserção do argumento externo na sentença. No trabalho de Hale & Keyser (2002) essa posição é representada como um adjunto de VP.

5.1.1.2. Estrutura diádica composta

A estrutura diádica composta é formada por dois elementos: uma raiz (R) e um hospedeiro verbal (V). Verbos gerados nessa estrutura projetam um especificador e um complemento. Todavia, o especificador e o complemento são exigidos por núcleos distintos dentro da estrutura. Assim, a raiz, geralmente realizada como um adjetivo, requer e projeta um especificador. O complemento é gerado somente por composição com outro núcleo.

(14)

O núcleo V2 tem como complemento uma raiz de natureza adjetival. Os adjetivos possuem propriedades predicadoras e requerem semanticamente um especificador e não um complemento. Assim, na estrutura diádica composta, a raiz adjetival, por meio de *conflation*, passa a ocupar a posição de núcleo verbal V2 (fonologicamente nulo e que recebe a matriz fonológica do adjetivo) tornando-se um verbo. Esse núcleo verbal projeta uma estrutura que recebe o especificador projetado pela raiz da estrutura. Desse modo, é o complemento (i.e., raiz adjetiva) que tem a

⁵ “In this view of the matter, an external subject, being an adjunct to VP, is not internal to the lexical configuration projected by a lexical head, since it occupies neither a complement position nor a specifier position within that projection” (HALE & KEYSER, 2002: 249, nota 2).

⁶ Segundo o autor, “the external role is a property of the *v*-VP configuration, and a specifier bearing this role is therefore a necessary part of the configuration (...)” (CHOMSKY, 1995: 316).

propriedade de requerer um especificador⁷. Essa estrutura é chamada de composta, pois a projeção do especificador interno depende de dois núcleos, a raiz, que o requer semanticamente, e núcleo verbal, que fornece uma estrutura para a projeção desse especificador.

O especificador é interno à projeção lexical. Verbos desse tipo, diferentemente dos verbos denominais de estrutura monádica, podem sofrer alternância causativo-incoativa por meio de um processo de transitivização simples, ou automática. Na construção intransitiva (estrutura representada acima em (14)), o especificador da estrutura argumental também é sujeito na sintaxe sentencial. Para tanto, ele se move para *Spec* de IP para receber Caso nominativo. Apresentamos um exemplo de alternância causativo-incoativa com o verbo *clear*.

(15) a) **The screen cleared**

‘A janela limpou’

b) **I cleared the screen**

‘Eu limpei a janela’

(HALE & KEYSER, 2002:16)

O par transitivo do verbo é formado por meio do encaixamento da estrutura intransitiva (diádica composta) na posição de complemento de uma estrutura monádica. Esse encaixamento ocorre de forma puramente estrutural, através de *merge* entre os núcleos verbais monádico e diádico. O sujeito do par intransitivo, isto é, o especificador na estrutura argumental, é o objeto no par transitivo do verbo, o que evidencia que o especificador do verbo *clear*, de fato, é interno à projeção lexical. Apresentamos a representação do par intransitivo e transitivo do verbo *clear* após transitivização automática.

⁷ Alguns exemplos de verbos deadjetivas retirados de Hale & Keyser (2002:16): *break* ‘quebrar’, *broaden* ‘alargar’, *crack* ‘rachar’, *darken* ‘escurecer’, *deepen* ‘aumentar’, *enlarge* ‘ampliar’, *freeze* ‘congelar’, *grow* ‘crescer’, *harden* ‘endurecer’, *lengthen* ‘alongar’, *loosen* ‘afrouxar’, *lower* ‘baixar’, *melt* ‘derreter’, *narrow* ‘estreitar’, *redde* ‘avermelhar’, *shorten* ‘encurtar’, *shrink* ‘encolher’, *sink* ‘afundar’, *soften* ‘amaciar’, *split* ‘dividir, partir’, *thicken* ‘engrossar’, *thin* ‘diluir, afinar’, *tighten* ‘esticar’, *widen* ‘alagar’.

(16) a)

(HALE & KEYSER, 2002:16)

b)

(HALE & KEYSER, 2002:17)

Nessa representação, V1 é uma estrutura monádica que toma como complemento uma estrutura diádica composta. Nessa estrutura, há somente um verbo realizado, isto é, *clear*. A posição de núcleo verbal da estrutura monádica V1 está vazia. Essa posição é preenchida pela matriz fonológica do verbo deadjetival *clear* via *conflation*. A matriz do verbo é transferida do núcleo mais baixo para o núcleo mais alto, deixando um traço, na posição primária.

5.1.1.3. Estrutura diádica básica

Verbos de estrutura diádica básica são formados por dois elementos: um núcleo verbal (V) e uma preposição (P) que é complemento do núcleo verbal. Verbos gerados nessa estrutura projetam um especificador e um complemento. Esse requerimento é feito pelo núcleo preposicional que projeta dois argumentos internos. Vemos, a seguir, a representação da estrutura diádica básica.

(17)

(HALE & KEYSER, 2002:7)

A preposição, núcleo da estrutura diádica básica, especifica uma relação (que pode ser espacial, temporal, entre outras) entre duas entidades, eventos, etc. Isso define, para os autores, o caráter predicador da preposição, que, sendo núcleo, requer tanto especificador quanto complemento, diferentemente de nomes (que não requerem nenhum argumento) e adjetivos (que requerem apenas um argumento, o especificador).

A estrutura apresentada em (17) ainda não forma um verbo. Para a formação do predicado verbal, é necessário que a estrutura diádica básica seja encaixada a uma estrutura monádica, que a toma como complemento.

(18)

(HALE & KEYSER, 2002:18)

Como vemos pela representação, a estrutura monádica introduz um núcleo verbal à estrutura diádica. Sendo vazio, ele pode sofrer *conflation* e receber a matriz fonológica do complemento de P (preposição e complemento), que também é produto de *conflation* entre o nome e a preposição. Desse processo, temos a construção das seguintes sentenças:

- (19) a) **I shelved the books**
 ‘Eu emprateleirei os livros’

b) **She saddled the horse**

‘Ela selou o cavalo’

(HALE & KEYSER, 2002:19)

Esse tipo de construção verbal é uma contraparte sintética para construções formadas com o verbo *put*, como vemos no exemplo a seguir:

(20) **I put the books on the shelf**

‘Eu coloquei os livros na prateleira’

(HALE & KEYSER, 2002:6)

Essa estrutura, diferentemente da estrutura sintética, não apresenta um núcleo verbal vazio, e sim preenchido pelo verbo *put* ‘colocar’, núcleo da estrutura monádica. O especificador da projeção P, na sintaxe sentencial, aparecerá como objeto da sentença, evidenciando que tal argumento, de fato, é um especificador interno à projeção lexical nucleada pela preposição. O sujeito, à semelhança do ocorrido com verbos monádicos, é um argumento externo introduzido na sintaxe sentencial. A seguir, mostramos a representação da construção analítica de verbos com estrutura diádica básica.

(21)

(HALE & KEYSER, 2002:7)

A estrutura diádica básica pode dar origem a dois tipos de verbos: *location*⁸ e *locatum*⁹. A diferença entre os dois verbos encontra-se nas propriedades semânticas da

⁸ Alguns exemplos de verbos *location* extraídos de Hale & Keyser (2002:18): *bag* ‘empacotar’, *bank* ‘depositar’, *bottle* ‘engarrafar’, *box* ‘encaixotar’, *cage* ‘engaiolar’, *corral* ‘encurrular’, *crate* ‘encaixotar’, *jail* ‘enjaular’, *package* ‘embalar’, *photograph* ‘fotografar’, *pocket* ‘embolsar’, *shelve* ‘emprateirar’, entre outros.

⁹ Alguns exemplos de verbos *locatum* extraídos de Hale & Keyser (2002:18): *bandage* ‘enfaixar’, *bar* ‘bloquear’, *blindfold* ‘vendar’, *bread* ‘empanar’, *butter* ‘amantegar’, *clothe* ‘vestir’, *curtain* ‘acortinar’, *oil* ‘lubrificar’, *paint* ‘pintar’, *saddle* ‘sellar’, *salt* ‘salgar’, *seed* ‘semear’, *shoe* ‘ferrar’, *water* ‘regar’, *word* ‘redigir’.

preposição presente como núcleo da projeção. Assim, o verbo *location* corresponde a estruturas cujo núcleo é uma preposição locativa como *at*, *in*, *on*, etc. A sentença (19a) é um exemplo desse tipo de verbo cuja estrutura analítica é: *I put the books **on** the shelf* ‘Eu coloquei os livros na prateleira’. O verbo *locatum* corresponde a estruturas cujo núcleo é uma preposição de posse como *with*. A sentença (19b) é um exemplo desse tipo de verbo cuja estrutura analítica é: *She put/left the horse **with** saddle* ‘Ela deixou o cavalo com sela’.

5.1.2. Diálogo entre os dados da língua Dâw e a teoria de Hale & Kayser (2002)

Nesse trabalho, propomos que as subclasses de verbos intransitivos encontradas (alternantes e não-alternantes) caracterizam-se por um tipo específico de estrutura argumental que lhe capacita, ou não, alternar entre uma forma intransitiva e transitiva automaticamente, ou seja, sem a inserção de um causativizador ou morfema de aumento de valência.

Nas próximas seções, analisaremos as propriedades dessas estruturas argumentais à luz da teoria de Hale & Keyser (2002) apresentada na seção anterior.

5.1.2.1. A subclasse dos verbos alternantes ou inacusativa

Como vimos na seção 5.1.1, para Hale & Keyser (2002), verbos alternantes ou inacusativos possuem estrutura diádica composta, formada por núcleo, raiz (complemento do núcleo) e especificador interno (sujeito do verbo na construção intransitiva e objeto na construção transitiva). Acreditamos que os verbos intransitivos alternantes em Dâw estão configurados em uma estrutura como essa. Assim, na construção incoativa, o sujeito do verbo é o especificador interno do predicado. Esse predicado é formado por meio de *conflation* entre raiz e núcleo verbal. Na construção transitiva (formada pela concatenação de duas estruturas: a diádica composta e a monádica, que está acima daquela), a matriz fonológica do verbo é movida para o núcleo da estrutura monádica. O especificador interno da estrutura diádica composta permanece *in situ*, ocupando a posição de objeto da sentença.

A seguir, apresentamos as estruturas incoativa e transitiva para as sentenças apresentadas em (22).

➤ *Alternância causativo-incoativa*

- (22) a) **Yun xop**
 roupa secar
 ‘A roupa secou’
 b) **Tir xop yun**
 3PS secar roupa
 ‘Ele secou a roupa’

➤ *Estrutura intransitiva*

(23) *Pré-conflation*

(24) *Pós-conflation*

Em (23) apresentamos a estrutura de um verbo intransitivo, no qual a raiz verbal *xop* ‘secar’ encontra-se *in situ*. Em (24), apresentamos uma estrutura na qual a matriz fonológica da raiz *xop* é transferida via *conflation* para o núcleo verbal. O sujeito *yun* ‘roupa’ é gerado na posição de especificador interno da estrutura diádica acima representada.

➤ *Estrutura transitiva*

(25) *Pré-conflation*

(26) *Pós-conflation 1*

(27) *Pós-conflation 2*

Em (25), apresentamos a raiz *xop* ‘secar’ *in situ*. Em (26), ela é transferida para a posição de núcleo verbal, formando um predicado intransitivo. E por fim, em (27), o predicado verbal é transferido para a posição de núcleo de V1, estrutura monádica responsável pela transitivização do verbo. O argumento interno *yun* ‘roupa’, nessa construção, é objeto do predicado verbal.

Nessas estruturas, o argumento externo é gerado apenas na sintaxe sentencial. Desse modo, o sujeito da construção transitiva, isto é, o argumento externo *tir* ‘ele’, não é um argumento interno à configuração projetada pelo item lexical.

5.1.2.2. A subclasse dos verbos não-alternantes

Com relação aos verbos não-alternantes da língua Dâw, achamos três padrões sintático-semânticos importantes para a análise dessa subclasse verbal:

- i) **Verbos inergativos** – Verbos denominais e verbos intransitivos com sujeito agente;
- ii) **Inacusativos que não alternam** – verbos intransitivos não-alternantes com sujeito paciente;
- iii) **Verbos deadjetivais com semântica estativa;**

i) Subclasse dos verbos inergativos

Os verbos inergativos em Dâw são apresentados na tabela a seguir:

Número	Verbo em Dâw	Tradução
1	‘ox	Correr
2	rôd	Sair
3	suuk	Caçar
4	çom	Banhar
5	win	Trabalhar
6	râm xo	Andar
7	bâay	Arrotar
8	sux	Esfarelar
9	‘ôot	Chorar
10	çâk	Pular
11	roo’	Tossir
12	‘ô	Rir
13	âaw	Gritar
14	yũmrũ	Cantar
15	yam	Dançar
16	yok	Nadar
17	çâ	Saltar
18	leep	Brilhar
19	xaam	Vomitar
20	bax	Suar
21	baak	Soluchar
22	ratĩs	Espirrar

Tabela 5.3: Verbos intransitivos com sujeito agente e denominais não-alternantes

Prototipicamente, nas línguas mais conhecidas atualmente (vide HALE & KEYSER 2002, HASPELMATH 1993, entre outros), verbos inergativos como nadar, arrotar, cantar, trabalhar e banhar-se são verbos não-alternantes, à semelhança do que encontramos no Dâw.

Para autores como Hale & Keyser (2002), esses tipos de predicados verbais são verbos monádicos, isto é, são formados a partir de uma estrutura do tipo monádica. Esses verbos não projetam especificador interno e por isso não podem configurar uma estrutura do tipo alternante, com especificador e complemento.

A agramaticalidade desses tipos de verbos diante desse processo está relacionada ao fato de que verbos monádicos não possuem uma raiz predadora, isto é, a raiz desses verbos não projeta um especificador interno, como é observado nos verbos diádicos compostos. Uma vez que verbos monádicos não projetam esse tipo de argumento, a transitivização não ocorre, pois não há espaço na estrutura monádica responsável por comportar o objeto de uma construção causativa. Desse modo, mesmo que haja o encaixamento de uma estrutura monádica acima de outra estrutura monádica, a

configuração formada não é boa, pois ela não possui um núcleo que projeta o argumento interno (objeto na sentença transitiva), elemento importante no processo de transitivização, pois sem ele, a sentença transitiva torna-se agramatical.

A agramaticalidade dessa formação pode ser vista a seguir:

➤ *Alternância causativo-incoativa*

- (28) a) **Woor 'ox**
tukano correr
'O tukano correu'
- b) ***Tir 'ox woor-ũuy'**
3PS correr tukano-MDO

➤ *Estrutura intransitiva*

(29) *Pré-conflation*

(30) *Pós-conflarion*

➤ *Estrutura transitiva agramatical*

(31) *Pré-conflation*

(32) *Pós-conflation*

Como podemos ver nas estruturas acima, o encaixamento de outra estrutura monádica acima da estrutura monádica do verbo 'ox 'correr', por exemplo, não transitiviza automaticamente o verbo em questão, pois diferentemente do que vimos na estrutura diádica composta do verbo *xop* 'secar' (estruturas de (23) a (27)); nas estruturas apresentadas em (31) e (32) com o verbo 'ox não há espaço para a projeção de

um especificador interno (sujeito do verbo na estrutura intransitiva e objeto do verbo na estrutura transitiva).

No caso dos verbos denominais, cuja estrutura também é a monádica, todas as estruturas e processos sintáticos discutidos acima são preservados, com a diferença de que na classe dos verbos intransitivos não-alternantes, a natureza da raiz é acategorial, e nos verbos denominais, a natureza da raiz é um nome.

➤ *Alternância causativo-incoativa*

- (33) a) **Dâw tee ‘ōot**
 gente filho chorar
 ‘A criança chorou’

- b) ***Dâw ‘āy ‘ōot dâw tee-ũuy’**
 gente fêmea chorar gente filho-MDO

➤ *Estrutura intransitiva*

- (34) *Pré-conflation*

- (35) *Pós-conflation*

➤ *Estrutura transitiva agramatical*

- (36) *Pré-conflation*

- (37) *Pós-conflation*

Verbos com estrutura monádica podem ser transitivizados, mas isso ocorre via transitivização complexa, ou causativização, na qual um predicado verbal tem sua valência aumentada por meio da inserção do causativizador *dôo* ‘fazer’ ao VP. Nas próximas seções, discutiremos com mais detalhes esse processo de aumento de valência.

Por fim, os sujeitos de verbos com esse tipo de estrutura geralmente possuem papel temático de agente, uma vez que esses argumentos não são internos, mas são argumentos externos inseridos na sintaxe, após o movimento do núcleo verbal para posições acima de VP.

ii) Subclasse de verbos inacusativos que não alternam

A seguir, apresentamos a subclasse dos verbos inacusativos não-alternantes:

Número	Verbo em Dâw	Tradução
1	‘ãa	Dormir
2	yelêew	Transformar-se
3	kog’ôogn	Desmaiar
4	çeeb	Mudar
5	‘ub	Acordar
6	nõx	Cair
7	kũm	Afundar
8	pôw’	Boiar
9	pêg-saak	Crescer
10	Kas	Estragar
11	yum	Melhorar
12	xaw	Ferver
13	beg	Clarear
14	rõ	Queimar
15	baax	Aparecer

Tabela 5.4: Verbos inacusativos que não alternam

Verbos como *rõ* ‘queimar’, *pêg-saak* ‘crescer’, *nõx* ‘cair’, entre outros possuem um sujeito cujo papel temático é tema ou paciente, isto é, aquele que sofre a ação do predicado verbal (diferentemente dos verbos intransitivos vistos anteriormente, como *wĩnh* ‘trabalhar’, *ox* ‘correr’, entre outros, cujo sujeito tem papel temático de agente).

Dessa forma, esses verbos não podem ser figurados em uma estrutura monádica, pois verbos com esse tipo de estrutura possuem como sujeito argumentos externos, projetados na sintaxe e não na estrutura argumental.

A natureza semântica do sujeito desses verbos aproxima-os da subclasse de verbos alternantes, isto é, inacusativos, formados a partir de uma estrutura argumental diádica composta, cujo sujeito da construção intransitiva é um argumento interno à estrutura. Esses tipos verbais, como já vimos, podem alternar entre uma forma intransitiva e transitiva. Na construção intransitiva, o argumento interno sobe para a

posição de especificador externo em um núcleo acima de VP e realiza-se como sujeito da construção intransitiva; todo esse processo é realizado na sintaxe. Na construção transitiva, esse argumento permanece *in situ*, e realiza-se como objeto da construção transitiva. Argumentos internos, portanto, possuem características semânticas de um tema ou paciente, entidade que sofre o efeito de alguma ação. Essa característica semântica é própria de argumentos internos devido à natureza categorial da sua projeção.

Nesse sentido, devido à natureza semântica dos predicados verbais analisados nessa seção, analisamos esses verbos como inacusativos, tipos verbais que projetam um argumento interno.

Todavia, diferentemente de verbos inacusativos formados a partir de uma estrutura diádica composta como *wɪnd* ‘chegar’ e *pêt* ‘quebrar’, os verbos inacusativos como *nõx* ‘cair’ e *baax* ‘aparecer’ não alternam entre uma forma transitiva e intransitiva. Desse modo, os verbos apresentados na tabela 5.4 são analisados como inacusativos não-alternantes, pois apresentam características semânticas de verbos inacusativos, mas não alternam entre uma forma intransitiva e transitiva.

Hale & Keyser (2002) mostram que em inglês existem verbos inacusativos não-alternantes como *arrive* ‘chegar’, *appear* ‘aparecer’ e *occur* ‘ocorrer’ que não podem ser transitivizados, como ocorre com verbos inacusativos como *break* ‘quebrar’. Além disso, esses verbos podem participar de construções do tipo *there-insertion*, como pode ser visto nos exemplos abaixo:

- (38) a) **Many guests arrived (at the party)**
 ‘Muitos convidados chegaram (à festa)’
 b) **There arrived many guests (at the party)**
 ‘Muitos convidados chegaram (à festa)’
 c) *** John arrived many guests (at the party)**

(HALE & KEYSER, 2002:189)

Para os autores, na sentença (38a), *many guests* ‘muitos convidados’ são originados na posição de especificador de uma estrutura do tipo diádica básica que é complemento do verbo *arrive*, núcleo de uma estrutura do tipo monádica.

(39)

(HALE & KEYSER, 2002:189)

O núcleo de P, na construção diádica básica, pode ser preenchido (*at (the party)*), ou pode ser ocupado por uma preposição abstrata não realizada sintaticamente e representada na estrutura como *pro*.

Em construções do tipo (38a), *many guests* sobe para a posição de sujeito na sentença, na posição de especificador de IP, na sintaxe. Alternativamente, o expletivo *there* pode ser inserido na posição de sujeito da sentença, satisfazendo o princípio de EPP (*Extended Projection Principle*), princípio que prevê que a posição de sujeito de uma sentença deve estar sempre preenchida, mesmo que por algum núcleo expletivo ou nulo como *pro*.

Verbos com esse tipo de construção não podem alternar pelo mesmo motivo que verbos monádicos: verbos inacusativos não-alternantes não projetam um argumento interno. A estrutura diádica básica (complemento da estrutura monádica) é uma *small clause* e gera o argumento interno, mas esse argumento pertence à mini-orção e não ao verbo gerado no núcleo da estrutura monádica. Desse modo, *arrive* não predica um argumento interno, mas contém um argumento que é predicado por outro núcleo, no caso, P. Assim, esses verbos são estruturalmente verbos monádicos que tomam como complemento uma estrutura diádica básica que ‘fornece’ o argumento interno ao verbo.

Além disso, verbos desse tipo não podem figurar em uma sentença na qual o argumento externo é inserido na sintaxe, como ocorre com verbos monádicos. Ou seja, verbos inacusativos não-alternantes não predicam argumentos externos na sintaxe, pois verbos como *arrive* não atribuem caso nominativo ao argumento externo. Isso ocorre, pois o núcleo P não atribui caso aos seus argumentos, logo, o papel de atribuidor de caso é exercido pelo verbo *arrive*, que atribui caso ao argumento interno *many guests*. Desse modo, caso houvesse a inserção de um argumento externo na sintaxe, acima de VP, como ocorre com verbos monádicos, esse argumento não receberia caso, pois o

verbo já teria saturado sua capacidade de atribuição de caso com o argumento interno gerado por P. É devido a essas propriedades que a sentença (38c) é agramatical.

Dessa forma, analisamos os verbos apresentados nessa seção como verbos inacusativos não-alternantes do tipo *arrive* ‘chegar’. O sujeito do verbo possui papel de paciente ou tema, pois ele é gerado como um argumento interno de uma construção diádica básica. O verbo, núcleo de uma estrutura monádica, toma como complemento a estrutura diádica básica que não projeta fonologicamente uma preposição.

Exemplo:

- (40) a) **Baa’ rõ**
 beiju queimar
 ‘O beiju queimou’
- b) ***Tir rõ baa’**
 3PS queimar beiju

➤ *Estrutura intransitiva*

(41) **Pré-movimento**

(42) **Pós-movimento**

Na sintaxe, o verbo sobe para a posição de núcleo de IP e o argumento interno sobe para a posição de especificador de IP (onde ele é categorizado como sujeito da sentença) (estrutura (42)).

➤ *Estrutura transitiva agramatical*

(43)

iii) Verbos deadjetivais com semântica estativa

Na tabela abaixo, apresentamos os verbos ‘deadjetivais’ em Dâw:

Número	Verbo em Dâw	Tradução
1	xub-sôk rãm	Estar triste
2	kub rãm	Estar escuro
3	rân rãm	Estar velho
4	duy rãm	Estar sujar
5	mên rãm	Ser curto
6	pêg rãm	Ser grande
7	ça rãm	Ser preto
8	lâk rãm	Ser magro
9	çii rãm	Ser azedo
10	dep rãm	Ser gordo
11	tâaw rãm	Estar bravo
12	kas rãm	Ser feio
13	muj rãm	Ser úmido
14	wê rãm	Estar molhado
15	sêj rãm	Estar cheio
16	‘wât rãm	Ser comprido

Tabela 5.5. Verbos deadjetivais não alternantes

Para Hale & Keyser (2002), verbos que podem sofrer alternância causativo-incoativa são verbos de estrutura diádica composta, cujo núcleo projeta um especificador interno. Este especificador é projetado pelo verbo, mas é semanticamente exigido pela raiz (complemento de V) de natureza adjetival. Dessa forma, verbos derivados de adjetivos possuem esse tipo de estrutura e, conseqüentemente, são verbos que alternam, ou seja, transitivizam-se automaticamente. Todavia, como pudemos perceber pelos dados desses tipos verbais, em Dâw, os verbos ‘deadjetivais’ elicitados não se transitivizaram automaticamente. O aumento de valência ocorreu apenas por meio do processo de causativização, ou seja, por meio da inserção do causativizador *dôo* ‘fazer’.

Acreditamos que essa restrição de alternância se deve à estrutura argumental dos verbos com raiz adjetival em Dâw. Como apresentamos no capítulo 3, os verbos ‘deadjetivais’ em Dâw não são derivados morfologicamente, mas eles são construções analíticas nas quais o adjetivo não é verbalizado, mas é complemento de uma cópula.

Dessa forma, à luz dos princípios teóricos de Hale & Keyser (2002), argumentamos que os verbos ‘deadjetivais’ da língua Dâw possuem uma estrutura

diádica composta, uma vez que a raiz desses verbos é um adjetivo. O núcleo verbal é preenchido por uma cópula que toma como complemento o adjetivo. Aquele não sofre *conflation* com seu complemento, pois esse processo só ocorre quando o núcleo verbal é vazio, ou afixal¹⁰. Caso esse núcleo seja fonologicamente pleno, ou seja, possua uma matriz fonológica, não ocorre *conflation*.

Dessa forma, assumimos que a agramaticalidade desses verbos diante do processo de transitivização automática ocorre devido à impossibilidade de *conflation* entre o núcleo verbal (cópula) e a raiz (adjetivo). Exemplo:

- (44) a) **weed** **çii** **rãm**
 comida azeda ficar
 ‘A comida azedou’

- b) ***yu’** **çii** **rãm** **weed**
 sol azedou ficar comida

➤ *Estrutura intransitiva*

(45)

➤ *Estrutura transitiva agramatical*

(46) *Inserção de uma construção monádica acima da estrutura diádica*

¹⁰ Para Halle & Kayser (2002), afixos possuem uma característica fonológica ‘defeituosa’, por isso permitem *conflation* com a raiz.

(47) *Agramaticalidade diante do processo de conflation*

Como já foi discutido, construções causativas são formadas pela concatenação de duas estruturas: a diádica composta e a monádica, concatenada acima daquela. Nesse processo, primeiramente, a matriz fonológica do verbo é movida por *conflation* da raiz para o núcleo verbal da estrutura diádica, em seguida a matriz fonológica do núcleo é movida para o núcleo verbal da estrutura monádica. Como o predicado deadjetival em Dâw é analítico, não é possível haver *conflation* entre raiz e núcleos verbais (estrutura (46) e (47)). O especificador interno da estrutura diádica sobe para posições acima de VP para receber caso na sintaxe e se tornar sujeito da sentença.

5.2. Causativização em Dâw

A causativização, ou transitivização complexa (HALE & KEYSER, 2002), diferentemente da transitivização automática é um processo no qual um predicado verbal, independente de sua estrutura argumental, tem sua valência aumentada por meio da inserção de um verbo causativo à sua raiz. Esse verbo ou auxiliar causativo pode se manifestar: i) como um morfema preso ao VP; ii) ou como um verbo leve, que introduz um argumento causa ou agente na sintaxe. Isso é fundamentalmente diferente do que ocorre na transitivização, na qual o especificador já está presente na estrutura argumental.

De acordo com Martins (2004), em Dâw, sentenças causativas são formadas por meio do auxiliar causativo *dôo*, traduzido como ‘fazer’. Esse causativizador precede o verbo principal e adiciona à sentença um argumento sujeito agente. Analisamos as construções formadas por *dôo* como casos de causativização analítica, na qual um verbo causativo aparece no núcleo funcional do sintagma verbal complexo.

Exemplo:

- (48) a) **Bee pêt**
 pau quebrar
 ‘O pau quebrou’
- b) **Tir dōo pêt bee-ũuy’**
 3PL CAUS quebrar pau-MDO
 ‘Ele fez o pau quebrar’

Em Dâw, *dōo* também é um predicado verbal transitivo traduzido como ‘levar’.

- (49) **Bug tir dōo xâd dâw-ũuy’**
 então 3PS levar ASPC gente-MDO
 ‘Então ele levou os dâw’

(*História do filhote de jabuti*, Nazaré (narradora Dâw))

Neste trabalho, testamos o causativizador *dōo* com dois grupos de verbos: intransitivos (70 verbos) e transitivos (15 verbos), totalizando 85 verbos testados.

Número	Verbo em Dâw	Tradução	Classe verbal
1	wuud	Chegar	Intransitivo
2	baad	Virar	Intransitivo
3	‘eed	Virar	Intransitivo
4	bâar	Derramar	Intransitivo
5	pêt	Quebrar	Intransitivo
6	Woox	Quebrar	Intransitivo
7	xop	Secar	Intransitivo
8	pô	Abrir	Intransitivo
9	tobuk	Fechar	Intransitivo
10	yapilu	Começar	Intransitivo
11	çêe	Espalhar	Intransitivo
12	rud	Derreter	Intransitivo
13	rũ	Terminar	Intransitivo
14	wâg	Balançar	Intransitivo
15	pâd	Rolar	Intransitivo
16	râ	Parar	Intransitivo
17	leg	Apagar	Intransitivo
18	‘ox	Correr	Intransitivo
19	rôd	Sair	Intransitivo
20	‘âa	Dormir	Intransitivo
21	suuk	Caçar	Intransitivo
22	yelêew	Transformar-se	Intransitivo
23	kog’ôogn	Desmaiar	Intransitivo
24	çeeb	Mudar	Intransitivo

25	‘ub	Acordar	Intransitivo
26	çom	Banhar	Intransitivo
27	win	Trabalhar	Intransitivo
28	nõx	Cair	Intransitivo
29	kũm	Afundar	Intransitivo
30	pôw’	Boiar	Intransitivo
31	pêg-saak	Crescer	Intransitivo
32	sux	Esfarelar	Intransitivo
33	‘ôot	Chorar	Intransitivo
34	çâk	Pular	Intransitivo
35	roo’	Tossir	Intransitivo
36	‘ô	Rir	Intransitivo
37	âaw	Gritar	Intransitivo
38	yũmrũ	Cantar	Intransitivo
39	yam	Dançar	Intransitivo
40	yok	Nadar	Intransitivo
41	çâ	Saltar	Intransitivo
42	leep	Brilhar	Intransitivo
43	xaam	Vomitar	Intransitivo
44	bax	Suar	Intransitivo
45	bâay	Arrotar	Intransitivo
46	baak	Soluçar	Intransitivo
47	ratĩs	Espirrar	Intransitivo
48	kas	Estragar	Intransitivo
49	yum	Melhorar	Intransitivo
50	rãm xo	Andar	Intransitivo
51	xaw	Ferver	Intransitivo
52	beg	Clarear	Intransitivo
53	rõ	Queimar	Intransitivo
54	baax	Aparecer	Intransitivo
55	xub-sõk rãm	Estar triste	Intransitivo
56	kub rãm	Estar escuro	Intransitivo
57	rân rãm	Estar velho	Intransitivo
58	duy rãm	Estar sujar	Intransitivo
59	mẽn rãm	Ser curto	Intransitivo
60	pêg rãm	Ser grande	Intransitivo
61	ça rãm	Ser preto	Intransitivo
62	lâk rãm	Ser magro	Intransitivo
63	çii rãm	Ser azedo	Intransitivo
64	dep rãm	Ser gordo	Intransitivo
65	tâaw rãm	Estar bravo	Intransitivo
66	kas rãm	Ser feio	Intransitivo
67	muj rãm	Ser úmido	Intransitivo
68	wê rãm	Estar molhado	Intransitivo
69	sêj rãm	Estar cheio	Intransitivo
70	‘wât rãm	Ser comprado	Intransitivo
71	rõk	Cortar	Transitivo

72	kâs	Morder	Transitivo
73	yût	Matar	Transitivo
74	wây	Ver	Transitivo
75	mũm	Abraçar	Transitivo
76	çũnh	Beijar	Transitivo
77	ya'	Assar	Transitivo
78	xa	Cozinhar	Transitivo
79	âg	Beber	Transitivo
80	rê'	Cavar	Transitivo
81	nee	Fazer	Transitivo
82	rõoy	Focar	Transitivo
83	'ũum	Bater (genérico)	Transitivo
84	weed	Comer	Transitivo
85	paar	Saber	Transitivo

Tabela 5.6: Verbos intransitivos e transitivos testados com *dôo*

5.2.1. Causativização com verbos intransitivos

Com relação à causativização analítica dos verbos intransitivos em Dâw, percebemos que todos os verbos testados puderam ser causativizados por *dôo* 'fazer', que adiciona um argumento sujeito causa ou agente ao predicado verbal intransitivo. O sujeito da construção intransitiva, após a causativização, é realizado como objeto. Dependendo do seu traço semântico (definido ou animado), o argumento objeto pode ser marcado pelo morfema MDO {'ũuy'}¹¹. Para mais detalhes, veja capítulo 7 desse trabalho.

Dessa forma, o uso de *dôo* não distingue subclasses de verbos intransitivos. Apresentamos os dados obtidos na elicitación dos processos de causativização com os verbos testados. Em (50), *dôo* co-ocorre com um verbo alternante, ou inacusativo; em (51), *dôo* co-ocorre com um verbo não-alternante inergativo; em (52), *dôo* co-ocorre com um verbo inacusativo não-alternante; e, por fim, nos exemplos (53) e (54), *dôo* co-ocorre nos contextos de verbos 'deadjetivais'.

- (50) a) **Buuy** **wuud**
homem branco chegar
'O homem branco chegou'

¹¹ MDO: marca associada aos objetos de sentenças transitivas. É empregada de acordo com traços semânticos do objeto marcado. Esses traços estão relacionados a distinções de referencialidade baseadas em escalas de definitude e animacidade. Analisamos a marca morfológica apresentada nos objetos das sentenças transitivas em Dâw como MDO, devido à restrição semântica dos objetos marcados morfológicamente.

b) **Tir dōo wuud buuy-ũuy'**

3PS CAUS chegar homem branco-MDO

'Ele fez o homem branco chegar'

(51)

a) **Woor 'ox**

tukano correr

'O tukano correu'

b) **Tir dōo 'ox woor-ũuy'**

3PL CAUS correr tukano-MDO

'Ele fez o tukano correr'

(52)

a) **Yun rō**

roupa queimar

'A roupa queimou'

b) **Tir dōo rō yun**

3PS CAUS queimar roupa

'Ele queimou a roupa'

(53)

a) **Weed çii rām**

comida azedo ficar

'A comida azedou (Lit.: A comida ficou azeda)'

b) **Dâw ãy dōo çii weed**

gente fêmea CAUS azedo comida

'A mulher fez a comida azedar (Lit.: A mulher fez azeda a comida)'

c) **Dâw ãy dōo çii rām weed**

gente fêmea CAUS azedar ficar comida

'A mulher azedou a comida (Lit.: A mulher fez a comida ficar azeda)'

- (54) a) **Dâw xut dep rãm**
 gente macho gordo ficar
 ‘O homem engordou (Lit.: O homem ficou gordo)’
- b) **Dâw ãy dõo dep dâw xut-ũuy’**
 gente fêmea CAUS gordo gente macho-MDO
 ‘A mulher engordou o homem (Lit.: A mulher fez o homem gordo)’
- c) ***Dâw ãy dõo dep rãm dâw xut-ũuy’**
 gente fêmea CAUS gordo ficar gente macho-MDO

Com todas as subclasses de verbos intransitivos testados, o núcleo funcional *dõo* ‘fazer’ é concatenado ao verbo na sintaxe. Assim, o causativizador insere um argumento externo ao VP, e não ao núcleo verbal ainda em nível de estrutura argumental, conforme vemos a seguir exemplificado com o verbo intransitivo ‘ox ‘correr’ (sentença apresentada em (51)):

➤ *Estrutura causativa de verbos intransitivos*

(55)

É possível encontrar verbos ‘deadjetivais’ causativizados, mas nesses casos, a cópula *rãm* ‘ir’ está presente. Todavia, essa construção não é aceita por todos os informantes testados, conforme pudemos ver pela agramaticalidade desse tipo de construção apresentada na sentença (54c). No entanto, quando possível, verbos ‘deadjetivais’ causativizados possuem a seguinte estrutura:

(56)

No caso dos verbos ‘deadjetivais’, é mais usual que a construção causativa apareça sem a cópula *rãm* ‘ir’ e o único predicado verbal presente na sentença seja *dôo* ‘fazer’, que ocupa o núcleo de *v* (vezinho), e toma como complemento o sintagma adjetival realizado, nesses casos, como uma mini-orção (*small-clause*). Apresentamos a estrutura referente à sentença (53b):

➤ *Estrutura causativa*

(57)

5.2.2. Causativização com verbos transitivos

Com relação à causativização com predicados verbais transitivos, todos os verbos testados puderam ser causativizados por *dôo*. O causativizador adiciona ao predicado verbal um argumento sujeito, agente ou causa, à sentença. O sujeito da construção transitiva, na sentença causativizada, realiza-se como objeto, que é sufixado por {-ũuy’}, tendo em vista seus traços semânticos, isto é, [+animado] e [+definido].

- (58) a) **Dâw xut rōoy tor-ũuy’**
 gente macho focar porco-MDO
 ‘O homem focou o porco’

- b) **Dâw ‘ây dōo rōoy dâw xut-ũuy’ tor-ũuy’**
 gente fêmea CAUS focar gente macho-MDO porco-MDO
 ‘A mulher fez o homem focar o porco’
- (59) a) **Dâw xut yūt yam-ũuy’**
 gente macho matou cachorro-MDO
 ‘O homem matou o cachorro’
- b) **Dâw ‘ây dōo yūt dâw xut-ũuy’ yam-ũuy’**
 gente fêmea CAUS matar gente macho-MDO cachorro-MDO
 ‘A mulher fez o homem matar o cachorro’

Esse resultado nos mostra que o uso do causativizador *dōo* em Dâw não possui restrições quanto à valência do verbo. Tanto com predicados verbais intransitivos quanto transitivos, *dōo* acrescenta ao verbo um argumento sujeito agente ou causa.

5.4. Síntese do capítulo

Nesse capítulo, analisamos o processo de transitivização e causativização em Dâw. Com relação ao processo de transitivização, demonstramos que as restrições de alternância de alguns verbos intransitivos se devem à estrutura argumental de cada tipo verbal. No caso dos verbos intransitivos alternantes ou inacusativos, observamos que eles são formados a partir de estrutura diádica composta, que projeta um especificador interno e um complemento, o que lhes permite alternar entre uma forma intransitiva e transitiva. No caso dos verbos denominais e inergativos, percebemos que eles são formados a partir de uma estrutura argumental monádica, que não projeta especificador interno, o que impede a alternância. Verbos inacusativos não-alternantes são formados a partir de uma estrutura monádica que toma como complemento uma estrutura diádica básica, que projeta um argumento interno. Verbos desse tipo não alternam, pois eles não são formados por uma estrutura diádica, mas contêm uma estrutura desse tipo. Com relação aos verbos ‘deadjetivais’, vimos que eles são formados a partir de uma cópula que toma como complemento um adjetivo. Dessa forma, uma vez que raiz e núcleo

verbal possuem conteúdo fonológico pleno (não vazio), não é possível fazer *conflation* entre núcleo e raiz, o que impede que o predicado verbal seja formado. Essa estrutura explica a agramaticalidade desses verbos frente ao processo de transitivização automática.

Com relação à causativização, ou transitivização complexa, vimos que há, em Dâw, um causativizador, isto é, *dôo* ‘fazer’, que adiciona ao predicado verbal, tanto intransitivo quanto transitivo, um argumento externo. Desse modo, não há restrições de valência verbal quanto à causativização com esse auxiliar.

Capítulo 6: Processos de redução de valência

6.0. Introdução

Neste capítulo, discutiremos quatro processos de intransitivização: construção de sentenças incoativas (ou anticausativas), a partir de sentenças transitivas; formação de voz média, reflexiva e passiva em Dâw.

Segundo Martins (2004), construções incoativas e médias são formadas por meio do apagamento do tom lexical do verbo transitivo. Construções passivas, por sua vez, são formadas por meio do acréscimo de tom ascendente no predicado verbal. Por fim, as reflexivas seriam derivadas a partir do morfema reflexivo *xup*. Os dados de elicitación realizados nessa pesquisa contrariaram as hipóteses de Martins (2004) e revelaram que não há morfologia tonal para a formação de sentenças incoativas, médias e passivas em Dâw. Sentenças incoativas e médias não possuem morfologia específica (ou são formadas a partir de morfema zero). Não há passivas em Dâw, isto é, os falantes não categorizam esse tipo de eventualidade na língua, e as sentenças reflexivas são formadas por meio de pronomes reflexivos e não propriamente por meio da partícula *xup*, que, em nossos dados, caracterizou-se como um adjetivo cujo significado é ‘mesmo’.

Na seção 6.1, apresentamos a descrição e análise de Martins (2004) acerca da formação de construções incoativas, médias, reflexivas e passivas. Na seção 6.2, apresentamos um panorama teórico acerca das construções incoativas médias, reflexivas e passivas. Na seção 6.3, apresentamos os dados coletados nessa pesquisa e a nossa análise acerca desses quatro processos em questão. Na seção 6.4, apresentamos uma síntese do que foi exposto no capítulo.

6.1. Os processos de redução de valência descritos por Martins (2004)

6.1.1. A formação de verbos intransitivos e médios em Dâw

Martins (2004) afirma que verbos transitivos podem ser intransitivizados por meio do apagamento do seu tom lexical. Nesse processo, o verbo transitivo, analisado como forma básica por Martins (2004), possui tom e projeta dois argumentos – um

sujeito e um objeto. O verbo intransitivo derivado, que projeta um único argumento, não possui tom. Assim, verbos tonais transitivos, quando derivam verbos intransitivos, perdem seu tom lexical. Por esse comportamento, Martins (2004) conclui que o processo de intransitivização decorre do apagamento do tom do verbo transitivo. A seguir, transcrevemos os exemplos extraídos de Martins (2004)¹.

- (1) a) **‘ār lod dār mũunh**
 1SG descascar PONT 1SG.OBL
 ‘Eu me descasquei’

- b) **‘ār lod rãm yu’ xad**
 1SG descascar:INTRV ir estar quente por causa de
 ‘Eu me descasquei por causa do sol’

(MARTINS, 2004:674)

- (2) a) **‘ār ceep doo’ yum**
 1SG arrebentar Mov cipó
 ‘Eu arrebentei o cipó’

- b) **Yum cep xad**
 cipó arrebentar:INTRV DUR
 ‘O cipó arrebentou’

(MARTINS, 2004:674)

Segundo Martins (2004), um verbo transitivo atonal, quando intransitivizado, permanece sem tom e projeta apenas um argumento. Nesse caso, a supressão do argumento sujeito da construção transitiva é a indicação de que houve redução de valência no verbo. A seguir, exemplificamos esse caso.

- (3) a) **‘ār xob dâar laat**
 1SG furar PONT lata
 ‘Eu furei a lata’

¹ Lembramos o leitor que, na ortografia Dâw, o tom é marcado com a duplicação da vogal sobre a qual ele recai. Para mais detalhes, veja seção 1.1.3, do capítulo 1.

- b) **laat xob xâd**
 lata furar:INTRV DUR
 ‘A lata furou’

(MARTINS, 2004:673)

Segundo a autora, o apagamento de tom (ou o tom zero) dos predicados verbais formaria também construções médias. Nesse tipo de construção, o evento verbal ocorreria sem a intervenção de um sujeito agente, pois tal evento se dá de modo natural (espontaneamente), sem uma causa externa. Para a autora, os verbos incoativos (anticausativos) e médios derivados pelo apagamento do tom lexical de verbos transitivos formam uma única classe (classe dos verbos médios, que se opõe à classe dos verbos ativos). Segundo Martins (2004), eles não se distinguem semanticamente, pois ambos expressam um evento espontâneo e tomam um único argumento.

6.1.2. Voz reflexiva

Segundo Martins (2004), em Dâw, haveria um morfema reflexivo – a saber, *xup* – que indica que o objeto possui referência idêntica ao sujeito. Segundo a autora, esse morfema pode ocorrer após o sujeito (exemplo 4), ou após o objeto (exemplo 5):

- (4) **Ãr xup xop dâr**
 1PS REFLX secar PONT
 ‘Eu mesmo me sequei’

(MARTINS: 2004, 379)

- (5) **Ãr çom ãr xup**
 1PS banhar 1PS REFLX
 ‘Eu banho a mim mesmo’

(MARTINS: 2004, 379)

A autora afirma que *xup* também deriva construções reflexivas enfáticas, nas quais o pronome reflexivo aparece após o sujeito e o objeto aparece na sua forma pronominal oblíqua, como podemos ver nos exemplos abaixo (*mũnh*, pronome de primeira pessoa do singular, exemplo 6, ou *tirũuy*, pronome de terceira pessoa do singular, exemplo 7):

- (6) **Ãr xup ãr tees mũnh**
 1PS secar 1PS cortar 1PSOBL
 ‘Eu me corto (Lit. Eu mesmo me corto)’

(MARTINS: 2004, 379)

- (7) **Tir xup-ẽn’ tir-ũuy’ yūt yed kâp**
 3PS REFLX-REF 3PS-AFET matar INTSI MOD
 ‘Ele mesmo se matou!’

(MARTINS: 2004, 379)

Para Martins (2004), o morfema reflexivo *xup* indica a noção de algo que é próprio ou característico de alguém, além de também indicar formalmente estruturas enfáticas.

6.1.3. Voz passiva

De acordo com Martins (2004), a passiva em Dâw é formada por meio do morfema tonal ascendente e ocorre apenas com verbos transitivos. Para a autora, quando o verbo transitivo com tom ascendente for passivizado, o tom do predicado verbal é preservado e a indicação do processo de passivização ocorre por meio da relação semântica e sintática do verbo com seus agentes. Se o verbo transitivo possuir tom descendente ou for atonal, ele passa a ser realizado com tom ascendente, devido ao processo de passivização.

Segundo a autora, as construções passivas em Dâw não podem ocorrer com o agente da passiva.

Exemplos:

- (8) a) **bōrō ya’ yed rāap-ũuy’**
 fogo assar INTS1 peixe-AFET
 ‘O fogo assou o peixe’
- b) **rāap yaa’**
 peixe assar:APAS
 ‘O peixe foi assado’

(MARTINS, 2004:88)

Para Martins (2004), a construção passiva possui a mesma leitura que um sintagma nominal. Assim, construções como a apresentada em (8b) também podem ter uma leitura como ‘peixe assado’.

Como vimos no capítulo 4, o sistema tonal em Dâw é previsível e não há morfemas tonais que participam de processos gramaticais como a transitivização, por exemplo. Como veremos adiante, os dados coletados acerca desse processo gramatical mostram que não há morfologia específica de passivização nem construções passivas em Dâw.

6.2. Definindo os processos de intransitivização

Segundo Kemmer (1994), a voz média é usada para expressar eventos nos quais o sujeito é afetado pela ação verbal. Em uma perspectiva funcional, para a autora, as médias podem ser situadas como categorias intermediárias em uma escala de transitividade ou de elaboração de eventos. Nessa escala, encontram-se, em um polo eventos altamente elaborados, isto é, transitivos, que categorizam a participação de dois (ou mais) participantes de um evento. No outro polo, encontram-se eventos de baixa elaboração, isto é, intransitivos, que categorizam a presença de um único participante do evento.

A voz média e as sentenças reflexivas são categorias intermediárias nessa escala. Nos eventos reflexivos, observa-se a presença de dois participantes correferenciais ou co-indexados, diferentemente de eventos transitivos, nos quais os dois participantes do evento possuem referentes distintos e não estão associados. O sujeito de um verbo reflexivo é o desencadeador [+animado] do evento verbal e também é a entidade afetada por ele. Assim, em eventos como ‘*John saw himself in the mirror*’, *John* é o agente da ação de ver e o objeto afetado por ele, ou seja, o que é visto.

Nos eventos médios, apenas um participante é identificado. As propriedades semânticas desse participante não se distinguem. Não é possível delimitar a ação do sujeito e a afetação do objeto, pois, nesse quadro, o sujeito é afetado pela ação do verbo. É devido a essas propriedades que o verbo de domínio médio possui propriedades formais de intransitividade.

De acordo com Kemmer (1993, 1994), as línguas que marcam morfologicamente a voz média possuem um *sistema médio* (*middle system*). O grego –

*trépe-s*² ‘virar-se’ – e o alemão – *sich verbeugen* ‘curvar-se’ são exemplos de línguas com esse tipo de sistema. Outras línguas, todavia, não apresentam uma morfologia específica para designar a forma média. No inglês, por exemplo, situações de domínio médio são representadas por meio da morfossintaxe intransitiva (*wash* ‘lavar-se’ é um verbo intransitivo e de domínio médio) ou por construções compostas (*dress/get dressed*).

Em línguas como o russo (língua com *sistema médio*), essa distinção é importante, pois verbos anticausativos e médios apresentam algumas restrições sintáticas que são compartilhadas pelos dois tipos de verbos, o que evidencia que eles pertencem a classes distintas. Segundo Reinhart & Siloni (2005) *apud* Lazzarini Cyrino (*manuscrito*), nas construções de negação do russo, os verbos espontâneos podem apresentar sujeito no caso genitivo, enquanto que verbos de domínio médio não podem.

Exemplo:

(9) a) **Ne** **pojavilo-s’** **student-ov**
 não compareceram-se alunos-GEN
 ‘Os alunos não compareceram’

b) ***Ne** **pomylo-s’** **student-ov**
 não lavaram-se alunos-GEN
 ‘Os alunos não se lavaram

(REINHART & SILONI 2005 *apud* LAZZARINI CYRINO (*manuscrito*):10)

Para Kemmer (1993, 1994), a intransitividade é naturalmente associada às marcas de voz média devido à aproximação semântica entre os tipos situacionais dos eventos médios e intransitivos. Desse modo, ambos os eventos são pouco elaborados, ou seja, possuem baixa transitividade. Todavia, apesar da aproximação entre os dois tipos de evento, a correlação entre as duas construções não é estrita, podendo, inclusive, em algumas línguas, verbos médios serem transitivos³.

Para a autora, a voz média é empregada em alguns tipos situacionais específicos, como:

² Os morfemas de voz média estão em negrito.

³ Kemmer (1994:186) exemplifica esse fato com as seguintes línguas: islandês: *undra-st* ‘admirar’ e *ótta-st* ‘temer’. Latim: *vereo-r* ‘temer’. Húngaro: *üt-köz* ‘chocar-se’.

- i) Cuidados com o corpo: *vestir-se, lavar-se*;
- ii) Movimento sem deslocamento: *virar-se, esticar-se*;
- iii) Mudança postural: *levantar-se, deitar-se, sentar-se*;
- iv) Movimento translacional: *ir, voar*;
- v) Eventos naturalmente recíprocos: *falar-se, abraçar-se*;
- vi) Médias Indiretas: *adquirir, pedir*;
- vii) Médias Emocionais: *amedrontar-se, enraivecêr-se*;
- viii) Ações de fala emotivas: *reclamar, lamentar-se*;
- ix) Médias cognitivas: *acreditar, refletir*;
- x) Eventos espontâneos: *brotar, desaparecer*.

(KEMMER, 1993:182-183)

Maldonado (2006), sob a perspectiva da Gramática Cognitiva, também assume que há um contínuo de transitividade, no qual há um polo transitivo (eventos de dois participantes) e um polo intransitivo (eventos de um participante), assim como visto em Kemmer (1994). Para o autor, reflexivas e médias são derivadas de construções transitivas. Todavia, enquanto estas se alinham a construções intransitivas, aquelas se alinham a construções transitivas. Ou seja, nas sentenças reflexivas, agente e paciente podem ser distinguidos, isto é, há uma clara distinção entre os participantes do evento verbal. Já na média não há divisão ou distinção clara entre sujeito e objeto do evento verbal, o que a aproxima de eventos de um único participante.

Dessa forma, para o autor, apesar de ambas as estruturas compartilharem a mesma propriedade – remetem ao sujeito da oração –, há importantes diferenças entre elas, a saber: a reflexiva constrói uma ação na qual agente e paciente são correferenciais e coexistem no evento, como na sentença em russo *On utomil sebja* ‘Ele cansou ele mesmo’. Já as médias remetem ações ou estados que envolvem somente o sujeito: *On utomil-sja* ‘Ele se cansou’.

Ainda segundo o autor, essa aproximação entre as construções pode ser verificada na forma como algumas línguas categorizam seus verbos médios e intransitivos. Por exemplo, as formas equivalentes do verbo intransitivo em inglês *wash* ‘lavar-se’ são verbos de domínio médio em línguas como o Português (*lavar-se*) e Espanhol (*lavar-se*).

Para o autor, em línguas que possuem um contraste intransitivo-médio, a construção média designa uma especificação semântica não presente na construção intransitiva. Em espanhol, por exemplo, essa distinção decorre de um contraste

aspectual com verbos de movimento. Assim, em (10a), a construção intransitiva descreve uma longa cena imperfectiva, já a construção média (10b) descreve uma mudança abrupta de posição.

(10) a. **Valeria subió el Popocatepetl in dos días**

‘Valeria subiu o Popocatepetl em dois dias’

b. **Al ver al ratón Valeria se subió a la mesa de un salto**

‘Ao ver o rato, Valéria subiu na mesa de repente’

(MALDONADO, 2007: 854)

Para Maldonado (2007), a principal função da média é enfatizar a mudança de estado sofrida pelo sujeito. Eventos espontâneos, que descrevem o momento exato da mudança de estado (exemplo (10b)), são as construções médias esperadas. A seguir, encontramos outro exemplo no qual o evento possui duas leituras: mudança de estado abrupta e evento inesperado.

(11) a) **El humo desapareció poco a poco**

‘A fumaça desapareceu aos poucos’

b) **El fantasma se desapareció de pronto**

‘O fantasma desapareceu de repente’

(MALDONADO, 2007: 857)

Com relação às construções *incoativas* (ou anticausativas), elas correspondem a construções intransitivas formadas por meio de estratégias de redução de valência, na qual o sujeito do verbo intransitivo derivado corresponde ao objeto da construção transitiva básica. Nesses tipos de sentenças, o sujeito do verbo transitivo não está presente na sentença, o que evidencia um processo claro de redução de valência verbal.

Para Dixon & Aikhenvald (2000), esse processo de redução de valência é o inverso do encontrado nas construções causativas. Dessa propriedade derivou-se a denominação ‘anticausativa’. Verbos anticausativos caracterizam-se por denotarem eventos espontâneos, sem a marca ou presença de agente ou causa.

Verbos incoativos ou anticausativos possuem um sujeito afetado pela ação verbal. Além disso, o evento verbal é entendido como espontâneo, sem um agente ou causa externa. Esses verbos são distintos dos verbos intransitivos ativos, como ‘correr’ e ‘dançar’, por exemplo, que possuem um sujeito agente com volição sobre a ação verbal.

Quanto à construção passiva, de modo geral, suas propriedades essenciais são definidas, em termos estruturais, como a demissão de um argumento agente (sujeito) e a

promoção do argumento objeto paciente para a posição de sujeito de um predicado verbal (cf. CHOMSKY 1981, SHIBATANI 1985, JAEGGLI 1986, entre outros).

Abaixo, apresentamos uma construção passiva considerada padrão pela literatura (cf., KEENAN & DRYER, 2007):

- (12) a) Mary slapped John
b) John was slapped

(KEENAN & DRYER, 2007:325)

Segundo Keenan & Dryer (2007), a estrutura apresentada em (12b) é considerada uma construção passiva padrão, pois apresenta as seguintes características:

- i. O agente da sentença não está presente;
- ii. O verbo da construção ativa é transitivo;
- iii. O verbo principal expressa uma ação, logo toma como argumentos um sujeito agente e um objeto paciente.

Guardadas as devidas ressalvas quanto à análise e orientação teórica dos autores supracitados, é notório que a passiva apresenta algumas semelhanças estruturais com a construção incoativa, como a redução de valência e a promoção do objeto a sujeito da construção passiva. Desse modo, consideramos a passiva uma construção sintaticamente intransitiva.

Inclusive, muitas línguas possuem a mesma morfologia para marcar construções incoativas e passivas, além de reflexivas, como vemos nos exemplos extraídos do grego (exemplo 13) e do albanês (exemplo 14) apresentados abaixo:

- (13) a) I Maria xtenizete (reflexivo)
‘A Maria se penteia’
b) I porta tsakizete (anticausativo)
‘A porta está quebrando’
c) To vivlí dhiavazete apo to koristi (passivo)
“O livro está sendo lido pela menina”

(LAZZARINI CYRINO, (*manuscrito*): 02)

- (14) a) Femija lahet (reflexivo)
“A criança se lava”
b) Dera hapet (anticausativo)
“A porta está se abrindo”
c) Fati parathet nga qeveria (passivo)

“O destino é previsto pelo governo”

(LAZZARINI CYRINO, (*manuscrito*): 02)

Lazzarini Cyrino (*manuscrito*) chama esse fenômeno de *Sincretismo passivo-reflexivo* (SPR), o qual, segundo o autor, refere-se ao compartilhamento da mesma marca morfológica entre construções reflexivas, verbos anticausativos e passivos. Para o autor, o contexto de ocorrência do fenômeno do SPR pode variar entre as línguas. Algumas línguas, como as citadas acima, utilizam a mesma morfologia para marcar reflexivas, anticausativas e passivas, já outras, como o português e o francês, usam o mesmo morfema para marcar sentenças incoativas e reflexivas (clítico *se*), mas não passivas.

Exemplos:

(15) Português

- a) A criança *se* lava. (reflexivo)
- b) A porta *se* abre. (anticausativo)
- c) *A máquina *se* constrói pelo operário. (*passiva)

(LAZZARINI CYRINO, (*manuscrito*): 02)

(16) Francês

- a) Judas *s’est* tué. (reflexivo)
“Judas suicidou-se”
- b) La porte *s’est* ouverte. (anticausativo)
“A porta (se) abriu”
- c) *Le restaurant *s’est* lave pour les garçons. (*passivo)

(LAZZARINI CYRINO, (*manuscrito*): 02)

Mas ainda há línguas cujo morfema de construções incoativas também marca passivas, mas não reflexivas, como vemos nos exemplos, abaixo citados, das línguas Tzutujil (exemplo 17), Evenki (exemplo 18) e Suaili (exemplo 19), extraídos de Haspelmath (1987).

- (17) a) *jiq’ / ji-j-q’-ik* ‘afogar-se (tr.) / afogar-se (intr.)’
b) *ch’ey / ch’e-j-y-ik* ‘bater / ser batido’

(DAYLEY 1985 *apud* HASPELMATH 1987:30)

- (18) a) *sokor- / sokor-iv-* ‘perder / perder-se’
b) *tyre- / tyre-v-* ‘pressionar para baixo/ser pressionado para baixo’

(HASPELMATH 1987:30)

(19)	a)	vunj- / vunj- ik -	‘quebrar (tr.) / quebrar (intr..)
	b)	it- / it- ik -	‘chamar / ser chamado’

(HASPELMATH 1987:30)

Haspelmath (1987) aponta que, apesar da aproximação entre as duas estruturas, há diferenciações importantes entre construções incoativas e passivas: na passiva, o agente é demovido (não está na posição de sujeito), mas pode ser expresso por uma *by phase*, o que torna a existência do agente implícito, semanticamente, mas não sintaticamente, como podemos ver nas passivas do português, com o emprego da preposição pelo que acompanha o agente da passiva, por exemplo: ‘João’ em ‘O bolo foi cortado (pelo João)’. Na incoativa, o agente é completamente eliminado, não só sintaticamente, mas semanticamente, pois o evento, semanticamente, é tido como espontâneo. Logo, a diferença fundamental entre sentenças incoativas e passivas encontra-se no fato de que, nestas, o argumento agente pode ser omitido, ou seja, sua presença é facultativa, enquanto que, naquelas, o argumento agente é demovido completamente e está ausente sintática e semanticamente. Diante desse fato é que consideramos que as passivas são sintaticamente intransitivas, mas semanticamente transitivas.

Apesar dessa relação estreita entre as construções supracitadas, é necessário apontar, como faz Keenan & Dryer (2007), que existem línguas que de fato não possuem passivas. Nessas línguas, outras construções que se assemelham às passivas (mas não são consideradas como tal) são produzidas no lugar destas. Segundo os autores, essas construções podem ser:

- i. Médias;
- ii. Construções com o sujeito subespecificado;
- iii. Inversas;
- iv. Antipassivas.

Para Keenan & Dryer (2007), o que diferencia essas construções das passivas é o fato de que, nestas, o sujeito da construção ativa (correspondente à passiva) é expresso por um elemento que não é nem objeto e nem sujeito da construção passiva; e mesmo que ele não esteja expresso, sua existência permanece implícita na construção passiva. Nas construções supracitadas, por sua vez, isso não ocorre.

6.3. Reanalizando os processo de intransitivização em Dâw

Nessa seção, apresentaremos os resultados da coleta de dados acerca dos processos de intransitivização supracitados em Dâw. A discussão sobre a metodologia utilizada em trabalho de campo para a elicitación dos dados discutidos nesse capítulo encontra-se no capítulo 2 do presente trabalho⁴.

A seguir, apresentamos uma tabela com os quinze verbos transitivos testados.

Número	Verbo em dâw	Tradução
1	Rõk	Cortar
2	Kâs	Morder
3	Yût	Matar
4	Wây	Ver
5	Mũm	Abraçar
6	Çũnh	Beijar
7	Ya'	Assar
8	Xa	Cozinhar
9	Âg	Beber
10	Rê'	Cavar
11	Nee	Fazer
12	Rõoy	Focar
13	'ũum	Bater (genérico)
14	Weed	Comer
15	Paar	Saber

Tabela 6.0. Verbos transitivos testados

Todos os dados coletados de construções reflexivas, médias, passivas e incoativas, assim como todo o protocolo de elicitación, encontram-se no Anexo 2 do presente trabalho.

⁴ Capítulo 2, seção 2.2.2.

6.3.1. Construções reflexivas

Em Dâw, a voz reflexiva não possui morfologia verbal específica. Como vimos na seção 6.2, muitas línguas apresentam um afixo verbal que muda a voz ativa de uma sentença para a voz reflexiva. A elicitação dos dados mostrou-nos, por outro lado, que apesar de não possuir reflexivas verbais, Dâw possui reflexivas pronominais, isto é, a leitura reflexiva é dada por meio do uso de um pronome reflexivo na posição de objeto da sentença. Este objeto, para ser um pronome reflexivo, apresenta-se na sua forma oblíqua, como podemos ver no exemplo a seguir.

- (20) a) **Ãr wâay mũnh**
 1PS ver 1PS.OBL
 ‘Eu me vi’
- b) **Tir yūt tir-ũuy’**
 3PS matar 3PS-MDO
 ‘Ele se matou’

Contrariando a hipótese de Martins (2004), não analisamos o morfema *xup* como um morfema reflexivo nesse trabalho. Os resultados da nossa elicitação de dados mostraram que essa partícula é um adjetivo que significa ‘mesmo’, ‘próprio’. Ela ocorre no domínio do NP (isto é, com o sujeito da sentença) e seu uso indica que o sujeito é único participante do evento verbal. Essa partícula não pode ocorrer com VPs (exemplo 21), mas apenas com sujeitos de sentenças transitivas (exemplo 22) e intransitivas (exemplo 23).

Exemplos:

- (21) ***Buuy kâs xup**
 homem branco morder mesmo
- (22) **Ãr xup rôd**
 1PS mesmosair
 ‘Eu mesmo sai’
- (23) **Ãr xup âg**
 1PS mesmo beber
 ‘Eu mesmo bebi’

Xup ‘mesmo’ também pode coocorrer na mesma sentença com o pronome reflexivo.

- (24) **Ãr xup rōk mūnh**
 1PS mesmo cortar 1PS.OBL
 ‘Eu mesmo me corto’

Acreditamos que as sentenças formadas com *xup* são sentenças com leitura enfática, em concordância com Martins (2004). O uso dessa partícula denota um evento que é próprio do sujeito, e não de outro indivíduo, enfatizando, dessa forma, uma propriedade do sujeito do predicado.

Os dados elicitados mostram que a voz reflexiva em Dâw exige a presença de dois argumentos correferenciais, isto é, o sujeito e o objeto. Acreditamos que seu uso esteja restrito a predicados transitivos que possuem ambos os argumentos. Nesse sentido, os dados do Dâw vão ao encontro do que foi discutido por Kemmer (1993, 1994) e Maldonado (2006, 2007), os quais afirmam que construções reflexivas codificam eventos transitivos, pois apresentam dois participantes do evento verbal. Todavia, esses dois participantes possuem a mesma referência, isto é, estão co-indexados, diferentemente de eventos transitivos prototípicos, que codificam dois participantes distintos.

6.3.2. Construções médias e incoativas (anticausativas)

Como foi discutido no capítulo 4, discordamos de Martins (2004) quanto à existência de morfemas tonais na língua em estudo. Pudemos constatar pelos testes realizados que o sistema tonal em Dâw é previsível e a mudança de tom dos predicados verbais obedece a um padrão fonológico organizado em frases fonológicas.

Quanto à existência de outro tipo de morfologia média ou incoativa, a elicitación de predicados verbais nesses tipos de construções nos mostrou que Dâw não apresenta morfologia específica para a formação de voz média e nem de sentenças incoativas.

Quando geradas, construções incoativas (exemplo 25b e 26b) e médias (exemplos 25c e 26c) possuem a seguinte estrutura:

- (25) a) **Dâw xut rōk tor-ũuy’**
 gente macho cortar porco-MDO
 ‘O homem cortou o porco

- b) **Tor rōk yūtam**
 Porco cortar ASPC
 O porco já cortou’
- c) **Tor rōk xet**
 porco cortar rápido
 ‘Porco corta rápido’
- (26) a) **Dāw xut ya’ tor-ūuy’**
 gente macho assar porco-MDO
 ‘O homem assou o porco
- b) **Tor ya’ yūtam**
 Porco assar ASPC
 ‘O porco já assou’
- c) **Tor dep ya’ xet**
 porco carne assar rápido
 ‘Carne de porco assa rápido’

A construção incoativa sempre é apresentada com a marca aspectual *yūtam*, que codifica eventos acabados e pontuais. Essa marca aspectual é a junção de dois morfemas de aspecto na língua: *yūt* ‘perfectivo 1’ e {-*ām*} ‘télico’. A marcação do aspecto nos indica que o evento codificado pelo predicado verbal é, de fato, sem duração e acabado. O argumento do verbo é afetado por um evento que ocorre espontaneamente.

A construção média veio acompanhada pelo advérbio *xet* ‘rápido’ (exemplos 25c e 26c) ou *wāsoer* ‘fácil’ (exemplo 27b). A ocorrência desses advérbios nesse tipo de construção decorre do tipo de elicitación utilizada no trabalho⁵.

- (27) a) **Dāw xut mūm dāw tee-ūuy’**
 gente macho abraçar gente filho-MDO
 ‘O homem abraçou a criança’

⁵ Para mais detalhes, ver seção 2.2.2 do capítulo 2.

- b) **Dâw tee mûm wâsoer**
 gente filho abraçar fácil
 ‘Criança abraça com facilidade’

As construções médias em Dâw estão associadas a construções intransitivas, em conformidade com o que foi discutido em Kemmer (1993, 1994) e Maldondo (2006, 2007). Diferentemente da construção reflexiva, que exige a presença de dois argumentos, a voz média possui apenas um argumento, que é afetado pelo evento verbal. Assim, as médias em Dâw remetem a ações que envolvem somente o sujeito que é argumento interno do verbo, por isso sua semântica não é agentiva, mas de paciente.

6.3.3. Construção passiva

A construção passiva não ocorre em Dâw. Essa voz não é entendida pelos informantes testados e quando pedimos aos informantes uma sentença com leitura passiva, dois tipos de sentenças foram produzidas: i) uma sentença incoativa (sentença 28 e 29); ii) uma sentença com sujeito subespecificado (sentença 30 e 31)⁶.

Exemplos:

- (28) a) **Dâw xut rōk tor-ûuy’**
 gente macho cortar porco-MDO
 ‘O homem cortou o porco’
- b) **Tor rōk yed**
 porco cortar ASPC
 ‘O porco cortou’

⁶ Além dos dois tipos de sentenças citados, também foi produzido a seguinte sentença:

- i) **Tor rōk rām**
 porco cortar ir
 ‘O porco foi cortar’

Nessa sentença, o informante parafraseou a estrutura da voz passiva existente no português brasileiro, ou seja, ‘sujeito + auxiliar + verbo’. Todavia, a leitura apresentada pela sentença não expressa uma eventualidade passiva. Mais precisamente, tal estrutura não é compatível com a leitura de uma ação sofrida pelo argumento interno realizada por um indivíduo, que, quando representado sintaticamente, é expresso em um tipo de adjunção normalmente aludida como ‘agente da passiva’. Dessa forma, não analisamos essa sentença como uma construção com leitura passiva, mas a analisamos como uma paráfrase estrutural da passiva existente em português.

- (29) a) **Yam yūt nu-ũuy'**
cachorro matar rato-MDO
'O cachorro matou o rato'
- b) **Nu kasām**
Rato morrer
'O rato morreu'
- (30) a) **Dâw xut wây pũug**
gente macho ver porco
'O homem viu o porco espinho'
- b) **Dâw wây pũug**
gente ver porco
'Alguém viu o porco'
- (31) a) **Dâw xut mũm dâw tee-ũuy'**
gente macho abraçar gente filho-MDO
'O homem abraçou a criança'
- b) **Rid mũm dâw tee-ũuy'**
3PL abraçargente filho-MDO
'Eles abraçaram a criança'

As construções produzidas pelos informantes claramente não são construções passivas, mas sentenças que se assemelham a esses tipos de sentenças. Como foi visto anteriormente, Keenan & Dryer (2007) mostram que línguas que não conceitualizam eventualidades como a passiva, realizam esses tipos de eventos com outras construções semelhantes. No caso do Dâw, as construções produzidas não são exemplos de passivas, como a entendemos, pois os eventos codificados nas construções supracitadas são eventos intransitivos em que há a demissão sintática e semântica do sujeito da construção transitiva (exemplos 28 e 29), ou apenas a demissão semântica, uma vez que há uma subespecificação do sujeito para um argumento agente para um argumento genérico, como visto nos exemplos (30) e (31).

Os dados de Martins (2004), por sua vez, também sugerem essa análise, uma vez que as construções passivas em Dâw não ocorrem com o agente da passiva. Como vimos anteriormente, uma das principais características da passiva é a exigência semântica de um agente da passiva. Sua inaceitabilidade nessas construções demonstra que as sentenças presentes em Dâw não podem ser passivas, mas sentenças incoativas.

6.4. Síntese do capítulo

As análises acerca dos processos de intransitivização em Dâw mostraram que não há morfologia específica para a construção de sentenças médias, incoativas. Além disso, não existem passivas em Dâw. No lugar dessa voz, os falantes produzem sentenças incoativas ou com o sujeito subespecificado. Por fim, as sentenças reflexivas são geradas por meio de pronomes reflexivos na posição de objeto da sentença. Além disso, constatamos que o apagamento do tom de verbos transitivos não reduz a valência verbal. As mudanças tonais decorrem de padrões tonais previsíveis que seguem regras fonológicas que atuam no nível da frase fonológica, como foi discutido no capítulo 4.

7.0. Introdução

Neste capítulo, abordamos a marca de objeto {-*ũy*'} que ocorre com objetos diretos de sentenças transitivas e com objetos indiretos de sentenças bitransitivas. Segundo Martins (2004), {-*ũy*'} marca *caso afetado* cuja função é “marcar o constituinte que é afetado pelo evento que o verbo exprime” (MARTINS, 2004:498).

Elicitamos as ocorrências desse morfema em sentenças transitivas e bitransitivas nos trabalhos de campo realizados durante esta pesquisa. Observamos que, com o objeto direto de sentenças transitivas, {-*ũy*'} não é usado indistintamente, mas majoritariamente em contextos semânticos de animacidade e definitude.

Devido a essa propriedade semântica, analisamos o morfema supracitado como uma Marcação Diferencial de Objeto (doravante MDO). Segundo Aissen (2003), Bossong (1999), entre outros, essa marca está associada aos objetos diretos de sentenças transitivas e é empregada de acordo com traços semânticos de definitude e animacidade do objeto.

Conforme veremos, a MDO também ocorre em duas outras línguas da família Nadahup – Hup e Yuhup – o que evidencia que esse não é um fenômeno isolado na língua Dâw dentro da sua família linguística.

Com objetos indiretos, {-*ũy*'} não é uma MDO, mas um morfema oblíquo de forma homófona. Possivelmente, a origem histórica do morfema MDO seja o morfema oblíquo. Hoje, trata-se de dois morfemas distintos, mas homófonos.

Na seção 7.1, apresentamos a definição e a descrição de Martins (2004) quanto ao sufixo de *caso afetado* em Dâw. Na seção 7.2, definimos MDO de acordo com a literatura (Bossong 1999, Aissen 2003). Na seção 7.3, apresentamos o funcionamento da MDO em duas línguas da família Nadahup – Yuhup e Hup. Na seção 7.4, apresentamos os protocolos de elicitación e os resultados dos testes formulados para estudar o caso afetado em Dâw; na seção, 7.5, analisamos o sufixo {-*ũy*'} como uma MDO, tendo em vista o padrão de marcação de objetos diretos de sentenças transitivas.

7.1. O morfema de caso afetado {-ũuy'}

Segundo Martins (2004), o morfema de *caso afetado* {-ũuy'} é um sufixo que marca um constituinte afetado pelo evento verbal. Esse constituinte pode ser um objeto direto (em sentenças transitivas, exemplos 1 e 2), um objeto indireto (em sentenças bitransitivas, exemplo 3) e um adjunto (exemplo 4)¹.

Exemplos:

- (1) **tir** **wâ'-kâat** **dâar** **nũux** **-ũuy'**
 3SG em cima-ficar em pé PONT curupira -AFET
 'Ele pisa na cabeça do curupira'

(MARTINS, 2004: 498)

- (2) **y'ãm xu** **rãa'** **dâar** **tir-ũuy'**
 onça deixar PONT 3SG-AFET
 'Ai, a onça soltou-o de uma vez'

(MARTINS, 2004: 268)

- (3) **woor** **nõo** **tir-ũuy'** **yuun** **kâs**
 NP dar 3SG-AFET roupa velha
 'O Tukano dá roupa velha para ele'

(MARTINS, 2004: 221)

- (4) **tir** **yar** **yâ** **w'eer** **tir** **weed** **tôoc** **tir** **'ãam-ũuy'**
 3SG trazer voltar HABII 3SG comida pedaço 3SG esposa-AFET
 'Ele sempre trazia resto de comida para a mulher dele'

(MARTINS, 2004: 300)

Segundo Martins (2004), {-ũuy'} não pode ser analisado como marca de caso acusativo, pois ele também ocorre com adjuntos (cf. nota 1). Para a autora, o *caso afetado* marca o constituinte afetado pela ação verbal. Dessa forma, em uma sentença transitiva e/ou bitransitiva, o sujeito não será marcado pelo sufixo, mas o objeto será. De acordo com Martins (2004), o emprego de {-ũuy'} com objetos é opcional. No

¹ Segundo Martins (2004), o verbo *yar* 'trazer' é um verbo transitivo e não requer a codificação do alvo da ação: trazer algo para alguém. Por isso o sintagma *tir 'ãam-ũuy'* 'a esposa dele' configura-se como um adjunto.

entanto, a autora não informa se o seu uso é opcional ou obrigatório com objetos diretos (sentenças transitivas), indiretos (sentenças bitransitivas) e adjuntos.

Analisamos as ocorrências do uso de {-*ũy*'} em Martins (2004) e percebemos que objetos indiretos de sentenças bitransitivas sempre são marcados. Diferentemente de objetos diretos (sentenças transitivas), que ora são marcados por {-*ũy*'}, ora não são. Adjuntos recebem a marca de afetado, mas também podem ser marcados por outros tipos de posposições. Assim, em relação aos objetos, a opcionalidade do morfema de *caso afetado* referida por Martins (2004) relaciona-se aos objetos diretos de sentenças transitivas apenas.

Com relação à opcionalidade da marca de objeto, como veremos adiante, algumas línguas marcam de forma distinta objetos diretos de sentenças transitivas. Todavia, essa distinção morfológica está condicionada à semântica do constituinte marcado. Desse modo, objetos não prototípicos (que possuem traços semânticos de animacidade e definitude) são marcados por uma morfologia específica, pois eles teriam propriedades semânticas semelhantes às dos sujeitos do evento verbal. Objetos prototípicos (inanimados e indefinidos, características incompatíveis com um agente ou uma causa) não precisariam ser marcados. Nesse sentido, a marca de caso estaria condicionada a dois fatores: *sintático*, relacionado ao papel estrutural desse constituinte na sentença; e *semântico*, relacionado ao papel temático desempenhado pelo constituinte na sentença.

Segundo Martins (2004), o sufixo {-*ũy*'} é empregado na designação dos pronomes oblíquos. Para ela, o pronome usado para a primeira pessoa do singular oblíquo, *mũnh*, provavelmente resulta da fusão de pronome de primeira pessoa do singular, *ʔr*, e o sufixo afetado {-*ũy*'}. Todavia, não está claro para nós se, de fato, a forma oblíqua derivada é formada a partir da composição da primeira pessoa do singular e do sufixo afetado, uma vez que não encontramos evidências fonológicas da forma da primeira pessoa do singular no pronome oblíquo *mũnh*.

Segundo a autora, a segunda pessoa do singular oblíquo apresenta duas formas, uma dissilábica, *ʔmũy*, e outra monossilábica, *m'ũy*. Assim como a primeira pessoa do singular, suas formas resultam da fusão de {-*ũy*'} e do pronome de segunda pessoa do singular, *ʔm*.

Exemplos:

- (5) **‘ār raan wuud m’ũuy**
 1SG avisar FRUST 2SG.OBL
 ‘Eu tentei avisá-lo’

(MARTINS, 2004:499)

- (6) **‘ām rāa’ ‘ēey mũunh**
 2SG deixar FUT 1SG.OBL
 ‘Você vai me deixar’

(MARTINS, 2004:499)

Em Dâw, a ordem básica de orações declarativas é SVO. No entanto, quando o argumento objeto é deslocado para a posição pré-verbal, ele deve ocorrer com o sufixo afetado {-ũuy’}.

Exemplo:

- (7) **‘ām -’ũuy kâs yed yām xu’**
 2SG -AFET morder INTSI cachorro verdadeiro
 ‘A você, foi onça que o mordeu’

(MARTINS, 2004:500)

De acordo com Martins (2004), nessa posição, o argumento teria seu grau de ‘afetação’ aumentado, por isso, o constituinte deslocado deve ser marcado por {-ũuy’}. Todavia, acreditamos que o emprego de {-ũuy’} marca objetos em uma posição não prototípica, isto é, em posição pré-verbal.

Tendo em vista os ambientes de ocorrência de {-ũuy’}, acreditamos que o *caso afetado* em Dâw pode ser analisado como um fenômeno conhecido como MDO, que ocorre em várias línguas do mundo². Nas próximas seções³, apresentaremos as propriedades da MDO e iremos correlacioná-las com as propriedades do caso afetado {-ũuy’} em Dâw.

² Exemplos: Mandarin (cf. IEMMOLO & ARCODIA, 2014), Aramaico Moderno (cf. COGHILL, 2014); Espanhol (cf. AISSSEN, 2003); Hebraico (cf. MINUSSI, 2009) e Armênio (Cf. YEGHIAZARYAN, 2005).

³ Da seção 7.2 em diante, utilizaremos a glosa MDO para o morfema {-ũuy’} quando ele ocorre como objeto direto, e OBL quando ocorre como objeto direto ou adjunto, modificando, portanto, o rótulo de Martins (2004).

7.2. Definindo MDO

Segundo Aissen (2003)⁴, a MDO é uma marca de caso associada aos objetos de sentenças transitivas e é empregada de acordo com traços semânticos do objeto marcado. Esses traços estão relacionados às escalas de definitude e animacidade.

- a) *Escala de Animacidade*: Humano>Animado>Inanimado
- b) *Escala de Definitude*: Pronome Pessoal, Nome Próprio, NP definido>NP indefinido e específico>NP não-específico.

(AISSSEN, 2003:437)

A princípio, os objetos que apresentam os traços semânticos mais altos nessas escalas são marcados. Todavia, nota-se que as línguas, no que diz respeito ao emprego de MDO, não possuem uniformidade em relação às escalas semânticas apresentadas. Algumas línguas marcam todos os objetos, outras marcam apenas uma parte deles. Há aquelas que obedecem a apenas uma escala semântica, seja de definitude ou animacidade, ou que obedecem a ambas as escalas.

Aissen (2003) afirma que a MDO aparece de muitas formas, incluindo três tipos básicos, que são:

- a) *Singalês*: a marcação de caso é opcional, mas somente objetos animados podem ser marcados;
- b) *Hebraico*: a marcação de caso é obrigatória, mas é limitada aos objetos definidos;
- c) *Romeno*: a marcação de caso é obrigatória para alguns objetos, opcional para outros e excluída para um terceiro grupo. Entre os obrigatórios, estão os pronomes pessoais animados e nomes próprios.

(AISSSEN, 2003:436)

Segundo Bossong (1999)⁵, em línguas com MDO, os objetos diretos que possuem uma semântica semelhante à dos sujeitos prototípicos, ou seja, os que são [+animado] e [+definido], são marcados morfologicamente por morfemas que não ocorreriam com objetos prototípicos, [-animados], [-definidos]. Nesse sentido, os objetos não prototípicos são marcados morfologicamente para serem distinguidos dos

⁴ A autora aborda o funcionamento da MDO nas línguas Indo-europeias como o Persa, Hindi e o Espanhol.

⁵ O autor aborda o funcionamento da MDO nas famílias linguísticas Românicas e Semíticas.

sujeitos. Desse modo, a marcação não permitiria expressar uma possível ambiguidade entre os dois constituintes.

Para Aissen (2003), essa intuição pode ser entendida de outra forma: as propriedades que motivam a marcação de objetos com MDO são exatamente aquelas que não motivam a marcação do sujeito. Desse modo, os objetos que possuem propriedades similares às do sujeito (animacidade e definitude) são marcados. Sujeitos não são marcados, pois eles são prototipicamente animados e definidos. Assim, não haveria a necessidade de marcar, morfologicamente, uma categoria prototípica de um elemento. Aissen (2003) denomina essa característica de *marcação inversa*.

- Iconicidade e Economia

Segundo Aissen (2003), a MDO possui dois tipos de restrições: a iconicidade e a economia.

- a) **Restrição da Iconicidade:** objetos marcados morfologicamente com MDO são mais complexos em relação àqueles que não são marcados pelo morfema de objeto. Ou seja, o sistema linguístico favorece a marcação morfológica de estruturas proeminentes.
- b) **Restrição da Economia:** a marcação de caso é evitada, deixando a obrigatoriedade apenas para aqueles objetos que precisam de tal marcação.

Segundo Aissen (2003), a MDO ocorre em línguas que possuem sistema de caso morfológico. Nessas línguas, a morfologia acusativa está condicionada à semântica do objeto direto do verbo.

Segundo Bosson (1991), quando a morfologia de caso desaparece em uma língua, e a distinção formal entre sujeito e objeto não está explícita na morfologia, ocorre um dos processos mostrados abaixo:

- a) **Substituição por posição:** sujeito e objeto são identificados devido à sua posição fixa dentro da sentença.
- b) **Substituição por morfologia:** sujeito e objeto são marcados por morfemas de outro tipo.

Segundo o autor, nas línguas românicas e semíticas com substituição gramatical, uma parte dos objetos diretos é marcada por caso, enquanto a outra parte não é marcada,

desenhando um quadro no qual haveria um sistema de Caso acusativo diferencial. É esse sistema que o autor denomina de MDO.

Bossong (1999) afirma que nas línguas românicas, o surgimento da MDO remonta ao Latim Clássico ou Vulgar, no qual Caso dativo intercambiava com a forma de Caso acusativo, e o morfema de Caso acusativo intercambiava com uma construção do tipo preposição + acusativo. Dessa forma, podemos perceber que nas línguas românicas, a MDO, de algum modo, está relacionada com a marcação de oblíquo seja pela preposição, seja pelo caso dativo.

No que se refere à semântica desses objetos, mais especificamente à definitude, Lyons (1999 apud Minussi 2009) apresenta o conceito de *familiaridade* ou *identificabilidade* que nos ajuda a entender o papel da definitude na marcação morfológica do objeto. Para o autor, a definitude de um NP pode ser expressa por vários elementos de uma língua. No caso do inglês, por exemplo, a noção de (in)definitude é expressa por artigos, como *the* e *a*, sendo que *the* indica um NP definido e *a* um NP indefinido. No entanto, nas sentenças:

(8) I bought a car this morning

(9) I bought the car this morning

O sintagma '*a car*' não denota uma entidade qualquer, mas uma entidade específica que foi comprada pelo falante. De algum modo, '*the car*' é mais definido ou específico que '*a car*', mas ambos os sintagmas denotam entidades específicas para o falante.

Desse modo, para o autor, a noção que tanto falante quanto ouvinte tem sobre uma entidade do discurso influencia no modo como é interpretada a (in)definitude dessa mesma entidade. Essa noção está por trás do que Lyons (1999) analisa como a ideia de familiaridade e identificabilidade.

- Familiaridade e identificabilidade

Familiaridade é uma noção que indica que tanto o falante quanto o ouvinte tem consciência do objeto sobre o qual se fala, o que gera uma leitura definida. Identificabilidade é uma noção que indica um cenário no qual o falante conhece a entidade sobre a qual se fala, mas o ouvinte não. Dessa forma, a entidade referida pelo

falante é definida, mas para o ouvinte não, mas pode passar a ser quando o ouvinte encontrar o referente no mundo para essa entidade.

Assim, tomando a noção de familiaridade e identificabilidade de Lyons (1999), podemos fazer a seguinte distinção de cenários quanto à leitura de definitude de um NP:

- a) *Definido (familiar)* - falante e ouvinte conhecem o referente da entidade referida pelo discurso;
- b) *Definido (identificável)* - só o falante conhece o referente da entidade referida pelo discurso, o ouvinte não;
- c) *Indefinido* - nem falante nem ouvinte conhecem o referente da entidade referida pelo discurso.

7.3. MDO nas línguas Nadahup - Yuhup e Hup

De acordo com Epps (2005) e Ospina (2002), as línguas Hup e Yuhup possuem MDO. As autoras analisam essas marcas como morfologia de Caso acusativo com restrições semânticas de acordo com o grau de definitude e animacidade do objeto. Em Yuhup, os NPs objetos são marcados pelo morfema {-*dih*}. Já em Hup os objetos são marcados pelo morfema {-*ăn*}.

Nas duas línguas Nadahup, os NPs objetos marcados pelos morfemas supracitados são: pronomes, nomes acompanhados de pronome demonstrativo e nomes próprios de indivíduos e de parentesco. Nomes comuns de animais são opcionalmente marcados. Nomes próprios de animais recebem marcação. Nomes de entidades inanimadas ou indefinidos não a recebem.

A seguir, apresentamos os exemplos para as duas línguas citadas⁶:

- *Pronomes ou NP com demonstrativo*

(8) a) Yuhup

~jɪdǎh-dih tɪh ðhkéjɪ
 3PL-ACC 3SG cumprimentar
 ‘Ele os cumprimenta’

(OSPINA, 2002: 144)

⁶ Os morfemas MDO dos exemplos extraídos de Ospina (2002) e Epps (2005) foram sublinhados.

b. **Hup**

ʔāh hipáh-áy yúw-ǎn-áh
 1SG conhecer-DYNM este.ITG-OBJ-DECL
 ‘Eu conheço esta (história)’

(EPPS, 2005: 232)

- *Nomes próprios e de parentesco*

(9) a. **Yuhup**

wôjⁿ ~ùb^{mí} ihɔw- dìh
 Won acertar Ihow-ACC
 ‘Won acertou Ihow’

(OSPINA, 2002: 144)

b. **Hup**

hid-nǎh ʔintúg=tǎ-ǎn tiʔcik-nǎh nǎŋ-ip
 3pl-POSS marido da mãe=filho-OBJ repugnar-NEG 2PL-DEP
 ‘Vocês não repugnam seu padrasto’

(EPPS:2005:232)

- *Nomes de animais*

(10) a. **Yuhup**

wôjⁿ ~dòh~dòhí ~jǎb^m - dìh
 Won derrubou onça-ACC
 ‘Won derrubou a onça’

(OSPINA, 2002: 146)

b. **Hup**

tín-ǎh cápu-ǎn=yǎ? tih ʔéy-cudʔu~hníy
 3SG.POSS sapo(Pt)-OBL=TEL 3SG chamar-INFR2.talvez
 ‘Ele aparentemente chamou pelo seu sapo’

(EPPS, 2005: 236)

- *Nomes inanimados*

(11) a. **Yuhup**

jâp déh bəh-wób^{mí}
 3SG água derramar
 ‘Eu derramei água’

(OSPINA, 2002:142)

b. **Hup**

yikán mǎy hid biʔ-pǐd-ǐh, póg!

lá casa 3PL fazer-DIST-DECL grande

‘Lá eles construíram a casa, (ela era) grande!’

(EPPS, 2005: 236)

Nas construções transitivas do Yuhup, a marcação do objeto está condicionada à semântica dos objetos e à semântica do sujeito. Assim, a marcação do objeto ocorre sempre que o objeto for animado e definido, independentemente de o sujeito ser animado e/ou definido, indefinido e/ou inanimado. O objeto não será marcado se ele for indefinido e inanimado, e o sujeito for animado e definido. Abaixo, apresentamos os contextos de marcação do objeto por {*dih*}.

Objeto marcado por {<i>dih</i>}	Objeto não marcado por {<i>dih</i>}
Sujeito [+animado]; Objeto [+animado]	Sujeito [+animado]; Objeto [-animado]
Sujeito [+definido]; Objeto [+definido]	Sujeito [+definido]; Objeto [-definido]
Sujeito [+agentivo]; Objeto [+agentivo]	Sujeito [+agentivo]; Objeto [-agentivo]
Sujeito [-animado]; Objeto [+animado]	
Sujeito [-agentivo]; Objeto [+agentivo]	

Tabela 7.0: Contextos de marcação do objeto por {*dih*} em Yuhup segundo Ospina (2002)

Nas sentenças bitransitivas de Hup e Yuhup, o objeto indireto (alvo) é sempre marcado pelo morfema de objeto. No entanto, o objeto direto (tema), em ambas as línguas é marcado apenas quando for definido e/ou animado.

- **Sentenças bitransitivas**(12) a. **Yuhup**

i) ì.cǒ ~dóʔí ~jàb^mběh-~dih jǐjǐb^m-~dih

Ichó dar cão-ACC Jujubm-ACC

‘Ichó deu o cão a Jujubm’

(OSPINA, 2002:147)

ii) ì.cǒ ~wêdⁿ ~dóʔí dójâp-~dih

Ichó comida dar criança-ACC

‘Ichó deu a comida à criança’

(OSPINA, 2002:147)

b. **Hup**

i) ʔectedimá pawdína-ǎn hǎ d'oʔ-nɔʔ-ʔúh-ú yubínu-ǎn

Esterimar Paulina-OBJ peixe dar-APPL-DYNM Jovino-OBJ

‘Esterimar deu peixe para Paulina de Jovino’

(EPPS, 2005: 229)

ii) tiyǎ cadakǎʔ-ǎn pihiyúm nɔʔ-óy

homem galinha-OBJ milho dar-DYNM

‘O homem dá milho para a galinha’

(EPPS, 2005: 227)

Por fim, em Hup, os adjuntos também podem ser marcados pelo morfema de objeto.

- **Adjuntos**

(13) a. **HUP**

ʔayǔp=ʔǎh-ǎn ʔǎh kéy-éy, j'ǔg-ǎn

um=MSC-OBJ 1SH ver-DYNM floresta-OBJ

‘Eu vi um homem na floresta’

(EPPS, 2005: 234)

A marca de objeto em Hup possui homofonia segmental com o morfema oblíquo {-an}, que, de acordo com a autora, é usado para expressar caso ablativo e locativo em Hup. A semelhança fonológica entre o morfema oblíquo e a MDO em Hup revela a possibilidade de uma origem em comum a ambos os morfemas, como aponta Epps (2005):

A forma -an é fonologicamente quase idêntica ao caso de objeto -ǎn, diferenciando-se apenas do seu sufixo cognato pela falta de tom. As duas formas são provavelmente próximas historicamente, mas sincronicamente elas são distintas, não apenas na forma, mas também nos seus padrões funcionais e semânticos⁷. (EPPS, 2005:242)

Em Yuhup, observamos um cenário semelhante de homofonia. De acordo com Ospina (2002), em Yuhup, o morfema acusativo {-dih} e oblíquo possuem formas homófonas. Para Ospina (2002), objetos indiretos são marcados pelo morfema oblíquo,

⁷ Tradução nossa. “The form -an is phonologically almost identical to the Object case marker -ǎn, differing from its sister suffix only in its lack of stress. The two are probably closely related historically, but synchronically they are distinct, not in their form but also in their functions and semantic patterning”.

e não pela MDO, por isso que, nesse tipo de marcação, não haveria restrição semântica em relação ao objeto.

7.4. Estudo do uso de {-ũuy'} em Dâw

Fizemos um levantamento das ocorrências do morfema {-ũuy'} em sentenças transitivas e bitransitivas presentes em Martins (2004). A observação dessas ocorrências nos levou à hipótese de que o morfema de *caso afetado* possui comportamento semelhante ao apresentado pela MDO em Hup e Yuhup. Em uma análise preliminar dos dados apresentados por Martins (2004), observamos que em Dâw, os objetos marcados por {-ũuy'} são, principalmente: pronomes, nomes acompanhados de pronome demonstrativo e nomes próprios de indivíduos e de parentesco. Nomes comuns de animais são opcionalmente marcados. Nomes de entidades inanimadas ou indefinidos não costumam ser marcados.

A fim de refutar ou corroborar a hipótese levantada pela observação dos dados do morfema de caso afetado em Martins (2004), nos trabalhos de campo realizados em julho de 2013 e em janeiro e fevereiro de 2014, elaboramos três procedimentos de eliciação de dados, dois para eliciar sentenças transitivas, e um para eliciar sentenças bitransitivas.

7.4.1. Eliciação de dados

Os procedimentos de eliciação de dados para sentenças transitivas foram:

- i) Eliciação com controle situacional das sentenças;
- ii) Eliciação com colocação de figuras e explanação de ações⁸.

O procedimento de eliciação de dados para sentenças bitransitivas foi:

- i) Teste de (a)gramaticalidade com sentenças elaboradas na língua em estudo.

⁸ Este teste foi adaptado do teste experimental para eliciação de relativas de sujeito e objeto elaborado por VIVANCO, K. (2014).

➤ **Elicitação de sentenças transitivas**

i) Elicitação com controle situacional das sentenças

O procedimento de elicitación de dados com controle situacional de sentenças foi realizado com três informantes, que serão identificados por V, S e P. O protocolo de elicitación foi elaborado da seguinte forma:

- i. Elicitamos sete sentenças em três contextos situacionais distintos baseando-nos na noção de definitude discutida em Lyons (1999). *Contexto 1*: definido (familiar); *contexto 2*: definido (identificável); *contexto 3*: indefinido.
- ii. As sete sentenças elicitadas diferenciaram-se apenas pela natureza do objeto que foi dividido em três categorias, de acordo com a sua posição na escala de animacidade: humano animado (HA); animal animado (AA); inanimado (I). Subdividimos as categorias humano animado em três subcategorias: nome comum; nome próprio e pronome.
- iii. Subdividimos as categorias animal animado e inanimado em duas subcategorias: nome comum e determinante (aquele(a), um(a)) + nome.

Cada sentença elicitada foi inserida em um cenário. Os cenários foram formulados para que o informante tivesse em mente os contextos situacionais preteridos para cada sentença. Depois de fornecido um cenário, fornecíamos ao informante a sentença em português e pedimos a tradução em Dâw dessa sentença. No total, elicitamos sete sentenças no contexto 1 e 2 e cinco sentenças no contexto 3, totalizando 19 sentenças elicitadas⁹.

A seguir, apresentamos os protocolos de elicitación elaborados.

⁹ Como o contexto 3 se refere a um cenário de não-definitude e não-especificidade, não achamos necessária a divisão em subcategorias NP e DP para os objetos inseridos na categoria animal animado e inanimado, uma vez que, em português, a leitura indefinida e não-especifica sem o determinante um(a) deixa a sentença duvidosa.

CONTEXTO 1: DEFINIDO (FAMILIAR) Falante e ouvinte conhecem o objeto			
Categoria do objeto	Subcategoria do objeto	Cenário	Sentenças elicitadas
<i>Humano Animado</i>	<i>NP comum</i>	Nós dois vimos uma mulher loira de olhos azuis na cidade. Ela nos chamou a atenção, porque ela era a única mulher com essa aparência. À tarde, você a viu no porto da comunidade. De noite, quando você veio me visitar na minha casa, você me disse: “Eu vi a mulher”.	(1) Eu vi a mulher
	<i>NP próprio</i>	A Auxiliadora ¹⁰ chegou à comunidade hoje. Você a viu hoje de manhã no porto. À tarde, quando você me encontrou na minha casa, você me disse: “Eu vi a Auxiliadora”; “Eu vi ela”.	(2) Eu vi a Auxiliadora
	<i>DP</i>		(3) Eu vi ela
<i>Animal Animado</i>	<i>NP</i>	Nós dois saímos de manhã e vimos perto da casa da Auxiliadora uma anta. À noite, quando você veio me visitar, você viu a mesma anta que vimos naquela manhã. Assim que você me vê, você fala para mim: “Eu vi a anta”; “Eu vi aquela anta”.	(4) Eu vi a anta
	<i>DP</i>		(5) Eu vi aquela anta
<i>Inanimado</i>	<i>NP</i>	Ontem à tarde, nós dois encontramos a Auxiliadora. Ela nos mostrou um colar, o único, que ela tinha feito. À noite, você viu a Tatiane com o mesmo colar que a Auxiliadora nos mostrou na tarde de ontem. Em seguida, você me vê e diz: “Eu vi o colar da Auxiliadora”; “Eu vi aquele colar”.	(6) Eu vi o colar da Auxiliadora
	<i>DP</i>		(7) Eu vi aquele colar

Tabela 7.1: Protocolo de eliciação com controle situacional das sentenças contexto definido (familiar)

¹⁰ Uma mulher conhecida por mim e pelo meu informante.

CONTEXTO 2: DEFINIDO (IDENTIFICÁVEL)			
Só falante conhece o objeto			
Categoria do objeto	Subcategoria do objeto	Cenário	Sentença elicitada
<i>Humano Animado</i>	<i>NP comum</i>	Uma mulher chamada Ana chegou na comunidade ontem. Eu fui vê-la chegar no porto. Você não foi. À noite, eu fui a sua casa e te disse: “Eu vi a Ana”; “Eu vi ela”; “Eu vi a mulher”.	(8) Eu vi a mulher
	<i>NP próprio</i>		(9) Eu vi a Ana
	<i>DP</i>		(10) Eu vi ela
<i>Animal Animado</i>	<i>NP</i>	Corre o boato que tem uma anta pela comunidade. De manhã, antes de eu ir trabalhar, eu vi a anta perto da minha casa. À noite, quando eu fui à sua casa, eu te falei: “Eu vi a anta”; “Eu vi aquela anta”.	(11) Eu vi a anta
	<i>DP</i>		(12) Eu vi aquela anta
<i>Inanimado</i>	<i>NP</i>	Eu vi a Auxiliadora ontem à tarde e ela me mostrou o colar que ela tinha feito. À noite, eu vi a Tatiane usando o mesmo colar. Quando eu fui à sua casa, eu te disse: “Eu vi o colar da Auxiliadora”; “Eu vi aquele colar”.	(13) Eu vi o colar da Auxiliadora
	<i>DP</i>		(14) Eu vi aquele colar

Tabela 7.2: Protocolo de elicitación com controle situacional das sentenças contexto definido e não-específico

CONTEXTO 3: INDEFINIDO			
Nem destinador, nem destinatário conhecem o objeto			
Categoria do objeto	Subcategoria do objeto	Cenário	Sentença elicitada
<i>Humano Animado</i>	<i>NP comum</i>	O Mateus viu uma mulher loira no porto da comunidade que nem eu nem você conhecemos. À noite, ele nos encontrou e nos disse: “Eu vi uma mulher loira”; “Eu vi uma mulher”	(15) Eu vi uma mulher
	<i>NP próprio</i>	Uma mulher chamada Ana chegou à comunidade. Nem eu, nem você conhecemos essa mulher. O Mateus viu essa mulher à noite no porto.	(16) Eu vi a Ana
	<i>DP</i>	Pela manhã, ele nos viu e falou: “Eu vi ela (estávamos falando dela quando ele chegou)”; “Eu vi a Ana”	(17) Eu vi ela
<i>Animal Animado</i>	<i>DP</i>	O Mateus estava na mata e viu uma anta. Quando ele voltou, ele nos falou: “Eu vi uma anta”	(18) Eu vi uma anta
<i>Inanimado</i>	<i>DP</i>	O Mateus foi para a cidade e viu uma barraquinha cheia de colares para vender. Quando ele voltou, ele nos viu e disse: “Eu vi um colar”	(19) Eu vi um colar

Tabela 7.3: Protocolo de elicitação com controle situacional das sentenças contexto indefinido

Apresentamos os dados que cada informante forneceu para cada uma das 19 sentenças elicitadas.

➤ **Contexto 1:** definitude (familiar)

Sentença (1): Eu vi a mulher

V – Ār wāay dâw ãy-ũuy

1PS ver gente mulher-MDO

S – Ār wāay buuy ãy

1PS ver branco mulher

P – Ār wāay buuy ãy

1PS ver branco mulher

Sentença (2): Eu vi a Auxiliadora

V – ãr wâay koo-ũuy'

1PS ver Auxiliadora-MDO

S – ãr wâay koo-ũuy'

1PS ver Auxiliadora-MDO

P – ãr wâay koo-ũuy'

1PS ver Auxiliadora-MDO

Sentença (3): Eu vi ela

V – ãr wâay tir-ũuy'

1PS ver 3PS-MDO

S – ãr wâay tirũuy'

1PS ver 3PS-MDO

P – ãr wâay tirũuy'

1PS ver 3PS-MDO

Sentença (4): Eu vi a anta

V – ãr wâay taax uy-ũuy'

1PS ver anta ?-MDO

S – ãr wâay taax

1PS ver anta

P – ãr wâay taax

1PS ver anta

Sentença (5): Eu vi aquela anta

V – ãr wâay aa taax uy-ũuy'

1PS ver DET anta ?-MDO

S – ãr wâay aa taax-ũuy'

1PS ver DET anta-MDO

P – ãr wâay aa taax

1PS ver DET anta

Sentença (6): Eu vi o colar da Auxiliadora

V – ãr wâay koo kedrẽ
 1PS ver Auxiliadora colar
 S – ãr wâay koo kedrẽ
 1PS ver Auxiliadora colar
 P – ãr wâay koo kedrẽ
 1PS ver Auxiliadora colar

Sentença (7): Eu vi aquele colar

V – ãr wâay aa kedrẽ
 1PS ver DET colar
 S – ãr wâay aa kedrẽ
 1PS ver DET colar
 P – ãr wâay aa kedrẽ
 1PS ver DET colar

➤ **Contexto 2:** definitude (identificável)

Sentença (8): Eu vi a mulher

V – ãr wâay dâw ãy-ũuy
 1PS ver gente mulher-MDO
 S – ãr wâay dâw ãy-ũuy
 1PS ver gente mulher-MDO
 P – ãr wâay dâw ãy-ũuy
 1PS ver gente mulher-MDO

Sentença (9): Eu vi a Ana

V – ãr wâay Ana-ũuy
 1PS ver Ana-MDO
 S – ãr wâay Ana-ũuy
 1PS ver Ana-MDO
 P – ãr wâay Dâw ta'-ũuy
 1PS ver gente Ana(?)-MDO

Sentença (10): Eu vi ela

V – ãr wâay tir-ũuy'

1PS ver 3PS-MDO

S – ãr wâay tirũuy'

1PS ver 3PS-MDO

P – ãr wâay tirũuy'

1PS ver 3PS-MDO

Sentença (11): Eu vi a anta

V – ãr wâay aa taax-uy

1PS ver DET anta-?

S – ãr wâay aa taax-ũuy'

1PS ver DET anta-MDO

P – ãr wâay aa taax-ũuy'

1PS ver DET anta-MDO

Sentença (12): Eu vi aquela anta

V – ãr wâay aa taax uy-ũuy'

1PS ver DET anta ?-MDO

S – ãr wâay aa taax-ũuy'

1PS ver DET anta-MDO

P – ãr wâay aa taax

1PS ver DET anta

Sentença (13): Eu vi o colar da Auxiliadora

V – ãr wâay koo kedrẽ

1PS ver Auxiliadora colar

S – ãr wâay koo kedrẽ

1PS ver Auxiliadora colar

P – ãr wâay koo kedrẽ

1PS ver Auxiliadora colar

Sentença (14): Eu vi aquele colar

V – ãr wâay aa ked rě

1PS ver DET colar

S – ãr wâay aa ked rě

1PS ver DET colar

P – ãr wâay aa ked rě

1PS ver DET colar

➤ **Contexto 3:** indefinitude

Sentença (15): Eu vi uma mulher

V – ãr wâay mēe dâw ãy

1PS ver DET gente fêmea

S – ãr wâay dâw ãy

1PS ver gente fêmea

P – ãr wâay mēe dâw ãy

1PS ver DET gente fêmea

Sentença (16): Eu vi a Ana

V – ãr wâay Ana-ũuy

1PS ver Ana-MDO

S – ãr wâay Ana-ũuy

1PS ver Ana-MDO

P – ãr wâay Dâw ta'-ũuy

1PS ver gente Ana(?) -MDO

Sentença (17): Eu vi ela

V – ãr wâay tir-ũuy'

1PS ver 3PS-MDO

S – ãr wâay tirũuy'

1PS ver 3PS-MDO

P – ãr wâay tirũuy'

1PS ver 3PS-MDO

Sentença (18): Eu vi uma anta

V – ãr wâay mēe taax uy

1PS ver DET anta ?

S – ãr wâay mēe taax

1PS ver DET anta

P – ãr wâay mēe taax

1PS ver DET anta

Sentença (19): Eu vi um colar

V – ãr wâay mēe ked rē

1PS ver DET colar

S – ãr wâay mēe ked rē

1PS ver DET colar

P – ãr wâay mēe ked rē

1PS ver DET colar

No contexto 1, os dados dos três informantes testados mostrou-nos que nomes próprios e pronomes, objetos da categoria humano animado, sempre são marcados. No entanto, houve variação na marcação de nomes comuns como 'mulher' (sentença 1). O informante V marcou o objeto, diferentemente de S e P que não marcaram. Esse resultado pode ser caracterizado como um erro do informante V.

Objetos na categoria nome animal animado apresentaram variação quanto ao uso de {-*ũy*'}. Tanto nomes comuns de animais (sentença 4), quanto nomes precedidos por determinante (sentença 5), variaram no uso do morfema de objeto. Objetos inanimados, por sua vez, não foram marcados, mesmo quando antecidos por um determinante (sentenças 6 e 7).

No contexto 2, tanto nomes comuns, quanto próprios e pronomes foram marcados por {-*ũy*'} pelos três informantes testados (sentenças 8, 9 e 10). Objetos na categoria animal animado apresentaram novamente variação quanto ao uso de {-*ũy*'}, tanto no seu uso como nome comum, quanto antecido por determinante (sentenças 11 e 12). Objetos inanimados, por sua vez, novamente não foram marcados em nenhum cenário formulado (sentenças 13 e 14).

No contexto 3, nomes comuns como 'mulher' não foram marcados por nenhum informante (sentença 15). Já nomes próprios e pronomes foram marcados por todos os

informantes testados (sentenças 16 e 17). Isso parece indicar que há uma hierarquização de marcação dentro da categoria humano animado. Nomes próprios são definidos e nomes comuns nem sempre o são. Ainda há vários pontos para investigar nesse cenário, como, por exemplo, a relação interna entre os fatores semânticos como animacidade, definitude e especificidade. Acreditamos que esses parâmetros semânticos não agem isoladamente, mas há um cruzamento de traços semânticos entre os próprios parâmetros, o que gera diferentes cenários de marcação. Pretendemos resolver essas questões em trabalhos futuros.

Objetos da categoria animal animado e inanimado não foram marcados por nenhum informante nesse contexto (sentença 19).

ii) Elicitação com colocação de figuras e explanação de ações

O teste linguístico de colocação de figuras e explanação de ações foi aplicado com três informantes, os mesmos do teste anterior: V, S e P. Organizamos o teste em três etapas:

- *1ª Etapa – colocação de figuras e explanação das ações*: mostramos duas figuras para cada informante.
- *2ª Etapa – escolha das figuras*: pedimos ao informante para escolher uma das figuras.
- *3ª Etapa – produção da sentença*: pedimos ao informante para dizer qual das duas figuras ele escolheu. Para tanto, ele deveria usar uma sentença de controle: *Ār tuk X* ‘Eu quero X’, sendo X a figura que ele escolheu. O uso da sentença de controle foi importante para que o falante produzisse apenas sentenças transitivas nas quais o objeto da figura escolhida correspondesse ao objeto da sentença.

O objetivo do teste foi apresentar um contexto de definitude, uma vez que o falante deveria escolher entre duas figuras definidas e específicas pelo contexto de elicitación. As figuras foram organizadas em três categorias: objeto humano animado, objeto animal animado e objeto inanimado. Apresentamos exemplos das figuras utilizadas no teste.

Figura 7.0: exemplo de objeto humano animado

Figura 7.1: exemplo de objeto animal animado

Figura 7.2: exemplo de objeto inanimado

Apresentamos os contextos de escolha das figuras utilizados no teste.

Número	Contexto
1	Aqui está a Jéssica e aqui está a Luciana. Escolha uma das duas e diga qual você escolheu.
2	Aqui tem o Wallace e aqui a Luciana. Escolha um dos dois e diga qual você escolheu.
3	Aqui tem um homem e aqui tem a Luciana. Escolha um dos dois e diga qual você escolheu.
4	Aqui tem um homem e aqui uma mulher. Escolha um dos dois e diga qual você escolheu.
5	Aqui tem a Luciana e aqui tem o Wallace. Escolha um dos dois e diga qual você escolheu.
6	Aqui tem o tatu e aqui a anta. Escolha um dos dois e diga qual você escolheu.
7	Aqui tem o jacaré e aqui o morcego. Escolha um dos dois e diga qual você escolheu.
8	Aqui tem o morcego e aqui tem a anta. Escolha um dos dois e diga qual você escolheu.
9	Aqui tem a onça e aqui tem a cobra. Escolha uma das duas e diga qual você escolheu.
10	Aqui tem o macaco e aqui tem o tatu. Escolha um dos dois e diga qual você escolheu.
11	Aqui tem a onça e aqui tem o jacaré. Escolha um dos dois e diga qual você escolheu.

	escolheu.
12	Aqui tem o macaco e aqui tem o morcego. Escolha um dos dois e diga qual você escolheu.
13	Aqui tem o tatu e aqui tem a onça. Escolha um dos dois e diga qual você escolheu.
14	Aqui tem o jacaré e aqui tem o morcego. Escolha um dos dois e diga qual você escolheu.
15	Aqui tem o colar e aqui tem o brinco. Escolha um dos dois e diga qual você escolheu.
16	Aqui tem o milho e aqui tem a fruta. Escolha um dos dois e diga qual você escolheu.
17	Aqui tem o milho e aqui a macaxeira. Escolha um dos dois e diga qual você escolheu.
18	Aqui tem a rede e aqui tem o colar. Escolha um dos dois e diga qual você escolheu
19	Aqui tem a carne e aqui tem a fruta. Escolha uma das duas e diga qual você escolheu.
20	Aqui tem a roupa e aqui tem a rede. Escolha uma das duas e diga qual você escolheu.
21	Aqui tem a casa e aqui tem a rede. Escolha uma das duas e diga qual você escolheu.
22	Aqui tem uma casa e aqui tem um colar. Escolha uma das duas e diga qual dos dois você escolheu
23	Aqui tem o colar e aqui tem a anta. Escolha uma das duas e diga qual você escolheu.
24	Aqui tem a Jéssica e aqui tem a onça. Escolha uma das duas e diga qual você escolheu.

Tabela 7.4: Protocolo de elicitação com colocação de figuras e explanação de ações

Cinco contextos foram criados para a categoria objeto humano animado (contextos de 1 a 5); oito para a categoria objeto animal animado (contextos de 6 a 14); oito para a categoria inanimado (contextos de 15 a 22) e dois contextos foram mistos (escolha entre um objeto inanimado e animado – contexto 23 – e humano animado e animal animado – contexto 24).

As sentenças produzidas pelos três informantes encontram-se no Anexo 3 do presente trabalho.

A seguir, apresentamos os resultados quantitativos dos testes aplicados:

CATEGORIA DO OBJETO: HUMANO ANIMADO			
Produção de sentenças	Informantes		
	V	S	P
<i>Total de sentenças produzidas</i>	5	6	6
<i>Marcados por {-ũuy'}</i>	5 100%	6 100%	6 100%
CATEGORIA DO OBJETO: ANIMAL ANIMADO			
Produção de sentenças	Informantes		
	V	S	P
<i>Total de sentenças produzidas</i>	9	9	11
<i>Marcados por {-ũuy'}</i>	7 77%	7 77%	11 100%
CATEGORIA DO OBJETO: ANIMADO INANIMADO			
Produção de sentenças	Informantes		
	V	S	P
<i>Total de sentenças produzidas</i>	9	9	8
<i>Marcados por {-ũuy'}</i>	3 33%	4 44%	5 62,5%

Tabela 7.5: Resultados dos testes de colocação de figuras e explanação de ações

Todos os informantes marcaram 100% das sentenças transitivas cujo objeto encaixa-se na categoria humano animado. Isso nos mostra que nomes comuns de pessoas como ‘mulher’, ‘homem’; e nomes próprios como ‘Luciana’ e ‘Wallace’ sempre são marcados por {-ũuy’} na língua Dâw.

Objetos na categoria animal animado apresentaram uma ligeira variação quanto à marcação de {-ũuy’}. Com dois dos informantes testados, de 100% das sentenças cujo objeto é um animal como ‘anta’ e ‘morcego’, 77% tiveram seu objeto marcado pelo morfema supracitado. O terceiro informante, por sua vez, marcou o objeto animal animado em 100% das ocorrências. O que nos mostra que ainda há certa variação quanto à marcação de objetos nessa categoria de animacidade, o que vai ao encontro do que foi observado em línguas como Yuhup e Hup, em que nomes comuns de animais são opcionalmente marcados. Ainda é preciso identificar o motivo de tal opcionalidade na marcação desses tipos de argumentos. Em todo caso, vemos que a animacidade parece ser um fator decisivo para o uso de {-ũuy’}, uma vez que, apesar de todos os

objetos serem definidos pelo contexto de elicitación, houve variação na marcação do sufixo de acordo com a natureza semântica de animacidade dos objetos apresentados.

Objetos na categoria inanimado apresentaram uma baixa marcação, conforme esperado. O informante V teve 33% dos objetos marcados por {-*ũy*'}, S teve 44% e P teve 62,5%. Com relação à taxa percentual de marcação de objetos produzidos por P, percebemos que ela está um pouco acima da taxa apresentada pelos demais informantes. Além disso, ela apresenta um índice relativamente alto, uma vez que corresponde a mais da metade das ocorrências. Todavia, a análise do perfil de marcação de objetos feita por P nos revela que esse informante, em específico, apresenta uma alta taxa de uso de {-*ũy*'} – de 100% nas duas categorias de objetos animados. Diante disso, acreditamos que P parece revelar uma preferência no uso de {-*ũy*'} com objetos, em relação aos outros dois informantes. Ainda sim, tendo em vista o uso de {-*ũy*'} feito por P nas três categorias estudadas, ainda é notável que a categoria menos marcada é objeto inanimado, o que continua evidenciando que objetos inanimados são menos marcados do que objetos animados.

➤ Elicitación de sentenças bitransitivas

i) Teste de (a)gramaticalidade

O teste de (a)gramaticalidade de sentenças bitransitivas foi aplicado com dois informantes, V e S. Nesse teste, apresentamos aos informantes sentenças escritas em Dâw e pedimos para os informantes julgarem as sentenças como boas ou bem formadas (gramaticais) ou ruins ou mal formadas (agramaticais). Testamos três tipos de estruturas: i) sentenças *default*, isto é, sentenças bitransitivas declarativas com o objeto indireto sufixado por {-*ũy*'}; ii) sentenças com objetos não marcados; iii) sentenças com objetos diretos sufixados por {-*ũy*'}. A seguir, apresentamos o protocolo de elicitación.

Número	Estrutura da sentença	Tipo sentencial
1	SV OD OIũuy'	Sentença declarativa
2	SV OD OI	Sentença declarativa sem {-ũuy'} no objeto indireto
3	SV ODũuy' OI	Sentença bitransitiva com {-ũuy'} no objeto direto

Tabela 7.6: Protocolo de eliciação do teste de (a)gramaticalidade do uso de {-ũuy'} com sentenças bitransitivas

O morfema {-ũuy'} é obrigatório com objetos indiretos, como podemos observar pela agramaticalidade gerada quando o morfema é suprimido do objeto indireto, vide sentença (20) e (21) abaixo. Todavia, de forma distinta ao que observamos nas outras duas línguas Nadahup analisadas, a marca de objeto não pode ocorrer com objetos diretos em sentenças com verbos bitransitivos, como podemos perceber pela agramaticalidade gerada pela marcação do objeto direto por {-ũuy'} em (22).

- (20) **Dâw xut não weéd dâw tee-ũuy'**
 gente macho dar comida gente filho-OBL
 'O homem deu comida para a criança'

- (21) * **Dâw xut não weéd dâw Tee**
 gente macho dar comida gente Filho

- (22) * **Dâw xut não weéd-ũuy' dâw tee**
 gente macho dar comida-OBL gente filho

7.5. Redefinindo caso afetado em Dâw

Tendo em vista o padrão apresentado nos dados coletados, acreditamos que nomes definidos, específicos e animados são preferencialmente marcados por {-ũuy'}, o que acreditamos ser uma evidência de que Dâw tenha MDO, à semelhança do que foi estudado nas línguas Yuhup e Hup. Ainda é necessário investigar a hierarquia (ou se há uma hierarquia) entre os traços semânticos citados.

Como pôde ser visto nos resultados dos testes, apesar do percentual baixo, nomes inanimados foram marcados em contextos de definitude (como visto no teste de colocação de figuras e explanação de ações). Todavia, nomes comuns na categoria

humano animado não foram marcados em contexto de indefinidade e não-especificidade. Assim, ainda é necessário investigar a correlação entre os traços semânticos na marcação de objetos.

Além disso, acreditamos que a marcação de objeto em Dâw também pode estar associada a fatores extralinguísticos, como idade e classe social. No entanto, pretendemos explorar essa, entre outras questões, em trabalhos futuros.

Com relação à natureza estrutural do morfema {-ũuy'}, acreditamos que em sentenças bitransitivas o morfema supracitado, que ocorre somente com objetos indiretos, é morfema oblíquo, uma vez que nesses contextos, o atribuidor de caso é o morfema posposicionado ao constituinte marcado, e não o verbo. Objetos diretos não podem ser marcados por {-ũuy'}, possivelmente por possuírem Caso acusativo inerente.

7.6. Síntese do capítulo

Nesse capítulo, apresentamos a marca de objeto {-ũuy'} analisada por Martins (2004) como *caso afetado*, e analisada, neste trabalho, como MDO. Vimos que essa marca ocorre com objetos diretos de sentenças transitivas e sua aplicação está condicionada a restrições semânticas de definitude e animacidade. Por fim, vimos que Yuhup e Hup também possuem MDO em seu sistema. Nessas línguas, a MDO aparece com objetos diretos de sentenças transitivas e o morfema oblíquo, de forma homófona, ocorre com objetos indiretos de sentenças bitransitivas.

Considerações Finais

Neste trabalho, estudamos as classes verbais da língua Dâw do ponto de vista semântico e sintático, identificando classes e subclasses de acordo com o comportamento morfossintático das raízes verbais.

Esta pesquisa tem como arcabouço teórico a teoria de estrutura argumental desenvolvida por Hale & Keyser (2002), que propõe uma análise da sintaxe e da semântica dos itens lexicais por meio da estrutura argumental – sistema de relações estruturais estabelecidas entre o núcleo e seus argumentos (especificador e complemento) dentro de estruturas sintáticas projetadas pelo próprio núcleo (um predicator).

Além disso, procuramos apresentar e dialogar com algumas propostas teóricas que nos ajudassem a entender os dados coletados da língua Dâw. Entre essas propostas, destacam-se Maldonado (2006, 2007) e Kemmer (1993, 1994). A introdução dessas teorias funcionalistas se justifica na medida em que elas abordam fenômenos semânticos e tipológicos relacionados aos processos de intransitivização que estudamos em Dâw, e que não são abordadas na teoria de Hale & Keyser (2002).

Ademais, também salientamos a importância de estudos como o de Aissen (2003) e Bossong (1999), literatura essencial para o entendimento do fenômeno de MDO, também abordado nesse trabalho.

Com relação aos resultados da pesquisa, apresentamos nossa proposta de reclassificação das classes verbais da língua Dâw. Martins (2004) classifica os verbos em Dâw em nove classes verbais, a saber: verbos ativos intransitivos, transitivos e bitransitivos; verbos de processo, verbos estativos equativos identificacionais e existenciais; verbos estativos descritivos atributivos, qualificativos e posicionais. Por meio de testes linguísticos variados, incluindo alternância de valência e julgamento de (a)gramaticalidade, mostramos que é possível simplificar essa classificação de Martins (2004) e reagrupar esses verbos em três classes verbais de acordo com a valência do verbo: classe dos verbos intransitivos (verbos intransitivos de processo, estativos equativos (e suas subclasses) e estativos descritivos (e suas subclasses); classe dos verbos transitivos e classe dos verbos bitransitivos.

Cada classe verbal apresentada mostrou padrões sintáticos e morfológicos específicos que nos possibilitaram realizar essa reclassificação. De modo geral, verbos

intransitivos não podem ser predicados de sentenças reflexivas e não ocorrem com morfema de aspecto pontual *dâr*, mas ocorrem com o morfema de aspecto durativo *xâd*. É possível identificar uma subclasse de verbos alternantes – isto é, que alternam livremente entre uma forma incoativa e causativa – e verbos não-alternantes. Além disso, os predicados analisados por Martins (2004) como verbos estativos descritivos são adjetivos na língua. A verbalização do sintagma adjetival ocorre por meio de uma cópula (*rām* ‘ficar’) que toma como complemento o adjetivo. Todos os verbos podem ser causativizados pelo causativizador *dôo* ‘fazer’.

Verbos transitivos podem ocorrer com o *dâr*, mas não ocorrem com *xâd*. Formam sentenças reflexivas e não possuem restrições quanto à causativização com o causativizador *dôo*.

O único verbo bitransitivo em Dâw encontrado nesse trabalho foi o verbo *nôo* ‘dar’. Os outros verbos bitransitivos apresentados em Martins (2004) não foram identificados e nem produzidos pelos falantes testados.

Também apresentamos e discutimos o sistema tonal da língua Dâw e a sua relação com o processo de transitivização e intransitivização. Contrapusemos a análise de Martins (2004) acerca do sistema tonal e do processo de transitivização e intransitivização em Dâw com os dados coletados em trabalho de campo e analisados por Storto, Costa e Andrade (*em elaboração*) e, contrariamente ao afirmado por Martins (2004), mostramos que o sistema tonal da língua Dâw, no nível da sentença, é previsível e que os tons dos itens lexicais de uma sentença neutralizam-se e passam a ser pronunciados de acordo com padrões tonais previsíveis. Desse modo, independentemente do processo de aumento ou diminuição de valência envolvido, percebemos que a mudança tonal dos verbos ocorre devido ao fraseamento fonológico das sentenças e não à presença de um morfema tonal transitivizador.

A transitivização em Dâw não ocorre por meio de morfemas explícitos. Desse modo, o processo de aumento de valência em questão é do tipo lábil, no qual a mesma raiz verbal é encontrada em sentenças intransitivas e causativas sem adição de morfologia em qualquer uma das formas. Ainda com relação ao processo de transitivização, demonstramos que as restrições de alternância de alguns verbos intransitivos devem-se à estrutura argumental de cada tipo verbal. No caso dos verbos intransitivos alternantes ou inacusativos, observamos que eles são formados a partir de estrutura diádica composta, que projeta um especificador interno e um complemento, o que lhe permite alternar entre uma forma intransitiva e transitiva. No caso dos verbos

denominais e inergativos, percebemos que eles são formados a partir de uma estrutura argumental monádica, que não projeta especificador interno, o que impede a alternância. Verbos inacusativos não-alternantes são formados a partir de uma estrutura monádica que toma como complemento uma estrutura diádica básica, que projeta um argumento interno. Verbos desse tipo não alternam, pois eles não são formados por uma estrutura diádica, mas contêm uma estrutura desse tipo. Com relação aos verbos ‘deadjetivais’, vimos que eles são formados a partir de uma cópula que toma como complemento um adjetivo. Dessa forma, uma vez que raiz e núcleo verbal possuem conteúdo fonológico pleno (não vazio), não é possível fazer *conflation* entre núcleo e raiz, o que impede que o predicado verbal seja formado. Essa estrutura explica a agramaticalidade desses verbos frente ao processo de transitivização automática.

Com relação à causativização, ou transitivização complexa, vimos que há em Dâw um causativizador, isto é, *dôo* ‘fazer’, que adiciona ao predicado verbal, tanto intransitivo quanto transitivo, um argumento externo. Não há restrições de valência verbal quanto à causativização com esse auxiliar.

As análises acerca dos processos de intransitivização em Dâw mostraram que não há morfologia específica para a construção de sentenças médias, incoativas ou anticausativas e não existem passivas na língua em estudo. No lugar dessa voz, os falantes produzem sentenças incoativas ou com o sujeito subespecificado. Por fim, as sentenças reflexivas são geradas por meio de pronomes reflexivos na posição de objeto da sentença.

Por fim, com relação à MDO, vimos que essa marca ocorre com objetos diretos de sentenças transitivas e sua aplicação está condicionada a restrições semânticas de definitude e animacidade. Vimos também que em Yuhup e Hup (línguas da família Nadahup) também possuem MDO em seu sistema. Nessas línguas, a MDO aparece com objetos diretos de sentenças transitivas e o morfema oblíquo, de forma homófona, ocorre com objetos indiretos de sentenças bitransitivas.

Desse modo, os dados elicitados e apresentados nesta dissertação e as análises propostas para os fenômenos relacionados às classes verbais da língua Dâw foram basilares para alcançar o objetivo deste trabalho, que, como já mencionamos, foi o de estudar as classes verbais e a estrutura argumental da língua Dâw. Assim, consideramos que as discussões presentes neste trabalho contribuirão para o avanço do conhecimento sobre as línguas indígenas da família Nadahup, mais especificamente da língua Dâw, que até então, não havia sido estudada sob o viés teórico utilizado nessa pesquisa.

Referências Bibliográficas

- AIKHENVALD, A.Y. *The languages of the Amazon*. New York: Oxford University Press. 2012
- AISSSEN, J. "Differential object marking: iconicity vs. economy". In: *Natural Language & Linguistic Theory*, vol. 21, nº 3, p. 435-483, 2003
- ASSIS, E. C. *Patrões e Fregueses no Alto Rio Negro: As Relações de Dominação no Discurso do Povo Dâw*. Amazonas: UFAM. Monografia, Instituto de Ciências Humanas e Letras. Curso de Ciências Sociais, Universidade Federal do Amazonas, 2001.
- BOSSONG, G. "Differential Object Marking in Romance and Beyond". In: D. Wanner and D. Kibbee (eds.), *New Analyses in Romance Linguistics: Selected Papers from the XVIII Linguistic Symposium on Romance Languages*, Urbana – Champaign, Abril 7-9, 1988, John Benjamins, Amsterdam, p. 143-170, 1991.
- BURZIO, L. *Italian Syntax*. Dordrecht: Reidel. 1986.
- CAMPBELL, L & GRONDONA, V. *The Indigenous Languages of South America: A Comprehensive Guide*. Walter de Gruyter: 2012.
- CHOMSKY, N. *Lectures on Government and Binding*, Foris, Dordrecht, 1981.
- _____. *The Minimalist Program*. Cambridge, Mass.: MIT Press, 1995.
- COGHILL, E. "Differential Object Marking in Neo-Aramaic". In: *Linguistics*, vol. 52, nº 2, p. 335-364. 2014.
- DAYLEY, J.P. "Voice in Tzutujil". In: NICHOLS J. & WOODBURY A.C (eds.) *Grammar inside and outside the clause*: p. 192-226. Cambridge: Cambridge University Press: 1985.

- DIXON, R. M. W. & AIKHENVALD, A. Y. *Changing valency. Case studies in transitivity*. Cambridge University Press, 2000.
- EPPS, Patience. *A grammar of Hup*. Tese de doutorado. University of Virginia. Charlottesville, Virginia, 2005.
- HASPELMATH, M. "Transitivity Alternations of the Anticausative Type". In: *Universität zu Köln, Institut für Sprachwissenschaft. Arbeitspapier Nr. 5 (Neue Folge)*, 1987.
- _____. "More on the typology of inchoative/causative verb alternation". In: Bernard Comrie and Maria Polinsky (eds.) *Causatives and Transitivity*, 87-120. Amsterdam: John Benjamins. 1993.
- HALE, K.; KEYSER, S. J. *Prolegomenon to a Theory of Argument Structure*. Cambridge: MIT Press, 2002.
- IEMMOLO, G & ARCODIA, G. "Differential Object Marking and identifiability of the referent: A study of Mandarin Chinese". In: *Linguistics*, vol. 52, nº 2, p. 315-334, 2014.
- JAEGGLI, O. "Passive". *Linguistic Inquiry* v. 17. p. 587-633, 1986.
- KEENAN, E. L. & DRYER, M. "Passive in the World's Languages". In: *Clause Structure, Language Typology and Syntactic Description*. Cambridge University Press. 2007
- KEMMER, S. *The middle voice*. Amsterdam/Philadelphia: John Benjamins, 1993.
- _____. "Middle voice, Transitivity and Events". In: FOX, B.; HOPPER, P. (Eds.) *Voice form and function*. Amsterdam/Philadelphia: John Benjamins. p. 179-230, 1994.

- LAZZARINI CYRINO, J. *Notas sobre o sincretismo passivo-reflexivo entre as línguas e suas abordagens teóricas*, (manuscrito).
- LIMA, S. O. *A Estrutura argumental dos verbos na língua Juruna (Yudja): da formação dos verbos para a análise das estruturas sintáticas*. Dissertação de mestrado – Departamento de Linguística, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2008.
- LYONS, C. *Definiteness*. Cambridge: Cambridge University Press, 1999.
- MALDONADO, R. *A media voz: problemas conceptuales del clítico se*. México: Universidad Nacional Autónoma de México, 2006.
- MALDONADO, R. “Grammatical voice in Cognitive Grammar”. In: GEERAERTS, D.; CUYCKENS, H. *The Oxford handbook of Cognitive Linguistics*. p. 829-868. Oxford: Oxford University Press, 2007.
- MARTINS, S. *Fonologia e gramática Dâw*. Tomo I e II. Tese de doutorado. Universidade de Amsterdã. Amsterdã, 2004
- MARTINS, V. *Reconstrução do Proto-Maku Oriental*. Tese de Doutorado. Universidade de Amsterdã. Amsterdã. 2005.
- MARTINS, V. *Similaridades entre os sistemas tonais Maku e Baniua – Arawak*. Comunicação Oral no VII Congresso Internacional da ABRALIN, 2013.
- MARTINS, V. & MARTINS, S. “Maku”. In: DIXON, R. M. W. & AIKHENVALD, A. Y. *The Amazonian Languages*. Cambridge: CUP. 1999.
- MINUSSI, R. *A relação entre Caso e definitude no Hebraico: O Construct State e a Marcação Diferencial de objeto*. Dissertação de Mestrado - Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo, 2009.

- NESPOR, I. & VOGEL, M. *Prosodic Phonology*. Berlin - New York: Mouton de Gruyter, 1986.
- NOGUEIRA, A.F.S. *Wajoro êmêto: fonologia segmental e morfossintaxe verbal*. Dissertação de mestrado - Departamento de Linguística, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2011.
- OSPINA, B.A.M. *Les structures élémentaires du Yuhup Maké, Langue de l'amazone colombienne: morphologie et syntaxe*. Tese de Doutorado. Universidade de Paris, 2002.
- PERLMUTTER, D. "Impersonal passives and the unaccusative hypothesis," in J. Jaeger, A. C. Woodbury, and F. Ackerman (eds.), *Proceedings of the Fourth Annual Meeting of the Berkeley Linguistics Society*, Berkeley, CA: University of California, BLS, 157-89, 1978.
- ROCHA, I. *A estrutura argumental da língua Karitiana: desafios descritivos e teóricos*. Dissertação de Mestrado - Departamento de Linguística, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2011.
- SHIBATANI, M. "Passives and related constructions: a prototype analysis". *Language*. v. 61. P. 821-848, 1985.
- STORTO, COSTA & ANDRADE. *Interação entoacional nos sintagmas da língua Dâw* (em elaboração).
- VIVANCO, K. *Orações relativas em Karitiana: um estudo experimental*. Dissertação de Mestrado. Departamento de Linguística – Universidade de São Paulo, São Paulo, 2014.
- YEGHIAZARYAN, L. *Sobre a interação da marcação de caso e a definitude no Armênio*. São Paulo. Dissertação de Mestrado - Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo, 2005.

Anexo 1

Banco de dados dos verbos em Dâw

	Verbo (Forma fonética)	Verbo (Ortografia)	Tradução	Classe verbal ¹	Fonte	Padrão tonal
1	/bɤ/	bâ	Derramar	Transitivo	Martins (2004)	Atonal
2	/bɤh/	bâr	Derramar	Intransitivo	Martins (2004)	Atonal
3	/bɤd/	bâad	Derramar	Transitivo	Martins (2004)	Descendente
4	/bɤd/	bâd	Derramar	Intransitivo (verbo de processo)	Martins (2004)	Atonal
5	/kɤʃ/	kâs	Morder	Transitivo (bitransitivo)	Martins (2004)	Atonal
6	/wɛd/	weed	Comer	Transitivo	Martins (2004)	Descendente
7	/jūt/	yūt	Matar	Transitivo e bitransitivo	Martins (2004)	Atonal
8	/ʃɤ/	sâ	Matar	Transitivo	Martins (2004)	Atonal
9	/ʔub/	‘ub	Acordar	Intransitivo	Martins (2004)	Atonal
10	/ʔùb/	‘ub	Acordar	Transitivo	Martins (2004)	Descendente
11	/wùd/	wud	Chegar	Intransitivo	Martins (2004)	Descendente
12	/jɤ/	yâ	Chegar	Intransitivo	Martins (2004)	Atonal
13	/wujɤ/	wuyâ	Chegar	Intransitivo	Martins (2004)	Atonal
14	/nɛd/	nêd	Chegar	Intransitivo	Martins (2004)	Atonal
15	/pét/	pêet	Quebrar	Transitivo	Martins (2004)	Ascendente
16	/pet/	pêt	Quebrar	Intransitivo (verbo de processo)	Martins (2004)	Atonal
17	/ʃáx/	saax	Quebrar	Transitivo	Martins (2004)	Ascendente
18	/deʃ/	dês	Quebrar coisas redondas	Não definido	Martins (2004)	Atonal
19	/wɔx/	wox	Quebrar	Não	Martins	Atonal

¹ Classe verbal proposta por Martins (2004).

				classificado por Martins	(2004)	
20	/ʔox/	‘ox	Correr	Intransitivo	Martins (2004)	Atonal
21	/wũt/	wũt	Correr ligeiro	Verbo de movimento	Martins (2004)	Ascendente
22	/bet/	bêt	Ser listrado	Verbo estativo descritivo atributivo	Martins (2004)	Atonal
23	/duj/	d̥uy	Estar sujo	Verbo estativo descritivo qualificativo	Martins (2004)	Atonal
24	/dũj/	d̥uy	Estar sujo	Intransitivo transitivizado (verbo de processo)	Martins (2004)	Descendente
25	/cik/	çik	Estar sujo	Intransitivo (verbo de processo)	Martins (2004)	Atonal
26	/tʰwʔ/	tâawʔ	Sujar	Verbo Ativo	Martins (2004)	Descendente
27	/mʔên/	mʔên	Ser curto	Verbo estativo descritivo atributivo	Martins (2004)	Atonal
28	/bep/	bêp	Ser curto	Verbo estativo descritivo atributivo	Martins (2004)	Atonal
29	/pêm/	peem	Estar sentado	Verbo estativo descritivo posicional	Martins (2004)	Descendente
30	/pêm/	peem	Estar sentado	Verbo estativo descritivo posicional transitivizado	Martins (2004)	Descendente
31	/xog/	xog	Estar sentado	Verbo estativo descritivo posicional	Martins (2004)	Atonal
32	/ja/	sa	Estar sentado no chão	Verbo de posição	Martins (2004)	Atonal
33	/nĩç xaj/	nĩç xanh	Sentar com a perna encolhida	Verbo de posição	Martins (2004)	Atonal
34	/jʃwʔ xa/	sõwʔ xa	Sentar de cócoras	Verbo de posição	Martins (2004)	Atonal
35	/cãk xa/	çãk xa	Sentar-se com força	Verbo de posição	Martins (2004)	Atonal
36	/he xa/	re xa	Sentar-se em cima de alguma coisa	Verbo de posição	Martins (2004)	Atonal
37	/ja xa/	sa xa	Sentar por longo	Verbo de posição	Martins (2004)	Atonal

			tempo			
38	/hõ/	rõ	Queimar	Verbo de Processo	Martins (2004)	Atonal
39	/doʔ/	dô	Queimar	Não informado	Martins (2004)	Atonal
40	/xôj/	xôoy	Queimar	Não informado	Martins (2004)	Descendente
41	/júʔ/	yu	Queimar	Não informado	Martins (2004)	Ascendente
42	/bax/	bax	Aparecer	Verbo de Processo	Martins (2004)	Atonal
43	/báx/	baax	Aparecer	Verbo de Processo transitivizado	Martins (2004)	Ascendente
44	/han/	ran	Aparecer	Não informado	Martins (2004)	Atonal
45	/hán/	raan	Aparecer para avisar sobre alguma coisa	Não informado	Martins (2004)	Ascendente
46	/jet/	yêt	Estar no chão	Verbo estativo descritivo posicional	Martins (2004)	Atonal
47	/jét/	yêet	Estar no chão	Verbo estativo descritivo posicional transitivizado	Martins (2004)	Ascendente
48	/tu/	tu	Estar no chão	Não informado	Martins (2004)	Atonal
49	/jʔét/	yʔêet	Pôr alguma coisa no chão	Verbo Ativo	Martins (2004)	Ascendente
50	/mũh/	mũr	Estar deitado esticado na rede	Verbos estativos descritivos posicionais	Martins (2004)	Atonal
51	/kaʔ/	ka	Estar suspenso; estar deitado na rede	Verbos estativos descritivos posicionais	Martins (2004)	Atonal
52	/beg/	bêg	Clarear	Verbo de processo	Martins (2004)	Atonal
53	/bèg/	bêeg	Clarear	Verbo de processo	Martins (2004)	Descendente
54	/jam/	yam	Dançar	Intransitivo	Martins (2004)	Atonal
55	/nʔ/	nõ	Dar	Bitransitivo	Martins (2004)	Ascendente
56	/jũmhũ/	yũmrũ	Cantar	Intransitivo	Trabalho de Campo I	Atonal

57	/xa/	xa	Cozinhar	Verbo Ativo	Martins (2004)	Atonal
58	/hãm/	rãm	Andar	Verbo de movimento	Trabalho de Campo I	Atonal
59	/koʔ-xóʔ/	ko'-xôo	Andar curvado	Verbo Ativo	Martins (2004)	Ascendente
60	/xah/	xar	Andar, o trocar das pernas (maneira)	Verbo de movimento	Martins (2004)	Atonal
61	/fóx/	sôox	Andar apoiado no pau (instrumento)	Verbo de movimento	Martins (2004)	Ascendente
62	/j'ép/	y'êenh	Andar como pato (maneira)	Verbo de movimento	Martins (2004)	Ascendente
63	/ʔew/	'êw	Andar com as pernas abertas (maneira)	Verbo de movimento	Martins (2004)	Atonal
64	/ʃõt/	sôt	Andar debaixo de chuva (circunstância)	Verbo de movimento	Martins (2004)	Atonal
65	/fót/	sôt	Andar na ponta dos pés (maneira)	Verbo de movimento	Martins (2004)	Ascendente
66	/memʔ/	mêm'	Andar pela primeira vez (circunstância)	Verbo de movimento	Martins (2004)	Atonal
67	/dùn/	duun	Andar devagar ao aprende a andar (maneira /causa)	Verbo de movimento	Martins (2004)	Descendente
68	/kũ/	kũ	Andar devagar para não espantar caça (maneira /causa)	Verbo de movimento	Martins (2004)	Atonal
69	/jãp/	yãanh	Andar bêbado, ziguezague	Verbo de movimento	Martins (2004)	Atonal

			ar (maneira)			
70	/fɛj-kẽʔ/	sej-kẽʔ	Andar num só pé (maneira)	Verbo de movimento	Martins (2004)	Atonal
71	/ʔɛw/	ʔew	Andar aleijado		Martins (2004)	Atonal
72	/jɤ/	yâ	Voltar	Verbo Ativo	Martins (2004)	Atonal
73	/fák/	saak	Subir	Verbo Ativo	Martins (2004)	Ascendente
74	/wàn/	waan	Perseguir	Verbo Ativo	Martins (2004)	Descendente
75	/nẽd/	nẽd	Vir	Verbo Ativo	Martins (2004)	Atonal
76	/xũmʔ/	xũmʔ	Fechar a mão	Verbo Ativo	Martins (2004)	Atonal
77	/xũm/	xũum	Fechar paneiro com folhas	Verbo Ativo	Martins (2004)	Descendente
78	/fɥɔpʔ/	sũnhʔ	Ser ou estar enrolado (para fios)	Verbo estativo	Martins (2004)	Atonal
79	/ʔɥɔpʔ/	ʔũnhʔ	Ser ou estar enrolado (para fios)	Verbo estativo	Martins (2004)	Atonal
80	/pɥɔpʔ/	pũnhʔ	Enrolar algo, rodear	Verbo Ativo	Martins (2004)	Atonal
81	/lonʔ/	lonʔ	Enrolar; recolher linha de pesca	Verbo transitivo	Martins (2004)	Atonal
82	/wòb/	wôob	Colocar, embarcar	Verbo Ativo	Martins (2004)	Descendente
83	/wʔòb/	wʔôob	Pôr ou deixar alguma coisa em cima	Verbo Ativo	Martins (2004)	Descendente
84	/papʔ/	panhʔ	Estar mole como papa	Verbo estativo	Martins (2004)	Atonal
85	/pãx/	pãx	Estar caído	Verbo estativo	Martins (2004)	Atonal
86	/xác/	xãaç	Descascar com a boca	Verbo Ativo	Martins (2004)	Ascendente
87	/ʃɪʔ/	siy	Descascar cipó	Verbo Ativo	Martins (2004)	Descendente
88	/ʃĩmʔ/	sĩmʔ	Descascar cipó		Martins (2004)	Atonal
89	/ʃĩmʔ/	sĩmʔ	Descascar	Verbo Ativo	Martins	Atonal

			mandioca mole		(2004)	
90	/lod/	lod	Descascar naturalmente (ex. a pele descasca por causa do sol)	Verbo Intransitivo	Martins (2004)	Atonal
91	/lòd/	lood	Descascar alguma coisa (ex. banana, bola de goma, etc.)	Verbo Transitivo	Martins (2004)	Descendente
92	/lòd/	lood	Assar goma	Não classificado por Martins	Martins (2004)	Descendente
93	/xep/	xep	Descascar	Verbo estativo	Martins (2004)	Atonal
94	/kob/	kôb	Descascar		Martins (2004)	Atonal
95	/ʔũnʔ/	‘ũn’	Olhar bem rápido	Verbo Ativo	Martins (2004)	Ascendente
96	/pita/	pita	Ficar	Verbo Ativo	Martins (2004)	Atonal
97	/jawi/	yawi	Errar	Verbo Ativo	Martins (2004)	Atonal
98	/ʔojalʔ/	‘oyal’	Acreditar	Verbo Ativo	Martins (2004)	Atonal
99	/pulah/	pular	Sofrer	Verbo Ativo	Martins (2004)	Atonal
100	/jeléwʔ/	yêlêew’	Transformar-se	Verbo Ativo	Martins (2004)	Ascendente
101	/ʃãʔã/	sã’ã	Experimentar	Verbo Ativo	Martins (2004)	Atonal
102	/doʔoh/	do’lor	Pintar de cor clara	Verbo Ativo	Martins (2004)	Atonal
103	/xũʔũnʔ/	xũ’ũn’	Conversar, papear	Verbo Ativo	Martins (2004)	Atonal
104	/xũpũ/	xũpũ	Ficar exibido	Verbo Ativo	Martins (2004)	Atonal
105	/toʔbuk/	tô’bək	Fechar	Verbo Ativo	Martins (2004)	Atonal
106	/jɔmdãʔ/	jomdã’	Fazer vinho de açaí	Verbo Ativo	Martins (2004)	Atonal
107	/kogʔʕŋ/	kô’ōong	Desmaiar-se	Verbo Ativo	Martins (2004)	Ascendente
108	/kog-ʔʕwʔ/	kôg-‘ōow’	Desmaiar	Verbo Ativo	Martins (2004)	Ascendente
109	/jēmʔeh/	yêe’er	Rezar	Verbo Ativo	Martins (2004)	Atonal
110	/mĩhjug/	mĩryug	Misturar,	Verbo Ativo	Martins	Atonal

			dissolver		(2004)	
111	/doʔ-cah/	do'-car	Pintar de preto	Verbo Ativo	Martins (2004)	Atonal
112	/wʔiŋʔ-jɤw/	w'ing'-yâw	Cansar	Verbo Ativo	Martins (2004)	Atonal
113	/nʔj-ʃh/	nõo-yõor	Medicar	Verbo Ativo	Martins (2004)	Ascendente
114	/tek-cax/	têk-cax	Barrear (encher de barro)	Verbo Ativo	Martins (2004)	Atonal
115	/hâm-tu/	râm-tu	Rastejar	Verbo Ativo	Martins (2004)	Atonal
116	/nʃh-ka/	nõr-ka	Bocejar	Verbo Ativo	Martins (2004)	Atonal
117	/xub-ʃh/	xub-sõ	Estar triste, entristecer	Verbo Estativo	Martins (2004)	Atonal
118	/kɛd-piʔ/	ked-pij	Encher	Verbo Ativo	Martins (2004)	Atonal
119	/kɛd-fu/	ked-su	Tirar água da canoa	Verbo Ativo	Martins (2004)	Atonal
120	/hẽd-bu/	rẽd-bu	Envergonhar	Verbo Ativo	Martins (2004)	Atonal
121	/we-kàn/	we-kaan	Umedecer	Verbo Ativo	Martins (2004)	Descendente
122	/wiʔ-tɔp/	wis-top	Fazer tapiri	Verbo Ativo	Martins (2004)	Atonal
123	/wʔɤjʔ-ʔa/	w'ây'-a	Gaguejar	Verbo Ativo	Martins (2004)	Atonal
124	/peg-ʃák/	pêg-saak	Crescer	Serialização verbal Verbos ativo	Martins (2004)	Atonal
125	/buj-dóʔ/	buy-doo'	Ser recém-casado	Serialização verbal Verbo estativo	Martins (2004)	Descendente
126	/beʔ-hâm/	be'-râm	Enluarar, tornar-se enluarado	Serialização verbal Verbo estativo	Martins (2004)	Atonal
127	/toʔ-peg/	to'-pêg	Encher a barriga	Verbo Ativo	Martins (2004)	Atonal
128	/xub/	xub	Dialogar	Verbo Ativo	Martins (2004)	Atonal
129	/mámʔ/	maam'	Dialogar	Verbo Ativo	Martins (2004)	Ascendente
130	/wʔɤjʔ/	w'ây'	Dialogar	Verbo Ativo	Martins (2004)	Atonal
131	/xup-wɔc/	xup-woç	Assustar-se	Verbo de processo	Martins (2004)	Atonal
132	/xɤʔ-kɛt/	xâ'-kâat	Pisar	Verbo Ativo	Martins (2004)	Ascendente
133	/xɤʔɤ/	xâjâ	Retornar	Verbo Ativo	Martins (2004)	Atonal
134	/xũmũ/	xũmũ	Brigar uns com os	Verbo de processo	Martins (2004)	Atonal

			outros			
135	/bɔ̃jɔ̃/	bâyâ	Voltar de novo	Verbo Ativo	Martins (2004)	Atonal
136	/tamẽh/	tamêr	Ser corajoso	Verbo Estativo	Martins (2004)	Atonal
137	/hám/	rãam	Levar	Verbo Ativo	Martins (2004);	Ascendente
138	/lɔ̃b/	lâb	Girar sozinho (ex. a bola gira por causa do vento)	Verbo Ativo – Intransitivo	Martins (2004)	Atonal
139	/lɔ̃b/	lâab	Girar alguma coisa (ex. a manivela do motor)	Verbo Ativo – Transitivo	Martins (2004)	Descendente
140	/mʷũt/	m'ũt	Ser enrolado, ser girado (ex. tabaco de rolo)	Verbo Estativo	Martins (2004);	Atonal
141	/mʷũt/	m'ũut	Girar para brocar; criar uma saliência cônica	Verbo Ativo	Martins (2004)	Ascendente
142	/wɔ̃ʔ dóʔ/	wâ'-dôo'	Obedecer	Verbo serializado	Martins (2004)	Ascendente
143	/xóp bax/	xôop bax	Boiar	Verbo serializado	Martins (2004)	Ascendente
144	/wʷɔ̃jʷ ʔɔ̃j dóʔ/	w'âay' 'âay dôo'	Responder	Verbo serializado	Martins (2004)	Construção com mais de um tom
145	/wʷɔ̃jʷ jʷáh/	w'âay' y'ar	Enganar	Verbo serializado	Martins (2004)	Construção com mais de um tom
146	/jʷáh/	y'ar	Enganar	Verbo composto	Martins (2004)	Ascendente
147	/ʔáx páh/	'âa paar	Perguntar	Verbo composto	Martins (2004)	Construção com mais de um tom
148	/jah jɔ̃/	yar yâ	Trazer	Verbo composto	Martins (2004)	Atonal
149	/dóʔ píʃ/	dôo' piis	Diminuir	Verbo composto	Martins (2004)	Ascendente
150	/xɔ̃jɔ̃/	xâyâ	Entrar	Verbo composto	Martins (2004)	Atonal
151	/bɔ̃jɔ̃/	bâyâ	Regressar	Verbo composto	Martins (2004)	Atonal
152	/bɔ̃j-xɔ̃d/	bây-xâd	Atravessar de volta	Verbo composto	Martins (2004)	Atonal

153	/hēg-fo-fák/	rēg-so-saak	Desmaiar	Verbo Ativo	Martins (2004)	Ascendente
154	/hũ-řã/	rũ-‘ã	Fazer caçada (dormir na mata para caçar à noite)	Verbo Ativo	Martins (2004)	Atonal
155	/wɤʔ-kɔ́t/	wâ'-kâat	Pisar	Verbo Ativo	Martins (2004)	Descendente
156	/hēd-xop/	rēd-xôp	Enxugar (LIT. ser o recipiente do ato de secar)	Verbo Ativo	Martins (2004)	Atonal
157	/xax-xɔd jɤ/	xax-xâd yâ	Escolher	Verbo Ativo	Martins (2004)	Atonal
158	/xub-juum/	xub-yum	Reestabelecer a saúde	Verbo Ativo	Martins (2004)	Atonal
159	/mĩh-jug/	mĩr-yug	Misturar, dissolver	Verbo Ativo	Martins (2004)	Atonal
160	/xub-řk/	xub-sôk	Estar triste	Verbo Estativo	Martins (2004)	Atonal
161	/tuum-cãʔ/	tum-cãa'	Piscar	Verbo Ativo	Martins (2004)	Descendente
162	/kɛd-piɤ/	ked-pij	Encher	Verbo Ativo	Martins (2004)	Atonal
163	/cè/	çêe	Espantar, espalhar	Verbo Ativo	Martins (2004)	Descendente
164	/céh/	çêe	Ir longe	Verbo Ativo	Martins (2004)	Ascendente
165	/ʔù/	‘uu	Carregar nos braços	Verbo Ativo	Martins (2004)	Descendente
166	/ʔúh/	‘uur	Ajudar	Verbo Ativo	Martins (2004)	Ascendente
167	/cɔ́k/	câak	Roubar	Verbo Ativo	Martins (2004)	Ascendente
168	/pah/	par	Latir	Verbo Ativo	Martins (2004)	Atonal
169	/páh/	paar	Saber	Verbo Ativo	Martins (2004)	Ascendente
170	/tɤwʔ/	tâw'	Ser pesado	Verbo Ativo	Martins (2004)	Atonal
171	/tep/	têp	Arrebentar	Verbo Ativo	Martins (2004)	Atonal
172	/tép/	têep	Cercar	Verbo Ativo	Martins (2004)	Ascendente
173	/tēmʔ/	tēm'	Embolorado	Verbo Ativo	Martins (2004)	Atonal
174	/tēmʔ/	têem'	Virar cabelo para molhar	Verbo Ativo	Martins (2004)	Ascendente
175	/wud/	wud	Gritar bem	Verbo Ativo	Martins	Atonal

			alto		(2004)	
176	/jah/	yar	Buscar	Verbo Ativo	Martins (2004)	Atonal
177	/jáh/	yaar	Agradar, paparicar	Verbo Ativo	Martins (2004)	Ascendente
178	/dák/	daak	Colocar	Verbo Ativo Transitivo	Martins (2004)	Ascendente
179	/dak/	dak	Colocar, Pôr	Verbo Estativo	Martins (2004)	Atonal
180	/nã/	nã	Dizer	Verbo Ativo Transitivo e ditransitivo	Martins (2004)	Atonal
181	/wʔǝj/	w'âay	Falar	Verbo Ativo Transitivo e ditransitivo	Martins (2004)	Ascendente
182	/júk/	suuk	Caçar	Verbo Ativo Intransitivo	Martins (2004)	Ascendente
183	/cǝb/	çaab	Mudar	Verbo Ativo Intransitivo	Martins (2004)	Descendente
184	/báwʔ/	baaw'	Gritar de dor	Verbo Ativo Intransitivo	Martins (2004)	Ascendente
185	/peg/	peg	Ser grande (genérico)	Verbo Estativo descritivo atributivo	Martins (2004)	Atonal
186	/nét/	neet	Ser raso	Verbo Estativo	Martins (2004)	Descendente
187	/juʔ/	yu'	Estar quente	Verbo Estativo	Martins (2004)	Atonal
188	/kǝt/	kâat	Estar de pé	Verbo Estativo	Martins (2004)	Ascendente
189	/jèn/	yêen	Estar escondido	Verbo Estativo	Martins (2004)	Descendente
190	/doʔ pèg/	do' pèeg	Fazer grande	Verbo transitivado	Martins (2004)	Descendente
191	/jet/	yêt	Deitar	Verbo estativo	Martins (2004)	Atonal
192	/cà/	çaa	Ser amargo	Verbo estativo	Martins (2004)	Descendente
193	/nè/	nêe	Fazer	Verbo Transitivo	Martins (2004)	Descendente
194	/ne/	nê	Fazer	Verbo Transitivo	Martins (2004)	Descendente
195	/neh/	nêr	Fazer	Verbo Intransitivado	Martins (2004)	Atonal
196	/wum/	wam	Ser forte	Verbo Estativo	Martins (2004)	Atonal
197	/piʃ/	pis	Ser pouco	Verbo Estativo	Martins (2004)	Atonal
198	/jaʔ/	ya'	Assar	Verbo Ativo	Martins (2004)	Atonal
199	/xóp/	xoop	Secar	Verbo Transitivo	Martins (2004)	Ascendente

200	/xɔp/	xop	Secar	Verbo intransitivado	Martins (2004)	Atonal
201	/kaʔ/	ka'	Estar suspenso	Verbo Estativo	Martins (2004)	Atonal
202	/káʔ/	kaa'	Amarrar (anzol)	Verbo Transitivo	Martins (2004)	Ascendente
203	/ʔed/	'ed	Não ter equilíbrio	Verbo Estativo	Martins (2004)	Atonal
204	/ʔèd/	'eed	Virar	Verbo Transitivo	Martins (2004)	Descendente
205	/kiʔ/	ki'	Rachar	Verbo Estativo	Martins (2004)	Atonal
206	/kíʔ/	kii'	Abrir couro	Verbo Transitivo	Martins (2004)	Ascendente
207	/wɤg/	wuɤg	Balançar	Verbo Estativo	Martins (2004)	Atonal
208	/wɤ̃g/	wuɤ̃g	Sacudir	Verbo Ativo transitivo	Martins (2004)	Descendente
209	/xɤc/	xâç	Estar com a cabeça pelada	Verbo Estativo	Martins (2004)	Atonal
210	/xɤ̃c/	xâaç	Tirar a pele da fruta	Verbo Ativo transitivo	Martins (2004)	Descendente
211	/hõn/	rõn	Conferir, contar	Verbo Estativo	Martins (2004)	Atonal
212	/hõ̃n/	rõn	Subir em árvore para conferir localização	Verbo Ativo	Martins (2004)	Atonal
213	/xũ̃pʔ/	Xũunh'	Conferir	Não classificado por Martins	Martins (2004)	Descendente
214	/han/	ran	Aparecer	Verbo estativo	Martins (2004)	Atonal
215	/hàn/	raan	Avisar	Verbo Ativo	Martins (2004)	Descendente
216	/xɤd/	xâd	Passar	Verbo estativo / movimento	Martins (2004)	Atonal
217	/tak/	tak	Passar sorva		Martins (2004)	Atonal
218	/xɤ̃d/	xâad	Passar olhando com atenção; procurar	Verbo Ativo	Martins (2004)	Descendente
219	/dɤh/	dâr	Movimentar subitamente	Verbo de movimento	Martins (2004)	Atonal
220	/jõ̃h/	yõor	Passar remédio	Verbo Ativo bitransitivo	Martins (2004)	Descendente
221	/ʃi/	sii	Furar com a unha	Verbo Ativo	Martins (2004)	Descendente

222	/ʃib/	siib	Beliscar	Verbo Ativo	Martins (2004)	Descendente
223	/wʔòb/	w'ôob	Por alguma coisa em cima da outra	Verbo Ativo	Martins (2004)	Descendente
224	/wòb/	wôob	Estar em cima	Verbo Estativo	Martins (2004)	Descendente
225	/wɔj/	woy	Sovinar, guardar	Verbo estativo	Martins (2004)	Atonal
226	/wòj/	wooy	Guardar para o outro não ficar sem	Verbo Ativo	Martins (2004)	Descendente
227	/dak/	dak	Vestir-se	Verbo estativo	Martins (2004)	Atonal
228	/dák/	daak	Pôr alguma coisa	Verbo Ativo	Martins (2004)	Descendente
229	/ʃɔx/	sox	Furar a terra para plantar maniva	Verbo Estativo	Martins (2004)	Atonal
230	/ʃɔx/	soox	Furar, dar injeção, dar pontada, riscar fósforo	Verbo Ativo	Martins (2004)	Descendente
231	/lók/	look	Furar (fazer buraco na panela, forno, rede, casa)	Verbo Ativo	Martins (2004)	Ascendente
232	/hob/	rob	Furar	Verbo Ativo Intransitivo	Martins (2004)	Atonal
233	/xɔb/	xob	Furar	Verbo Ativo Intransitivo	Martins (2004)	Atonal
234	/xép/	xeep	Varrer	Verbo ativo	Martins (2004)	Ascendente
235	/hēd-júʔ/	rēed-yuu'	Tornar-se quente	Verbo transitivizado	Martins (2004)	Ascendente
236	/bów/	bôow	Abrir peixe para assar	Verbo ativo	Martins (2004)	Descendente
237	/jēm/	yēm	Estar pronto	Verbo estativo	Martins (2004)	Atonal
238	/wak/	wak	Estar duro	Verbo estativo	Martins (2004)	Atonal
239	/tek/	têk	Bater pressionando contra algo (ex. bater roupa na pedra)	Verbo Ativo Transitivo	Martins (2004)	Atonal

240	/tɔk/	tok	Bater na cabeça, dando cascudos	Verbo Ativo Transitivo	Martins (2004)	Atonal
241	/fép/	sêep	Bater puxando a orelha de alguém	Verbo Ativo Transitivo	Martins (2004)	Ascendente
242	/tũnʔ/	tũn'	Bater com a cabeça, cabecear	Verbo Ativo Transitivo	Martins (2004)	Atonal
243	/táw/	tāaw	Bater com alguma coisa para tirar o líquido (ex. bater cana, timbó)	Verbo Ativo Transitivo	Martins (2004)	Ascendente
244	/ʔũm/	'ũum	Bater (genérico)	Verbo Ativo Transitivo	Martins (2004)	Descendente
245	/jũwʔ/	yũw'	Bater dando soco quando está brigando	Verbo Ativo Transitivo	Martins (2004)	Atonal
246	/mʔép/	m'eeep	Bater dando pescoção	Verbo Ativo Transitivo	Martins (2004)	Descendente
247	/nɔg/	nog	Bater dando soco em alguém	Verbo Ativo Transitivo	Martins (2004)	Atonal
248	/nux/	nux	Bater a cabeça no pau	Verbo Ativo Intransitivo	Martins (2004)	Atonal
249	/fɔn/	sōon	Bater o pé no toco	Verbo Ativo Intransitivo	Martins (2004)	Atonal
250	/lɔj/	lây	Bater o sino	Verbo Ativo Intransitivo	Martins (2004)	Atonal
251	/jɔk/	yok	Nadar	Verbo Ativo intransitivo	Martins (2004)	Atonal
252	/hɔd/	rod	Sair	Verbo Ativo intransitivo	Martins (2004)	Atonal
253	/ʔt̥t/	'ōot	Chorar	Verbo Ativo intransitivo	Martins (2004)	Descendente
254	/ʔã/	'ã	Dormir	Verbo Ativo intransitivo	Martins (2004)	Atonal
255	/xúɸ/	xuɸ	Sonhar	Verbo Ativo intransitivo	Martins (2004)	Ascendente
256	/xub/	xub	Estar com fome	Verbo Ativo Transitivo	Martins (2004)	Atonal
257	/fip/	sip	Querer rápido	Verbo Ativo Transitivo	Martins (2004)	Atonal
258	/hõj/	rõoy	Focar	Verbo Ativo	Martins	Descendente

				Transitivo	(2004)	
259	/dák/	daak	Colocar	Verbo Ativo Transitivo	Martins (2004)	Atonal
260	/jug/	yug	Fazer vinho	Verbo Ativo bitransitivo	Martins (2004)	Atonal
261	/buj/	buy	Jogar	Verbo Ativo bitransitivo	Martins (2004)	Atonal
262	/xaw/	xaw	Ferver	Verbo de processo	Martins (2004)	Atonal
263	/nɔx-doɣ/	nâx-doɣ	Chover	Verbo de processo	Martins (2004)	Atonal
264	/dɔk/	dok	Apagar	Verbo de processo	Martins (2004)	Atonal
265	/nɔx-doɣ-ce/	nâz-doɣ-çê	Chuviscar	Verbo de processo	Martins (2004)	Atonal
266	/wɔt-úɓ/	wât-ɯɓ	Amanhecer	Verbo de processo	Martins (2004)	Descendente
267	/duʔ-xu/	du'-xɯ	Entardecer	Verbo de processo	Martins (2004)	Atonal
268	/cem-xu/	çêm-xɯ	Anoitecer	Verbo de processo	Martins (2004)	Atonal
269	/hêd/	rêd	Possuir, adquirir	Verbo Transitivo	Martins (2004)	Atonal
270	/wɔt-wa/	wâat-wa	Entardecer / dia-estar maduro (céu avermelha do, pôr do sol)	Verbo de processo	Martins (2004)	Descendente
271	/ceɣ jét/	çêj yêet	Entardecer / brilhar do céu está deitando	Verbo de processo	Martins (2004)	Descendente
272	/cem-xu/	çêm-xɯ	Anoitecer / cair da noite	Verbo de processo	Martins (2004)	Atonal
273	/cem-xu hêd/	çêm-xɯ rêd	Anoitecer / começar a anoitecer	Verbo de processo	Martins (2004)	Atonal
274	/cem-ãm/	çêm-ãm	Anoitecer / bem de noitinha	Verbo de processo	Martins (2004)	Atonal
275	/cem-ɣuj-ãm/	cêm-'uy-ãm	Fazer-se noite	Verbo de processo	Martins (2004)	Atonal
276	/kɯb-xu/	kɯb-xɯ	Anoitecer / escurecer, descer da noite'	Verbo de processo	Martins (2004)	Atonal
277	/wɔt-úɓ/	wâ-'ɯɓ	Amanhecer / acordar o dia	Verbo de processo	Martins (2004)	Descendente
278	/wɔt-xu/	wât-xɯ	Amanhecer	Verbo de	Martins	Atonal

			/cair o dia	processo	(2004)	
279	/wɔt-púid/	wât-xu	Estar para amanhecer	Verbo de processo	Martins (2004)	Atonal
280	/wɔt-xa/	wât-xa	Agachar o dia	Verbo de processo	Martins (2004)	Atonal
281	/wɔt-hũʔ ʔujãm/	wât-rũ'-'uyãm	Quando o dia acabar	Verbo de processo	Martins (2004)	Atonal
282	/beʔ hãm/	be' rãm	Clarear	Verbo de processo	Martins (2004)	Atonal
283	/nĩ/	nĩ	Estar, existir, haver	Verbo estativo equativo existencial	Martins (2004)	Atonal
284	/mẽh/	měr	Não estar, não existir, não haver	Verbo estativo equativo existencial	Martins (2004)	Atonal
285	/hew/	rew	Ter ou haver muitos	Verbo estativo equativo existencial	Martins (2004)	Atonal
286	/hẽw/	reew	Ser muito	Verbo estativo equativo identificacional	Martins (2004)	Descendente
287	/mãj/	mãay	Ser intensificado (referente à quantidade e qualidade)	Verbo estativo equativo identificacional	Martins (2004)	Descendente
288	/púid/	pũud	Ser intensificado (referente à quantidade e qualidade)	Verbo estativo equativo identificacional	Martins (2004)	Descendente
289	/mãj/	mãy	Não ser	Verbo estativo equativo identificacional	Martins (2004)	Atonal
290	/ʔamaj/	'amay	Ser um pouco	Verbo estativo equativo identificacional	Martins (2004)	Atonal
291	/wũd/	wũud	Ser (passado) ou possibilidade de ser	Verbo estativo equativo identificacional	Martins (2004)	Descendente
292	/mẽhẽd/	měrẽd	Estar, existir um pouco	Verbo estativo equativo	Martins (2004)	Atonal
293	/púid ʔamãj/	pũud 'amãy	Ser quase	Verbo estativo equativo	Martins (2004)	Descendente

294	/xup-mẽh/	xup-měr	Não existir gente	Verbo estativo equativo com incorporação de nominais	Martins (2004)	Atonal
295	/ʔãmāj/	ʔãmāy	Meio rápido	Verbo estativo equativo com incorporação de advérbios	Martins (2004)	Atonal
296	/taʔ-māj/	ta'-māy	Não ser distante	Verbo estativo equativo com incorporação de pronominais	Martins (2004)	Atonal
297	/hõt-amāj/	rõt-amāy	Meio longe	Verbo estativo equativo com incorporação de pronominais	Martins (2004)	Atonal
298	/nũʔ-māj/	nũ'-māy	Outro	Verbo estativo equativo com incorporação de pronominais	Martins (2004)	Atonal
299	/jʔòj/	y'ôoy	Ser comprido e mais alto de todos (ex. árvore mais alta que as outras)	Verbo estativo descritivo atributivo	Martins (2004)	Descendente
300	/jɔʃ/	yos	Ter um lado mais baixo que o outro (ex. lábios grossos e grandes; rede com um dos lados mais baixo)	Verbo estativo descritivo atributivo	Martins (2004)	Atonal
301	/lĩ/	lĩ	Ser pintado estampado (ex. rede estampada)	Verbo estativo descritivo atributivo	Martins (2004)	Atonal
302	/xòd/	xood	Ser pintado, malhado (ex. cachorro)	Verbo estativo descritivo atributivo	Martins (2004)	Descendente
303	/lõ/	lõ	Ser pintado de bolinha,	Verbo estativo descritivo	Martins (2004)	Atonal

			salpicado	atributivo		
304	/ca/	ça	Ser preto; ser amargo	Verbo estativo descritivo atributivo	Martins (2004)	Atonal
305	/wáh/	waar	Ser verde porque não está maduro (ex. banana verde)	Verbo estativo descritivo atributivo	Martins (2004)	Descendente
306	/fej/	sêy	Ser peludo (ex. rabo de veado, cavalo, etc)	Verbo estativo descritivo atributivo	Martins (2004)	Atonal
307	/lõk/	lõk	Ser esférico e pequeno (ex. buraco, fezes, etc)	Verbo estativo descritivo atributivo	Martins (2004)	Atonal
308	/kũk/	kũk	Ser torneado	Verbo estativo descritivo atributivo	Martins (2004)	Atonal
309	/dɤw xubʃɔk/	dâw xubsõk	Estar triste	Verbos estativos descritivos qualificativos	Martins (2004)	Atonal
310	/dɤw tɔw/	dâw tâaw	Estar bravo	Verbos estativos descritivos qualificativos	Martins (2004)	Atonal
311	/dɤw ʔãm/	dâw ‘ãam	Estar com medo	Verbos estativos descritivos qualificativos	Martins (2004)	Descendente
312	/dɤw kɔh/	dâw kâar	Estar sofrendo, ser pobre	Verbos estativos descritivos qualificativos	Martins (2004)	Descendente
313	/dɤw wej/	dâw wey	Estar mole, estar com preguiça	Verbos estativos descritivos qualificativos	Martins (2004)	Atonal
314	/lɔk/	lâk	Ser magro por natureza (torna o osso visível)	Verbos estativos descritivos qualificativos	Martins (2004)	Atonal
315	/lâk/	lâk	Ser despelado, estar descampad	Verbos estativos descritivos qualificativos	Martins (2004)	Atonal

			o (ex. cabeça pelada; terreno descampado)			
316	/leʔ/	lê'	Ser magro e ter a cabeça grande	Verbos estativos descritivos qualificativos	Martins (2004)	Atonal
317	/nʔũn/	n'ũun	Ser mole ou bem cozido	Verbos estativos descritivos qualificativos	Martins (2004)	Descendente
318	/ta/	ta	Ser meio cozido; ser ardido (ex. pimenta)	Verbos estativos descritivos qualificativos	Martins (2004)	Atonal
319	/paʔ/	'pa	Ser careca só no meio da cabeça	Verbos estativos descritivos qualificativos	Martins (2004)	Atonal
320	/nét/	neet	Ser raso (ex. igarapé)	Verbos estativos descritivos qualificativos	Martins (2004)	Ascendente
321	/dup/	dup	Ser azedo (ex. banana-maçã; limão)	Verbos estativos descritivos qualificativos	Martins (2004)	Atonal
322	/ci/	çi	Ser azedo	Verbo estativo	Martins (2004)	Atonal
323	/ʔeŋ/	'eng	Ser feio	Verbos estativos descritivos qualificativos	Martins (2004)	Atonal
324	/dɛp/	dep	Ser gordo (genérico)	Verbos estativos descritivos qualificativos	Martins (2004)	Atonal
325	/dɛpẽh/	depẽr	Ser magro e saudável'	Verbos estativos descritivos qualificativos	Martins (2004)	Atonal
326	/kàn/	kaan	Estar úmido	Verbos estativos descritivos qualificativos	Martins (2004)	Descendente
327	/we/	wê	Estar molhado	Verbos estativos descritivos qualificativos	Martins (2004)	Atonal

328	/cĩ/	çĩ	Estar azedo, estragado (ex. comida estragada)	Verbos estativos descritivos qualificativos	Martins (2004)	Atonal
329	/ʔòɟ/	‘òoj	Estar cheio para objetos rasos e circulares (ex. prato)	Verbos estativos descritivos qualificativos	Martins (2004)	Descendente
330	/ʔow/	‘òw	Estar cheio para objetos fundos	Verbos estativos descritivos qualificativos	Martins (2004)	Atonal
331	/meh/	mêr	Estar cheiroso	Verbos estativos descritivos qualificativos	Martins (2004)	Atonal
332	/ʔẽnʔ/	‘ẽn	Estar frouxo	Verbos estativos descritivos qualificativos	Martins (2004)	Atonal
333	/ʔĩk/	‘ĩk	Estar inchado	Verbos estativos descritivos qualificativos	Martins (2004)	Descendente
334	/wʔɔw/	w’âw	Estar magro de doente	Verbos estativos descritivos qualificativos	Martins (2004)	Atonal
335	/loʔ/	lô’	Galho que está torto, inclinado desde o pé	Verbos estativos descritivos posicionais	Martins (2004)	Atonal
336	/jân/	yân	Estar envergado por causa do peso (ex. cacho de banana muito pesado na bananeira)	Verbos estativos descritivos posicionais	Martins (2004)	Atonal
337	/lep/	lêp	Estar encolhido como uma bola por causa do frio	Verbos estativos descritivos posicionais	Martins (2004)	Atonal
338	/jaʔ/	ya’	Assar	Verbo transitivo	Martins (2004)	Atonal
339	/jumẽh/	yuměr	Estar	Verbo estativo	Martins	Atonal

			doente	descritivo qualificativos	(2004)	
340	/kaf/	kas	Ser velho	Verbo estativo descritivo	Martins (2004)	Atonal
341	/kɛh/	kâar	Ser sofredor	Verbo estativo descritivo	Martins (2004)	Atonal
342	/loj/	lôy	Ser curvado	Verbo estativo descritivo atributivo	Martins (2004)	Atonal
343	/loʔ/	lô'	Ser curvado	Verbo estativo descritivo atributivo	Martins (2004)	Atonal
344	bɛb	beb	Ser achatado para coisas redondas (ex. prato, bacia, forno de torrar farinha)	Verbo estativo descritivo atributivo	Martins (2004)	Atonal
345	/bem/	bên	Ser grosso e espesso (ex. lábios inchados)	Verbo estativo descritivo atributivo	Martins (2004)	Atonal
346	/jɛʔ/	yêe'	Ser pequeno e apertado (ex. tipo de nariz)	Verbo estativo descritivo atributivo	Martins (2004)	Descendente
347	/dic/	dic	Ser pequeno, ser mirrado	Verbo estativo	Martins (2004)	Atonal
348	/ʔɛʔ/	'e	Ser apertado (ex. roupa apertada no corpo)	Verbo estativo descritivo atributivo	Martins (2004)	Atonal
349	/ʔeʔ/	'ej	Ser baixo e pequeno	Verbo estativo descritivo atributivo	Martins (2004)	Atonal
350	/win/	win	Ser fino e cumprido	Verbo estativo descritivo atributivo	Martins (2004)	Atonal
351	/ʔab/	'ab	Ser grande para coisas redondas (ex. nádegas)	Verbo estativo descritivo atributivo	Martins (2004)	Atonal
352	/ʔɔb/	'âb	Ser grande (só para cachos de frutas)	Verbo estativo descritivo atributivo	Martins (2004)	Atonal

353	/ʔɛd/	‘ád	Ser grande e largo (ex. gente, aturá)	Verbo estativo descritivo atributivo	Martins (2004)	Atonal
354	/ʔɛʔ/	‘e	Ser grande e redondo (ex. boca, panela)	Verbo estativo descritivo atributivo	Martins (2004)	Atonal
355	/ʔɛʔ/	‘e	Ser grande e oco		Martins (2004)	Atonal
356	/wʔɔʔ/	w’o’	Ser grande largo no corpo (ex. roupa)	Verbo estativo descritivo atributivo	Martins (2004)	Atonal
357	/héh/	rêer	Ser grande e largo (ex. tórax)	Verbo estativo descritivo atributivo	Martins (2004)	Descendente
358	/lɔʔ/	lo’	Ser grande para pés e mãos no dialeto feminino	Verbo estativo descritivo atributivo	Martins (2004)	Atonal
359	/lɔʔ/	loj	Ser grande para coisas cilíndricas (ex. tronco)	Verbo estativo descritivo atributivo	Martins (2004)	Atonal
360	/ʔɔd/	‘od	Ser gordo	Verbo estativo descritivo atributivo	Martins (2004)	Atonal
361	/nʔũmʔ/	n’ũm’	Ser gordo e largo, achatado (ex. dedo polegar)	Verbo estativo descritivo atributivo	Martins (2004)	Atonal
362	/bɛʃ/	bes	Ser gordo e largo	Verbo estativo descritivo atributivo	Martins (2004)	Atonal
363	/dut/	dut	Ser gordo e baixo	Verbo estativo descritivo atributivo	Martins (2004)	Atonal
364	/béw/	bêew	Gordo e arredondado (só para bebê)	Verbo estativo descritivo atributivo	Martins (2004)	Descendente
365	/mẽwʔ/	mẽew’	Ser gordo e bem baixinho; ser bem achatado	Verbo estativo descritivo atributivo	Martins (2004)	Descendente
366	/peʃ/	pês	Grosso e largo	Verbo estativo descritivo	Martins (2004)	Atonal

				atributivo		
367	/lub/	lub	Grosso para coisas cilíndricas (ex. cipó, cabelo, pau)	Verbo estativo descritivo atributivo	Martins (2004)	Atonal
368	/nʔẽx/	n'ẽx	Grosso para coisas líquidas (ex. mingau, lama)	Verbo estativo descritivo atributivo	Martins (2004)	Atonal
369	/pũn/	pãn	Mais grosso para coisas líquidas (ex. vinho de pupunha, açai, lama)	Verbo estativo descritivo atributivo	Martins (2004)	Atonal
370	/buun²/	bun'	Ser comprido e grosso	Verbo estativo descritivo atributivo	Martins (2004)	Atonal
371	/bɤp/	bâp	Grosso só para lábios	Verbo estativo descritivo atributivo	Martins (2004)	Atonal
372	/lāk/	lāk	Ser redondo e descampado (ex. buraco de cobra caranguejo)	Verbo estativo descritivo atributivo	Martins (2004)	Atonal
373	/luk/	luk	Ser bem redondo (ex. cabelo enrolado; ter caroço grande)	Verbo estativo descritivo atributivo	Martins (2004)	Atonal
374	/lok/	lok	Ser redondo com perfuração grande (ex. buraco de onça ou cutia)	Verbo estativo descritivo atributivo	Martins (2004)	Atonal
375	/lõk/	lõk	Ser	Verbo estativo	Martins	Atonal

			redondo com perfuração pequena (ex. buraco de cutiara)	descritivo atributivo	(2004)	
376	/low/	lôw	Ser redondo de grande diâmetro (ex. cisterna, barriga)	Verbo estativo descritivo atributivo	Martins (2004)	Atonal
377	/lewʔ/	lêwʔ	Ser redondo e grosso (ex. nó de corda, de cipó)	Verbo estativo descritivo atributivo	Martins (2004)	Atonal
378	/lĩmʔ/	lĩmʔ	Ser redondo e bem pequeno (ex. minhoca enrolada em folha)	Verbo estativo descritivo atributivo	Martins (2004)	Atonal
379	/lem/	lêm	Ser redondo de pequeno diâmetro (ex. jabuti, cabeça do microfone)	Verbo estativo descritivo atributivo	Martins (2004)	Atonal
380	/mum/	mum	Ser redondo e bem pequeno (ex. verruga)	Verbo estativo descritivo atributivo	Martins (2004)	Atonal
381	/ʔεʔ/	ʔe	Ser arredondado e ir se estreitando (ex. pandeiro)	Verbo estativo descritivo atributivo	Martins (2004)	Atonal
382	/ʔoʔ/	ʔo	Ser redondo e grande (ex. boca aberta;	Verbo estativo descritivo atributivo	Martins (2004)	Atonal

			panela grande por inteiro)			
383	/ʔoʔ/	‘o	Arrancar a unha	Não classificado por Martins	Martins (2004)	Atonal
384	/nem/	nêm	Ser esférico (ex. concha, panela, cabeça, caroço de açaí)	Verbo estativo descritivo atributivo	Martins (2004)	Atonal
385	/nũh lāk/	nũr lāk	Cabeça que está pelada só no meio	Verbo estativo descritivo atributivo	Martins (2004)	Atonal
386	/nũh leʔ/	nũr le’	Cabeça que está quase careca	Verbo estativo descritivo atributivo	Martins (2004)	Atonal
387	/nũh lāk/	nũr lāk	Cabeça que está pelada só no meio	Verbo estativo descritivo atributivo	Martins (2004)	Atonal
388	/nũh wāk/	nũr wāk	Cabeça que está toda pelada	Verbo estativo descritivo atributivo	Martins (2004)	Atonal
389	/wʔxt/	w’ât	Ser comprido (genérico)	Verbo estativo descritivo atributivo	Martins (2004)	Atonal
390	/win/	win	Ser comprido e fino (ex. pau, gente, roupa bem apertada no corpo)	Verbo estativo descritivo atributivo	Martins (2004)	Atonal
391	/wag/	wag	Ser comprido e um pouco largo (ex. gente alta e um pouco gorda)	Verbo estativo descritivo atributivo	Martins (2004)	Atonal
392	/wajʔ/	way’	Ser bem comprido (ex. pessoa muito alta)	Verbo estativo descritivo atributivo	Martins (2004)	Atonal
393	/wẽʃ/	wēs	Ser comprido e muito (ex. cabelo)	Verbo estativo descritivo atributivo	Martins (2004)	Atonal
394	/wẽwʔ/	wẽw’	Ser comprido e pouco (ex.	Verbo estativo descritivo atributivo	Martins (2004)	Atonal

			púbis e barba)			
395	/wɔg/	wog	Ser exagerada mente comprido (ex. roupa grande no corpo)	Verbo estativo descritivo atributivo	Martins (2004)	Atonal
396	/wɔg/	wog	Ser grande	Verbo estativo	Martins (2004)	Atonal
397	/wút/	wuut	Ser comprido e muito fino (ex. cabelo, púbis e barba)	Verbo estativo descritivo atributivo	Martins (2004)	Descendente
398	/wʔɔ/	w'o'	Ser comprido e exagerada mente largo (ex. tira larga; roupa comprida e larga no corpo)	Verbo estativo descritivo atributivo	Martins (2004)	Atonal
399	/wiʔ/	wi'	Ser comprido e bem estreito (ex. pessoa muito magricela e alta)	Verbo estativo descritivo atributivo	Martins (2004)	Atonal
400	/win/	win	Ser comprido e fino (ex. pau, gente, roupa pequena e bem apertada)	Verbo estativo descritivo atributivo	Martins (2004)	Atonal
401	/xin/	xin	Ser comprido como rastro de jacaré (ex. sinal de arranhado)	Verbo estativo descritivo atributivo	Martins (2004)	Atonal
402	/xig/	xig	Ser comprido e estreito	Verbo estativo descritivo atributivo	Martins (2004)	Atonal

			(ex. gente magra e alta)			
403	/mow/	môw	Ser comprido só para fios	Verbo estativo descritivo atributivo	Martins (2004)	Atonal
404	/mɔj/	moy	Ser comprido (só para criança)	Verbo estativo descritivo atributivo	Martins (2004)	Atonal
405	/mɔk/	mok	Ser comprido e largo (ex. roupa, cobertor)	Verbo estativo descritivo atributivo	Martins (2004)	Atonal
406	/lep/	lêp	Estar encolhido como bola por causa do frio	Verbo estativo descritivo atributivo	Martins (2004)	Atonal
407	/low/	lôw	Ser redondo de diâmetro grande (ex. cisterna, barriga grande)	Verbo estativo descritivo atributivo	Martins (2004)	Atonal
408	/ʔiɰʔ/	ʔiɰʔ	Ser apertado no corpo	Verbo estativo descritivo atributivo	Martins (2004)	Atonal
409	/ʃɛj-nʔũk/	seej-nʔũk	Ser maneta ou pernetta	Verbo estativo descritivo atributivo	Martins (2004)	Construção com mais de um tom
410	/nem/	nêm	Ser redondo (ex. prato, concha, cabeça, panela)	Verbo estativo descritivo atributivo	Martins (2004)	Atonal
411	/nèm/	nêem	Arredondar, dobrar afunilando (ex. dobrar peixe ou minhoca na folha)	Verbo ativo	Martins (2004)	Descendente
412	/ʃok/	sôk	Estar amontoado (monte de folhas)	Verbo estativo descritivo atributivo	Martins (2004)	Atonal
413	/ʃók/	sôok	Amontoar (frutas,	Verbo ativo	Martins (2004)	Descendente

			folhas etc)			
414	/lok/	lôk	Ter buraco redondo e grande que vara do outro lado	Verbo estativo descritivo atributivo	Martins (2004)	Atonal
415	/ʔed/	‘ed	Ser sem equilíbrio	Verbo estativo descritivo atributivo	Martins (2004)	Atonal
416	/ʔèd/	‘eed	Virar (pau, gente)	Verbo Ativo	Martins (2004)	Descendente
417	/xêk/	xêk	Estar quebrado de um lado (casa que só está coberta de um lado)	Verbo estativo descritivo atributivo	Martins (2004)	Atonal
418	/xêk/	xêek	Cortar no meio (ex. beiju)	Verbo Ativo	Martins (2004)	Descendente
419	/ʃap/	sap	Estar rachado	Verbo estativo descritivo atributivo	Martins (2004)	Atonal
420	/ʃáp/	saap	Rachar e canal entre rios	Verbo Ativo	Martins (2004)	Descendente
421	/mɤm/	mâm	Ser redondo e pequeno	Verbo estativo descritivo atributivo	Martins (2004)	Atonal
422	/mè̃m/	mâam	Fazer bolhas	Verbo Ativo	Martins (2004)	Descendente
423	/lõc/	lõç	Estar enrolado, girar	Verbo estativo descritivo atributivo	Martins (2004)	Atonal
424	/lõç/	lõoç	Entortando dando voltas, girar	Verbo Ativo	Martins (2004)	Descendente
425	/tũmʔ/	tũm’	Ser reto e cilíndrico	Verbo estativo	Martins (2004)	Atonal
426	/tũmʔ/	tũum’	Tornar reto e cilíndrico, costurar (estativo transitivado)	Verbo transitivizado	Martins (2004)	Descendente
427	/cɔm/	com	Banhar	Verbo Ativo Intransitivo	Martins (2004)	Atonal

428	/cép/	cêep	Arrebentar	Verbo Ativo Transitivo	Martins (2004)	Descendente
429	/j'êt/	j'êet	Deixar no chão	Verbo Ativo Transitivo	Martins (2004)	Descendente
430	/ʔenʔ/	'em'	Ser sem equilíbrio	Verbo Estativo	Martins (2004)	Atonal
431	/mʔũt/	m'ũt	Ser ou estar redondo	Verbo Estativo	Martins (2004)	Atonal
432	/wɔj/	woy	Sovinar	Verbo Ativo Intransitivo	Martins (2004)	Atonal
433	/wɔg/	wâg	Balançar do galho	Verbo Ativo Intransitivo	Martins (2004)	Atonal
434	/kiʔ/	ki'	Estar rachado (para pés e mãos)	Verbo Estativo	Martins (2004)	Atonal
435	/dɔʔ/	do'	Estar queimado	Verbo Estativo	Martins (2004)	Atonal
436	/ʔènʔ/	'een'	Virar	Verbo Ativo Transitivo	Martins (2004)	Descendente
437	/mʔũt/	m'ũt	Arredondar	Verbo Ativo Transitivo	Martins (2004)	Atonal
438	/wɔj/	wooy	Guardar para o outro	Verbo Ativo Transitivo	Martins (2004)	Ascendente
439	/wɔg/	wâag	Sacudir a rede para acordar o outro	Verbo Ativo Transitivo	Martins (2004)	Ascendente
440	/kĩʔ/	ki'	Abrir couro de caça	Verbo Ativo Transitivo	Martins (2004)	Ascendente
441	/dɔʔ/	doo'	Acender fogo	Verbo Ativo Transitivo	Martins (2004)	Ascendente
442	/lɔb/	lâab	Fazer girar	Verbo Ativo Transitivo	Martins (2004)	Descendente
443	/tɔw/	tâaw	Estar Bravo	Verbo Estativo	Martins (2004)	Ascendente
444	/tuk/	tuk	Querer	Verbo Ativo	Martins (2004)	Atonal
445	/wʔiʔ/	w'i'	Ser alto e fino	Verbo Estativo	Martins (2004)	Atonal
446	/nɛd/	nêed	Vir	Verbo Ativo	Martins (2004)	Descendente
447	/nʔâm/	n'âm	Ser perigoso	Verbo Estativo	Martins (2004)	Atonal
448	/kub/	kub	Estar escuro	Verbo Estativo	Martins (2004)	Atonal
449	/j'ewʔ/	j'ew'	Espatifar	Verbo Ativo	Martins (2004)	Atonal
450	/júk/	suuk	Jogar	Verbo Ativo	Martins (2004)	Descendente
451	/wɔjʔ/	wâj'	Ver	Verbo Ativo	Martins	Atonal

					(2004)	
452	/hɔ̃g/	hâag	Espiar	Verbo Ativo	Martins (2004)	Descendente
453	/wʔ/	wâa'	Escutar	Verbo Ativo	Martins (2004)	Ascendente
454	/no/	no	Ser vermelho	Verbo estativo	Martins (2004)	Atonal
455	/jah/	yar	Levar	Verbo Ativo Intransitivo	Martins (2004)	Atonal
456	/hɔ̃k/	rōk	Cortar	Verbo Ativo Transitivo	Martins (2004)	Atonal
457	/wʔòb/	w'ôob	Por em cima	Verbo Ativo bitransitivo	Martins (2004)	Descendente
458	/heʔ/	rê'	Cavar	Verbo Ativo Transitivo	Martins (2004)	Atonal
459	/lɔʔ/	loo'	Comprar/Vender	Verbo Ativo	Martins (2004)	Descendente
460	/xa/	xa	Estar agachado	Verbo Estativo	Martins (2004)	Atonal
461	/deʔ/	de'	Esperar	Verbo Ativo	Martins (2004)	Atonal
462	/jum/	jum	Estar vivo	Verbo Estativo	Martins (2004)	Atonal
463	/wɔc/	woç	Arrancar	Verbo Estativo	Martins (2004)	Atonal
464	/wàj/	waay	Mandar	Verbo Estativo	Martins (2004)	Descendente
465	/wan/	wan	Mandar embora		Martins (2004)	Atonal
466	/jɔ̃/	jooj	Tirar o couro	Verbo Ativo	Martins (2004)	Descendente
467	/jãʔ/	sã'ã	Pôr à prova, experimentar	Verbo Ativo	Martins (2004)	Atonal
468	/xo/	xo	Estar Inchado	Verbo Estativo	Martins (2004)	Atonal
469	/cúk/	cuk	Coçar, comichar	Verbo Ativo	Martins (2004)	Descendente
470	/hẽd-cuk/	rẽd-çuk	Ficar com coceira	Verbo de processo	Martins (2004)	Atonal
471	hẽd- jùʔ	rẽd-yu'	Ficar com febre	Verbo de processo	Martins (2004)	Descendente
472	/hẽd- jumẽh/	rẽd-yumẽr	Adoecer	Verbo de processo	Martins (2004)	Atonal
473	/báʔ/	baa'	Estar fria	Verbo estativo	Martins (2004)	Descendente
474	/hẽd- báʔ/	rẽd-baa'	Ficar com frio	Verbo de processo	Martins (2004)	Descendente
475	/hẽd- xubʔk/	rẽd-xubsõk	Tornar-se triste	Verbo de processo	Martins (2004)	Atonal
476	/wɔh/	wor	Enfeitar	Verbo Ativo	Martins (2004)	Atonal

477	/wʔɪŋʔ/	wʔɪnhʔ	Mexer	Verbo ativo	Martins (2004)	Atonal
478	/kaʔ/	kaʔ	Estar pendurado	Verbo Estativo	Martins (2004)	Atonal
479	/xub- jùum/	xub-yuam	Restabelecer a saúde	Verbo de processo	Martins (2004)	Descendente
480	/xub- t̬w/	xub-t̬aw	Ficar brava	Verbo de processo	Martins (2004)	Descendente
481	/hɛdbu/	redb̥u	Ficar com vergonha	Verbo de processo	Martins (2004)	Atonal
482	/hɛdʃi/	redsi	Ficar com frio	Verbo de processo	Martins (2004)	Atonal
483	/hɛdbax/	redbax	Ficar suado	Verbo de processo	Martins (2004)	Atonal
484	/xubõk/	xubõk	Ficar triste	Verbo de processo	Martins (2004)	Atonal
485	/jẽw/	yẽew	Estar bom	Verbo Estativo	Martins (2004)	Descendente
486	/pòg/	pôog	Ser muito grande	Verbo estativo	Martins (2004)	Descendente
487	/ʃóp/	soop	Ir ficar mais alto	Verbo de processo	Martins (2004)	Descendente
488	/ʔɪg/	ʔág	Beber	Verbo Ativo	Martins (2004)	Atonal
489	/k̥k/	k̥ak	Amarrar	Verbo Ativo	Martins (2004)	Descendente
490	/d̥w x̥k/	d̥aw x̥ak	Puxar (genérico)	Verbo de movimento	Martins (2004)	Descendente
491	/d̥w kig/	d̥aw kig	Puxar para separar briga (causa)	Verbo de movimento	Martins (2004)	Atonal
492	/kig/	kig	Puxar para separar briga (causa)	Verbo de movimento	Martins (2004)	Atonal
493	/d̥w m̥wʔ/	d̥aw m̥wʔ	Puxar o peixe fígado (tema)	Verbo de movimento	Martins (2004)	Atonal
494	/d̥w wid/	d̥aw wid	Puxar pelo braço (maneira)	Verbo de movimento	Martins (2004)	Atonal
495	/d̥w j̥c/	d̥aw yooç	Puxar da mão (fonte)	Verbo de movimento	Martins (2004)	Descendente
496	/d̥w c̥k/	d̥aw c̥ak	Pular (genérico)	Verbo de movimento	Martins (2004)	Atonal
497	/c̥k/	c̥ak	Pular	Verbo Ativo	Martins	Atonal

				intransitivo	(2004)	
498	/wɿp/	wâap	Pular na água	Verbo Ativo Intransitivo	Martins (2004)	Descendente
499	/háp ʔɿwʔ/	râap ‘âaw’	Pular só para peixe (agente)	Verbo de movimento	Martins (2004)	Descendente
500	/dɿw wɿp/	dâw wâp	Pular na água (alvo)	Verbo de movimento	Martins (2004)	Atonal
501	/dɿw wɿp/	dâw wâap	Pular no rio (alvo)	Verbo de movimento	Martins (2004)	Descendente
502	/dɿw nɿx/	dâw nâx	Pular em cima de (alvo)	Verbo de movimento	Martins (2004)	Atonal
503	/bɛ won/	be wôn	Pau prestes a cair	Verbo de movimento	Martins (2004)	Atonal
504	/nɿx doj/	nâax doj	Cair água (alvo)	Verbo de movimento	Martins (2004)	Descendente
505	/doj jʔeʔ/	doj y’ê’	Cair água sem parar (aspectualidade)	Verbo de movimento	Martins (2004)	Atonal
506	/xutu/	xutu	Descer, cair	Verbo Ativo	Martins (2004)	Atonal
507	/kutu ~ kɿtu/	kutu ~kâtu	Descer da rede	Verbo Ativo	Martins (2004)	Atonal
508	/nɿx/	nâx	Cair	Verbo Ativo	Martins (2004)	Atonal
509	/wɿp/	wâp	Cair na água	Verbo Ativo	Martins (2004)	Atonal
510	/nõk/	nõk	Cair	Verbo Ativo	Martins (2004)	Atonal
511	/xu/	xu	Cair	Verbos de processo	Martins (2004)	Atonal
512	/dɿw nɿx/	dâw nōx	Cair longe (alvo)	Verbo de movimento	Martins (2004)	Atonal
513	/lʔax/	l’ax	Cair	Verbo intransitivo	Martins (2004)	Atonal
514	/fɛɲ/	senh	Tropeçar e cair	Verbo intransitivo	Martins (2004)	Atonal
515	/hɔd/	rod	Sair, nascer (genérico)	Verbo de movimento	Martins (2004)	Atonal
516	/jʔɔ xɔʔ/	j’o xo’	Sair só para caba (agente)	Verbo de movimento	Martins (2004)	Atonal
517	/bɔg/	bog	Sair a pele	Verbo de	Martins	Atonal

			(tema)	movimento	(2004)	
518	/ḥc/	ḥoç	Sair para uma clareira (trajetória, direção)	Verbo de movimento	Martins (2004)	Descendente
519	/xet dḥh/	xer dâr	Movimentar-se rápido (maneira)	Verbo de movimento	Martins (2004)	Atonal
520	/nūwux/	nūwux	Movimentar-se rapidamente (maneira)	Verbo de movimento	Martins (2004)	Atonal
521	/lib/	lib	Fazer movimento rápido e circular (maneira)	Verbo de movimento	Martins (2004)	Atonal
522	/lḥb/	lâb	Rodar, girar (ex. bola) (genérico)	Verbo de movimento	Martins (2004)	Atonal
523	/hēp/	rep	Rodar com o vento (agente)	Verbo de movimento	Martins (2004)	Atonal
524	/pḥd/	pâd	Rodar, dando cambalhota (maneira)	Verbo de movimento	Martins (2004)	Atonal
525	/lḥc/	lḥoç	Rodar, circulando um ponto (trajetória)	Verbo de movimento	Martins (2004)	Descendente
526	/lḥc/	lḥoc	Brincar de roda (circunstância)	Verbo de movimento	Martins (2004)	Descendente
527	/wḥg/	wâag	Sacudir a rede para acordar o outro (origem/causa)	Verbo de movimento	Martins (2004)	Ascendente
528	/ḥūw/	ḥūw	Sacudir a cabeça quando	Verbo de movimento	Martins (2004)	Descendente

			está bravo (origem/causa)			
529	/jũw/	yũw	Sacudir para pôr para fora (causa)	Verbo de movimento	Martins (2004)	Atonal
530	/buj/	buy	Acudir galho para derrubar fruta (origem/causa)	Verbo de movimento	Martins (2004)	Atonal
531	/pãf/	pãs	Sacudir a cabeça (tirar algo do ouvido) (origem/causa)	Verbo de movimento	Martins (2004)	Atonal
532	/fák/	saak	Subir; crescer (genérico)	Verbo de movimento	Martins (2004)	Atonal
533	/pε/	pe	Subir rio acima (trajetória, direção)	Verbo de movimento	Martins (2004)	Atonal
534	/hñn/	rõon	Subir em árvore para se direcionar (instrumento)	Verbo de movimento	Martins (2004)	Descendente
535	/fóp/	soop	Subir; aumentar de volume (meta)	Verbo de movimento	Martins (2004)	Ascendente
536	/joʔ/	yô'	Carregar na mão, suspendendo (maneira)	Verbo de movimento	Martins (2004)	Atonal
537	/fé dóʔ/	sêe dôo'	Carregar paneiro (tema)	Verbo de movimento	Martins (2004)	Ascendente
538	/fet/	sêt	Carregar apoiado na cabeça (maneira)	Verbo de movimento	Martins (2004)	Atonal
539	/tòw/	toow	Carregar nos braços (maneira)	Verbo de movimento	Martins (2004)	Descendente

540	/ton/	tôn	Carregar na mão (maneira)	Verbo de movimento	Martins (2004)	Atonal
541	/tòj/	tôoy	Carregar no ombro (ex. pau) (maneira)	Verbo de movimento	Martins (2004)	Descendente
542	/tójʔ/	tôoy'	Carregar no pescoço (ex. criança) (maneira)	Verbo de movimento	Martins (2004)	Ascendente
543	/ʔu/	'u	Carregar nos braços (maneira)	Verbo de movimento	Martins (2004)	Atonal
544	/ʃe/	sê	Carregar nos quadris (maneira)	Verbo de movimento	Martins (2004)	Atonal
545	/ʃẽ/	sẽ	Carregar palha nas costas (tema/maneira)	Verbo de movimento	Martins (2004)	Atonal
546	/ʃuʔ/	su'	Carregar criança nas costas (tema/maneira)	Verbo de movimento	Martins (2004)	Atonal
547	/hām/	rām	Ir (genérico)	Verbo de movimento	Martins (2004)	Atonal
548	/hām/	rāam	Ir levar alguma coisa (tema/causa)	Verbo de movimento	Martins (2004)	Descendente
549	/hāʔ/	rāa'	Ir levar alguém (tema/causa)	Verbo de movimento	Martins (2004)	Ascendente
550	/mēm/	mēm	Levar debaixo do braço	Não classificado por Martins	Martins (2004)	Ascendente
551	/wah/	war	Ir ou chegar antes do outro (trajetória/meta)	Verbo de movimento	Martins (2004)	Atonal
552	/dòb/	dôob	Ir para o porto (meta)	Verbo de movimento	Martins (2004)	Descendente
553	/ʃɔk/	sâk	Ir perto do	Verbo de	Martins	Atonal

			ponto de origem (trajetória)	movimento	(2004)	
554	/wàn/	waan	Ir seguindo o rastro de animal (agente /trajetória)	Verbo de movimento	Martins (2004)	Descendente
555	/jót/	yoot	Ir seguindo o rastro de gente (agente /trajetória)	Verbo de movimento	Martins (2004)	Ascendente
556	/dóʔ/	dôo'	Movimenta r, tirar	Verbo de movimento	Martins (2004)	Ascendente
557	/wɛʔ dóʔ/	wâa' dôo'	Obedecer	Verbo de movimento em serialização verbal	Martins (2004)	Ascendente
558	/wɛʔ/	wâa'	Ouvir	Verbo Ativo	Martins (2004)	Ascendente
559	/xu dóʔ/	xu dôo'	Descer e ir	Verbo de movimento em serialização verbal	Martins (2004)	Ascendente
560	/hajʔ dóʔ/	ray' dôo'	Segurar e levar	Verbo de movimento em serialização verbal	Martins (2004)	Atonal
561	/hajʔ/	ray'	Segurar	Verbo Ativo	Martins (2004)	Atonal
562	/dóʔ xɛjɛ/	dôo' wâyâ	Levar voltando de	Verbo de movimento	Martins (2004)	Atonal
563	/dóʔ xɛd/	dôo' xâd	Levar indo para um ponto específico	Verbo de movimento	Martins (2004)	Atonal
564	/dóʔ jɔp/	dôo' soop	Levar indo para um lugar mais alto	Verbo de movimento	Martins (2004)	Ascendente
565	/jɔp/	soop	Subir	Verbo Ativo	Martins (2004)	Ascendente
566	/dóʔ dòb/	dôo' dôob	Levar indo para o porto (lugar mais baixo)	Verbo de movimento	Martins (2004)	Descendente
567	/dòb/	dôob	Descer para o porto	Verbo Ativo	Martins (2004)	Descendente
568	/mũn/	mũun	Abraçar	Verbo Ativo	Martins	Descendente

					(2004)	
569	/wʔp/	wâap	Jogar	Verbo Ativo	Martins (2004)	Ascendente
570	/hãʔ/	râa'	Deixar	Verbo Ativo	Martins (2004)	Ascendente
571	/pow/	pôw	Rachar	Verbo Ativo	Martins (2004)	Atonal
572	/wàb/	waab	Partir ao meio	Verbo Ativo	Martins (2004)	Descendnete
573	/hajʔ/	ray'	Pegar	Verbo Ativo	Martins (2004)	Atonal
574	/kũ/	kũ	Espreitar	Verbo Ativo	Martins (2004)	Atonal
575	/jʔewʔ/	j'ew'	Amassar	Verbo Ativo	Martins (2004)	Atonal
576	/bɛwʔ/	bew'	Amassar	Verbo Ativo	Martins (2004)	Atonal
577	/diʔ/	dij	Amassar	Não classificado por Martins	Martins (2004)	Atonal
578	/kũm/	kũm	Alargar	Verbo Ativo	Martins (2004)	Atonal
579	/téʃ/	têes	Cortar com terçado	Verbo estativo	Martins (2004)	Ascendente
580	/hʔk/	rōok	Cortar com terçado	Verbo estativo	Martins (2004)	Ascendente
581	/ʔɛj/	'âay	Chamar	Verbo Ativo	Martins (2004)	Descendente
582	/dɔw wʔɛjʔ ʔɛj dɔʔ/	dâw w'âay' 'âay dôo'	Responder	Verbos seriais	Martins (2004)	Construção com mais de um tom
583	/dɔw wʔɛjʔ dák/	dâw w'âay' daak	Denunciar	Verbos seriais	Martins (2004)	Construção com mais de um tom
584	/dɔw wʔɛj dɔʔ/	dâw wâa' dôo'	Obedecer	Verbos seriais	Martins (2004)	Construção com mais de um tom
585	/cob/	côb	Estar amontoado (coisas redondas e pequenas, chumbo, açai)	Verbo de posição	Martins (2004)	Atonal
586	/mãmʔ/	mãm'	Estar grudado um no outro (ex. fruta filipe)	Verbo de posição	Martins (2004)	Atonal
587	/bej/	bêy	Estar amontoado um ao lado do outro	Verbo de posição	Martins (2004)	Atonal

			(ex. cria de cachorros)			
588	/foj/	sôy	Estar amontoado um em cima do outro	Verbo de posição	Martins (2004)	Atonal
589	/prt/	pât	Estar caído na rede	Verbo de posição	Martins (2004)	Atonal
590	/faʔ/	sa'	Estar caído (específico para pau)	Verbo de posição	Martins (2004)	Atonal
591	/kóʔ/	kôo'	Estar meio curvado	Verbo de posição	Martins (2004)	Ascendente
592	/loʔ/	lo'	Estar inclinado para frente	Verbo de posição	Martins (2004)	Atonal
593	/tut/	tut	Estar bem inclinado para frente quase caindo	Verbo de posição	Martins (2004)	Atonal
594	/wāw/	wāw	Estar envergado (específico para pau)	Verbo de posição	Martins (2004)	Atonal
595	/len/	lên	Estar envergado para os lados	Verbo de posição	Martins (2004)	Atonal
596	/pém/	peem	Estar sentado (genérico)	Verbo de posição	Martins (2004)	Descendente
597	/xɔg/	xog	Estar sentado para cutia e paca (agente)	Verbo de posição	Martins (2004)	Atonal
598	/nĩç xaŋ/	nĩç xanh	Sentar com a perna encolhida (maneira)	Verbo de posição	Martins (2004)	Atonal
599	/ʃõwʔ xa/	sõw' xa	Sentar de cócoras (maneira)	Verbo de posição	Martins (2004)	Atonal
600	/cāk xa/	çāk xa	Sentar-se com força (maneira)	Verbo de posição	Martins (2004)	Atonal
601	/hɛ xa/	re xa	Sentar em cima de	Verbo de posição	Martins (2004)	Atonal

			alguma coisa (local)			
602	/ʃa xa/	sa xa	Sentar por longo tempo (duração)	Verbo de posição	Martins (2004)	Atonal
603	/pɔx/	pox	Estar alto	Verbo de posição	Martins (2004)	Atonal
604	/hũt/	rũut	Soprar	Verbo de posição	Martins (2004)	Descendente
605	/nĩ xɔd/	nĩ xâd	Ficar por aí andando de um lado para outro	Verbo serial	Martins (2004)	Atonal
606	/xóʔ/	xôo'	Circular	Verbo Estativo	Martins (2004)	Ascendente
607	/nĩ xóʔ/	nĩ xôo'	Estar circulando	Verbo serial	Martins (2004)	Ascendente
608	/hɛ/	re	Ser curvado para trás	Verbo Estativo	Martins (2004)	Atonal
609	/dejʔ/	dêy'	Ser torto	Verbo Estativo	Martins (2004)	Atonal
610	/ʃãʔã/	sã'ã	Provar	Verbo Ativo	Martins (2004)	Atonal
611	/kaʃãm/	kasãm	Morrer	Verbo Ativo	Martins (2004)	Atonal
612	/bej/	bey	Repetir	Verbo Ativo	Martins (2004)	Atonal
613	/nʔũp/	n'ũp	Sumir	Verbo Ativo	Martins (2004)	Atonal
614	/bih/	bir	Experimentar	Verbo Ativo	Martins (2004)	Atonal
615	/nĩ/	nĩ	Morar	Verbo Ativo	Martins (2004)	Atonal
616	/pèm/	peem	Sentar	Verbo Ativo	Martins (2004)	Descendente
617	/wàn/	waan	Ir no rastro	Verbo estativo	Martins (2004)	Descendente
618	/lájʔ/	laay'	Pescar	Verbo Ativo	Martins (2004)	Ascendente
619	/de/	dê	Pescar no igarapé	Não classificado por Martins	Martins (2004)	Ascendente
620	/ʔũm/	'ũum	Cacetar	Verbo Ativo	Martins (2004)	Descendente
621	/kip/	king	Flechar	Verbo Ativo	Martins (2004)	Atonal
622	/taʔ/	ta'	Distanciar	Verbo Ativo	Martins (2004)	Atonal
623	/hũʔ/	rũ'	Acabar	Verbo Ativo	Martins (2004)	Atonal

624	/tɔg/	tâg	Conhecer	Verbo Ativo	Martins (2004)	Atonal
625	/jow/	yow	Ser reto/atalhar	Verbo Ativo	Martins (2004)	Atonal
626	/xòj/	xôoy	Pelar	Verbo Ativo	Martins (2004)	Descendente
627	/tēt/	tēet	Tremer	Verbo Ativo	Martins (2004)	Ascendente
628	/jùd/	yuud	Amolecer	Verbo Ativo	Martins (2004)	Descendente
629	/nã/	nã	Voar	Verbo Ativo	Martins (2004)	Atonal
630	/wáʔ/	waa'	Moquear	Verbo Ativo	Martins (2004)	Ascendente
631	/dél/	dêel	Conseguir	Verbo Ativo	Martins (2004)	Ascendente
632	/kaʃ/	kas	Ser ruim	Verbo Ativo	Martins (2004)	Atonal
633	/kūm/	kūm	Afogar	Verbo Ativo	Martins (2004)	Atonal
634	/hɔ̃k/	râk	Afogar	Não classificado por Martins	Martins (2004)	Ascendente
635	/jʔáh/	y'aar	Mentir	Verbo Ativo	Martins (2004)	Ascendente
636	/beʔ/	bê'	Ser duro	Verbo estativo	Martins (2004)	Atonal
637	/né:p/	nêep	Esfregar para tirar a sujeira	Verbo Ativo	Martins (2004)	Ascendente
638	/lán/	laan	Fazer coivara	Verbo Ativo	Martins (2004)	Ascendente
639	/dit/	dit	Esfolar-se	Verbo Ativo	Martins (2004)	Atonal
640	/ʃi/	si	Feder	Verbo Ativo	Martins (2004)	Atonal
641	ʃid	siid	Fazer cócegas	Verbo Ativo	Martins (2004)	Descendente
642	/wam/	wam	Amolar	Verbo Ativo	Martins (2004)	Atonal
643	/xɔ̃k/	xôok	Roncar	Verbo Ativo	Martins (2004)	Ascendente
644	/lawʔ/	law'	Mastigar	Verbo Ativo	Martins (2004)	Atonal
645	/pam/	pam	Socar chão	Verbo Ativo	Martins (2004)	Atonal
646	/powʔ/	pow'	Babuiar	Verbo Ativo	Martins (2004)	Atonal
647	/pɔp/	pâp	Chutar	Verbo Ativo	Martins (2004)	Atonal
648	/kɔ̃j/	kâj	Arranhar com a unha	Verbo Ativo	Martins (2004)	Atonal

649	/mɯɿ/	mɯɿ	Molhar	Verbo Ativo	Martins (2004)	Atonal
650	/cɯg/	çɯg	Doer	Verbo Ativo	Martins (2004)	Atonal
651	/lɛg/	leeg	Derrubar casa	Verbo Ativo	Martins (2004)	Descendente
652	/ʔãx/	ʔãax	Pedir	Verbo Ativo	Martins (2004)	Ascendente
653	/cɔʔ/	coʔ	Desamarra r	Verbo Ativo	Martins (2004)	Atonal
654	/púʔ/	puuʔ	Enterrar	Verbo Ativo	Martins (2004)	Ascendente
655	/kéʔ/	keeʔ	Ser cheio de curvas	Verbo Estativo	Martins (2004)	Ascendente
656		bâay	Arrotar	Intransitivo	Trabalho de Campo II	Ascendente
657		win	Trabalhar	Intransitivo	Trabalho de Campo II	Atonal
658		kũm	Afundar	Intransitivo	Trabalho de Campo II	Atonal

Anexo 2

➤ Dados coletados nos testes de processos de intransitivização

Nº	Verbo em Dâw	Verbo em PB	Tom	Testes
1	rõk	Cortar	Atonal	Tempo Passiva Incoativa Reflexiva Média dô
2	Kâs	Morder	Atonal	Tempo Passiva Incoativa Reflexiva Média dô
3	Yût	Matar	Atonal	Tempo Passiva Incoativa Reflexiva Média dô
4	Wây	Ver	Atonal	Tempo Passiva Incoativa Reflexiva Média dô
5	Mũm	Abraçar	Atonal	Tempo Passiva Incoativa Reflexiva Média dô
6	Çũnh	Beijar	Atonal	Tempo Passiva Incoativa Reflexiva Média dô
7	Ya'	Assar	Atonal	Tempo Passiva Incoativa Reflexiva Média dô

8	Xa	Cozinhar	Atonal	Tempo Passiva Incoativa Reflexiva Média dô
9	Âg	Beber	Atonal	Tempo Passiva Incoativa Reflexiva Média dô
10	Rê'	Cavar	Atonal	Tempo Passiva Incoativa Reflexiva Média dô
11	Nee	Fazer	Descendente	Tempo Passiva Incoativa Reflexiva Média dô
12	Rõoy	Focar	Descendente	Tempo Passiva Incoativa Reflexiva Média dô
13	'ũum	Bater (genérico)	Descendente	Tempo Passiva Incoativa Reflexiva Média dô
14	Weed	Comer	Descendente	Tempo Passiva Incoativa Reflexiva Média dô
15	Paar	Saber	Ascendente	Tempo Passiva Incoativa Reflexiva Média dô

(1) **rõk** ‘cortar’

- a) O tukano cortou o porco

Woor rõk torũuy’
Woor tes torũuy’

- b) O tukano cortou o papel
 (sujeito animado; objeto inanimado)

Woor rõk xapel
***Woor tes xapel**

- c) O tukano corta o porco
 (sujeito animado; objeto animado)

Woor rõk torũuy’
Woor tes torũuy’

- d) O tukano corta o papel
 (sujeito animado; objeto inanimado)

Woor rõk xapel
***Woor tes xapel**

- e) O tukano cortará o porco
 (sujeito animado; objeto animado)

Woor rõk nã torũuy’
Woor tes nã torũuy’

- f) O tukano cortará o papel
 (sujeito animado; objeto inanimado)

Woor rõk nã xapel
***Woor tes nã xapel**

*Eu e o tukano fomos para a mata e matamos um porco. Deixei o porco na casa do tukano e da esposa dele. No dia seguinte, fui à casa do tukano e vi que o **porco foi cortado**. Quem será que cortou o porco, o tukano ou a esposa dele?*

- g) O porco foi cortado.

Tor rōk yed
Tor tes yed
‘O porco cortou’

Eu e o tukano fomos para a mata e matamos um porco. Deixei o porco na casa do tukano e da esposa dele e pedi para eles cortarem o porco para dividirmos a carne entre nossos amigos. No dia seguinte, fui à casa do tukano e perguntei ao tukano: ‘o porco (já cortou)?’

h) O porco (já) cortou

Rōk yutam tor
***Tes yutam tor**

Eu e o tukano fomos para a mata. Havia um galho afiado no chão, quando eu e ele passávamos por aquele galho percebi que o tukano se cortou.

i) O tukano se cortou

Woor rōk tirũuy’
Woor rōk tirũuy’ xup

*Eu e o tukano fomos para a mata e matamos um porco. Deixei o porco na casa do tukano e da esposa dele e pedi para eles cortarem o porco para dividirmos a carne entre nossos amigos. No dia seguinte, fui à casa do tukano e perguntei ao tukano: você conseguiu cortar o porco? O tukano respondeu: ‘Eu consegui cortar o porco, **Porco corta fácil (rápido)**, difícil é cortar carne de anta.*

j) Porco corta fácil (rápido)

Tor rōk xet

k) A mulher fez o tukano cortar o porco (com dô e com waay)

Dâw ãy dô rōk woorũuy’ tor

(2) **Kâs** ‘morder’

a) O cachorro mordeu o homem branco
 (passado)

Yam kâs yed buuyũuy’
Yam kâs buuyũuy’

- b) O cachorro mordeu o galho
(passado)

Yam kâs bee mĩi
Yam kâs yed bee mĩi

- c) O cachorro morde o homem branco
(presente)

Yam kâs buuyũuy'
Yam kas yed buuyũuy'

- d) O cachorro morde o galho
(presente)

Yam kas bee mĩi
Yam kas yed bee mĩi

- e) O cachorro morderá (vai morder) o homem branco
(futuro)

Yam kâs yed nã buuyũuy'
Yam kâs nã buuyũuy'

- f) O cachorro morderá (vai morder) o galho
(futuro)

Yam kâs yed nã bee mĩi
Yam kâs nã bee mĩi

Eu levei o homem branco (Wallace) para minha casa. Meu cachorro estava lá e mordeu o homem branco. Quando meu filho chegou em casa viu que o homem branco estava sangrando e me perguntou: 'o que aconteceu com o homem branco?'. Eu respondi: 'o homem branco foi mordido'.

- g) O homem branco foi mordido (pelo cachorro)

Buuy kâs yed
'O homem branco mordeu'

Eu levei o homem branco (Wallace) para minha casa. Meu cachorro estava lá e mordeu o homem branco. Quando meu filho chegou em casa junto com um amigo viu que o homem branco estava sangrando. Ele viu que o nosso cachorro tinha mordido o homem branco e falou para o amigo dele: "o homem branco mordeu".

- h) O homem branco mordeu.

Estrutura não realizada em Dâw

Eu levei o homem branco (Wallace) para minha casa. Meu cachorro estava lá e mordeu o homem branco. Quando meu filho chegou em casa junto com um amigo viu que o homem branco estava sangrando. Ele viu que o nosso cachorro tinha mordido o homem branco e falou para o amigo dele: “o homem branco se mordeu”.

- i) O homem branco se mordeu

Buuy kâs tîrũuy’
Buuy kâs tîrũuy’ xup
***Buuy kâs xup**

Eu estava com os dentes da boca doendo e pedi para minha esposa fazer galeto cozido para mim. Quando fui comer, disse para minha esposa: “Carne de galeto morde fácil, a carne da anta que é difícil de morder.

- j) Carne de galeto morde fácil.

Galeto dep kâs xet

- k) A mulher fez o cachorro morder o homem branco (com dô e waay)

Dâw ây dô kâs buuy-ũuy’
Dâw ây dô kâs yamũuy’ buuyũuy’

(3) Yũt – ‘matar’

- a) O cachorro matou o rato
 (passado)

Yam yũt nuũuy’
Yam yũt yed nuũuy’

- b) O cachorro mata o rato
 O cachorro está matando o porco espinho
 (presente)

Yam yũt nu
Yam yũt yed nu

- c) O cachorro matará o rato

Yam yũt yed nuũuy’
Yam yũt yed nã nuũuy’

*Quando eu cheguei à comunidade, eu vi que o meu cachorro e o cachorro do meu irmão estavam caçando um rato no quintal da minha casa. Entrei em casa para pegar uma vassoura para matar o rato, quando sai de novo, vi que **o rato foi morto**. Quem será que matou o rato, o meu cachorro ou o cachorro do meu irmão?*

- d) O rato foi morto

Nu kasām
‘O rato morreu’

*Quando eu cheguei à comunidade, vi que tinha um rato no meu quintal. Entrei em casa e peguei uma vassoura para matar o rato. Quando voltei, vi que o rato estava parado, encostei nele e ele não se mexeu, então eu pensei: **o rato já morreu**.*

- e) O rato já morreu.

Nu kasām yutam

*Quando eu cheguei na comunidade, me disseram que o filho do meu vizinho estava muito triste e não queria viver mais. No dia seguinte me disseram que **o menino se matou, o menino se morreu**.*

- f) O menino se matou.

Dâw tee yūt tirũuy’ xup
Dâw tee yūt tirũuy’

Quando eu cheguei à comunidade, vi que tinha um rato no meu quintal. Entrei em casa e peguei uma vassoura para matar o rato. Quando voltei dei uma única vassorada no rato e ele morreu. Em seguida, falei para minha esposa: ‘Rato mata fácil, difícil é matar porco.

- h) Rato mata fácil

Nũ yūt xet

- i) O homem fez o cachorro matar o rato

Dâw xut dô yūt yamũuy’ nuũuy’

- (4) **Wây** ‘ver’

- a) O homem viu o porco espinho
(passado)

Dâw xut wây pũug

- b) O homem vê o porco espinho
(presente)

Dâw xut wây ‘wap pũug

- c) O homem verá o porco espinho
(futuro)

Dâw xut wây nã pũug

Eu e três amigos estávamos caçando um porco espinho na mata. Nos dividimos para poder encontrar o porco entre as árvores. Depois de alguns minutos escutei uma voz: ‘Achei o porco espinho!’. Logo em seguida falei para o amigo que estava perto de mim: ‘o porco espinho foi visto’. Quem será que o viu?

- d) O porco espinho foi visto.

Dâw wây pũug

Eu e três amigos estávamos caçando um porco espinho na mata. Nos dividimos para poder encontrar o porco entre as árvores. Depois de alguns minutos escutei uma voz: ‘Achei o porco espinho!’. Logo em seguida falei para o amigo que estava perto de mim: ‘o porco espinho já viu’.

- e) O porco espinho já viu

Pũug wây yut

Comprei um espelho para deixar na sala da minha casa. Minha esposa chegou com uma criança em casa e me disse: ‘a criança se viu no espelho e não gostou do que viu.

- f) A criança se viu (no espelho)

Dâw tee wây tirũuy’ (rũy wâk rêd)

Meus dois filhos fizeram desenhos na escola e levaram para eu ver. Os dois desenharam uma casa. Disse para eles: uma casa vê fácil nesse desenho, nesse outro não.

- g) Uma casa vê fácil

Top wâsoer dâw wây

h) A mulher fez o homem ver o porco espinho (com dô e waay)

Dâw ây dô wây dâw xutũuy'pũug

(5) **Mũm** 'abraçar'

a) O homem abraçou a criança
(passado)

Dâw xut mũm dâw teeũuy'

b) O homem abraça a criança
(presente)

Dâw xut mũm dâw teeũuy'

c) O homem abraçará a criança
(futuro)

Dâw xut mũm nã dâw teeũuy'

Dois homens esperavam no porto a chegada de uma criança da cidade. Vi a criança muito feliz com os dois homens e perguntei para minha esposa: 'por que ela está tão feliz?' Minha esposa me respondeu: 'a criança foi abraçada'. Perguntei novamente: 'quem abraçou a criança?'

d) A criança foi abraçada

Rid mũm dâw teeũuy'

Minha esposa viu um homem abraçando uma criança no porto. Quando eu cheguei em casa ela me disse: 'a criança abraçou'.

e) A criança abraçou

Estrutura não realizada em Dâw

Duas crianças estavam brincando na comunidade. Elas estavam enrolando os braços no pescoço, estava muito engraçado. Uma mulher viu a cena e falou para mim: 'olha, a criança se abraçou'.

f) A criança se abraçou

Dâw tee mŭm tirũuy’
Dâw tee mŭm tirũuy’ xup
***Dâw tee mŭm xup**

Quando cheguei em casa havia uma criança e um adulto em casa. Quando fui cumprimentar a criança, ela me deu um abraço, o adulto apenas me estendeu a mão. Falei para minha esposa: ‘criança abraça fácil, adulta não’.

- g) Criança abraça fácil

Dâw tee mŭm wâsoer

- h) A mulher fez o homem abraçar a criança (com dô e waay)

Dâw ãy dô mŭm dâw xutũuy’ dâw teeũuy’

- (6) **Çũnh** ‘beijar’

- a) A mulher beijou a criança
(passado)

Dâw ãy çũnh dâw teeũuy’

- b) A mulher beija a criança
(Presente)

Dâw ãy çũnh dâw teeũuy’

- c) A mulher beijará a criança
(futuro)

Dâw ãy çũnh nã dâw teeũuy’

Duas mulheres esperavam no porto a chegada de uma criança da cidade. Vi a criança muito feliz com as duas mulheres e perguntei para minha esposa: ‘por que a criança está tão feliz?’ Minha esposa me respondeu: ‘a criança foi beijada’. Perguntei novamente: ‘quem beijou a criança?’

- d) A criança foi beijada

Dâw tee çũnh yed
‘A criança beijou’

Minha esposa viu uma mulher beijando uma criança no porto. Quando eu cheguei em casa ela me disse: ‘a criança beijou’.

- e) A criança beijou

Dâw tee çũnh yed
‘A criança beijou’

Duas crianças estavam brincando na comunidade. Elas estavam beijando suas próprias mãos e braços, estava muito engraçado. Uma mulher viu a cena e falou para mim: ‘olha, a criança se beijou’.

- f) A criança se beijou

Dâw tee çũnh tirũuy’
Dâw tee çũnh tirũuy’ xup
***Dâw tee çũnh xup**

Quando cheguei em casa havia uma criança e um adulto em casa. Quando fui cumprimentar a criança, ela me deu um beijo, o adulto apenas me estendeu a mão. Falei para minha esposa: ‘criança beija fácil, adulta não’.

- g) Criança beija fácil

Dâw tee çũnh wâsoer

- h) O homem fez a mulher beijar a criança (com dô e waay)

Dâw xut dô çũnh dâw ãyũuy’ dâw teeũuy’

- (7) **Ya’** ‘assar’

- a) O homem assou o porco

Dâw xut ya’ tor

- b) O homem assa o porco

Dâw xut ya’ tor

- c) O homem assará o porco

Dâw xut ya’ nã tor

Eu deixei uma carne de porco na mesa e fui para a cidade. Quando eu voltei vi que o porco foi assado. Quem assou o porco?

- d) O porco foi assado

Estrutura não realizada em Dâw

Eu coloquei o porco para assar. Uma hora depois eu liguei para perguntar: **o porco já assou?**

- e) O porco já assou

Tor ya' yutam

Eu coloquei o porco para assar. Uma hora depois eu liguei para perguntar: **o porco se assou?** *Nesse mesmo contexto, é possível dizer o porco se assou?*

- f) O porco se assou.

Estrutura não realizada em Dâw

Carne de porco assa rápido, mas carne de macaco demora mais.

- g) Carne de porco assa rápido

Tor dep ya' xet

- h) A mulher fez o homem assar o porco (com dô e waay)

Dâw ây dô ya' dâw xutũuy' toe

- i) **Xa** 'cozinhar'

- a) O homem cozinhou o feijão
(passado)

Dâw xut xa mãam

- b) O homem cozinha o feijão
(presente)

Dâw xut xa wê mãam

'O homem sempre cozinha o feijão'

- c) O homem cozinhará (vai cozinhar) o feijão
(futuro)

Dâw xut xa nã mãam

Eu deixei um saco de feijão em cima da mesa e fui para a cidade. Quando eu voltei vi que o feijão foi cozido. Quem cozinhou o feijão?

- d) O feijão foi cozido

Mãam xa yutam

Eu coloquei o feijão para cozinhar. Uma hora depois eu liguei para perguntar: **o feijão já cozinhou?**

- e) O feijão já cozinhou

Mãam xa yutam

Eu coloquei o feijão para cozinhar. Uma hora depois eu liguei para perguntar: **o feijão se cozinhou?** *Nesse mesmo contexto, é possível dizer o porco se assou?*

- f) O feijão se cozinhou

Estrutura não realizada em Dâw

Feijão cozinha rápido, mas carne demora mais.

- g) Feijão cozinha rápido

Mãam xa xet

- h) A mulher fez o homem cozinhar o feijão

Dâw ây dô xa dâw xutũuy' mãam

- (9) **Âg** 'beber'

- a) O homem bebeu o caxiri
(passado)

Dâw xut âg âg

- b) O homem bebe o caxiri
(presente)

Dâw xut âg âg

- c) O homem beberá (vai beber) o caxiri
(futuro)

Dâw xut âg na âg

*Eu deixei caxiri em cima da mesa e sai. Quando voltei, eu vi que o caxiri foi bebido.
Quem bebeu o caxiri?*

- d) O caxiri foi bebido

Âg âg yed

*Eu deixei caxiri em cima da mesa e sai. Quando voltei, eu vi que o caxiri já bebeu.
Quem bebeu o caxiri?*

- e) O caxiri já bebeu

Estrutura não realizada em Dâw

Eu deixei caxiri em cima da mesa da cozinha e fui no quintal. Quando voltei, não tinha mais caxiri. Só eu e o meu filho estávamos em casa. Eu perguntei para o meu filho: você bebeu o caxiri?- Não. - O caxiri se bebeu?'

- f) O caxiri se bebeu

Estrutura não realizada em Dâw

Caxiri bebe fácil, difícil é beber vinho de açai.

- g) Caxiri bebe fácil

Âg âg xet

- h) A mulher fez o homem beber o caxiri (com dô e waay)

Dâw ây dô âg dâw xutûuy' âg

(10) **Rê** ‘cavar’

- a) O homem cavou um buraco
(passado)

Dâw xut kon mãy

- b) O homem cava um buraco
(presente)

Dâw xut kon mãy

- c) O homem cavará um buraco
(futuro)

Dâw xut kon nã mãy

*Eu sai para trabalhar e pedi para meu filho cavar um buraco para fazer um poço. Assim que cheguei no porto, meu filho me falou que não teve tempo de cavar o buraco. Quando cheguei em casa vi que o **buraco foi cavado**. Quem cavou o buraco?*

- d) O buraco foi cavado

Estrutura não realizada em Dâw

*Eu sai para trabalhar e pedi para meu filho cavar um buraco para fazer um poço. Quando cheguei em casa vi que o **buraco já cavou**.*

- e) O buraco já cavou

Estrutura não realizada em Dâw

*Eu sai para trabalhar e pedi para meu filho cavar um buraco para fazer um poço. Assim que cheguei no porto, meu filho me falou que não teve tempo de cavar o buraco. Quando cheguei em casa vi que havia um buraco no meu quintal. Perguntei para todos: ‘Quem cavou o buraco?’ Todos responderam: ‘ninguém’. Perguntei novamente: ‘o **buraco se cavou**, então?’*

- f) O buraco se cavou

Estrutura não realizada em Dâw

*Eu sai para trabalhar e pedi para meu filho cavar um buraco para fazer um poço. Assim que cheguei perguntei ao meu filho se ele havia cavado o buraco. Ele me respondeu: ‘**cavar buraco é fácil**, difícil é fazer o poço’.*

g) Cavar buraco é fácil.

Mãy kon xet

h) A mulher fez o homem cavar um buraco.

Dâw ãy dô kon dâw xutũuy'

(11) **Nee** 'fazer'

a) O homem fez um colar
(passado)

Dâw xut nee ked rẽ

b) O homem faz colar
(presente)

Dâw xut nee ked rẽ

c) O homem fará colar
(futuro)

Dâw xut nee nã ked rẽ

Eu sai para trabalhar e pedi para meu filho fazer um belo colar para mim. Assim que cheguei ao porto, meu filho me falou que não teve tempo de fazer o colar. Quando cheguei em casa vi que o colar foi feito. Quem fez o colar?

d) O colar foi feito

Estrutura não realizada em Dâw

Eu sai para trabalhar e pedi para meu filho fazer um belo colar para mim. Quando cheguei em casa vi que o colar já fez.

e) O colar já fez

Ked rẽ nee yutam

Eu sai para trabalhar e pedi para meu filho fazer um colar. Assim que cheguei ao porto, meu filho me falou que não teve tempo de fazer o colar. Quando cheguei em casa vi que havia um colar pronto. Perguntei para todos: 'Quem fez o colar?' Todos responderam: 'ninguém'. Perguntei novamente: 'o colar se fez, então?'

- f) O colar se fez

Estrutura não realizada em Dâw

Eu sai para trabalhar e pedi para meu filho fazer um colar. Assim que cheguei perguntei ao meu filho se ele havia feito o colar. Ele me respondeu: ‘colar faz fácil, difícil é fazer uma casa’.

- g) Colar faz fácil

Ked rē nee xet

- h) A mulher fez o homem fazer um artesanato (com dô e waay)

Dâw ãy dô nee dâw xutũuy’ ked re

- (12) **Rõoy ‘focar’**

- a) O homem focou o porco espinho
(passado)

Dâw xut rōoy pũug

- b) O homem foca o porco espinho
(presente)

Dâw xut rōoy pũugũuy’

- c) O homem focará o porco espinho (futuro)

Dâw xut rōoy nã pũugũuy’

*Eu estava na mata caçando um porco espinho, mas estava muito escuro. Vi que dois homens com uma lanterna estavam se aproximando. Pedi para eles: ‘foquem o porco para mim!’”. Vi que **o porco espinho foi focado**, mas não sei qual dos dois homens focou o porco espinho.*

- d) O porco espinho foi focado

Estrutura não realizada em Dâw

*Eu estava na mata caçando um porco espinho, mas estava muito escuro. De repente **o porco focou**, mas não sei como.*

- e) O porco espinho focou

Estrutura não realizada em Dâw

Eu estava na mata caçando um porco espinho, mas estava muito escuro. De repente o porco se focou sozinho.

- f) O porco espinho se focou

Estrutura não realizada em Dâw

Eu estava na mata caçando um porco espinho, mas estava muito escuro. Vi que dois homens com uma lanterna estavam se aproximando. Pedi para eles: 'foquem o porco para mim!' Um deles me respondeu: 'porco espinho foca fácil, difícil é focar uma onça'.

- g) Porco espinho foca fácil

Pũug rōoy xet

- h) A criança fez o homem focar o porco espinho (com dô e waay)

Dâw tee dô rōoy dâw xutũuy' pũugũuy'

- (13) **'ũum 'bater'**

- a) O homem bateu na criança
(passado)

Dâw xut 'ũum dâw teeũuy'

- b) O homem bate na criança
(presente)

Dâw xut 'ũum dâw teeũuy'

- c) O homem baterá (vai bater) na criança
(futuro)

Dâw xut 'ũum nã dâw teeũuy'

Vi dois homens levando uma criança para o porto. A criança voltou chorando. Perguntei para minha esposa: 'o que aconteceu com a criança?' Minha esposa respondeu: 'a criança foi batida'. Quem bateu na criança?

- d) A criança foi batida

Estrutura não realizada em Dâw

Vi uma criança brincando com um pau. Em seguida ela começou a chorar muito. Perguntei para minha esposa: 'o que aconteceu com a criança?' Ela respondeu: 'a criança bateu com o pau'.

- e) A criança bateu

Estrutura não realizada em Dâw

Vi uma criança brincando com um pau. Em seguida ela começou a chorar muito. Perguntei para minha esposa: 'o que aconteceu com a criança?' Ela respondeu: 'a criança se bateu com o pau'.

- f) A criança se bateu

Dâw tee 'ũum tirũuy'

Meu filho foi malcriado comigo e bati nele. Falei para minha mulher: 'criança bate fácil, difícil é bater em adulto'.

- g) Criança bate fácil

Dâw tee 'ũum xet

- h) A mulher fez o homem bater na criança (com dô e waay)

Dâw ây dô 'ũum dâw xutũuy' dâw teeũuy'

- (14) **Weed** 'comer'

- a) O homem comeu beiju
(passado)

Dâw xut weed baa'

- b) O homem come beiju
(presente)

Dâw xut weed baa'

- c) O homem comerá (vai comer) beiju
(futuro)

Dâw xut weed nã baa'

*Eu deixei beiju em cima da mesa e sai. Quando voltei, eu vi que o beiju foi comido.
Quem comeu o beiju?*

- d) O beiju foi comido

Estrutura não realizada em Dâw

Eu deixei beiju em cima da mesa e sai. Quando voltei, eu vi que o beiju já comeu.

- e) O beiju já comeu

Estrutura não realizada em Dâw

Eu deixei beiju em cima da mesa da cozinha e fui no quintal. Quando voltei, não tinha mais beiju. Só eu e o meu filho estávamos em casa. Eu perguntei para o meu filho: você comeu o beiju?- Não. - O beiju se comeu?'

- f) O beiju se comeu

Estrutura não realizada em Dâw

Carne de frango come fácil, mas carne de anta é difícil

- g) Carne de frango come fácil

Galeto dep weed xet

- h) A mulher fez o homem comer o beiju (com dô e waay)

Dâw ãy dô weed dâw xutũuy' baa'

(15) **Paar 'saber'**

- a) O homem soube a lenda
(passado)

Dâw xut paar história

- b) O homem sabe a lenda
(presente)

Dâw xut paar história

- c) O homem saberá a lenda
(futuro)

Dâw xut paar nã história

Perguntei para as crianças da comunidade se eles sabiam a lenda da origem dos Dâw. Eles me disseram que não e prometi a eles que contaria depois. No dia seguinte alguém me falou que uma criança sabia a lenda muito bem, pensei: ‘a lenda foi sabida’. Quem soube da lenda?

- d) A lenda foi sabida

Tir paar história

Perguntei para as crianças da comunidade se eles sabiam a lenda da origem dos Dâw. Eles me disseram que não e prometi a eles que contaria depois. No dia seguinte alguém me falou que só se falada sobre a lenda. Pensei: ‘a lenda já soube’.

- e) A lenda já soube

Rid paar yutam história

Perguntei para as crianças da comunidade se eles sabiam a lenda da origem dos Dâw. Eles me disseram que não e prometi a eles que contaria depois. No dia seguinte alguém me falou que só se falada sobre a lenda. Pensei: ‘a lenda se soube’.

- f) A lenda se soube

Rid paar mĩi história

Perguntei para as crianças da comunidade se eles sabiam a lenda da origem dos Dâw. Eles me disseram que não. Falei para eles: ‘a lenda da origem dos Dâw sabe fácil, difícil é sobre a origem dos yuhup.’

- g) A história sabe fácil

Estrutura não realizada em Dâw

- h) O homem fez a criança saber a lenda (com dô e waay)

Dâw xut paar waay dâw teeũuy’ história

Dâw xut dô paar dâw teeũuy’ história

Anexo 3

- **Sentenças produzidas pelos informantes V, S e P na elicitación com colocação de figuras e explanação de ações.**

– **Informante V**

1. **Ãr tuk Jéssica-ũuy'**
1PS querer Jéssica-MDO
'Eu quero a Jéssica'
2. **Ãr tuk Wallace-ũuy'**
1PS querer Wallace-MDO
'Eu quero o Wallace'
3. **Ãr tuk dâw xut-ũuy'**
1PS querer gente macho-MDO
'Eu quero o homem'
4. **Ãr tuk dâw ãy-ũuy'**
1PS querer gente fêmea-MDO
'Eu quero a mulher'
5. **Ãr tuk Wallace-ũuy'**
1PS querer Wallace-MDO
'Eu quero o Wallace'
6. **Ãr tuk wok-ũuy'**
1PS querer tatu-MDO
'Eu quero o tatu'
7. **Ãr tuk xeet-ũuy'**
1PS querer jacaré-MDO
'Eu quero o jacaré'
8. **Ãr tuk bux-ũuy'**
1PS querer morcego-MDO
'Eu quero o morcego'
9. **Ãr tuk reer-ũuy'**
1PS querer cobra-MDO

- ‘Eu quero a cobra’
10. **Ãr tuk wok-ũuy’**
1PS querer tatu-MDO
‘Eu quero o tatu’
11. **Ãr tuk xeet-ũuy’**
1PS querer jacaré-MDO
‘Eu quero o jacaré’
12. **Ãr tuk waas-ũuy’**
1PS querer macaco-MDO
‘Eu quero o macaco’
13. **Ãr tuk wok-ũuy’**
1PS querer tatu-MDO
‘Eu quero o tatu’
14. **Ãr tuk bux-ũuy’**
1PS querer morcego-MDO
‘Eu quero o morcego’
15. **Ãr tuk colar-ũuy’**
1PS querer colar-MDO
‘Eu quero o colar’
16. **Ãr tuk ‘wat-ũuy’**
1PS querer milho-MDO
‘Eu quero o milho’
17. **Ãr tuk ‘wat-ũuy’**
1PS querer milho-MDO
‘Eu quero o milho’
18. **Ãr tuk yeg-ũuy’**
1PS querer rede-MDO
‘Eu quero a rede’
19. **Ãr tuk yooy**
1PS querer fruta
‘Eu quero fruta’
20. **Ãr tuk yun**
1PS querer roupa

- ‘Eu quero a roupa’
21. **Ãr tuk yeg-ũuy’**
1PS querer rede-MDO
‘Eu quero a rede’
22. **Ãr tuk top-ũuy’**
1PS querer casa-MDO
‘Eu quero a casa’
23. **Ãr tuk taax uy-ũuy’**
1PS querer anta ?-MDO
‘Eu quero a anta’
24. **Ãr tuk yam-ũuy’**
1PS querer onça-MDO
‘Eu quero a onça’

– **Informante S**

1. **Ãr tuk Luciana-ũuy’**
1PS querer Luciana-MDO
‘Eu quero a Luciana’
2. **Ãr tuk Wallace-ũuy’**
1PS querer Wallace-MDO
‘Eu quero o Wallace’
3. **Ãr tuk dâw xut-ũuy’**
1PS querer gente macho-MDO
‘Eu quero o homem’
4. **Ãr tuk dâw ây-ũuy’**
1PS querer gente fêmea-MDO
‘Eu quero a mulher’
5. **Ãr tuk Luciana-ũuy’**
1PS querer Luciana-MDO
‘Eu quero a Luciana’
6. **Ãr tuk yâw-ũuy’**
1PS querer tatu-MDO

- ‘Eu quero o tatu’
7. **Ãr tuk xeet-ũuy’**
1PS querer jacaré-MDO
‘Eu quero o jacaré’
 8. **Ãr tuk taax-ũuy’**
1PS querer anta-MDO
‘Eu quero a anta’
 9. **Ãr tuk yam xu-ũuy’**
1PS querer onça-MDO
‘Eu quero a onça’
 10. **Ãr tuk yâw**
1PS querer tatu
‘Eu quero o tatu’
 11. **Ãr tuk xeet**
1PS querer jacaré
‘Eu quero o jacaré’
 12. **Ãr tuk waas-ũuy’**
1PS querer macaco-MDO
‘Eu quero o macaco’
 13. **Ãr tuk yâw-ũuy’**
1PS querer tatu-MDO
‘Eu quero o tatu’
 14. **Ãr tuk xeet-ũuy’**
1PS querer jacaré-MDO
‘Eu quero o jacaré’
 15. **Ãr tuk ked rē**
1PS querer colar
‘Eu quero o colar’
 16. **Ãr tuk yooy-ũuy’**
1PS querer fruta-MDO
‘Eu quero fruta’
 17. **Ãr tuk yak a’**
1PS querer macaxeira

‘Eu quero macaxeira’

18. **Ãr tuk yeg**

1PS querer rede

‘Eu quero a rede’

19. **Ãr tuk yooy**

1PS querer fruta

‘Eu quero fruta’

20. **Ãr tuk yun**

1PS querer roupa

‘Eu quero a roupa’

21. **Ãr tuk yeg-ũuy’**

1PS querer rede-MDO

‘Eu quero a rede’

22. **Ãr tuk top-ũuy’**

1PS querer casa-MDO

‘Eu quero a casa’

23. **Ãr tuk ked rē-ũuy’**

1PS querer colar-MDO

‘Eu quero o colar’

24. **Ãr tuk Jéssica-ũuy’**

1PS querer Jéssica-MDO

‘Eu quero a Jéssica’

– **Informante P**

1. **Ãr tuk Luciana-ũuy’**

1PS querer Luciana-MDO

‘Eu quero a Luciana’

2. **Ãr tuk Wallace-ũuy’**

1PS querer Wallace-MDO

‘Eu quero o Wallace’

3. **Ãr tuk Luciana-ũuy’**

1PS querer Luciana-MDO

- ‘Eu quero a Luciana’
4. **Ãr tuk dâw ây-ũuy’**
1PS querer gente fêmea-MDO
‘Eu quero a mulher’
5. **Ãr tuk Wallace-ũuy’**
1PS querer Wallace-MDO
‘Eu quero o Wallace’
6. **Ãr tuk sãas**
1PS querer tatu
‘Eu quero o tatu’
7. **Ãr tuk bux-ũuy’**
1PS querer morcego-MDO
‘Eu quero o morcego’
8. **Ãr tuk bux-ũuy’**
1PS querer morcego-MDO
‘Eu quero o morcego’
9. **Ãr tuk reer-ũuy’**
1PS querer cobra-MDO
‘Eu quero a cobra’
10. **Ãr tuk waas-ũuy’**
1PS querer macaco-MDO
‘Eu quero o macaco’
11. **Ãr tuk yam xu-ũuy’**
1PS querer onça-MDO
‘Eu quero a onça’
12. **Ãr tuk bux-ũuy’**
1PS querer morcego-MDO
‘Eu quero o morcego’
13. **Ãr tuk yam xu-ũuy’**
1PS querer onça-MDO
‘Eu quero a onça’
14. **Ãr tuk xeet-ũuy’**
1PS querer jacaré-MDO

- ‘Eu quero o jacaré’
15. **Ãr tuk xuy lôor**
 1PS querer brinco
 ‘Eu quero o brinco’
16. **Ãr tuk yooy**
 1PS querer fruta
 ‘Eu quero fruta’
17. **Ãr tuk yak a’**
 1PS querer macaxeira
 ‘Eu quero macaxeira’
18. **Ãr tuk yeg-ũuy’**
 1PS querer rede-MDO
 ‘Eu quero a rede’
19. **Ãr tuk yooy-ũuy’**
 1PS querer fruta-MDO
 ‘Eu quero fruta’
20. **Ãr tuk yeg-ũuy’**
 1PS querer rede-MDO
 ‘Eu quero a rede’
21. **Ãr tuk yeg**
 1PS querer rede
 ‘Eu quero a rede’
22. **Ãr tuk top**
 1PS querer casa
 ‘Eu quero a casa’
23. **Ãr tuk ked rē**
 1PS querer colar
 ‘Eu quero o colar’
24. **Ãr tuk Jéssica-ũuy’**
 1PS querer Jéssica-MDO
 ‘Eu quero a Jéssica’